VOLUME 33.° | N.os 1-4 | 1935

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal



DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico

SUMÁRIO

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA:

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1935

REVISTA LUSITANA

IMPRENSA PORTUGUESA
Rua Formosa, 108 — PORTO

Revista Lusitana

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico

VOL. XXXIII

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1935

REVISTA LUSITANA

VOL. XXXIII 1935 N.os 1-4

OS NOMES DE BAPTISMO

SUA ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO

(Continuação do vol. XXXII, págs. 56-160)

Grimaldo, nome germânico, que quer dizer *capacete (grim-)*, isto é, *protector poderoso (-aldo* de *wall)*; outra forma mais próxima da originária é *Grimoaldo*; tem feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Grimbaldo, nome de proveniência germânica, cuja significação em português é protector audaz *ou corajoso* (cf. *Grimoaldo* e *Balduino*) e se acha representado no Calendário.

Gualberto, nome germânico, que quer dizer *ilustre* (cf. *Berto*, etc.) *em poder (gual-* de *walt)*; possue feminino regular, mas só o masculino figura no Calendário; forma antiga do mesmo, segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, é *Galberto* e mais próxima da primitiva *Walberto*, que o mesmo afirma encontrar-se igualmente no Calendário.

Gualdino ou **Galdino**, nome de procedência germânica, que significa *amigo (-ina*, que me parece estar por *-uino*: cf. *Balduino) poderoso (guald-* de *walt)*; (1) outra forma do mesmo e mais vulgar é *Gualdim* ou *Galdim*; quer uma quer outra ocorrem em documentos do século XII, porém só a primeira se encontra no Calendário.

Gualter, **Gualtero** ou **Gualtério**, formas do mesmo nome germânico, que provêm de outra mais antiga, também ainda em uso, *Walter* (2), e cuja significação é *o que*

---

(1) Segundo Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 520), «um derivado em *-ino* do hipocorístico germânico *Waldo*, de nomes começados por *Wald*; em alto al. ant. *waldan* ou *waltan* quer dizer «dominar, possuir», etc.

(2) Nos nossos velhos documentos encontra-se já êste

comanda (valt- hoje *walte) o exército (-er* por *her)*; figura no Calendário e ocorre em antigos textos, mas sem o actual *-u-*, isto é, *Galter, Galtero*, a-par-de *Galteiro*.

Guido, nome tomado do italiano, que por sua vez o foi buscar a *Vitus*, latinização do antigo alemão *Wito*; poderá traduzir-se por *amplo* (1), ou, como o faz o livrinho *Miniatur-Bibliothek, largamente conhecido*; acha-se representado no Calendário; outra forma do mesmo, tomada do francês, é *Guy*, citada pelo *Ementário* e que pela redução das suas sílabas se deve ter por hipocorística (2).

Guilherme, nome germânico, cujas formas anteriores, constantes de antigos escritos, foram *Guilhelmo* (3), *Guilhelme* e antes destas *Villelmo* (ou *Vilhelmo, Wilhelmo* e *Wilherme*, no *Ementário*) e que, em harmonia com os elementos componentes da última, a mais próxima da sua origem, significa *o que está sob a protecção (helmo* ou *helme)* de *Vil[i]* (4), um dos irmãos do deus Odin da mitologia do mesmo povo; é seu feminino *Guilherma* (5), que todavia

---

nome sob a forma alatinada *Valtarius*: cf. Meyer Lübke, *Die altptg. Personennamen*, pág. 65, e o *Ementário Luso-Brasileiro*, cita *Gualder* com a nota de antigo a-par-de *Valtero* ou *Valtério*, que diz figurar no Calendário; de *Valtar* devem vir os toponímicos *Galtar* e *Gualtar*, mencionados já em antigos documentos.

(1) Assim Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 49.

(2) Bass classifica assim *Guido*: hipocorismo romanizado dos nomes começados por *Wid-*.

(3) Assim ainda no *Martyrologio Romano*, tradução portuguesa de 1679; a meu ver, é esta a forma verdadeiramente portuguesa, a que hoje se usa e já existia no século XV resultou de *Guilhelme* (donde por próclise *Guilhem*, uma e outra da mesma época) por dissimilação consonântica *(lh... l... lh... r)*, a qual por sua vez deve ter-nos vindo do francês arcaico.

(4) Segundo outros, êste elemento quer dizer *voluntário, gostoso*; sigo a explicação de Kleinepaul, que me parece a mais clara e racional. A. Bass *(Deutsche Vornamen)* e Leite de Vasconcelos (*Antroponímia*, pág. 50) traduzem por *protector pronto*.

(5) Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (vol. I, pág. 321) encontra-se *Guilhelma*.

raro se usa, sendo substituído pelo derivado *Guilhermina*, no qual entra o sufixa deminutivo românico *-ina* e que por sua vez deu origem ao masculino *Guilhermino;* mas tanto um como outro nome são de introdução moderna e sem represenção no Calendário, ao contrário do primeiro.

Guiomar, nome de mulher que se me afigura de proveniência germânica e significar a que é *glória* ou *lustre (-mar) da floresta (widu*, no velho alto alemão *witu);* outra forma do mesmo, que com a citada não só se encontra em textos antigos, mas vive ainda no povo, é *Guimar* (1).

Gundemaro, nome germânico de sentido idêntico a *Gondeberto*, de que diverge só no segundo elemento, aliás sinónimo do mesmo dêste (cf. *Valdemaro*); a sua forma verdadeiramente popular é *Gondemaro* ou *Gondemar*, que com o patronímico *Gondemariz* ou *Gondemarez* (a-par-de *Gundemar* e *Gundemariz*) figura nos antigos diplomas; outra ainda nos fornecem os mesmos, que é *Gondemiro* (ao lado de *Gundemiro*) ou *Gondemir* com o seu patronímico *Gondemiriz;* uma e outra persistem ainda nos toponímicos *Gondomar* (2) (e *Gondomarinho*) e *Gondomil.*

Gunderico, nome de homem, de origem germânica, cujo sentido é: *senhor* ou príncipe (cf. *Frederico*, etc.) *guerreiro (gunde-)*; a sua forma verdadeiramente portuguesa deve ser *Gonderigo*, constante de um documento do século XI; afora esta, regista o *Onomástico Medieval Guntericus*, *Gonterigo* e o patrónimo *Gunteriquiz;* na toponímia acha-se êste nome representado por *Gondariz*, antes *Gonderiz* (no século XIII).

Gundisalvo, nome híbrido, visto ser composto, segundo parece, de dois elementos provenientes de idiomas diferentes, *gundi* germânico (cf. *Gondebaldo*, etc.) e *salvo*, latino;

---

(1) Em alemão há um masculino *Widemar*, a que corresponde, quanto ao sentido *Widberto*, mas a-par-de *wid*, existe também *widu*, como mostra o nome *Widukind*, que concorre com *Widekind* e *Witekind.* Acresce ainda que *Wido* é forma hipocorística dos nomes começados por *Wide-* ou *Wid-*, segundo informa Tetzner.

(2) A villa *Gondemar* vem mencionada nos *Diplomata* da colecção *Portugaliae Mon. Historica*, págs. 293 e 483.

sendo assim, quer dizer *salvo do combate;* tem na língua popular as formas *Gonçalvo* e *Gonçalo* (¹), ambas ainda vivas, esta como nome de baptismo, aquela no patronímico *Gonçalves;* no Calendário figuram a primeira e terceira, mas tôdas em documentos antigos desde o século X até ao XV; em um diploma do ano de 987 encontra-se o feminino *Gundisalba*, a que corresponde *Gonçala*, registado no *Ementário Luso-Brasileiro;* são diminutivos de um e outro *Gonçalino* e *Gonçalina*, citados no mesmo repositório e persistentes na toponímia sob as formas *Gonçalinho* e *Gonçalvinho*, a-par-do simples *Gonçalo* e do patronímico.

Gundulfo ou **Gondulfo** ou **Gondolfo**, nome germânico, cuja significação é *lôbo* (cf. *Adolfo*, etc.) *no combate* (²) ou *na guerra* (cf. *Gondebaldo*, etc.); a primeira destas formas ocorre no *Martyrologio* (17 de Junho) e, a-par-da segunda, em documentos medievais (939 a 953); outras são ainda *Gandolfo*, que o *Ementário* dá como sendo a de um santo, festejado em 17 de Setembro, e *Gandulfo;* na toponímia actual estão tôdas representadas por *Gundufe*, *Gondufe* (também *Gondufo*) e *Gandufe*, a primeira e última das quais já no século XIII (1220) foram *Gundufe* e *Gandufe*, como provenientes do caso genitivo; os respectivos patronímicos eram *Gondulfiz* e *Gundulfiz* em 985 e 1059, mas *Gondufiz* e *Gundufiz* (isto é, tinham perdido o *l*) no século XIII.

Guntero ou antes **Gunthero**, nome germânico que, em virtude da significação dos seus dois elementos, *gunt (guerra)* e *her (exército)*, poderemos traduzir por *o guerreiro*. Porque o primeiro daquêles componentes aparece escrito também com *-d* (³), é possível que seja outra forma do mesmo nome o *Gondaro* de um documento de 991, que persiste ainda no toponímico *Gondar*. Porque, a-par-de *Gunther*,

---

(¹) Uma e outra assentam sôbre a pronúncia *Gund(i)-salvu-;* àcêrca da transformação do grupo *-d's-* em *-ç* cf. o advérbio *quiçá*, que supõe a frase latina *quid sa(pit)*, e em castelhano *Gonzalo* e *quizá*. No *Ementário* também *Gonzalo* e *Gonzalvo*, isto é z = c.

(²) ou *lôbo do combate* (em alemão *trampprwolf*).

(³) Em velho alto alemão *gundea:* cf. *Aldegundes*, etc.

existe em alemão também *Guthere*, é possível que desta última forma provenha o nosso *Guter* ou *Goter* e ainda *Goterre* (1), que continua a viver no apelido-patronímico *Goterres*.

Gustavo, nome sueco que significa *bordão (-slavo* de *staf:* cf. o al. *stab)* ou *o protegido de Deus (Gu-)* (2); embora figure no Calendário, a sua introdução entre nós é de data relativamente recente.

H

Habacuc, nome hebraico, que traduzido em português, significa «abraço»; embora constante da Bíblia, o seu uso entre nós, se é que existe, deve ser raro; no *Ementário* cita-se um *Habacucio*, que tem todos os visos de ser dêle tirado.

Haduino, nome de procedência germânica que, em virtude dos seus componentes, quer dizer *Amigo (-uino:* cf. *Goduvino) do combate (had-:* cf. *Hedviges)*; tem feminino regular, mas o seu uso, a existir, creio ser raro. Variedade do mesmo afigura-se-me ser *Haduindo* (3), que com o respectivo feminino o *Ementário* regista.

Haraldo, nome germânico (4) que quer dizer: *comandante (-aldo* de *wald) do exército (har-hari)*, ou *campião, general:* outras formas do mesmo são *Haroldo* (5) e *Heroldo* (6), mas só a penúltima conta do Calendário e a primeira parece ter sido conhecida antigamente entre nós, se é que *Araldiz* (1059), *Araldez* ou *Araldes* (século XV) representam o seu patronímico.

---

(1) Também *Gutierre* e *Gutierrez*.

(2) Segundo outros o *bordão da guerra*, estando assim *gu-* por *gunt-;* assim entende também Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, 74), que traduz por «bastão de combate».

(3) No *Ementário* lê-se *Aduino*.

(4) Pròpriamente dinamarquês ou anglo saxão.

(5) Assim se chamou um rei da Dinamarca que foi mártir e a Igreja festeja em 1 de Novembro, segundo informa o *Ementário*.

(6) Tacito, no livro II, cap. XI dos seus *Annales*, fala de certo *Chariovalda*, chefe dos Batavos, nome que deve representar a primitiva forma dos mencionados acima.

Harolfo, forma que deve provir de *Herolfo*, nome germânico, que significa *lôbo guerreiro* (cf. *Clotário* e *Adolfo*).

Hécuba, nome grego, que foi o da mulher do rei Priamo, «rainha, espôsa» mãi das mais desventuradas, *mater dolorosa* da saga troiana, como diz Cinquini (1), é considerado como hipocorístico do adjectivo ἑκηβόλος, que quer dizer *a que gostosamente* ou *à sua vontade* (ἑκη- por Fεκατ-) *atinge ou fere o alvo* (2) (βη por βάλλυ); outras grafias antigas: no dialecto páleo-coríntio Fαχαβα, no ático Ἑκάβη, no etrusco *Ecupa*. O latim, regulando-se pela acentuação páleo-itálica, fêz *Hecuba* ou arcaicamente *Hecoba* como se lê em Quintiliano 1, 4, 18.

Hedviges, nome germânico, cujos dois elementos *hed* e *vige*, ou melhor *hadu* e *wig* (3), no velho alto-alemão eram designações de *guerra* e que portanto poderemos traduzir por *a guerreira;* conquante figure no Calendário, a sua introdução entre nós deve ter-se operado talvez por intermédio do francês e em época relativamente recente: sôbre o *-s* cf. *Cunegundes.*

Heitor, forma popular do nome grego Ἕκτωφ, que nos foi transmitido por intermédio do latim e significa *o que segura, tem* (ἐκ- de ἔχω e -τωρ: cf. sufixo latino *-tor*) ou *guarda, defensor* (4), como traduz o *Ementário Luso-Brasileiro;* sem o *h*, segundo o uso do tempo, aparece em documentos do século XV.

---

(1) Cf. *L'Ecuba*, con introduzione e commento.

(2) Cf. *Dict. étym. de la langue grecque* de Boisacq, s. v. ἑκών. Cinquini, na obra citada, pág. 5, traduz «que fere de própria vontade» (Fεκα: Fεκων «voluntário»), mas Pape interpreta por *amável, bondosa* ou *a que veio de longe.*

(3) No *Martyrologio Romano* encontra-se êste nome escrito *Heduniges*, grafia esta mais aproximada da sua origem. Segundo o *Ementário Luso-Brasileiro* encontra-se no Calendário a forma *Hedda*, que é tida por um hipocorístico do mesmo nome.

(4) Fumagalli interpreta por: o *que possue* ou *tem fortemente;* o *homem tenaz;* o livrinho tantas vezes citado *Unsere Taufnamen* dá-lhe o sentido de: *o que sustenta, o possuïdor,* Pape traduz por *o possuïdor de terras herdadas,* pois foi o primogénito de Priamo, sendo assim equivalente ao germânico *Oto*, ou *suporte, sustento, protector.*

Heládio (Helládio), nome grego que quer dizer: *natural da Héllade* ou seja *grego;* tem feminino regular; no Calendário, porém, só figura o masculino e neste género era já usado pelos Romanos.

Helder (1), nome germânico que, a meu ver, provêm de *Herder* por dissimilação consonântica e significa *duro, forte (herd-* de *hard-) guerreiro (-er* de *hari)* ou *o guarda* (hoje *hüter*) *do rebanho da Comunidade;* a sua introdução na língua é recente e importada da Alemanha, segundo penso.

Hele (Helle), nome grego de mulher, que figura na mitologia, como sendo o da filha de Atamante, a qual, caindo ao mar, deu a êste o nome de *Hellesponto;* a sua significação é *a viva luz* (2).

Helena (3), nome grego que significa *lua;* acha-se representado no Calendário e entre nós é já usado pelo menos no século XIV (4); do feminino deve ter-se tirado o mas-

---

(1) No Ministério que acaba de constituir-se (29 de Junho de 1919) ficou com a pasta da guerra um major chamado Helder Armando dos Santos Ribeiro.

(2) Cf. Ramorino, *Mitologia clássica illustrada*, pág. 302; todavia Pape acha talvez preferível a derivação do verbo ἅλλομαι e portanto a interpretação de *a que salta.*

(3) Êste nome — diz Kleinepaul — faz lembrar outro de significação idêntica, σελήνη. A beleza tem sido sempre atribuída à lua e deusas da lua; da *bela Helena*, isto é, da lua falam os poetas de tôdas as línguas. O próprio Sigefrido é nos Nibelungen comparado por sua espôsa à clara lua, por isso é *Lua, Lua das Luas* e *Lua Cheia* predicado vulgar entre os Árabes para filhos e filhas *(Kamr, Bedr, Bedrulbudur).* A *Diana de Poitiers* pertence à mesma família, *Die Deutschen Personennamen*, pág. 42. Pròpriamente ἑλένη significa *deusa da luz*, ἕλη, *brilho, calor do sol:* cf. Boisacq, *Dict. étym.*, s. v. ἑλάνη ou ἑλένη *(tocha)*, podendo por isso traduzir-se por *brilhante, reluzente*, etc., como o faz o livrinho *Unsere Taufnamen*, etc. Pape adopta também esta interpretação que acha preferível à de *a que domina ou ganha de-pressa a multidão*, que outros também dão.

(4) Em um diploma de 1302 (=1340 da era de César) domina-se uma *Elhena Piriz*, como mulher de João Do-

culino *Heleno*, de emprêgo muito menos freqüente do que o feminino.

Heliodoro, nome grego que quer dizer: *dom* ou *presente* (cf. *Doroteu*, etc.) *do sol* (1) *(helio-)* e tem feminino regular, figurando no Calendário, mas só no género masculino. O seu primeiro componente, isto é, *Hélio* com o seu feminino (2), que, segundo o *Ementário* tem também a variante *Hela*, entram igualmente no número dos antropónimos, achando-se representado entre os dos santos *Hélia*, como informa o mesmo repositório; cf. *Sol*.

Hemetério, ou, como mais vulgarmente se diz, *Hemitério*, nome de homem de origem grega (ἡμέτερος) que quer dizer *o nosso*; é possível que na mente dos que primeiro o empregaram se subentendesse o substantivo *amor* ou outro de sentido idêntico; no Calendário figura um santo chamado assim ou, por uma forma mais próxima da primitiva, *Hemetero*, segundo informa o *Ementário Luso-Brasileiro*; note-se, porém, que no *Martyrologio Romano* aqui citado só figura a segunda daquelas duas primeiras formas.

Henrique, nome germânico que quer dizer *senhor* ou *possuïdor* (*-rique* de *rich*: cf. *Teodorico*, etc.) *de cêrca ou casa (hen-* de *hagan* ou de *hein* por *heim*), o seu feminino *Henriqueta* apresenta o sufixo francês *-ette*, próprio de diminutivos, aportuguesado; além da citada, aparece nos antigos documentos a forma *Anrique* (3) com o patromínico. *Anriques*, a-par-do actual *Henriques* ou

---

ming [u] iz; a grafia *lh* deve ser dialectal, pois lá se escreve também *todalhas, lhavral, aquelhes, volho* a-par-do *vollo, revagalho*, etc., por *todallas, lavrar, aquelles*, etc., ou lapso do copista: cf. *Rev. Lusit.*, XIII, págs. 11 e 12.

(1) Como é sabido o *sol* na mitologia clássica era com a *lua* (Selene) tido na conta de uma divindade; não admira pois, que também a êle se atribuisse o aparecimento de um filho.

(2) No *Século* de 21 de Maio de 1932, fala-se de uma senhora falecida, de nome D. Hélia da Silva Santos, filha do sr. José Joaquim dos Santos, professor primário em Casa Branca (Estação).

(3) Ainda em uso, como mostra o nome do poeta Anrique Paço de Arcos. Em diplomas antigos da Galiza lê-se

antes *Henriquez*, forma ainda muito usada no século XV. No Calendário só o masculino se acha representado.

Heraldo, nome germânico, que quer dizer *guerreiro forte* ou *poderoso* (cf. *Clotário* e *Arnaldo*); outras formas do mesmo são *Haraldo*, *Heroldo* e *Haroldo*; num diploma do século XV aparece *Eraldez*, sem dúvida o patronímico da primeira das citadas.

Herberto, nome da mesma proveniência, que significa o mesmo que *Ademar*, cujos componentes, embora diversos na forma, são equivalentes no sentido.

Hércules, latinização do nome grego do conhecido semi-deus Ἡρακλῆς (1), que quer dizer *afamado* (-κλῆς) *protector* (ἥρα-) (2); destas duas formas provêm respectivamente, talvez com o sentido de *colocado sob a sua protecção*, *Herculano* (3), *Heracleas*, *Heraclides* (4), *Heráclio*, *Heraclito*; de todos estes nomes só têm feminino o primeiro, mas sôbre a forma grega, isto é, *Heraclea*, e o segundo, de que existe também *Herculina*, a-par-do regular *Herculana*; no Calendário acham-se representados todos os masculinos com excepção de *Heraclito*, e dos femininos apenas o primeiro.

---

também *Anrricho*, a-par-de *Henrrico*, *Henrrich* e ainda *Henrri*, como se usa ainda em francês: cf. *Rev. Lusit.*, XXI, pág. 322. É abreviatura italiana do mesmo *Enzo* ou *Enzio*.

(1) No Calendário *Héraclas*.

(2) É êste o sentido primitivo, depois *herói*: cf. Boisacq s. v. ἥρως, portanto poderá traduzir-se também por *ilustre herói*; porém Pape equipara-o ao germânico *Froberto*, que interpreta por *o que brilha com ajuda de Freia* (uma deusa).

(3) Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 74) tem esta forma por derivada de *Herculanum*, cidade da Campania, designando assim o seu habitante.

(4) É assim e não *Heráclides*, como traz o *Século* de 9 de Abril de 1931, referindo-se ao médico brasileiro, ilustre especialista em lepra, D.or Heraclides Cesar de Souza Araújo, do Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, porquanto em latim, donde o nome deve ter sido tomado directamente, o *i* é longo, como representante do ditongo grego ει. Note-se que êste nome é pròpriamente um patronímico, como se vê do sufixo -δης.

Heribaldo, nome germânico que significa *audaz (-baldo* de *bal-) no exército (heri)* ou seja *combatente audacioso*; o seu feminino é regular.

Heriberto, nome de igual procedência, que quer dizer *brilhante* ou *afamado* (cf. *Berto*) *no exército*; forma o feminino regularmente, mas só o masculino se acha representado no Calendário (1); o mesmo ocorre também com perda do *-i-* em ambos os géneros, isto é, *Herberto*, *Herberta*.

Herlinda, nome de mulher, de proveniência germânica, que quer dizer *protectora* (cf. *Ermelinda*) *do exército* ou seja *dos guerreiros*, e acha-se representado no Calendário.

Herman ou **Hermano**, nome germânico que quer dizer *homem (man*, hoje *mann) do exército (her-* de *hari)* ou *guerreiro*, figura no Calendário e existe entre nós já desde o século XVI, porquanto pela primeira das formas citadas é conhecido o editor do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende; no *Ementário Luso-Brasileiro* faz-se menção de *Hermana*, que tem o aspecto de ser o seu feminino; outra forma do mesmo, importada provavelmente do francês, é *Armando* (2), que possue feminino regular, figurando, porém, no Calendário só o masculino, e do qual, segundo o mesmo repositório, existe o derivado *Armandino* com o seu feminino.

Hermenegildo, nome germânico que se interpreta por: *o que oferece grande sacrifício* (3); tem feminino regular, figurando os dois géneros no Calendário e em documento do século XI o masculino. Mas, a-par dêsse *Ermenegildo*, encontra-se nos antigos escritos, como existindo nos séculos IX e X, *Ermegildo* ou *Hermegildo* e respectivo patronímico *Ermegildiz*; porque ainda então o *-n-* persistia, afigura-se-me nome diferente, embora de sentido idêntico; hoje é que o povo usa esta forma e a que lhe corresponde no feminino em lugar das primeiras citadas.

---

(1) Assim se chamou o célebre filósofo inglês Spencer.

(2) Sôbre o *-d* do fr. *Armand*, cf. *allemand* do antigo alto alemão *alemann* e *normand* de *normann*.

(3) Cf. Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, pág. 74). A. Bass traduz por *o grande sacrifício*, e o livrinho *Unsere Taufnamen* por *sacrifício de Deus*; todavia Meyer-Lübke interpreta o elemento *gild-* por *valor* ou *valioso*.

Hermenerico ou antes **Hermanarico,** nome de um dos reis suevos que dominaram na antiga Lusitânia, cuja significação é *rei (-rico* por *rich) dos fortes (ermene-:* cf. *Arminio)* (1) e que hoje, se se usa, é muito restritamente; o *Ementário Luso-Brasileiro* regista no entanto a existência do feminino *Ermenerica.*

Hermengarda, nome da mesma proveniência e significação que *Ermelinda,* do qual diverge apenas no segundo elemento, aliás sinónimo do mesmo dêste; usou-o a mulher de Luís-o-Brando *(debonnaire),* filho de Carlos Magno, e vulgarizou-o há pouco Alexandre Herculano pelo seu romance *Eurico.*

Hermes, nome de um dos deuses da mitologia grega, com que os Romanos identificavam o seu Mercúrio, cuja etimologia e sentido são desconhecidos (2), é-o também de vários santos do Calendário, razão talvez por que está em uso dar-se a pessoas; outra forma do mesmo, que igualmente figura no *Martyrologio,* é *Hérmias.*

Hermínio, nome gentilício romano, de sentido obscuro; tem feminino formado regularmente. No Calendário figuram *Ermino* e *Irmina,* que julgo da procedência germânica, representantes da raíz *irmin,* que quer dizer *forte, poderoso.* Da mesma afigura-se-me provir o nome de mulher *Herminda,* se não se preferir ver nêle uma variante de *Arminda.*

Hermógenes, nome grego que quer dizer *da raça ou geração*

---

(1) Em alemão (cf. Tetzner, *Namenbuch*) há *Ermanrich,* com as variantes *Ermenrich* e *Hermannrich,* evidentemente outras formas do nome acima; o autor acabado de citar interpreta *Ermanrich* por o *grande príncipe,* advertindo que o primeiro elemento dêste nome assenta sôbre um dos três irmãos do deus germânico *Irmin,* mas que em composição serve apenas de reforçar a ideia do segundo. Walde no seu *Lat. Etym. Wörterbuch* faz vir de *armentum* (cf. *Armentário*) o médio alto alemão *Ermenrich,* que relaciona com o gótico *Airmanareiks,* anglosaxónio *Eormenric* e antigo irlandês *Iormunrekr.*

(2) O *Dict. étym. de la langue grecque* de E. Boisacq s. v. ἕρμαιον apresenta várias interpretações, tais como «filho da aurora, sucessão do dia e da noite, da vida e da morte», etc., mas a tôdas regeita por insustentáveis.

(γενή) *de Hermes* (Ἑρμῆς), o Mercúrio dos Romanos; no Calendário figuram vários santos assim chamados e o *Ementário Luso-Brasileiro* dá-lhe para feminino *Hermogenia;* como designação geográfica lê-se *Ermógenes* no *Onomástico* de A. A. Cortesão; lá se diz que é do ano 922 o diploma que o menciona.

Hero, nome de mulher que consta da mitologia grega e foi o da amante de Leandro; a ajuïzar da sua forma, deverá traduzir-se por *heroína*, ou seja *protectora* (1); o seu uso entre nós creio ser muito raro (2).

Hersília, como se chamou a mulher do fundador de Roma, embora a sua possuïdora fôsse sabina, é nome que se me afigura derivado de *Hersa*, uma das filhas de Cecrops, que, significando pròpriamente *orvalho* (3), por extensão se dá a tudo que é *novo* e *tenro*, segundo Alexandre no seu *Dict. grec-français;* tais qualidades, em especial a *ternura*, deve ter possuído a espôsa de Rómulo, a avaliar da sua intervenção junto do marido para que pusesse têrmo à guerra com os de Antemnas, que tinham tomado a peito a ofensa feita aos Sabinos com o rapto das suas donzelas (cf. Tito Lívio, I, cap. XI); outra forma do mesmo nome, criada à semelhança de outras, assim terminadas, deve ser *Hersilda;* há ainda *Hersínia*, *Hersione* e *Hersipe*, que porventura terão idêntica origem, se não se preferir ver no último, que o *Ementário* diz ter sido tomado da literatura, um nome germânico, composto de *her* e *sippe;* neste caso poderia traduzir-se por: *guerreira quanto ao parentesco* ou *a que tem guerreiros por parentes.* A mesma colectânea regista *Hersenda*, que para mim tem outro aspecto germânico, estando por *Hersinda;* a sua signifi-

---

(1) Num dos dois jornais, o *Diário de Notícias* ou *O Século*, colhi o nome de uma senhora, Hero Ofélia da Costa Calor. No *Onomástico Medieval* encontra-se, mas como nome de homem, em diplomas do século X, *Ero*, a-par-de *Herus;* difìlcilmente será o mesmo nome.

(2) Pape fá-lo equivalente ao germânico *Ida*, que traduz por *a mulher divina.*

(3) É escusado advertir que êste nome representa a concepção naturalística de muitos deuses da mitologia; cf. Ramorino, *Mitologia Clássica*, pág. 265.

cação; a ser exacta a origem que lhe dou, será idêntica a *Adosinda*, de que divergiria só no primeiro componente, aliás de sentido muito próximo.

Higia, nome que os Gregos davam à deusa da saúde (Ὑγεία), era já pelos Romanos, como se vê das inscrições, dado também a mulheres; dêle deriva-se *Higino*, que em rigor é adjectivo com o valor de *sadio*, mas que provàvelmente na mente dos que primeiro o puseram aos filhos significava *o colocado sob a protecção da deusa;* embora possua feminino regular, no Calendário só o masculino se acha representado.

Hilário, Hilária, nomes provenientes do adjectivo greco-latino *hilarus*, os quais, como êle, têm a significação de *alegre*, signicação que em maior ou menor grau se deve dar aos seus deminutivos *Hilarino*, *Hilarina* e ainda a *Hilarião*, que tem aspecto de aumentativo; no Calendário figuram os dois primeiros e os seus derivados *Hilarino* e *Hilarião*, mas, que eu saiba, apenas no *Cancioneiro Geral* e em Gil Vicente se encontra *Hilaria* (1).

Hilda, nome de mulher de procedência germânica que tanto pode representar uma forma independente com o sentido de *combatente* (2), como ser um hipocorístico dos vários nomes começados pelo mesmo tema, o que é mais provável (3); assim se chamou ama das santas do Calendário e antes uma das valquírias; a sua introdução entre nós, porém, deve datar de tempos modernos, porquanto não figura nos documentos antes, embora nêles haja bastantes nomes constituídos por êle, como primeiro elemento.

---

(1) Tôdas as formas citadas faziam já parte da nomenclatura romana, sendo até *hilaria* um substantivo comum, que significava *gôzo*, *alegria;* quanto a *Hilarião*, pode provir tanto de *Hilarianus*, como de *Hilarionem*, acusativo de *Hilario*, o que parece mais provável.

(2) Pròpriamente *hild-* quer dizer *combate*.

(3) F. Khull no seu *Deusches Namenbüchlein*, a pág. 15, tem-no por hipocorístico, mas a pág. 20 parece admitir a hipótese de ser nome independente, pois diz: que pode ser encurtamento dos nomes formados com o velho substantivo do alto alemão *hiltja*, quer êste apareça como primeiro ou segundo componente, ou seja de *Hildegunda* e *Gunthilde*.

Hildeberto [1], nome germânico de significação idêntica a *Heriberto*, do qual diverge só no primeiro elemento, aliás sinónimo do mesmo daquêle (cf. Heribaldo); forma o feminino regularmente e no masculino está representado no Calendário; outras formas do mesmo, constantes de antigos diplomas, são *Ildiverto* e *Ideverto*.

Hildebrando, nome germânico que ficou célebre por ter sido o do papa Gregório VII e significa *espada (-brando)* [2] *de guerra (hilde-)*.

Hildegarda, nome germânico que significa *a que protege (-garda) os combatentes (hilde-)* [3]; ocorre no Calendário, ao contrário do masculino *Hildegardo* [4], que o *Ementário Luso-Basileiro* regista também, mas nem um nem outro vêm citados no *Onomástico Medieval*, o que todavia — é óbvio — não prova que êles fossem desconhecidos da antroponímia daquêle tempo.

Hildegundes, *a combatente em combate* [5] ou só *combatente*, visto serem sinónimos os dois componentes, de que é constituído, *hilde-* e *-gundes* [6]; ocorre no Calendário, mas a

---

(1) Outra forma do mesmo é *Childeberto* ou *Quildeberto*, como escreve o *Martyrologio Romano*; o *Ementário Luso-Brasileiro* regista ainda *Hildeberto*.

(2) Êste vocábulo significa pròpriamente *tição*; «o sentido metafórico de *espada* encontra-se no escandinavo *brander*: cf. o espanhol *tizona*, espada, de *tizon*, tição». Do *Dictionnaire général de la langue française* de Darmesteter, s. v. *brand*.

(3) Sigo aqui a interpretação de A. Bass, *Beiträge zur Kenntnis Deutscher Personennamen*, pág. 33: parece dar ao elemento *-garda* a significação de *espada*, porquanto põe *Hildegard* ao lado de *Hildebrand*. Note-se que no citado *Martyrologio Romano* lê-se não a forma acima indicada, mas a popular *Hildegardes*.

(4) Afigura-se-me ser o mesmo nome, mas alatinado, *Hildegário*.

(5) Assim A. Bass no seu citado livro; mas de significação igual a *Aldegundes*, se se admitir transposição do *-l-* isto é, *-Edelgundes*.

(6) Aliás *-gunde*; sôbre o *-s* cf. *Aldegundes*. Em alemão há *Hildegunde*, a-par-de *Hildegund* ou *Hildegunt*. O *Ementário* regista também *Hildegunda*, *Ildegonda*, cujo *a* final atri-

sua introdução na nossa antroponímia nesta forma não deve ser muito antiga e provém talvez do francês; a que primeiro recebemos deve ter tido a de * *Hildegundea* e depois *Eldegundia* (1), que aparece em um documento de 960; daqui, por via popular, vieram respectivamente *Ildonça* (em 959 *Ildoncia*, mas *Ildonza* (z = ç) em 1043) e *Eldonça* (1079, 1095) ou *Eldonza* (1009) (2); todavia tais formas não se mantiveram, pelo menos o *Ementário* não as cita.

Hildemaro, nome germânico, sinónimo de *Hildeberto*, do qual diverge apenas no segundo elemento, aliás equivalente pelo sentido ao mesmo dêste.

Hilderico, nome germânico que quer dizer: *príncipe* ou *senhor* (cf. *Frederico*, etc.) *no combate* ou *combatente* (cf. *Hilda*, etc.); segundo o *Ementário*, possue feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário (3); nos antigos documentos tem as formas *Ilderigo* (em 951), *Elderico* (1054) e *Elderigo* (995) e, na qualidade de topónimo, *Ilderiz* (974), *Elderiz* e *Eldiriz* (887 e 1096). Hoje, como tais, Baptista cita apenas *Aldrigo*, *Aldriz* e *Aldoriz* (4), o que parece indicar que o

---

buo a analogia com os nomes do mesmo género; cf. *Cremilde* e *Cremilda*.

(1) Poderia acaso pensar-se que *Eldegundia* seria variante de *Aldegundia* e que aí o primeiro componente estaria por *edel*, isto é, a forma moderna do antigo *adel*; como, porém, o actual alemão não conhece *Edelgunt* (pelo menos não aparece nos livros citados aqui), penso que só pode provir de * *Ildegundia*, tendo o elemento *ild-* passado a *eld-*, em virtude da equivalência fonética que antigamente parece ter existido entre êles e se deduz destas formas: *Ildara*, *Eldara*, *Ilderigo*, *Elderigo*, *Ilderiz*, *Ildesinda*, *Ildosindo*, *Eldosinda*, *Eldosindo*, *Ildonza*, *Eldonza* (ç = z), *Ilduara*, *Ildura*, *Elduara*, *Eldura* e *Ildara*, *Eldara*.

(2) O *Onomástico Medieval* regista uma forma *Eldolca*, que ou será êrro gráfico por *Eldonça* ou uma variante desta, na qual o *n* se trocaria em *l*.

(3) O *Ementário* só enumera entre os nomes de santos o de *Alderico;* os autores alemães aqui citados naturalmente só o que êles conhecem.

(4) Meyer-Lübke tem estas formas como oriundas de

nome primitivo também mudou para *Alderico* ou *Aldrico*, que passou a ter-se por forma independente; note-se contudo que no actual alemão ela não existe e sim *Hilderich*.

Hiltrudes, nome de mulher de origem germânica, cujo sentido é: *a que está muito habituada (-trudes) à guerra* (cf. *Hilda*) ou *a feiticeira combatente*; ocorre no Calendário. Outra forma há, *Eltrudes*, que tanto pode ser uma variante, como provir de *Edeltrudes* pela queda regular do *-d-* e condensação dos dois *ee* num só; como em *Aldonça* e *Eldonça*, ou os temas *il* e *el* se confundiam na pronúncia, ou divergiam entre si, divergência que se observa no actual alemão, que possue as três formas, *Adeltrud*, *Edeltrud* e *Hiltrudes* (1).

Hiparco, nome homem de origem grega que quer dizer o mesmo que *Hipócrates*, de que diverge só no segundo elemento, aliás de sentido idêntico; outros traduzem por *comandante da cavalaria*.

Hipias (Hippias), nome grego que quer dizer: «cavaleiro».

Hipócrates (2) **(Hippocrates)**, nome grego que quer dizer: «o que governa (*-crates* de κρατέω; cf. *democracia*, etc.) ou domina o cavalo».

Hipólito (Hipólita), nomes gregos que querem dizer *o, a que, solta* (-λυτος) *ou desatrela os cavalos* (ἱππο-); embora representado no Calendário no género masculino, o seu uso, especialmente no feminino, é muito restrito.

Holda (também **Hulda**) (3), nome de mulher de origem germânica, que da sua significação, *a graciosa* (4), se julga

---

Eldericus; sôbre a correspondência que antigamente parece ter havido entre *ild-*, *eld-* e *ald*, cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 42.

(1) A 1.ª interpretação é do livrinho *Unsere Taufnamen*, a 2.ª de A. Bass *(Deutsche Vornamen)*.

(2) Assim a pronúncia latina, ao contrário da grega, que acentua o *a*.

(3) O livrinho *Unsere Taufnamen* regista também a forma *Holle*, evidentemente resultante de assimilação.

(4) No actual alemão há o adjectivo *holde* e o substantivo *huld;* no velho alto alemão *huldi* ou boa, graciosa.

ter sido, na sua origem, simples alcunha (1), como tantos outros; de uma santa assim chamada faz-se menção no Calendário a 10 de Abril.

Homero, nome de um poeta grego bem conhecido, que de comum, segundo parece, passou a próprio, com o sentido de *cego* (2) que tinha em Cumas, e a tradição diz ter sido o pretenso autor da *Iliada* e do *Odisseia*.

Honório, nome que os Romanos deram talvez na sua origem aos filhos a quem almejavam um futuro *cheio de honras* ou elevados cargos públicos; em igual sentido eram provàvelmente empregados também os seus derivados *Honorino*, *Honorato*, os quais todos continuam a usar-se em ambos os géneros (3); no Calendário, porém, só figuram o masculino do primeiro e o feminino dos dois restantes; em obras portuguesas a mais antiga que eu saiba em que aparece a primeira das formas citadas, referida a papas, é a *Crónica da Ordem dos Frades Menores.* Note-se que o antigo nome *Honorigo*, vivo ainda no toponímico *Oriz*, antes *Ooriz*, nada tem com êste, pois é de origem germânica e quer dizer *príncipe dos Hunos:* cf. Keller, *Lat. Volksetymologie*, 28.

Horácio, nome gentilício romano que se me afigura um teóforo, como tantos outros, querendo indicar que o seu possuïdor, ao imporem-lho, tinha sido colocado sob a protecção de qualquer das deusas chamadas *Horae*, filhas de Zeus e de Temis *(Themis)* (4).

Hortênsio, nome latino que quer dizer *o que possue ou cultiva um horto*, isto é, um jardim, pròpriamente um lugar cercado ou chouso; do deminutivo dêste provém *Hortulano*,

---

(1) Bass diz ser um epíteto de Freia, a espôsa do deus Wotan da mitologia germânica.

(2) Assim o *Dict. grec-français* de Alexandre, mas o *Dict. étym. de la langue grecque* de Boisacq traduz ὅμηρος (também ὅμηρον) ùnicamente por *caução, penhor, refens.*

(3) *Honorato* na forma *Honrado* que tomou em português vive como apelido.

(4) Sôbre estas cf. Ramorino, *Mitologia clássica illustrada* (da colecção Manuali Hoepli), pág. 104 e segs., Fumagalli opina que talvez êste nome provenha do nome de algum antigo povo do Lacio, porventura os *Foretii.*

tendo ambos femininos regulares; note-se, porém, que, a-par-de *Hortênsia*, usa-se também a forma francesa *Hortense*, e que ao lado de *Hortulana* existe *Hortelana* ou *Ortelãa*, hoje *Ortelã*, como vem na *Crónica da Ordem dos Frades Menores*.

Hospício, nome latino que a língua literária mantém com a primitiva significação de *pousada*, etc.; na qualidade de nome próprio, como ocorre no Calendário, talvez se deva interpretar por um sinónimo de *hospedeiro*.

Huberto, nome germânico que significa *espírito (hu- por hug: cf. Hugo) brilhante* (cf. *Berto*), e do qual existe o feminino *Huberta* e o deminutivo *Hubertino;* mas dêstes três nomes apenas o primeiro figura no Calendário (1).

Hugo, nome germânico que significa *assisado (hug*, pròpriamente *espírito, juízo)*; é forma hipocorística que figura no Calendário e tem em documentos do século XIII a forma *Ugo*, mas referida a um indivíduo estrangeiro (provençal lhe chama Pedro de Azevedo: cf. *Rev. Lusit.*, VII, 74).

Humfredo (2), nome da mesma proveniência, que quer dizer *gigante da paz* ou talvez antes *o que fêz a paz com os gigantes;* outra forma do mesmo é *Unfredo*, à qual o *Ementário* apõe a nota de antigo e de que cita o deminutivo feminino *Unfredina*.

Humberto, nome germânico que significa *brilhante, afamado contra* (ou *entre?*) *os gigantes (hum- por huni)* (3); é seu deminutivo *Humbertino*, que com aquêle tem feminino regular, mas só o masculino do primeiro figura no Calendário e nos nossos antigos documentos, onde aliás se acha escrito sem *h*.

---

(1) O *Ementário Luso-Brasileiro* menciona a mais *Huberdino*, que diz ser igual a *Hubertino* e achar-se representado no Calendário, mas tem por nomes diferentes *Uberto, Ubertino* e ainda *Oberto*, que, segundo êle, ocorre igualmente entre os de santos, opinião com que não concordo, visto nas antigas grafias omitir-se geralmente o *h* inicial; a última das formas mencionadas encontra-se, mas como apelido de homem, num texto do século XV.

(2) Também *Hunofredo* no citado repositório.

(3) Segundo Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 74, «brilhante pela fôrça».

I

Iago, veja-se **Jacob**.

Ibrahim, forma árabe de *Abraham* ou *Abraão*.

Ida, nome feminino de origem germânica que vale tanto como *mulher divina* (1); embora constante do Calendário, o seu uso, que julgo moderno, é bastante restrito.

Idaberga, nome de mulher de procedência germânica, que se interpreta por *a protectora do trabalho* (2) e se acha representado no Calendário; isso não obstante, não me consta a sua existência entre nós.

Idálio, adjectivo geográfico que designa o habitante de *Idalia*, nome de uma cidade da ilha de Chipre, consagrada à deusa Vénus; daqui *Idalino*, que possue feminino regular. Variante dêste último afigura-se-me ser *Idalinda* e porventura também *Idolinda*, ambos registados no *Ementário*.

Ifigénia, nome grego que significa *de raça* (-γενε-) *forte* ou *poderosa* (ἰφι-) (3); conquanto de uso muito mais restrito e não representado no Calendário, como o feminino, também há o masculino *Ifigénio*; ambas as formas, porém, afiguram-se-me de introdução moderna na língua.

Ildefonso, nome germânico que quer dizer *o que está pronto* ou *disposto (-fonso) para o combate (hilde-)*; ocorre no

---

(1) Assim Pape, que o faz corresponder ao grego *Hero*; também se interpreta por *a laboriosa*, de um *idhja*, velho nórdico, que significa *trabalhar, estar ocupado* ou hipocoristo de *Idaberga*; há ainda quem o considere forma divergente de *Hilda*. F. Khull *(Deutsches Namenbüchlein)* insere-o entre outros nomes primitivos de deuses e sêres divinos.

(2) Assim o livrinho *Unsere Taufnamen*; porém Bass e Tetzner só registam a forma *Idberga*, cujo primeiro elemento traduzem por *combate*; ao contrário Knull parece opinar como o autor do primeiro dos livros citados, pois não só cita *Idaberga*, mas também diz parecer o elemento *ida-* significar *actividade, eito*.

(3) Ou talvez antes: *poderosa desde o seu nascimento*, como o *Dic. grec-français* de Alexandre traduz o adjectivo ἰφιγένητος.

Calendário e é já bastante antigo entre nós; parece, todavia que tempo houve em que se julgou reconhecer equivalência entre êle e *Alfonso* ou *Afonso*, porquanto, no poema castelhano composto nos princípios do século XIV em sua honra, o santo arcebispo de Toledo é sempre designado pela primeira das duas últimas formas ([1]), e Afonso X na segunda das suas *Cantigas de Santa Maria* o nomeia pela segunda; no entanto a *Crónica Geral de Espanha* ([2]) chama-lhe *Illafonso*. Da existência do feminino dêste nome apenas nos informa, que eu saiba, o *Ementário Luso-Brasileiro*.

Ilderico (Hilderico), nome germânico que, em virtude dos seus dois componentes (cf. *Hilda* e *Frederico*), poderemos traduzir por: *rei no combate* ou, como interpreto, *grande guerreiro*; outras formas do mesmo são: *Elderico* ou *Elderigo*, *Ilderigo*, com feição mais nacional, e ainda *Alderigo* ([3]), que continua a viver nos topónimos *Aldrigo*, *Aldariz* e *Aldriz*. Segundo o *Ementário*, parece que está em uso ainda êste nome, assim no masculino, como no feminino *Hilderica*.

Ildonça, veja-se **Hildegundes.**

Ildosindo (Hildosindo), nome germânico de sentido idêntico a *Adosindo*, visto serem sinónimos os seus primeiros elementos; tem feminino regular, isto é, *Ildosinda* ([4]); nos antigos documentos encontra-se também *Eldosindo* e *Eldesinda*, em que parece haver equivalência entre *el-* e *il-*: cf. *Adosindo*.

Ilduara, nome de proveniência germânica, usado outrora pelas

([1]) Também Alberico *(De tribus pontibus)*, falando de um filho do rei Sancho da Galiza, chama-lhe Petrus *Alfonsus* sive *Ildefonsus:* cf. Meyer-Lübke, *Die altport. Personennamen germanischen Ursprungs*, pág. 10.

([2]) Refiro-me ao Códice existente na Academia das Ciências de Lisboa. O compilador do referido *Ementário Luso-Brasileiro* regista também, como antigo, o feminino *Ilafonsa*. Ao povo ouve-se *Lifonso* em vez de *Ildefonso*. O *Martyrologio* chama *Illefonso* ao santo Arcebispo de Toledo.

([3]) Cortesão omitiu esta forma, que regista Meyer-Lübke; sôbre a equivalência de *el* ou *il* a *al* cf. *Aldonça*.

([4]) *Ildesinda* lê-se em um documento de 995.

ricas-donas de Portugal, que quer dizer: *atenta* ou *circunspecta (-uara) no combate* (cf. *Hilda*) (1); outras formas do mesmo, registadas no *Onomástico Medieval*, são: *Ildara*, *Ielduara*, *Ildvara* (2), que parece a que melhor reproduz o original, *Elduara*, *Eldara*, *Eldora* e *Eldura* (u = o?) nas quais *ild*, como explica Meyer-Lübke, representa latinização e *eld* corresponde à pronúncia. Nos documentos encontram-se mais estas: *Aldara* (3) e *Aldora*, que parecem ser alteração daquela e são as únicas ainda em uso (4). Sôbre a troca de *il-* por *el-* e *al-* cf. *Eldonça.*

Iluminado, particípio de um verbo que passou, como outros, a dar-se a pessoas, sem dúvida com sentido religioso de *esclarecido, inspirado por Deus* ou, talvez antes, do que pelo baptismo recebeu o *lume* da graça divina; no Calendário figuram os dois géneros, mas sob as formas alatinadas *illuminato*, *illuminata*. Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* encontra-se um *Alumbrado* ou *Alumbardo*, forma castelhana pela qual o desconhecido tradutor verteu a latina *Illuminatus;* a verdadeiramente portuguesa teria sido *Alumiado.*

Imelda, nome de mulher de procedência germânica, que se tem por um divergente de *Irmilda (Irmhilda)*, cuja significação é *poderosa* (cf. *Armínio*, etc.) *combatente;* figura no Calendário (5).

---

(1) Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 47, traduz: *insigne em combate.*

(2) Esta forma cita Meyer-Lübke como encontrada também nos velhos diplomas; Cortesão, porém, omitiu-a no seu *Onomástico;* com ela compara o escritor alemão a gótica *Hildiwara.* Deve ser sua variante *Ildevera* que o *Ementário* regista.

(3) O autor do *Ementário* diz que a mãi de S. Rosendo se chamara assim ou *Ilduara*, o que mostra a equivalência das duas formas; mas na vida do santo, publicada em latim nos PMH *(Scriptores)*, dá-se-lhe por nome apenas *Ilduara.*

(4) No *Diário de Notícias* de 21-3-1920, pág. 5 e no *Século* de 16-11-1931, secção *Necrologia*, ocorrem duas senhoras, assim chamadas; *Aldora* é o nome que no *Nobiliário* tem a mulher do rei Ramiro, o da lenda da Gaia, e *Aldara* ocorre na nossa toponímia.

(5) O *Ementário* dá-o com exclusivo da literatura, porém

Inácio (Ignácio), nome latino que se me afigura ter sido originàriamente cognome ou apelido, em vista da sua significação, que parece ser a de «fogoso, ardente», se é que deriva de *ignis* (fogo) (¹), passando mais tarde, como tantos outros, a próprio de indivíduos; faz o feminino regularmente e figura no Calendário, mas só no género masculino.

Inês, nome de mulher de proveniência grega, que na sua origem é adjectivo e significa *pura, casta;* de introdução certamente eclesiástica, pois figura no Calendário, encontra-se em documentos do século XV já sob a forma actual, a-par-de *Einês*, que a precedeu. No *Ementário* regista-se como sua equivalente *Inesia* e ainda *Inesila*, que tem todos os aspectos de seu deminutivo.

Infante, nome comum, que, significando literalmente *o que não fala*, passou já em latim a significar *menino;* segundo o *Ementário*, figura entre os próprios; é seu derivado *Infantina*, igualmente dado como êste a mulheres, e ainda *Infância* (²).

Ingénuo, adjectivo latino que conserva pouco mais ou menos a primitiva significação; tendo a princípio sido talvez alcunha, veio depois a aplicar-se a pessoas, figurando como tal já na antroponímia romana e no Calendário (³).

---

no *Ano Cristão* do P.ᵉ Croiset (mês de Maio 12) descreve-se a vida de uma santa que, tendo-se antes chamado Madalena, trocou êste nome pelo acima. No dito *Ementário* não se regista *Irmilda*, mas *Irmilla*, que poderá ser o mesmo nome, resultante de assimilação do *d* ao *l*.

(¹) O *Ementário* parece relacioná-lo com *ignotus*, pois tradu-lo por *ignorado, desconhecido;* a interpretação que dou é a do livrinho *Unsere Taufnamen*, etc. A Fumagalli parece-lhe preferível a opinião de Ferrieri, que vê no grego 'ιγνάτιος um correspondente do latim *gnatus* e portanto traduz por *filho*. O mesmo supõe *Inigo* um derivado de *Inácio*.

(²) No *Século* de 26-4-1931 fala-se de uma senhora assim chamada: cf. secção *Necrologia*.

(³) O *Dic. lat. port.*, de Saraiva regista «um comandante na Pannonia que subiu ao poder imperial no tempo de Galiano» assim chamado; o *Ementário*, a-par-de *Ingénuo*, cita as formas *Ingeno* ou *Ingeu*, mas o *Martyrologio* dá-lhe o

Ingolfo, nome de homem de procedência germânica, que quer dizer *lôbo* (cf. *Adolfo*), isto é, *combatente divino (ing-)*; outra forma do mesmo é *Ingulfo*.

Inocêncio, Inocência, isto é, *o, a que não faz mal*, como mostram os elementos latinos que entram na composição dêstes nomes; no Calendário acha-se representada apenas a forma masculina; entre nós, tanto esta como a feminina devem ser de introdução moderna.

Irene, nome constante da mitologia grega como sendo o de uma das deusas chamadas *Horas*, que significa *paz*; além desta forma literária, tomada certamente do latim em época recente, existe a popular *Iria*, que foi precedida por estoutras *Eiria, Eirea* (1) e * *Eirẽa*, as quais reproduzem evolutivamente a grega εἰρήνη (2), transmitida sem dúvida pelos Romanos; são seus derivados *Ireneu* (3), que também sôa *Irineu* (de-certo por influência de *Iria*) e na sua origem é um adjectivo que quer dizer *pacífico*, e *Irenião* (4); o mesmo nome entra ainda em *Irenarco (Irenarcho)*, que se pode traduzir por *mantenedor da paz*; formas estas tôdas que, sem exclusão da portuguesa, figuram no Calendário (5).

Irma, o mesmo que *Ema (Emma)* ou hipocorístico de *Ermínia*.

Isaac, nome hebraico que significa *êle ri* (6): além de ter sido do

---

nome de *Ingenes*. Ao *ingénuo* da língua literária corresponde o arcaico e popular *engeo*, antes *engẽo*.

(1) *Crónica de D. João I* de F. Lopes, 1.ª parte, 60, 63 e 57.

(2) Assim no dialecto eólico. Note-se que outros dialectos operaram já aredução do ει ι, cf. Boisacq, *Dic. étym. de la langue grecque* s. v. εἰρήνη. É possível que a lat. possuísse a forma * *Irena*, donde resultaria para português * *Irẽa*, a-par-de * *Erẽa*, e do cruzamento das duas formas a arcaica *Eirea*.

(3) Em grego εἰρηναῖος, donde o lat. *Ireneus* ou *Irenaeus*; todavia Tetzner dá a êste origem hebraica.

(4) A um *templo da paz* ou erecto sem dúvida à deusa do mesmo nome chamavam os Gregos εἰρηναῖον.

(5) No *Martyrologio* tantas vezes citado lê-se *Irenio* e *Irenion*; o mesmo não menciona *Irenarcho*, mas o *Ementário* dá-o como nome de um bispo, cuja festa se celebra a 27 de Novembro.

(6) Chamou-se-lhe assim, porque seu pai riu-se, ao ser-

filho de Abraão, foi-o também de um dos mártires do Calendário (1).

Isabel, nome representante do hebraico *Elisabeth*, que significa *a que jura por Deus* (2) ou *a adoradora de Deus* e existe entre nós desde a Idade-Média (3); outras formas do mesmo são *Elisa* (4) e *Bela*, que tenho por hipocorísticas, e *Isabela* (5), a que se acrescentou o *a* final em harmonia com maior parte dos femininos, que assim terminaram, ou talvez antes por etimologia popular (6); deminutivo desta ou da primeira das formas citadas é *Isabelina*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* regista. Como é sabido, foi assim chamada a espôsa do nosso rei D. Dinis, que a Igreja colocou nos altares. Há também o anagramático *Belisa*.

-lhe dito que teria um filho, não obstante os seus cem anos. Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen* traduzem por *o filho da alegria*.

(1) Num documento de 1293 figura certo *Isaac* (escrito *ysaac*) *arrabi dos judeus* de Leirea com sua mulher *Ana (ãna)*.

(2) *Deus é um juramento* é como traduzem os autores do *Dictionnary of the Bible*; o livrinho *Unsere Taufnamen*, interpreta porém por: *a intacta, pura* (hebr.: *i*, não e *sebel*, contacto).

(3) No *Onomástico* citam-se as formas alatinadas *Elisavet* e *Isabet*; na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* estas: *Helisabeth, Helisabed* e *Helisabell*, tôdas representantes mais ou menos da hebraica respectiva; a actual vem-nos do francês antigo *Ysabel*, por intermédio do espanhol (segundo Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 28).

(4) Igual forma, a-par-de *Elisa*, possue o alemão: cf. francês também *Elise*. O livrinho *Unsere Taufnamen* regista outras formas hipocorísticas, tais como *Lisette* e *Bettina*, usadas também entre nós, segundo informa o *Ementário*, tendo a primeira destas igualmente a forma *Liseta*, mais acomodada à língua.

(5) O italiano possue esta mesma forma, que lá se escreve *Isabella* e *Bella*, afora *Elisabetta*, mais próxima do original.

(6) É possível que, não compreendendo a parte final do nome *-beth*, o povo a tivesse trocado por outro seu conhecido, o adjectivo *belo*, acomodando-o ao género da que a antecede.

Iságoras, nome de um conhecido político grego que em português quer dizer *o que na assembleia popular* (ἀγορά) *fala de modo igual* (ἰσα-), isto é, como interpreto, *sempre à mesma altura*.

Isaias, nome hebraico cuja significação é igual à de *Jesus*; figura na Bíblia e no Calendário.

Isamberto, nome de homem de proveniência germânica que quer dizer *brilhante ou ilustre* (cf. *Berto*) *pelo ferro (isam-* hoje *eisern)*, isto é *pela espada*.

Isauro, nome grego que denomina o *natural da Isáuria*, antiga região da Ásia-Menor; são seus derivados *Isáurico*, *Isaurino* e provàvelmente também *Isaurindo*, o único que com o primitivo possue feminino formado regularmente, segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*.

Iseu, veja-se **Isolda**.

Isfrido, nome de homem, de proveniência germânica, que quer dizer *paz* (cf. *Frederico*) *vigorosa* (1) *(is-* outra forma de *id-)* e figura no Calendário (2).

Isidoro, *dom* ou *presente de Isis*, deusa da mitologia grega, também conhecida pelo nome de Io. Ao lado desta forma vive igualmente *Isidro*. A única diferença existente entre as duas, já bastante antigas na língua, é que a primeira representa a acentuação latina, emquanto a segunda, de cunho mais popular, assenta sôbre a grega; acham-se ambas representadas no Calendário (3), mas não os respectivos femininos, que se formam regularmente.

Isidro, veja-se **Isidoro**.

Isildo, nome germânico que se interpreta como *combatente* (cf. *Hilda*, etc.) *que está na fôrça da juventude* (4) *(is-* de *id)* e possue feminino regular.

---

(1) Ou *o que alcança a paz pelo ferro*, isto é, *pela espada*, cf. *Isamberto*.

(2) Divergente do mesmo, segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, é *Isbrido*.

(3) No *Martyrologio* menciona-se nove vezes o nome *Isidoro* e uma apenas *Isidro*, o santo lavrador de tanta devoção do povo de Madrid, que o festeja a 10 de Maio.

(4) Segundo outros opinam, *o que combate com a espada*, pròpriamente *com o ferro*, vendo-se no primeiro elemento a forma anterior à actual *eisen*.

Ismael, nome hebraico que quer dizer *Deus ouve* ou antes *ouça-me Deus;* acha-se representado no Calendário e encontra-se em documentos já do século X.

Isménio, nome grego cujo feminino *Isménia* se usa mais; um e outro são já derivados de *Ismeno*, *Ismena*, que, segundo Curtius (cf. *Grundzuge der griechischen Etymologie*, pág. 402), querem dizer *Desejado*, *Desejada* (1); representam as duas últimas formas, segundo parece, os arcaicos *Eixemeo* ou *Exemeo*, *Exemea*, *Essemea* e *Eixamea*, que foram precedidos por *Exemeno*, *Eisemeno*, *Exemena* e *Eximena* (2), e a primeira o também arcaico *Exemenio;* de importação castelhana deve ser *Ximena*, como se chamou a mulher do lendário herói Rui Dias de Bivar, o Cid, e o apelido *Ximenes*, que nos documentos antigos aparece escrito *Exemeniz*, *Exemeiz*, *Ximeiz* e *Xameniz*.

Isnualdo ou **Isnaldo**, nome de homem de procedência germânica, que significa *senhor ou dominador* (cf. *Arnaldo* etc.), *pelo ferro*, isto é, *pela espada*.

Isnolfo, nome de homem, procedente do germânico, que significa *lôbo* (cf. *Adolfo*) ou *combatente de ferro* (cf. *Isamberto*), isto é, *armado de espada*.

Isolda, nome de mulher de proveniência germânica, vulgarizado ùltimamente pela música de Wagner, e cuja significação é *forte*, *poderosa (-olda* por *-olde*, de *walt) em mocidade* (3) *(is-* de *id:* cf. *Ida)* ou *que está na fôrça da juventude;* outra forma do mesmo e já antiga na língua é *Iseu* (4), que D. Denis, que a tirou do francês, emprega numa das suas *Cantigas de amor*, a 36.ª do seu *Cancioneiro* (cf. a respectiva edição de Lang, vers. 705); mas tanto uma como outra são de uso muito restrito.

Israel, nome hebraico que quer dizer: *o que luta com Deus;*

---

(1) Segundo Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, 642, é um derivado de *Ismenis*, nome de um rio.

(2) Esta forma é do século XIII, sendo respectivamente dos séculos IX, X e XI as três que a precedem; mas, porque já nessa época e mesmo anteriormente ocorrem outras sem *-n-*, afigura-se-me que será castelhana.

(3) Ou *pelo ferro*, isto é, pela *espada;* cf. *Isildo*.

(4) Na nossa toponímia encontra-se um *Vilar de Azeu*, *de Izeu* ou *de Geu*, formas várias do mesmo nome.

segundo consta da Bíblia, êste nome foi por um anjo dado a Jacob.

Ivan, nome russo que corresponde ao nosso *João*.

Ivo, nome de procedência e significação desconhecidas (1), a que o *Ementário* dá o feminino regular, isto é, *Iva*, figurando, no Calendário, segundo êle ambas as formas; hoje, porém, a única em uso parece-me ser *Ivone*, tomada do francês, onde o masculino é *Ivon (Yvon)*, a-par-de *Ive (Yve)* (2).

J

Jacinto, nome grego que o é também de uma flor, assim chamada ainda hoje, e era igualmente de uma pedra preciosa, espécie de ametista, mas cuja etimologia se desconhece; forma regularmente o feminino, porém só o masculino figura no Calendário, nos documentos antigos e ainda na toponímia, quer assim, quer no seu representante popular *Jazente*.

Jacob, nome hebraico cuja significação, referida ao nascimento do patriarca assim chamado, nascido do mesmo parto e logo após seu irmão Esau, é *suplantador, o que toma pelo calcanhar* ou *se esforça por suplantar*; ocorre, quer nesta forma, quer na latinizada *Jacobus*, mas com a pronúncia de *j* que a semivogal latina *i* tomou quási sempre nas línguas românicas, e daí na nomenclatura *Iacob* e *Jacobo*. A-par destas formas literárias há contudo, já antigas entre nós, estoutras *Iago* e *Iagobo* (3); note-se, porém, que aquela supõe a pronúncia *Iácob*, isto é, com o acento tónico na penúltima sílaba, em harmonia com o génio da língua latina, que não o consentia na última

(1) O *Ementário* traduz por «activo, vigilante».

(2) Cf. Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, pág. 92. Também está em uso *Iveta*, que o *Ementário* igualmente regista; tal forma deve provir ainda do francês.

(3) A. Cortesão no seu *Onomástico Medieval* cita, como nome geográfico, colhido nos *Diplomata* da Colecção *Portugaliae Monumenta Historica*, um *Sancto Iagobo de Travazoos (Travaçós)*; ignoro se tal denominação ainda existe, pois não consta do *Diccionario Chorographico* de J. M. Baptista.

(sôbre a queda do *-b* cf. o arc. *so* de *sub*). Outra forma, representante ainda do mesmo nome, é *Tiago*, mas esta deve ser relativamente moderna e ter resultado de falsa interpretação de *Santiago* (1), em que se viu não *Sant-Iago*, como se escreve no citado *Martyrologio Romano* de 1682, mas *San Tiago* (2). São igualmente representantes populares de *Jacob* ou *Jacobus*, mas não evolucionados em território português, os nomes *Jaime* (3) *Iácome* e *Iaques*. Como representante feminino de todos êles, dou fé apenas de *Jacoba* (4). Do que fica dito depreende-se que no Calendário figure apenas a primeira das formas citadas.

Jácome, veja-se **Jacob**.

Jairo, nome hebraico que quer dizer «o iluminado»; embora conste da Bíblia, creio ser o seu uso muito raro.

Jafet (Japhet), nome da mesma origem, cuja significação é «o muito divulgado»; conste da Bíblia.

Jaime, veja-se **Jacob**.

Januário, nome de um dos meses do ano, o consagrado ao velho deus romano *Jano*, ao qual em língua popular corresponde *Janeiro*, que hoje só se usa como apelido, embora apareça como próprio já em um documento do século X; no Calendário naturalmente só ocorre a forma literária e a mais a feminina *Januária*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* diz existir em textos antigos sob a popular respectiva.

Janeiro, Janeira, veja-se **Januário**.

Jaques, veja-se **Jacob**.

Jenny, forma inglesa de *Joana*, que o *Ementário* cita a-par-de *Jenny*.

Jeremias, nome hebraico cuja significação em português é: «aquêle a quem o Senhor levantou»; além do conhecido profeta bíblico, foram assim chamados também vários

---

(1) No *Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castelo de Lisboa* (1536-1628) ocorre já esta forma como nome de baptismo.

(2) Outros casos de deglutinação como êste dá Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, 75, 76.

(3) Também *Jaimes* e *James* em antigos escritos.

(4) Na *Crónica da Ordem dos Frades Menores* figuram duas mulheres italianas assim chamadas.

santos do Calendário; em documento datado de 1041 lá aparece *Geremias*, como nome de homem; a-par-de *Jermias*, noutros de 1039 e 1074, que deve ser-lhe idêntico.

Jeroboão ([1]), nome de igual procedência, que significa *advogue êle a causa do povo* ou *o que procura o melhoramento do povo*; figura na Bíblia.

Jerónimo ou *nome sagrado*, em harmonia com a significação dos seus componentes gregos, -ονυμος de ὄνομα e ἱερο-; do masculino tirou-se o feminimo *Jerónima*, sendo, porém, aquêle de mais uso do que êste; todavia nem uma nem outra forma têm o cunho popular, existindo êste apenas em *Jerolmo* da linguagem plebea ([2]) (sôbre a queda da vogal postónica e troca do *-n-* por *-l-* cf. *alma* de *anima*).

Jesus, nome muito conhecido, que ùltimamente ([3]) entrou a fazer parte da antroponímia e representa transcrição grega (Ἰησοῦς) do hebraico *Jehua* ou *Joshua* ([4]), que quer dizer *Deus é [a minha] salvação* ou *auxílio*; dêle ou antes de *Jesu*, como antes se escrevia e talvez se dizia e ainda hoje se diz em próclise *(Jesu Cristo)*, se tiraram modernamente, segundo se me afigura, *Jesuino* e seu feminino *Jesuina* ([5]); outra forma do primitivo dêstes dois nomes é *Josué*, que figura na Bíblia e no Calendário.

Joab, nome hebraico que quer dizer *Deus é pai*; consta da Bíblia, mas, como outros, se se usa, é muito raramente.

João, **Joana**, representantes populares dos latinos *Iohannes*,

---

([1]) Segundo o *Ementário* antes *Joroboão*.

([2]) Afora esta, cita Leite de Vasconcellos, *Opusculos*, III, 110, *Gillórimo* ou *Gilórimo* e *Jirólymo*, formas constantes de documentos dos séculos XV e XVI.

([3]) No *Onomástico* não ocorre, de-certo porque ao tempo não estava em uso pelo respeito devido à divindade e receio de assim profaná-lo.

([4]) Também se costuma escrever *Josuah*, forma que é usada ainda pelos judeus. Tenho igualmente ouvido *Shua* ou à portuguesa *Chua*, nome que julgo idêntico àquêle, tendo perdido, talvez por próclise, a parte inicial ou *Jo*.

([5]) Cf. em galego *Jesusinho* e *Jesusinha*. Assim como diz *Jasus* (e por sua influência o topónimo árabe *Aljasus*, em vez de *Aljezur*), o povo também muda em *a* o *e* de *Jesuíno* e *Jesuína*, pelo menos no Algarve.

Iohanna, os quais por sua vez reproduzem os hebraicos respectivos, significam estes nomes *Iehovah (Ioh*, redução de *Ieho) é gracioso, benigno (hanan)* ou *mercê* (cf. *Ana*) *de Iehovah;* bastante queridos dos judeus, não o têm sido menos dos cristãos, em especial o masculino, como claramente mostra o seu emprêgo desde os mais antigos tempos na nossa língua e ainda nas de quási todos os povos da Europa. A predilecção de que êle tem gozado entre nós revela-se nas várias formas populares que reveste, pois, além da indicada e hoje a única em uso (a qual, embora concorra com ela (1), foi precedida por outra, *Joane*, proveniente do caso acusativo com a costumada perda da nasal que o caracterizava, cujo *e* final caíu em virtude da próclise (2), e onde a semivogal aparece com o som consonântico que na maioria dos casos tomou em tais circunstâncias nas línguas românicas), outra houve ainda em que se manteve a primitiva pronúncia daquela semi-vogal: foi *Oane*, que consta de antigos documentos, e deve ter resultado da queda ou absorção pelo *o* do *i* ou *e* (3) que o antecedia e não só se manifesta na transformação em *-nh-* do *-n* de *san* no nome geográfico *Sanhoane*, mas ainda continua a persistir em *Eanes*, em que, como em *Jan* (cf. *Janafonso* (4) em várias comédias de Gil Vicente),

---

(1) Efectivamente nos *Documentos das Chancelarias Reais relativos a Marrocos*, que são do século XV, encontra-se *Joam* ao lado de *Joane;* mas esta forma aparece sempre que se lhe segue outro nome, assim *João Afonso*, *João Eanes*, *João Fernandes*, etc., parecendo que aquela se usava de preferência ou antes exclusivamente, quando desacompanhada de outro nome. Note-se que a pronúncia anterior à actual deve ter sido com simples vogal nasal final. Só depois, como nos nomes comuns, é que ela se resolveu no ditongo nasal de hoje.

(2) Pelo mesmo motivo se diz *Fernão*, *Martim*, etc.; cf. também *frei*, *sor*, etc.

(3) Provàvelmente o *i* átono inicial soava *e*, mas para o efeito tanto valia êste como aquêle: cf. *cegonha*, *vinha*, etc., de *ciconia*, *vinea*, etc.

(4) Advirta-se que neste caso de ligação o *n* soava como tal; cf. *pam* (arc.), hoje *pão* e *panito*, etc. Ainda hoje o povo diz *Janito* por *Joanito* ou *Joãozinho*.

se deu redução de *-oa-* a *-a-*, e donde resultaram estoutras, *Enes* e *Anes*, que com aquela ainda persistem como apelido, tendo-se perdido a ideia de patronímicos que dantes lhes andava ligada ([1]).

Joaquim, nome hebraico, resultante, por contracção, de *Iehojachin*, e cuja significação é *Iehová levanta os humildes* ou *fracos*. Muito vulgar, por ter sido o do pai da Virgem Santíssima, dá-nos testemunho da sua existência na antiga língua o patronímico *Iohachiniz* de um documento datado de 1092; ao contrário o feminino *Joaquina*, que dêle se tirou e não tem representação no Calendário, afigura-se-me de criação moderna.

Joás, nome de igual procedência, que no sentido é sinónimo do latino *Inácio* ([2]) e consta da Bíblia.

Job, nome hebraico que quer dizer: *o molestado, o atribulado;* como é sabido, assim se chamou o personagem bíblico, protótipo da paciência, que o Calendário católico inseriu também entre os santos.

Joel, como se chamou um dos profetas bíblicos, é nome hebraico que quer dizer *para quem Jehovah é Deus*, expressão afirmativa que só poderia ser proferida por quem reconhecesse a sua divindade, isto é, por um *adorador de Jehovah;* outra interpretação *o senhor é bom.*

Jonas, nome que, significando literalmente *pombo* ou *pomba (ionah)*, poderemos traduzir por *meigo*, *manso*, em harmonia com as qualidades desta ave; usaram-no o conhecido profeta bíblico assim chamado e vários santos do Calendário Romano. Sôbre igualdade de sentido cf. *Colombo.* Outra interpretação dá a *Jonas* o mesmo sentido de *João*, isto é, *presente de Deus;* há ainda quem o traduza por *servo de Deus.*

Jónatas, nome que em hebraico significa o *dado (nathan) por Io* ou *Ieho* ([3]), uma das designações da divindade naquela língua; outra forma dêste nome é *Jonatam (Jonatham).*

([1]) A-par-de *Joana* usa-se por vezes a forma hipocorística inglesa *Jenny* ou *Janny.*

([2]) Assim interpreta o livrinho *Unsere Taufnamen*, etc., mas o *Dic. lat. portug.* de Saraiva traduz por *a quem Jehovah conjugou.*

([3]) Cf. *João.*

Jorge, nome grego que quer dizer *o que trabalha* (-ωργιος de ἔργον) ou *cultiva a terra* (γε-), isto é, *o agricultor*. Nos nossos antigos documentos apresenta-se sob as formas *Georgio* ou *Geórgeo*, *Júrgio*, *Jurge* (1) e *Jórgio*, as quais reproduzem mais ou menos fielmente a greco-latina *Georgius*; afigura-se-me, porém, que a verdadeiramente popular deve ter sido *Jurgo* (2), que ainda existe no apelido *Sanjurjo*, freqüente na Galiza, e no galego actual sôa *Xurxo*. Dela ou da citada *Jurgio* deve provir o patronímico *Jurgiz*, que se encontra num diploma datado de 1091; tôdas, porém, foram suplantadas pela primeira das referidas, que me parece importada de França, juntamente com *George*, que também se usa, embora muito menos. O seu feminino é *Georgia*, que por sua vez deu *Georgiana*; todavia mais vulgares do que estes são os deminutivos *Georgina* e *Georgete*, nomes estes que, à excepção de *Georgiana* e do último, se acham representados no Calendário.

Josafat (Josaphat), nome hebraico, que quer dizer *Jehovah julga* ou *juízo do Senhor*; figura na Bíblia e no Calendário.

José, nome hebraico, bastante vulgarizado, por ter sido o do espôso da Virgem, e cuja significação é *o Senhor acrescente* (3); nos nossos escritos mais antigos aparece sob a forma *Josep*, cujo *-p* está por *-ph*, que depois passou a usar-se de preferência na escrita, mas que na pronúncia caiu por fim. Outra forma do mesmo nome e, como êle, representada no Calendário, era *Josefo* (antes *Josepho*), de onde se tiraram o feminino *Josefa* e os deminutivos *Josefino* e *Josefina*; estes, porém, não figuram no Calendário, parecendo ser de criação moderna.

---

(1) Escrito *Gurge (moesteiro de Sangurge)* no testamento de D. Afonso II, feito em 1214.

(2) Daqui deve provir, de-certo por dissimilação consonântica, a forma *Jurdo*, que existe também na Galiza. Ao povo ouve-se *Jorze* (dissimilação: *j: g (-j) :: j: z*).

(3) Raquel, ao dar à luz o seu filho José, no auge da alegria por ver assim terminada a sua esterilidade, exclamou, segundo a Bíblia (Génesis, XXX, 24): *Acrescente-me o Senhor com outro filho.*

Josias, nome hebraico, cuja tradução em português é *o sagrado por Deus* (1), figura na Bíblia.

Jovino, nome que na mente dos Romanos queria provàvelmente significar *pôsto sob a protecção de Júpiter;* dêle procede *Joviniano*, tendo ainda origem no mesmo tema *Joviano* e talvez também *Jovito* (2), os quais todos, à excepção do penúltimo, têm feminino, figurando no Calendário todos no género masculino e o último em ambos; êste ocorre igualmente no masculino em documento do ano de 953 e o primeiro continua a viver no toponímico *Jubim*, antes *Jovim*.

Jucundo, adjectivo biforme que continua a manter a mesma significação que tinha entre os Romanos e que por estes era já dado a indivíduos de ambos os sexos; são seus derivados *Jucundino*, que também possue feminino, e *Jucundiano*, figurando todos em ambos os géneros no Calendário, à excepção do feminino do último.

Juda, nome hebraico, cuja significação é *o celebrado, o exaltado;* outra forma do mesmo é *Judas;* ambas constam da Bíblia.

Judith (3), nome hebraico cuja significação, segundo parece, é *louvada* (4); além de ter sido o de uma mulher da Bíblia, bastante conhecida, figura também no Calendário e hoje é de uso não raro.

Júlio, **Júlia**, nomes latinos que uns pretendem referir a *Júpiter* e outros com mais probabilidade relacionam com *juvenis*, isto é, *jovem* ou *môço* (5); dêles derivam *Juliano* ou *Julião*, *Juliana*, e ainda os deminutivos *Julita*

---

(1) Mas *fogo do Senhor* na interpretação de Fumagalli.

(2) O *Ementário Luso-Brasileiro* regista as duas formas *Jovito* e *Jovita;* porém o *Martyrologio Romano* só usa *Jovita*.

(3) Segundo o *Ementário Luso-Brasileiro* diz-se igualmente *Juditha*.

(4) Isto no caso de ser o feminino de *Judá*, como supõe a *New International Encyclopaedia;* interpretam-no também por *a confessora*, isto é, *a que confessa* ou *afirma (a sua fé)*, e ainda *Judia* (Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 74).

(5) Veja-se Walde, *Lat. Etym. Wörterbuch*, s. v. *Julius*. O livrinho *Unsere Taufnamen* traduz por *o, a que tem buço*.

e *Julieta*, nomes estes todos que, com excepção do último, eram já usados pelos Romanos e figuram no Calendário; os nossos documentos antigos acusam-nos também [1] e a mais *Julianiz*, patronímico de *Julião*, que parece ter sido de todos o que gozou de maior predilecção, pois foi o único que produziu formas populares, que foram *Juião*, *Gião* [2] e ainda *Ilham* [3], talvez a mais antiga.

Justo, Justa, adjectivos que, servindo talvez a princípio de apelidos individuais com a significação que ainda hoje conservam, passaram depois, e já entre os Romanos, à classe de nomes próprios de pessoas, êles e os seus derivados *Justino* e *Justiniano* em ambos os géneros, os quais se acham representados todos no Calendário, à excepção do feminino do último; nos antigos documentos apenas se encontram as duas primeiras formas mencionadas, o patronímico *Justiz* e o apelido *Justiça*.

Juvenal, nome latino, derivado de *juvenis*, e que portanto poderemos traduzir por *jovem*, *môço*. Procedem da mesma raiz *Juvenco*, *Juventino* e *Juvêncio*, donde *Juvenciano*, os quais fazem o feminino regularmente, à excepção do primeiro e último, que o não têm, e são também os únicos de todos os mencionados que não figuram no Calendário.

---

(1) No *Onomástico Medieval* não se encontram nem *Júlio* nem *Juliano*, mas deduzo a sua existência de *Juliz* e do patronímico citado acima, que lá se leem.

(2) No *Martyrologio Romano*, pág. 433, mostra-se que ainda então se conhecia a identidade entre *Julião* e *Gião*; hoje êste nome, como tantos outros, só vive, que eu saiba, como apelido entre nós; o galego, porém, ainda o usa, mas com perda da nasalidade, isto é, *Jiao* (cf. Diego, *Gram. Hist. gallega*, pág. 42).

(3) Encontra-se esta forma seis vezes, enquanto *Jullyam* uma só (pág. 154) no excerto da *Crónica Geral de Espanha* que publiquei no vol. XXII da *Rev. Lusit.*, (págs. 147, 155, 156, 160, 162, 163); e vive ela ainda no topónimo *Santulhão*, que, suponho, se diria a princípio **Santuilham*; depois *ui* passaria a *u*: cf. *fruto*, etc., de *fruito*.

L

Ladislau, nome de homem que ocorre no Calendário e é de procedência eslava; quanto à sua significação, vale o mesmo que *Valdemar* ou antes *Vladimir* (1), de que diverge apenas no segundo elemento, aliás de sentido idêntico: cf. *Boleslau*; a sua introdução entre nós deve ser de recente data.

Lamberto, nome germânico, que significa *brilho, glória* (cf. *Berto*) *do [seu] país (lamb-* de *land-)*; forma o feminino regularmente e persiste no deminutivo *Lambertino*, que se usa também no feminino, mas no Calendário só a primeira das formas mencionadas e no género masculino se acha representada. Sôbre sinonímia cf. *Rolando*.

Lançarote, nome que se vulgarizou entre nós nos séculos XV e XVI, tendo sido até o de um dos nossos navegadores, e representa aportuguesamento de *Lancelot*, um dos personagens dos romances da *Távola Redonda*; a significação parece-me ser *lança pequena* (2).

Landerico, nome germânico de sentido idêntico a *Landoaldo*, de que difere no segundo componente, *-rico*, sinónimo

---

(1) A forma completa é *Wladislau* e os elementos que a compõem são: *vlad* «dominação» e *slawa* «fama».

(2) Se a minha hipótese é certa, temos aqui o sufixo deminutivo francês *-ot* junto a *lancel*, que seria o representante de *lanceola* (cf. o portug. arc. *lançó*); com respeito ao género masculino, a-pesar do feminino do primitivo, cf. *ilot* de *île*. A troca em português do *-l-* por *-r-* deve ter resultado de dissimilação; esta última letra influiu por seu lado sôbre a vogal *-e-*, fazendo-a passar a *-a-*; todavia na *Historia dos Cavaleiros da Mesa Redonda e Demanda do Santo Graal* aparece já a forma *Lançalot* ao lado de *Lançolot*. Outra etimologia proposta é *l'angelot* ou o *anginho*; nêsse caso ter-se-ia dado a troca do *g (j)* em *c*, troca de que não acho exemplos no francês, mas poderá existir nalgum dos seus vários dialectos. Note-se que nos registos baptismais de Lagos (Algarve), relativos à época do célebre navegador, segundo informação que em tempo me deu o páraco da freguesia de S. Sebastião, ocorre êste nome com relativa freqüência.

do mesmo dêste; tem feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Lando, nome de igual procedência, que representa forma hipocorística dos nomes começados por *Land-*; no mesmo caso está *Landolino*, que julgo ser o mesmo que *Landelino* citado pelo *Ementário*, e que, segundo êle, figura no Calendário.

Landoaldo, nome germânico que quer dizer *poderoso* (cf. *Arnaldo*, etc.) ou *dominador no país* (cf. *Lamberto*, etc.); tem feminino regular, mas só o masculino figura no Calendário.

Landolfo ou **Landulfo**, nome germânico de introdução moderna (1), cujo significado é *lôbo* (cf. *Adolfo*, etc.) *do país*; tem feminino regular.

Laudelino (2), nome que se me afigura derivado de um suposto * *Laudélio* (ou *Laudel*) (3), criado à semelhança de outros de idêntica terminação, como *Adélio*, *Fidélio*, etc.; sendo assim, a sua raíz será o latim *laus*, pelo que poderá traduzir-se por *o que louva* ou *o que merece louvor*.

Lauro, nome que os Romanos davam à árvore que hoje com um derivado dêle chamamos *loureiro*, e de cujas fôlhas faziam palmas e coroas para os vencedores nos jogos e lutas poéticas, sendo por isso considerada como símbolo da vitória; embora se use o masculino, é mais vulgar o feminino *Laura*, que ficou célebre sobretudo depois que Petrarca cantou em seus versos uma mulher assim chamada; dêle procedem *Laurino*, *Laurindo* (4) *Laureano*, *Laurentino* e *Lourenço* com os femininos respectivos, existindo do último, a-par da forma popular *Lourença*, a literária *Laurência* e figurando todos no Calendário, com excepção de *Laurino*, *Laurina*, *Laurindo*, *Laurinda* e

---

(1) À forma feminina *Landulpha* apõe o *Ementário* a nota de antiga; não a encontro porém no *Onomástico Medieval*.

(2) Chama-se assim um conhecido escritor brasileiro.

(3) Há na língua comum *laudel* (ou *loudel*), representante, segundo parece, do francês *lodier* ou *londier*, de origem desconhecida (assim no *Dic. gén. de la langue française* de Darmesteter) o qual me parece nada ter com êste nome.

(4) No *Onomástico Medieval* cita-se *Lourina* como nome

Laureana; antigos na língua, como aliás se evidencia pelas alterações por êles sofridas, são apenas *Lourenço* e *Lourença* ([1]).

Lavínio, nome latino designativo do indivíduo natural da antiga cidade de *Lavinium* ([2]), forma o feminino regularmente.

Lazaro, veja-se **Eleazar.**

Lea, nome de mulher de procedência hebraica ([3]) que quer dizer *a cansada;* figura no Calendário.

Leandro, nome grego, recebido certamente através do latim, que uns interpretam por *homem do povo,* outros por *homem-leão* ([4]); tem feminino regular, mas só o masculino se acha representado no Calendário, e não é desconhecido dos antigos documentos, porquanto num de 1258 lè-se como topónimo *Leandri,* sem dúvida o seu genetivo, representado hoje por *Leandre,* e noutro do século XI *Liandriz,* que tem aspecto de patronímico.

---

de homem; é possível todavia que o copista por lapso tivesse escrito *-a* em vez de *-o.*

([1]) Em um documento do ano de 1258 ocorre, em forma alatinada, o apelido *Laurentiz,* que se me afigura ser o patronímico de *Lourenço* (em latim *Laurentius*), devendo notar-se que são igualmente alatinadas as grafias *Laurenço, Laurenzo, Laurenza* e *Laurenzia,* que se encontram em alguns diplomas antigos ao lado da actual, que representava a verdadeira pronúncia popular, já então igual à de hoje. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia,* pág. 44, tem *Lourenço* por derivado de *Laurentum,* cidade do Lácio, designando dêste modo o respectivo habitante; assim interpreta também o *Dic. lat. portug.* de Saraiva, mas Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen* traduzem por *adornado* ou *coroado de fôlhas de louro.*

([2]) O livrinho *Unsere Taufnamen,* etc., relaciona-o com o verbo *lavare* e assim interpreta-o por *o lavado;* igualmente Tetzner.

([3]) Em latim existe o vocábulo *lea* por *leaena,* isto é, *leôa;* a explicação acima é dada pelo livrinho *Unsere Taufnamen,* etc. Tetzner, que lhe dá igual origem, tradu-lo contudo por *a activa;* Fumagalli tem-no por latino.

([4]) Cf. respectivamente Leite de Vasconcellos, *Antroponímia,* pág. 64, Tetzner e o livrinho *Unsere Taufnamen,* etc.,

Leão ou **Lião**, nome de animal que passou a ser aplicado também a homens, a princípio de-certo só ao que se parecia com aquêle, na fôrça provàvelmente; figura no Calendário e, como se sabe, tem sido tomado por vários papas, ao subirem ao pontificado; é seu deminutivo *Leonel* (1), que ocorre já na antroponímia do século XV, e cujo feminino julgo ser *Leonila* ou *Leonilia*, e derivados *Leoncio* e *Leontino*, os quais têm feminino regular; no Calendário, porém, só figuram *Leonila* e *Leoncio* com seu feminino.

Lena, forma hipocorística de *Helena*.

Leobaldo, divergente de *Leopoldo*; outra forma do mesmo, resultante de dissimilação consonântica *(l... l = l... r)* é *Leobardo*, que se acha representada no Calendário.

Leoberto, nome germânico que significa *brilhante* ou *afamado no povo* (cf. *Leopoldo*).

Leobino, nome de idêntica proveniência, a meu ver, que significa *amigo* (*-ino* de *win:* cf. *Goduíno*, etc.) *do povo* (cf. *Leovegildo*); forma o feminino regularmente, mas só no feminino se acha representado no Calendário.

Leobrando, nome germânico também, que quer dizer *espada* (cf. *Hildebrando*) isto é, combatente *do povo* (cf. os antecedentes), sendo, portanto, talvez sinónimo de *Teobaldo*.

Leocádio, adjectivo biforme, de origem grega, que parece querer significar *natural* ou *habitante de Leucadia* ou *Leucas* (uma antiga ilha grega); conquanto os dois géneros sejam usados, o mais vulgar é o feminino, que não só figura no Calendário mas também em antigos documentos onde aparece com as formas seguintes: *Leoccadia*, *Leocaia* e *Locaia*; na boca do povo sôa hoje *Locaida* (2).

Leócrito, nome grego cuja tradução em português é *separado* ou *escolhido* (-κριτος) *de entre o povo* (λεω-).

---

s. v. *Leander*. Fumagalli vê no primeiro elemento o adj. λεῖος e traduz assim: *o homem doce, calmo.*

(1) Segundo Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, págs. 64-5, o deminutivo ter-se-ia formado já a dentro do italiano e o nome veio-nos por via do antigo francês *Lionel*, que ocorre nas *Chansons de geste.*

(2) Poderá talvez interpretar-se também por *branco*, significação que tem o substantivo λευκάς, -άδος.

Leodegário, nome germânico que se compõe de dois elementos, *leode-*, que está por *liuti* do velho alto alemão (hoje *leute*) e significa *povo*, e *-gário*, latinização de *gar* por *ger* ou *lança*, podendo, pois, traduzir-se por ou *o que combate*, isto é, *o que resiste ao povo*, sendo assim sinónimo de *Teobaldo*, ou, o que parece menos provável, *o que pugna em favor do povo;* figura no Calendário, mas o seu uso entre nós creio ser extremamente raro. Forma divergente do mesmo nome deve ser *Luidgardo*, citado no *Ementário*.

Leodegundia, como se chamou uma filho de Ordonho II, rei da Galiza ([1]), depois mulher de um rei de Pamplona e cujas núpcias foram celebradas em verso por um desconhecido poeta do tempo, é nome germânico que, dos elementos de que se compõe, quer dizer: *a que combate* (cf. *Aldegundes*, etc.) *o* ou *pelo povo*, sendo assim sinónimo de *Leodegário*. Além desta, outras formas tem êle no *Onomástico Medieval*, tais são: *Ledecundia*, *Ledegundia*, *Ledegunda*, *Leodecundia*, *Leodegundia*, *Leegandia*, *Leegundia*, *Leegunda*, *Leogundia*, *Leogunda*, *Leoguida*, *Leonguida*. Ali se registam mais estas *Lledegundia*, *Lleodegundia*, que, pelo tratamento do *l* inicial, têm aspecto de castelhanas. É muito possível que algumas sejam devidas a deturpação ou grafia errada, pois a mãi do conhecido Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, aparece nos *Nobiliários* com os nomes de *Leegunda*, *Leogunda*, *Leonguida* e *Leoguida;* cf. P. M. H. S. páginas respectivamente 271, 181, 277 e 153 ([2]). O *Ementário* dá como ainda subsistentes as duas últimas formas, classificando de antiga a 1.ª delas e dizendo ter encontrado a 2.ª em cartórios da comarca do Pôrto.

([1]) Antes de suceder a seu pai Afonso III em 910 como rei de Lião, fôra rei da Galiza autónoma e depois do reino vindo de Lião e Galiza: cf. Oviedo y Aru, *Boletim da R. Academia Gallega*, 117, pág. 254. O mesmo traduz aí o *Epitalâmio* em latim de que acima se fala.

([2]) Dizem assim os respectivos textos. A pág. 153: «D. Mem Gonçalves foi casado com D. Leoguida Soares que chamarom a Tainha, filha de D. Soer Guedas da Varzea e fez em ella Suer Mendes, o bom, e Gonçalo Mendes»; a pág. 181: «D. Mem Gonçalves foi casado com D. Leogunda Soares, que chamavão

Leodulfo ou **Leodolfo**, sinónimo de *Teodulfo*.

Leofredo, nome de procedência germânica que quer dizer: *o que traz a paz* (cf. *Frederico*, etc.) *ao povo* (cf. *Leodegario*, etc.), tem feminino regular, mas do Calendário só consta o masculino. Outras formas do mesmo são *Leofrido* e *Leutfrido*, esta mais próxima da primitiva, que devia ser *Leodefrido*, a que corresponde o actual alemão *Leodefrid* também contraído em *Ludfrid* e *Lutfrid*. Meyer-Lübke tem por divergente do mesmo *Logefredo* ([1]), que ocorre em antigos documentos e vive ainda nos topónimos *Lufrei* (*Logefrei* em 1091, *Loifrei* ou *Luifrei* em 1220) e *Lufreu*.

Leomiro, nome germânico que quer dizer: *afamado (-miro) no povo (leo* de *leode)*; ocorre num documento do ano de 943 e vive ainda no toponímico *Leomil*; segundo o *Ementário Luso-Brasileiro*, existe também o feminino *Leomira*. A forma completa dêste nome deve ter sido **Leodemiro*, donde provém talvez *Ludomiro*, que o citado *Ementário* regista. O mesmo menciona, como figurando no Calendário, *Laudemaro*, que se me afigura estar por *Leodemaro*, que com o respectivo patronímico *Leodemariz* consta do *Onomástico Medieval*; sendo assim, terá sentido idêntico

---

por sobrenome a Tainha, filha de D. Soeiro Godins, o que pege a Varzea e ouveram dous filhos e tres filhas; hum filho ouve nome D. Gonçalo Mendes...»; a pág. 271: «de D. Soeiro Meendez o boo da Maia, irmããо de Dom Gonçallo Meendez, o Lidador, filhos de dom Meem Gonçalvez da Maia e de Dona Leegunda Soarez Teinha»; a pág. 277: «Este dom Meem Gonçalvez da Maia foi casado com dona Leonguida Soarez, que chamarom um sobrenome a Tainha e foi filha de dom Soeiro Geendez da Varzea e fez em ela dom Soeiro Meendez, o boo da Maia, e Gonçalo Meendez, o lidador». Qual de estas quatro formas será a verdadeira? Afigura-se-me que *Leogunda*. Leite de Vasconcellos, a quem parece ter escapado a identidade da pessoa, ao passo que diz da última provir de *Leodegunda*, julga *Leoguida* nome diferente, por ventura um composto de *Leo* mais *guida*, que relaciona com *Guido*: cf. *Antroponímia*, págs. 50 e 52.

([1]) O *g*—diz êle—não faz ao caso, pois a sua pronúncia era a mesma do *d* intervocálico.

a *Leomir*, de que diverge só no segundo elemento, aliás de significação idêntica.

Leonardo, nome germânico que quer dizer: *forte (-ardo* de *hart) leão (leo-)*, faz o feminino regularmente, mas só o masculino está representado no Calendário e ocorre em antigos documentos ([1]).

Leonildo, nome germânico no qual entram os conhecidos elementos *leon* (cf. *Leonardo*) e *-ildo* (cf. *Ilda*) e que poderemos traduzir por *leão combatente* ou *o que peleja como um leão;* forma o feminino regularmente, isto é, *Leonilda*, mas a forma mais usada é *Leonilde*. A sua introdução entre nós deve ser moderna.

Leonor, nome árabe, cuja forma primária é *Ellinor*, que quer dizer *o Senhor é a minha luz;* figura no Calendário juntamente com o masculino *Leonoro*, que me parece ter sido e ser ainda de uso muito restrito, se não raro; nos séculos XV e XVI, a-par-de *Leonor*, dizia-se também *Leanor* ou *Lianor*, pronúncia que perdura ainda no povo; outras formas, tais como *Eleonor* e *Alionor*, são atestadas pelos documentos ([2]).

Leopoldo, nome germânico, que significa *combatente (-poldo* de *balt) do povo* ([3]) *(leo-* por *liut* hoje *leute);* figura no Calendário e, além do feminino *Leopolda*, vive nos deminutivos *Leopoldino*, *Leopoldina*, mas o seu uso entre nós deve ser moderno e de importação estranha; outra forma do mesmo é *Luitpold*.

([1]) O nome *Leo* – diz Kleinpaul, a pág. 56 dos seus *Deutsche Personennamen* —, a velha forma da palavra *Löwe*, é estrangeiro em território alemão e veio-nos pela primeira vez de Roma e Constantinopla, onde os papas e imperadores orientais o usavam.

([2]) Assim interpreta Kleinpaul (*Dic. deutschen Personennamen*, pág. 67), porém o livrinho *Unsere Taufnamen* parece relacioná-lo com o grego ἐλεεινός, porquanto traduz por *a misericordiosa* ou *compassiva;* Tetzner dá-lhe interpretação idêntica.

([3]) Assim interpreta A. Bass; a meu ver *do povo* tanto pode designar origem, como, o que me parece preferível, ser objectivo de *combatente*, vindo a entender-se no sentido de *o que se não curva perante o povo, antes lhe resiste* e sendo por-

Leovegildo, como se chamou um dos reis visigodos, é nome germânico que quer dizer *o que vale* ou *é digno* (cf. *Ermenegildo*) *de amor (leovi-* de *leuba*, no alemão de hoje *liebe)*; figura no Calendário e nos nossos antigos documentos com o respectivo patronímico *Leovegildiz*; segundo informa o *Ementário Luso-Brasileiro* existe também o feminino *Leovegilda*.

Leoveredo (1), nome de homem de procedência germânica, usado outrora entre nós, como consta de antigos documentos, e cuja tradução em português é: *o que aconselha* (cf. *Alfredo*, etc.), *o amor (leove-* por *leuba-*, hoje *liebe)* ou *conselheiro amável*; vive ainda, segundo parece, no topónimo *Lubreu*, precedido de-certo pela forma *Lubrei* (2).

Leticia (3), nome moderno de mulher que representa o substantivo latino *laetitia*, existente na língua arcaica sob a forma *lediça*, hoje substituído pelo seu divergente *ledice*. Sôbre identidade de sentido cf. *Alegria*. O primitivo de *Letícia*, isto é, o adjectivo *laetus*, na forma *Lêdo* e seu feminino *Lêda*, figuram igualmente entre os nomes de pessoas.

Levi, nome hebraico de significação incerta, mas que o *Génesis* traduz por *ajuntado* (4), isto é, *marido de viúva*; em antigos documentos encontra-se *Levitico* ou *Levidigus*, que tem tôda a aparência de seu derivado, e o respectivo patronímico *Levitiz* ou *Levidiz*. Ainda do mesmo se tirou

---

tanto sinónimo de *Teobaldo*; todavia Kleinpaul traduz por *benevolo, afavel, popular* o segundo componente, mas Fkhull interpreta-o por *audaz, forte, altivo*, observando que entre os Godos houve a nobre raça dos Balten, que depois dos Amalungen ocupou a dignidade real (cf. *Deutsches Namenbuchlein*, pág. 28); outras formas do mesmo nome são em alemão: *Luilbald, Leodebald*, tôdas representadas no Calendário.

(1) Esta é a forma mais antiga (960), posteriores são *Loveredo* (1070) e *Lovereo* (1100).

(2) Cf. Pedro de Azevedo, na *Rev. Lusit.*, vol. XII, pág. 325.

(3) No *Ementário* erradamente *Lecticia*; aí regista-se também *Letizia*, que é forma italiana.

(4) Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 418, explica

Levino, constante do Calendário, e por ventura ainda *Levindo*, registado no *Ementário*.

Lia, nome hebraico que foi o de uma das filhas de Laban, primeira mulher de Jacob, e significa, segundo uns, *a de olhos fracos* (1) (isto é, *ternos* ou *tristes*) segundo outros *bonita*, sendo, porém, aquela tradução preferível a esta; o seu uso, que se me afigura moderno, não obstante a antiguidade do nome, é bastante restrito.

Libânio, nome de origem grega, derivado de *Líbano*, montanha da Síria, ou de λίβανος, «árvore que dá incenso», «incenso»; já entre os Romanos *Libanus* figura como nome de escravo (2). O respectivo feminino *Libânia* figura no Calendário.

Liberato, adjectivo particípio latino que passou à classe dos nomes próprios e em ambos os géneros figura no Calendário; têm ainda idêntica ou quási idêntica significação, pois todos derivam de *liber* ou *livre*, estes nomes: *Liberto*, *Libertino* (3), *Liberal*, *Libério* e *Liberiano*, dos quais os dois últimos possuem feminino regular (4), estando o primeiro dêles representado também no citado repositório religioso, mas só no masculino.

Libório, nome de origem e significação incerta (5); forma o feminino regularmente, porém só o masculino se acha representado no Calendário.

---

assim: «na sua origem *adhaesio, scilicet, sertum, corona:* nome próprio de um filho de Jacob e nome patronímico por «Levita» ou da tribu da Levi. Vid. Gesenius, *Lexikon*, pág. 480». O livrinho *Unsere Taufnamen*, etc., traduz por *afeiçoado, fiel*, assim igualmente Tetzner.

(1) ἀσθενεῖς diz o texto grego, o que a Vulgata verteu por *lippis* (*erat oculis Lia*, Génesis, XXIX, 17). Outra forma do nome é *Lea;* Fumagalli traduz por *Cansada*.

(2) Cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, págs. 76-7 e *Dic. lat. portug.* de Saraiva. Êste dá a *Libanus* origem hebraica, com o sentido de «altura».

(3) Não consta èste nome do *Ementário*, encontrei-o, porém, no jornal *O Século*.

(4) Não figura igualmente aí o feminino *Liberta;* sei contudo da sua existência.

(5) Segundo Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág.

Lídio, pròpriamente adjectivo biforme, de origem grega, que denomina o indivíduo *natural da Lídia*, antiga região da Ásia Menor; já na antiguidade o feminino era mais vulgar que o masculino e é o único que figura no Calendário; dêle deriva provàvelmente *Lidina*, que o *Ementário Luso-Brasileiro* inclue entre os nomes de mulheres.

Lília (1), nome de mulher que presumo ser o plural do substantivo *lilium* ou *lírio*, tomado como singular e do género feminino, em virtude da sua vogal final, à semelhança de muitos outros da língua vulgar (cf. *lenha*, *bôda*, *fôlha*, *amora*, etc.); tem a aparência de seu derivado *Liliosa*, que figura no Calendário; no *Onomástico Medieval* encontram-se, como apelidos de homens, *Liliazi* e *Liliz*, que é possível se relacionem com êste nome. Sôbre significação idêntica veja-se *Susana*.

Linda, nome de mulher de procedência germânica, que quer dizer: *meiga*; também poderá representar o hipocorístico de nomes assim terminados, como *Deolinda*, etc.

Lindeberto (2), nome germânico que quer dizer: *ilustre protector*, segundo os dois elementos de que consta: cf. *Ermelinda* e *Berto*.

Lindolfo, nome germânico que significa *lôbo (-olfo* de *wolf) protector (lind-* por *lint-)* e se usa também no feminino, que dêle se tira regularmente, isto é, *Lindolfa*. Outra forma do mesmo, resultante de dissimilação consonântica *(l... l=l... r)*, é *Lindolfo*, que vem citada no *Ementário Luso-Brasileiro*.

Lino, nome bem conhecido na mitologia grega e usado em Roma, mas de origem e significação muito discutidas; forma o feminino regularmente (3), porém só o masculino se encontra no Calendário. Em um documento do

---

344, ou de *Livonius* com troca de sufixo, ou de *Libora*, cidade ibérica (Zambaldi).

(1) No *Diário de Notícias* de 17-7-1919, na notícia *Conservatório de Lisboa* vem citada uma aluna do mesmo, chamada *Lília Lopes*.

(2) Não consta do *Ementário*, mas encontrei-o em *O Século*.

(3) O livrinho *Unsere Taufnamen* tem *Lina* por forma hipocorística de *Carolina*.

século XIII (1240) figura um *Linus* como apelido: cf. Cortesão, *Onomástico Medieval Português*, Aditamento.

Lísias, nome grego que se interpreta como *o que solta ou separa* (1) (de λυσ- de λύω); a mesma raíz *lis-*, seguida de *-andro* e *-maco*, que representam ἀνδρο- e -μαχος, isto é, respectivamente *os homens, o combate*, forma os nomes *Lisandro* e *Lisímaco*.

Litgarda, nome de mulher de proveniência germânica, que quer dizer: *protectora* (cf. *Ermengarda*) *do povo* (*lit-* de *liut*, hoje *leute* em alemão); outra forma do mesmo e constante do Calendário é *Lutgarda*.

Lívio, nome latino que se me afigura divergente de *lívido*, adjectivo que a nossa língua mantém com a primitiva significação *de côr de chumbo*; forma regularmente o feminino, o único género representado no Calendário.

Lohengrim, nome germânico, vulgarizado ùltimamente pela ópera de Ricardo Wagner assim chamada (2), que quer dizer: *brilhante (lohen-) protector* (cf. *Grimoaldo*).

Longino, nome que, no género masculino, consta já da antroponímia romana e deve, na sua origem, ter sido uma alcunha, designando o *indivíduo de estatura elevada* (3); tem feminino regular, mas só o masculino figura no Calendário, como próprio de vários santos. Entre estes figura o centurião que abriu o lado de Cristo; o *Martyrologio*, porém, que o inclue entre os demais, adverte que vulgarmente êsse tal, cuja comemoração se faz em 15 de Março, se chama *Longuinhos* (4).

---

(1) No último dos nomes citados acima o verbo *soltar* deve, a meu ver, tomar-se no sentido figurado de *terminar*.

(2) Título idêntico tem um poema alemão do século XIII, que se atribue a Wolpan d'Eschenbach e se ocupa de um dos episódios do ciclo do Santo-Graal.

(3) Em tal sentido diz Cícero: *pede longior quam quisque longissimus*, que o *Dic. lat. portug.* de Saraiva traduz por *um pé acima do mais alto homem*. No Algarve, pelo menos, há uma aldeia chamada *Martinlongo*, que de-certo tomou o nome de algum *Martinho longo* ou *alto*.

(4) Keller (cf. *Volksetymologie*, pág. 27) vê aqui um produto da etimologia popular, relacionando o nome *Longinus* com o da lança em grego, que é λόγχη e se pronúncia *lonque*.

Lopo ([1]) ou **Lôbo**, nome de origem e significação obscuras, pois não devem representar o latim *lupus*, embora por vezes designações de animais se apliquem a pessoas, sobretudo como apelidos; forma o feminino regularmente e no masculino figura no Calendário. O seu patronímico encontra-se já em documento do século XI sob a forma *Lopiz* (hoje *Lopes*).

Lucrécio, nome de família ou gentilício romano, cuja significação parece ser: *o que ama o lucro*, ou *casto, puro* ([2]); forma o feminino regularmente, e só êste se encontra no Calendário; o seu uso é já antigo entre nós, neste último género, mas transformado regularmente na *Logriça* (também *Logricia*, no *Onomástico Medieval* de Cortesão, séculos XI, XIII e XV); na Galiza existe o apelido *Logriz*, como mostra o nome do distinto poeta Manuel Lugrís Freire.

Ludgero, nome germânico que significa *lança* (cf. *Gertrudes*) *afamada* (cf. *Clodoven*) ou *célebre guerreiro;* forma o feminino regularmente, isto é, *Ludgera*, mas só o masculino se acha representado no Calendário.

Ludémila, nome de mulher de procedência eslava, que quer dizer: *amor ao povo* ou *a que ama o povo;* figura no Calendário, mas o seu uso entre nós deve ser muito raro ([3]).

Ludolfo ([4]), nome germânico de significação idêntica a *Rodolfo*, do qual difere apenas no primeiro elemento *lud-* (cf. *Clotilde*, etc.), que aliás tem o mesmo sentido; como êle também, a-pesar-de representado no Calendário, é de uso moderno entre nós.

Ludomiro, nome de idêntica procedência que quer dizer: *afamado*, ideia contida em cada um dos seus dois elementos; cf. *Clotilde* e *Valdemar*.

Ludovico, veja-se **Clodoveu**.

([1]) Em um diploma do século XII há a grafia *Loppus*, mas *Lopus* noutro do imediato.

([2]) Assim o citado livrinho da *Miniatur-Bibliothek*, que o explica por *Die Gewinnende, nebenbdtg: Die Reine, keusche*.

([3]) No *Século* de 4-12-1931, secção necrológica, fala-se de uma *D. Ludomila*.

([4]) No *Ementário* também *Ludulpho* e *Lodolpho*.

Ludovino, nome da mesma origem, que significa *amigo do povo* (cf. *Deolindo* e *Goduino*) e forma regularmente o feminino. Embora de mais freqüente uso o feminino, que o povo transforma em *Delovina*, figuram ambos os géneros no Calendário; afigura-se-me, porém, moderna a sua introdução entre nós.

Lufredo, nome de idêntica procedência, cuja significação é: *afamado* (lu por *lut-*: cf. os antecedentes) *em paz* (cf. *Frederico*) ou, como se me afigura, *pelos seus sentimentos pacíficos;* são sem dúvida seus representantes os toponímicos *Lufrei* e *Lufreu*, êste, a meu ver, proveniente daquêle, que nos antigos documentos tem as formas *Luifrei* e *Loifrei*, as quais fazem supor um * *Ludefredo.*

Luís, veja-se **Clodoveu.**

Luitprand, como se chamou um rei dos Lombardos, é nome germânico que quer dizer: *chama* ou *espada do povo.*

Luivindo, nome de igual proveniência, que está por *Luitvino* ou *amigo* (cf. *Osuino*) *do povo* (cf. *Leopoldo*).

Lutero (Luthero), nome germânico que se interpreta por *herói (-hero* de *her) do povo* (cf. *Leodegario*) ou *famoso*, se no primeiro componente o *lut-* está por *hlot*, que existe em *Lotario (Lothario);* é de introdução moderna.

Luz (1), nome comum, representante de *luce-*, o acusativo de *lux*, com que os Romanos designavam também o *dia* em estilo poetico sobretudo; quando, consoante o seu género, aplicado a mulheres, uso que ascende já à Idade Média, serviu sem dúvida, na sua origem, de indicar que aquela a que era dado tinha *nascido de dia;* em igual sentido se tomou a princípio o seu derivado *Lúcio*, que, por sua vez, deu origem a estoutros, como êle, na sua maioria já usados pelos Romanos: *Luciano, Lucídio, Lucíolo, Lucilo, Lucílio, Lucino, Lucínio* e derivados *Luciliano* e *Luciniano*, os quais, à excepção dos dois últimos têm femi-

---

(1) Nos *Contos del Trovador* a primeira lenda de que trata o seu autor, o poeta espanhol D. José Zorilla, tem por título *La princesa Doña Luz.* Embora não figure no Calendário, o nome *Luz* é dado à Virgem em comemoração do seu nascimento, e como tal serve por vezes de orago a freguesias; e, precedido em geral de *Maria*, a que se liga pela preposição *de* e artigo feminino, é usado por muitas mulheres.

nino regular. Da mesma raiz procedem ainda *Lucilda* e *Lucindo* (1), mais usado no feminino; êste último afigura-se-me uma variante de *Lucino*, criada à imitação de outros (cf. *Laurina* e *Laurinda*, etc.) (2). Afora estes, há também o composto do primeiro, *Luciabela*. No Calendário figuram: *Lúcio*, *Lúcia* (3), *Luciano*, *Lucídio*, *Lucila*, *Luciliano*, *Lucina*, *Lucínio* e *Lucíolo*. São literárias tôdas estas formas e delas encontram-se nos antigos documentos apenas *Lucídio* e *Lúcido* com o seu patronímico *Lucidiz*, que hoje deve estar representado pelo apelido *Luzes*; há, porém, uma de carácter popular e já bastante antiga entre nós, é *Luzia* (4), que se me afigura provir de *Lucina*. Pertence também ao número dos derivados de *luz* o nome *Lúcifer*, pelo qual é conhecido o chefe dos demónios, que nesta forma e na de *Lucifel* o *Onomástico Medieval* cita como apelido; dêle evolucionou *Lusbel* com que se costuma designar ainda o mesmo personagem. Da mesma raiz provêm talvez *Lucas* e *Lucano*, ambos representados no Calendário (5). A nossa toponímia apresenta igualmente o primitivo de todos estes nomes, isto é, *luz* nos dois números e a mais *Luzim*, que poderá explicar-se pelo genitivo de *Lucínio*.

---

(1) Porque nèste nome o *-c'-* não apresenta a sua evolução costumada, isto é, *-z-*, tenho-o por importado de língua estranha, talvez do alemão *Lucinde*, que Tetzner traduz por *a iluminada* dando-o como importado do latim.

(2) O *Ementário* regista a mais *Lucêncio*, que deve ser um derivado de *Lucentum*, o antigo nome da cidade espanhola, hoje chamada Alicante, e designar portanto o que dela era oriundo.

(3) O *Martyrologio* só conhece a forma *Luzia*.

(4) Leite de Vasconcellos (*Opus laudatum*, 61) tira-a de *Lucĩa* «mas, por causa do acento no *i* na nossa palavra — diz êle — temos de admitir que esta nos veio directamente do italiano *Lúcia*, propagada com o culto da santa ou das santas assim chamadas. O *c* intervocálico mudou-se em *z* por influência de *luz*».

(5) Assim, porém, só a respeito de *Lucas* interpreta o livrinho *Unsere Taufnamen*, etc., da *Miniatur-Bibliothek*; Leite de Vasconcellos (*Antroponímia*, 61) explica-o dêste modo: «*Lucas*. Do lat. *Lucas* = Λουκᾶς, nome hipocorístico de Λουκᾶνος».

M

Macabeu (Machabeu), nome hebraico, que quer dizer: *martelo*, ou, em sentido figurado, *ilustre, valoroso guerreiro* (1); figura na Bíblia e no Calendário.

Macário, Macária, adjectivos gregos que da língua comum passaram também a usar-se como nomes próprios e cuja significação é *feliz;* ambas as formas figuram no Calendário; isso não obstante, da sua omissão no *Onomástico Medieval* parece deduzir-se que a sua entrada na antroponímia é moderna.

Macro, adjectivo latino que se acha representado em português por *magro* (2); dêle deriva *Macrino*, que com aquêle se usa também no feminino, achando-se todos representados no Calendário, apenas com excepção do primeiro, mas só no masculino.

Macróbio, pròpriamente adjectivo que quer dizer: *o de longa* (μακρο-) *vida* (-βιος); no Calendário figuram dois santos com êste nome.

Mafalda, veja-se **Matilde**.

Magdalena ou **Madalena**, nome hebraico que parece querer significar a *natural de Magdala* (3) (também *Magadan*), antiga cidade da Palestina que hoje se chama *Mejdel* (4); formas semipopulares do mesmo são *Maudalena* e *Moudalena*, constantes de antigos documentos (5); hipocorístico do mesmo deve ser *Magda*.

Magno, adjectivo latino que a nossa língua literária continua a manter e, como outros, passou a aplicar-se também a indivíduos de ambos os sexos, com as formas respectivas; o seu comparativo *Maior* davam-no os Romanos àquêle

---

(1) Tetzner interpreta *redemptor*.

(2) Em antigos documentos ocorrem êste nome e o seu aumentativo *Magrom*, mas como apelidos.

(3) O *Dicionário Latino-Português* de Santos Saraiva diz parecer significar *a dos cabelos penteados*.

(4) Actualmente é uma aldeia que fica na margem ocidental do lago de Tiberíades ou de Galileia.

(5) Ao povo é freqüente a transposição das duas sílabas finais (metátese), isto é, *Madanela*.

dos seus filhos de qualquer sexo que era *mais velho* (1), chamando *Máximo*, ou *Máxima*, se era rapariga, ao *mais velho de todos*; tais denominações transitaram para a nossa língua, conservando *Maior* a sua primitiva qualidade de comum de dois, como observa o *Ementário Luso-Brasileiro* e é natural; todavia no *Onomástico Medieval* só o vejo aplicado a mulheres nas variadas formas que antes teve e foram, além da citada, *Maor*, *Moor* e *Mor*; são seus derivados *Majorico* (2) e *Majorino*, como do superlativo *Maximiano*, *Maximino*, donde *Maximiniano* e *Maximiliano* (3), os quais todos, com excepção apenas do primeiro e do penúltimo, têm feminino regular, e ainda *Maximila*, figurando no Calendário católico, como próprio de vários santos, o positivo *Magno*, só no masculino, *Majorico*, *Maximiano* nos dois géneros, *Maximino* e *Maximiliano*, mas sendo conhecidos dos nossos antigos documentos apenas as formas comparativas, embora as superlativas tenham feito parte da nomenclatura romana.

Maia, nome de mulher grego, cuja tradução em português é *mãi*. Como apelido é muito vulgar, encontrando-se já em documentos do século XI (cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 158); afigura-se-me, porém, que serão nomes diferentes o apelido geográfico e o próprio da pessoa, que no entanto julgo muito raro, se é que existe realmente.

---

(1) Rigorosamente falando, os latinos empregavam o comparativo *major*, sempre que uma pessoa ou coisa excedia outra sob qualquer ponto de vista; quando, porém, a comparação se fazia entre a idade, serviam-se do substantivo *natu*, claro ou subentendido.

(2) Creio que a acentuação nêste nome deve recair sôbre a penúltima e não na antepenúltima, como faz o *Ementário Luso-Brasileiro*; o *-īco* deve ser um sufixo deminutivo, como o *-īno*; ainda hoje se diz, por exemplo, *Pedrico* (ou *Pedrito*) e *Pedrinho*.

(3) É êste nome composto de dois, *Máximo* e *Emiliano*; êste é já um derivado de *Emílio*. «O imperador Maximiliano — diz Kleinpaul, a pág. 60 dos seus *Deutsche Personennamen* — conta que êle recebeu do seu pai, por ocasião do seu nascimento, um nome composto de dois antigos nomes romanos, *(Fabius) Maximus* e *(Scipio) Aemilianus*, na ideia de que mais tarde êle faria tanto como os dois».

Malaquias, nome de homem de proveniência hebraica, que o foi de um profeta bíblico e também de um santo bispo de que faz menção o Calendário; traduzido em português, quer dizer: *Mensageiro de Jehovah*, isto é, de Deus.

Malberto, nome germânico que significa *brilhante* (cf. *Berto*, etc.) *em falar, discorrer (mal-* de *mahal-)*, isto é, *dotado de eloqüência*, e tem feminino regular.

Malco (Malcho), nome de proveniência hebraica que se interpreta *rei* e figura no Calendário; deve ser seu feminino *Malquia (Malchia)* registado no *Ementário*, entre os nomes dêste género (¹).

Malfrida ou **Malfreda**, nome de mulher de origem germânica que quer dizer: *pacífica* (cf. *Frederico*, etc.) no falar, discorrer (cf. *Malberto*).

Malulfo, nome germânico cuja significação é *lôbo (-ulfo* de *wolf-)*, isto é, *combatente, pela palavra ou discussão* (cf. *Malberto*); outra forma do mesmo é *Malufo*, como informa o *Ementário Luso-Brasileiro*.

Malvino, nome de origem germânica que quer dizer: *amigo (-vino* de *-win-)* de *falar, disputar* (cf. *Malberto*) e tem feminino regular; mas o seu uso, se existe na nossa antroponímia, deve ser muito raro.

Mamia (Mammia), expressão infantil que entre os Gregos tinha significado idêntico a Μάμμα (vocativo de μάμμη) ou seja a nossa *mamã* (²). No *Ementário* apenas acho registado, como nome de mulher, *Mama*, que suponho ser o mesmo que aquêle, conhecido da antroponímia greco-latina (³).

Manassis, nome hebraico, que se interpreta por: *o que faz esquecer* ou *esquecimento* (⁴); consta da Bíblia.

Mancio, nome de homem, antigo cognome romano ou genti-

(¹) Tetzner inclue *Malchia* entre os masculinos e tradu-lo por *o senhor é rei.*

(²) Nas minhas *Digressões lexicológicas*, a pág. 59, etc., faço a história dos nomes *pai* e *mãi.*

(³) Uma senhora, filha do ilustre artista que é Roque Gameiro, assim se chama, mas sou informado de que o seu verdadeiro nome é *Maria Emília*, sendo *Mamia* hipocorístico no qual àquêles nomes, segundo o costume, entram um com a sílaba *ma*, outro com *mia.*

(⁴) Em Fumagalli *o esquecido.*

lício (1), que se me afigura relacionar-se com o grego μάντις, que significa *adivinho;* além desta forma, constante já de um documento do século XII, há *Manço*, que considero verdadeiramente popular e se encontra noutro do século XV, e ainda *Manços*, figurando no Calendário a primeira e a última (2).

Manfredo, como se chamou um dos reis medievos das Duas-Sicílias, é nome de proveniência germânica que em português significa *paz dos homens* ou *homem de paz* (3); ocorre já num documento do século XIII e tem feminino regular.

Marco ou **Marcos,** à latina (ambas as formas no *Cancioneiro do Vaticano*), é um derivado de *Marte*, o deus da guerra dos Romanos, e que por isso podemos traduzir por *o guerreiro;* são seus derivados: *Márcio, Marciano, Marcílio, Marcolino, Marcelo* (4) e dêste *Marcelino* e *Marceliano;* procedem ainda da mesma raíz *Marcial*, que a língua popular tornou em *Marçal*, e *Martinho* ou, devido a próclise, *Martim*, donde o patronímico *Martins*, e do último *Martiniano*, nomes estes todos a que, com excepção de

(1) Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 527.

(2) Assim informa o *Ementário* a págs. 146-147, dizendo que *S. Mancio* foi mártir em Portugal e se festeja a 15 de Maio, e *S. Manços*, primeiro arcebispo de Évora, se comemora a 21 do mesmo mês; todavia o *Martyrologio* escreve *S. Mancio* vulgarmente *S. Manços*, tratando do primeiro, e *S. Mansos* ao falar do segundo. O *-s* de *Manços* tanto pode ser paragógico (cf. *Leites, Farias*, etc.) como pertencer ao nominativo (cf. *Pilatos, Marcos*, etc.).

(3) O livrinho *Unsere Taufnamen* dá-lhe origem normanda e tradu-lo por *como um homem (herói);* Fumagalli vê no primeiro elemento *magin* ou seja *fôrça* e traduz portanto por: *a paz da fôrça*, isto é, a *fôrça que assegura a paz.*

(4) A grafia latina é *Marcellus* ou seja um deminutivo de *Marcus;* advirta-se que ambas as formas fazem parte da língua comum e significam respectivamente *martelinho* e *martelo;* e ainda que a primeira tem o divergente *martellus*, donde o vocábulo português. A meu ver, *Marcolino* é também um divergente de *Marcelino* e procede de *Marculus*, que existe como nome comum, a-par-de *marcellus*, devendo notar-se que

Marcos [1], *Marcílio* e *Marceliano*, o uso dá feminino; no Calendário só não figuram *Márcio*, *Marcolina*, *Marçala* (mas *Márcia*, *Marcolino* e *Marcial* ou *Marçal*) e *Marcílio*, todos os mais lá se acham representados nos dois géneros; dos antigos textos constam, além dos mencionados, *Márcio*, êste porém como apelido, *Marcela*, *Martinho* [2] ou *Martim*, o seu feminino *Martina* ou *Martinha*, patronímico *Martĩiz* e deminutivo *Martinel*. Outro derivado do nome do mesmo deus, mas na forma osca *Mamers*, é *Mamerto*, igualmente representado no Calendário, donde *Mamertino*, *Mamertes* e *Mamércio*, cujo feminino *Mamercia*, figura também entre as santas.

Marculfo ou **Marculpho**, nome de homem de origem germânica que se interpreta por: *lôbo* (cf. *Bertolfo*, etc.) *da fronteira (marc-* donde veio também *marca)* [3] ou, como se me afigura, *aquêle que vela pelas fronteiras como um lôbo*; figura no Calendário; outra forma é *Marcolfo*, que o *Ementário* não regista, mas é o nome de um personagem contraditor de *Salomão* no livro medieval que dos dois tomou o nome.

Margarida ou **Guida**, em forma hipocorística é nome de origem pérsica; na sua origem significa *pérola* e actualmente o povo aplica-o também a uma *flor* [4], muito cultivada nos

---

não são idênticas as origens de *Marcus*, nome próprio, e *marcus*, nome comum. Por tudo isto há quem faça provir o nome próprio *Marcos* (e portanto os seus derivados) do comum, dando-lhe o sentido figurado de *belicoso*.

(1) O *Ementário* menciona *Marca*, a que apõe a nota de antigo e é evidentemente o feminino da forma *Marco*, sendo *Marquesa* a correspondente a *Marcos* (cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 46).

(2) Esta forma, como a feminina respectiva, foram precedidas por estas: *Martĩo*, *Martĩa*, que provêm directamente das latinas *Martinu-* e *Martina*. Walde no seu *Lat. Etymologisches Wörterbuch* liga os itálicos *Mart-*, * *Ma-mart* com o grego μαχομαι que significa *combater*.

(3) Fumagalli tem o primeiro componente por *marah* (isto é, *cavalo*) e traduz portanto por *Lôbo-cavalo* ou seja *o que reüne as virtudes do lôbo às do cavalo*.

(4) Os dicionários chamam-lhe naturalmente *margarita*.

nossos jardins; figura no Calendário e ocorre igualmente nos nossos antigos documentos, quer na forma latino-grega *Margarita*, quer na de *Margaída* (1), que deve ter resultado da primeira citada por dissimilação consonântica *(r... r -r... o)*; o *Ementário Luso-Brasileiro* regista um masculino *Margarido*, que certamente foi tirado do feminino e ao contrário dêste é de uso muito raro. Outras formas, porém estrangeiras, do mesmo nome são *Margot* e *Greta* (esta hipocorística).

Maria, nome de origem e significação incertas (2), cujo uso se vulgarizou muito cedo, por ter sido o da mãi de Cristo, e de que há também o deminutivo *Marieta*, de proveniência francesa; outra forma do mesmo é *Mariame*, que figura nos nossos documentos medievais, e representa a forma arábica de *Maria*. Do inglês se tomou *Mary*. Existe igualmente a forma poética *Marília*, sôbre a qual se criou talvez *Marilda*. Sôbre *Mariano* e respectivo feminino veja-se *Mário*.

Marinho, nome evolucionado do adjectivo latino *marinus*, que quer dizer: *referente a mar* e na sua origem deve ter sido dado a pessoa aí nascida; tem feminino regular e ambos os géneros figuram no Calendário. Hoje, em vez das formas populares, *Marinho* e *Marinha*, já antigas entre nós (3), usam-se as literárias *Marino* e sobretudo *Marina*. Da primeira destas duas, por próclise, ou do respectivo caso genitivo, resultou *Marim*, que aparece não raro no nosso *Onomástico*. Quanto a identidade do sentido veja-se *Pelágio*.

Mário, nome latino cuja significação parece ser *grande* (4),

---

(1) Creio que existe ainda esta forma, sobretudo na linguagem infantil.

(2) O *Dicionário Latino Português* de Santos Saraiva dá-o como hebraico e querendo significar *contumácia, rebeldia* ou *contumaz, rebelde*, segundo outros; há também quem o tenha por tomado do egípcio *Mirjam*, onde significaria *amada de Amen*; cf. *Antroponímia*, pág. 31. O livrinho *Unsere Taufnamen* faz vir êste nome do hebraico *Mirjam*, árabe *Marjam*.

(3) Em documentos dos séculos XII e XIII (cf. *Rev. Lusit.*, XIV) ocorre a grafia *Marina*, por *Marĩa* ou *Marinha*.

(4) Walde, no seu *Lat. Etym. Wörterbuch*, s. v., dá para

dêle se deriva, a meu ver, *Mariano* [1] com o seu feminino regular *Mariana*, nomes estes todos que figuram no Calendário e já eram usados pelos Romanos.

Marta, nome hebraico que significa *senhora* ou *dona de casa* [2]; não obstante figurar na Bíblia e no Calendário, o seu uso entre nós não adquiriu nem a antiguidade nem a vulgaridade de outros da mesma procedência.

Matan, o mesmo que *dom* ou *presente* (de Jehovah); assim se chamava o sacerdote de Baal, conselheiro de Atalia, que na tragédia de Racine dêste nome representa papel importante; o Cristianismo, porém, parece não o ter adoptado. Cf. *Jónatas*.

Matatias, *dom* ou *presente de Jehovah* (Mattathiah); embora tenha sido o de um personagem bíblico, o pai dos Macabeus, a omissão dêste nome no Calendário Cristão faz-nos supor que deixou de ser usado.

Mateus, nome hebraico (Matthaios) que parece significar o mesmo que *Matias*; tendo sido o de um dos apóstolos de Jesus Cristo, figura já num documento do século X e é ainda hoje muito usado.

Matilde, nome composto de duas palavras, *mat-* e *-ilda* ou melhor *hilda* [3], as quais significam respectivamente

---

raíz dêste nome, além do irlandês *mor*, *mar*, que suponho ser o mesmo que entra na formação de tantos de procedência germânica (cf. *Belmiro*, etc.) e significa *brilhante*, *ilustre*, o cargo público chamado em umbrico *maronatu* e ainda o adjectivo grego μάρμαρος ou *brilhante*.

(1) Segundo outros, um derivado de *Maria*; quanto ao seu feminino, tanto pode ter sido tirado dêle como representar um composto de *Maria* e *Ana*.

(2) O livrinho *Unsere Taufnamen* dá-lhe origem árabe, com o sentido acima, ou hebraica como equivalente ao nosso *triste*, *aflita*.

(3) O primeiro componente representa já redução de *macht-*, que, resultante de uma raíz *mag*. (cf. o actual verbo alemão *mögen*), ocorre em tôdas as línguas germânicas (no gótico *mahts*, no inglês *might*) sendo até comum ao grego (cf. Detter, *Deutsches Wörterbuch*, s. v. *mögen* e Boisacq, *Dict. étymol. de la langue grecque*, s. v. μῆχος); quando pronunciado por bocas estranhas, perde a gutural — diz Khull, *Deu-*

poder e *guerra*, podendo, pois, traduzir-se por *poderosa na guerra* ou *potente guerreira*. Deve ter sido importado do francês, cujo cunho conserva, e em data relativamente recente, porquanto a citação mais antiga que dêle encontro é no *Martyrologio Romano*, traduzido e publicado em 1682, e sob a forma *Mathildes* (1), que, conjuntamente com *Metildes*, é ainda hoje a preferida pelo povo; a que se deve ter por portuguesa é *Mathilda*, que ocorre já em um documento de 1188. Todavia, embora na aparência algum tanto diferente, há, vinda da mesma origem germânica e de importação idêntica, outra forma do mesmo nome, que apresenta feição popular e é já bastante antiga na língua, onde provàvelmente entrou no século XII com a vinda, em 1146, de Saboia para Portugal, da espôsa de D. Afonso Henriques. O nome que esta princesa recebera no baptismo fôra *Mahald*, nome que, além desta forma, que depois evolucionou em *Mahaud* pela vocalização regular do *l* (cf. *aube*, *mauve*, *paume*, etc.), teve outra mais antiga e próxima da sua origem, *Maheld*, donde *Maheud*. Mas a aspiração do *h*, segundo parece, era estranha à nossa língua e por isso foi tratada do mesmo modo que nos nomes arábicos em que se fazia ouvir, em circunstâncias idênticas, isto é, substituída ou antes representada por *-f-* (cf. *atafona*, *refece*, *Mafamede*, etc.) (2); além disso, não admitindo o

---

tsches Namenbüchlein, pág. 51 — donde *Mathilde* (latinizada em *Mathildis*), a-par-de *Machtilde* e *Mechtilde* (que o *Ementário* dá como existente também em português, com representação no Calendário, resultante da mais corrente por metafonia). Outra forma ainda do mesmo nome é *Maghild*, registada por Bass e Tetzner e subsistente talvez na nossa *Mabilda*: veja-se êste nome.

(1) Esta forma tanto pode representar a latinizada *Mathildis*, como a pronúncia popular, que é de crer, já então fôsse como a de hoje. É sabido que o povo, à semelhança de outros nomes terminados em *-es* (antes *-ez*), como *Fernandes*, *Gomes*, *Guedes*, *Nunes*, etc., acrescenta igualmente *-s* (paragoge) a alguns e assim diz, por exemplo, *Farias*, *Freires*, *Garcias*, *Leites*, etc.

(2) Assim pensa A. Thomas (cf. *Journal des Débats* de

português nomes terminados em consoante, àquêle *-d* foi adicionado um *-a*, em conformidade com o sexo da pessoa a que pertencia, resultando assim a forma genuìnamente nacional ou antes nacionalizada, *Mafalda*. Evidentemente, quando mais tarde tornou a entrar na nossa língua, na forma primeiro mencionada, era de todo desconhecida a relação íntima em que os dois nomes se achavam entre si. Em Portugal, pois, como em França, o mesmo nome foi tratado diferentemente, em harmonia com a época em que fêz a sua entrada nas respectivas línguas, dando assim origem a duas formas divergentes, por modo igual ao que sucedera aos nomes comuns. O citado *Martyrologio* faz menção, como disse, de uma santa dêste nome, e pela Igreja foi beatificada uma filha del-rei D. Sancho I, também chamada *Mafalda*, como sua avó.

9-12-1902); é todavia possível que anteriormente à vinda da filha de Amadeu III já cá existisse a forma *Mahalda*, que teria evolucionado imediatamente de *Mahelda*, sob influência dos nomes em *-al-*, tendo a última ainda sido talvez precedida por * *Mahilda*, quiçá a primeira forma usada por algum dos povos de raça germânica que estacionaram na Península, depois de ter perdido, durante a longa viagem, não só o *-h-* ou antes a aspiração, que no primeiro elemento antecedia o *-t-*, mas esta própria letra, subsistentes ainda no alemão *macht*. No segundo elemento é possível que a troca em *-a-* do *-i-* primitivo seja devida a influência dialectal, pois as formas mais correntes nos antigos documentos são *Mahalta* e *Mahauta*, que, embora com menos freqüência, ali se acha igualmente e tenho por afrancesada. Além das cinco formas citadas: *Matilda*, *Mafalda*, *Mahalta* e *Mahauta* (cf. em antigo francês *Mahaut*, nome pelo qual é conhecida certa condessa de Artois, falecida em 1282 e donde, a meu ver, provém o inglês *Maude* —assim uma rainha de Inglaterra (1080-1118)—ainda em uso, mas sob a forma *Maud*), outro nome ainda ocorre sob que é designada a primeira rainha portuguesa, afora outra dama do século XI: é *Matilla*, que talvez se possa explicar por assimilação do *-d-* ao *-l-*, excepcional sem dúvida, mas não sem exemplo, como mostra *Illafonso* que por *Ildefonso* se lê na *Crónica Geral de Espanha*, códice pertencente à Academia

Matias, o mesmo que *Matatias*, de que é redução; foi, como é sabido, o nome de um dos discípulos de Jesus Cristo e ainda hoje é de uso freqüente. Mas, ao lado desta forma literária, houve outra popular, *Macias*, que parece ter caído no olvido, embora haja sido imortalizada pelo trovador galimano do século XIV, assim chamado, a quem a ternura dos seus versos fèz dar o epíteto de *Namorado*. O *Ementário* regista um feminino *Matia (Mathia)*, que diz achar-se representado no Calendário e interpreta por *dádiva do Senhor;* a ser assim, é o correspondente do masculino *Matias*.

Matrona, nome da língua comum, derivado de *mater* (¹), donde *madre*, depois *mãi*, que, à semelhança de outros, passou, em época já antiga (²), à classe de próprio, figurando como tal, no Calendário; outra forma do mesmo, semi-aportuguesada, é *Madrona* (³), constante de documentos do século XI, a-par-de *Matrona*. Forma hipocorística de *mater* é *mama*, que aparece também entre os nomes próprios de mulher.

Matusalem (Mathusalem ou **Methusalem)**, nome hebraico que quer dizer: «o que manuseja a pecha ou a lança»; figura na Bíblia; isso não obstante, o seu uso entre nós, se existe, deve ser muito raro.

---

das Ciências de Lisboa. No *Ementário* citam-se as formas *Mechtilde*, *Methilde* e *Methildes*. O mesmo repositório inclue uma *Santa Mafalda* no agiológio português (2 de Maio) e regista, como antiga, a forma *Mafalda*, desconhecida do *Onomástico* de Cortesão, sendo, por isso, talvez possível que ela tenha resultado de falsa grafia.

(¹) Sôbre a evolução desta palavra pode ver-se a minha *Gramática Histórica*, pág. 123 da 1.ª edição. Dela tratei também nas *Digressões lexicológicas*, pág. 55 (2.ª edição). No *Onomástico* de Cortesão encontra-se, como nome próprio, também *Madre Bona* ou, à latina, *Matrebona* e no *Ementário* a forma *Madredriz* (ou *Madreluz* ou *Materduz*) que parece estar por *Materdulce*.

(²) Ocorre já em antigas inscrições.

(³) A verdadeiramente portuguesa é *madroa* da língua comum, que se lê num trecho inserto a pág. 149 da minha *Crestomatia*.

Mauro, nome pelo qual os Romanos designavam os habitantes da região hoje denominada Marrocos e que quer dizer *negro;* usado por êles a princípio sem dúvida como sobrenome ou alcunha (1), passou depois a ser utilizado como prenome e com freqüência, a ajuïzar da sua representação no Calendário, onde figura nada menos de catorze vezes, onze no masculino e três no feminino correspondente, isto é, *Maura;* a sua forma verdadeiramente popular é a que tomou na qualidade de adjectivo da língua comum ou seja *Mouro,* já existente no século XIII, mas, pelo menos desde o XV, outra se encontra em seu lugar, e que é *Amaro* (2); dêle derivam *Maurício,* também já conhecido dos Romanos, *Maurílio* e *Maurino,* todos três representados igualmente no Calendário e com o primeiro ainda na nossa toponímia; cf. *Moure, Mourilhe, Mourinho* (e *Mourinha*), *Mourim,* etc., (3).

Mécia, nome, ao que parece, representante do gentilício romano *Maecĭus* ou *Metĭus (Mettius)* (4), é já antigo na língua, pois Cortesão dá-o como existente no século XV, também sob a forma *Micia;* igual nome teve muito antes, como se

---

(1) É provável que esta fôsse dada a certo vencedor dos *Mauros:* cf. *Scipião Africano,* etc.

(2) Num documento do século XIII (1293) menciona-se um *Mouro Doming[u]iz,* como testemunha (cf. *Rev. Lusit.,* VIII, pág. 44); e o *Martyrologio* a *S. Mauro,* festejado em 15 de Janeiro, apõe esta nota: vulgarmente *S. Amaro.* Pedro A. de Azevedo (*Rev.* citada, IX, 180) informa que no códice 266 de Alcobaça se lê *Amaro;* porém ainda *Mauro,* em letra do século XVII ou XVIII no rosto dêsse códice.

(3) Cf. Leite de Vasconcellos, *Opúsculos,* III, pág. 258 e o artigo que publiquei no *Boletim da 2.ª classe da Academia das Sciencias,* fascículo n.º 3 do vol. XIII, pág. 1270. De *Mouriz* deduzo a existência na antiga língua de uma forma popular *Mouriço,* em Cortesão *Mauriz* e *Mouriz* (*Quintana,* isto é, *quinta,* de) em 1228 e *Maurize* (*Kasalle* de) em 907. Mas no mesmo encontra-se ainda *Maurigo,* como nome de homem, que supõe um latino *Mauricus* e podia também, no caso genitivo, dar origem a *Mouriz.*

(4) Cf. Leite de Vasconcellos, *Antroponímia,* pág. 47. Existe também a pronúncia *Mecía;* cf. o mesmo pág. 528.

sabe, a mulher ou amante do rei Sancho II (século XIII), embora não fôsse portuguesa de nascimento; acha-se representado no Calendário.

Medardo, nome de homem de procedência anglo-saxónia que quer dizer *digníssimo* (1) e se acha representado no Calendário.

Mefistófeles (Mephistopheles), nome grego que significa *o que tem mêdo da luz* (2); é nome criado por Goethe, creio eu.

Meinardo, nome de homem, de origem germânica, que quer dizer: *forte em poder* e figura no Calendário; deve ser divergente do mesmo a forma *Megnardo*, citada pelo *Ementário Luso-Brasileiro*.

Melas, pròpriamente adjectivo grego, que quer dizer *negro*; divergente do mesmo é *Melânio*, que tem feminino regular e com aquêle figura nos dois géneros no Calendário. Neste ocorre também *Melasipo*, que deve ser um composto daquêle e significar *cavalo (-ippo) negro* ou *prêto*.

Melchior, nome de homem, a que se atribue origem hebraica e se interpreta como *rei da luz*; outra forma do mesmo é *Belchior*.

Melissa (3), nome de mulher, de procedência grega, que significa *abelha* (4) e cuja origem está em *mel*, vocábulo greco-latino; dêste provêm *Melono* ou *Melónio* (5), que tem feminino regular, *Melito* (6) e *Melusina* (7); do Calendário constam apenas *Melono* e *Melito*.

---

(1) A. Bass prefere dar-lhe a interpretação de *forte, poderoso*, considerando-o forma divergente doutro nome alemão *Mathart*.

(2) Assim o livrinho *Unsere Taufnamen*.

(3) Ou *Melitta* e *Melita* noutros dialectos.

(4) Em um diploma do século XIII aparece o apelido *abelha*; um derivado dêste era o do célebre filósofo *Abélard* (por *Abeillard*).

(5) *Mellona* ou *Mellonia* se chamava a deusa protectora do trabalho das abelhas.

(6) É possível que a sua forma popular tenha sido **Melido*, pois num documento de 1031 encontra-se uma *Mellida*.

(7) O livrinho *Unsere Taufnamen* dá *Melusina* como francês-alemão e explica-o por *doce como mel*.

Melitão, nome representante talvez do latim *melitanus*, ou seja *o indivíduo natural de Melita*, hoje *Malta;* o seu feminino é *Melitana*. Outras formas dos mesmos são *Militão* e *Meli tina* ou *Militina;* no *Martyrologio* só encontro *Melitina*, porém o *Ementário* (1) dá *Militão*, como ocorrente também no Calendário.

Melquisedec (Melchisedech), nome hebraico, que quer dizer *rei da justiça;* figura na Bíblia.

Menandro, nome que originàriamente, como tantos outros, foi adjectivo grego e passou depois a próprio; o seu significado é: *o que espera o inimigo a pé firme*, visto ser composto de μένω *(esperar)* e ἀνήρ *(homem);* figura no Calendário.

Mendo, nome de origem e significação obscura, mas bastante antigo na língua, figurando nos documentos sob a forma alatinada *Menendus*, donde *Meendo* e, resultante de contracção, a actual. Outra forma do mesmo, ocorrente nos velhos documentos e resultante de proclise é *Meen*, donde *Mem*. Vive ainda, mas como apelido, o patronímico *Mendes*, escrito antes *Meendiz*.

Menelau, nome grego, que significa: *o que é forte* ou *se não curva, intimida* (cf. *Menandro*) *ante o povo* (λαός); sentido idêntico deve ter *Menedemo*, no qual o segundo elemento é δῆμος, sinónimo de λαός; dêstes dois nomes só o último se acha no Calendário (2).

Menodora, nome constante do Calendário e cuja procedência é grega, significando *dom* ou *presente* (cf. *Diodoro*, etc.) *da lua* (μήνη). Nas inscrições encontra-se o respectivo masculino *Menodoro* e ainda *Menódolo* de sentido igual, isto é, *dado pela lua*.

Menor, nome que os Romanos davam àquêle de entre dois indivíduos que era *de menos* ou *inferior idade*, chamando

(1) Êste repositório — ignoro o motivo — dá *Militão* como preferente a *Melitão* e diz que hoje, em vez de *Melilina* se usa *Militina;* a passagem do *e* a *i* pode atribuir-se a assimilação.

(2) Segundo o *Ementário* encontra-se lá também *Menelau*, como festejado em 22 de Julho, mas em tal dia o *Martyrologio* só menciona *Meneleu*, que aquêle põe em 5 de Setembro; é possível que sejam duas formas do mesmo nome.

Mínimo ao mais novo de todos; ambos fazem parte também da língua comum, e do primeiro, que nesta soava antigamente *meor*, derivam *Menorino* ou *Minorino*, a que o *Ementário Luso-Brasileiro* dá feminino regular, e *Menoreça*, que o mesmo classifica de antigo juntamente com o seu primitivo (1).

Mercedes, nome espanhol, também usado entre nós, ao qual corresponde o português *mercês*, representando um e outro o latim *mercedes;* deve primitivamente ter sido dado às meninas que vinham ao mundo no dia em que a Igreja Católica venera a Virgem sob essa invocação (2) (24 de Setembro), tendo-se hoje perdido, como noutros tempos o antigo costume.

Mercúrio, o deus das *mercadorias* e, portanto, patrono dos *mercadores*, identificado depois com o Hermes grego, passou igualmente a designar pessoas, dando-se-lhe até um feminino *Mercúria;* ambos e ainda o seu derivado *Mercurial* constam do Calendário. A mesma raíz *merc-* vejo eu em *Mercimino* e *Mercindo*, citados pelo *Ementário* (3).

Meroveu, nome germânico de significação igual a *Clodoveu*, de que diverge só no primeiro elemento, aliás de sentido idêntico ao dêste (4).

Mérulo, nome de um santo que a Igreja festeja a 17 de Janeiro; se é o mesmo que os Romanos davam à ave, que nós

---

(1) No *Onomástico Medieval* acha-se efectivamente registada esta forma, a-par-de *Minoreta*, mas como apelido de mulher. O emprêgo dos superlativos relativos *a maior* e *a menor* para indicar *a mais velha* e *a mais nova* ocorre, por exemplo, na *Lenda do rei Lear* do *Livro das Linhagens do conde D. Pedro.*

(2) Ou da *Redenção dos cativos*, denominação por que também é conhecida.

(3) Êste regista também, como figurando entre os santos, um *Mercorio*, mas do *Martyrologio* não consta tal nome, pelo que julgo dever talvez corrigir-se em *Mercúrio.*

(4) A. Bass *(Deutsche Vornamen)*, embora dê às raízes *mar* e *wig* o sentido de *famoso* e *combatente* e nelas inclua *Meroveu*, na lista dos nomes traduz êste por: *combatente* (ou *santuário*) *do mar.*

chamamos *melro* (1), deve na sua origem ter sido alcunha; como tal figura num documento do século XIII.

Messias, nome hebraico, de que é tradução o grego *Cristo* (veja-se êste); na língua dos séculos XV e XVI soava também *Mexias* (2) e já então usava-se principalmente como apelido; representa ainda essa pronúncia o actual *Mexia*.

Metelo, gentilício romano, que provàvelmente representa o nome comum *metellus*, que quer dizer: *môço, servente do exército* ou *mercenário;* na sua origem foi talvez uma alcunha, como tantos outros; forma o feminino regularmente, isto é, *Metela*, já muito usado pelos Romanos, mas no Calendário só figura o masculino. Na nossa toponímia há *Medelim*, prova evidente de que pelo menos um seu derivado, *Metellinus*, esteve outrora em uso entre nós. Tem todo o aspecto de representar o seu feminino o topónimo *Medelinha*, dado por Baptista no seu *Dicionário Corográfico*, mas ao contrário daquêle, não consta do *Onomástico Medieval* de Cortesão.

Metódio (Methodio), nome grego, que originàriamente deve ter sido adjectivo qualificativo do *homem que procede com método* ou *medida* (3); acha-se representado no Calendário.

Metrodoro, nome grego, que quer dizer: *dom* ou *presente* (cf. *Diodoro*, etc.) *da mãi (metro-);* tem feminino regular, que figura no Calendário. O mesmo nome *metro-* entra ainda em composição nos seguintes: *Metróbio, Metrófanes, Metrófilo*, que, em virtude do seu segundo elemento deverão traduzir-se, respectivamente, por: *o que tem* ou *deve a vida à mãi, o que parece* (*-phanes* de φαίνω) *mãi* ou talvez *o que faz as vezes de mãi pelo carinho e amor* e *o que ama sua mãi;* no Calendário acham-se representados o primeiro e segundo dêstes.

Micol (Michol), como se chamou uma das filhas do rei Saul;

---

(1) No latim clássico dizia-se *merula*, donde *merloa*, ocorrente num texto do século XV (cf. *Rev. Lusit.*, XXVII, 51; cf. Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, III, 427).

(2) Gil Vicente serve-se igualmente da forma *Mejias* no *Auto Pastoril Castelhano*.

(3) Em grego há μεθοδίτης com o sentido de *artista*.

é nome hebraico que se interpreta por: *quem há igual abaixo de Deus?* Usa-se, mas raramente (1).

Miguel, nome hebraico, que representa a forma popular do literário *Micael* ou *Michael* e significa *quem como El* ou *Deus?* Talvez por ter sido o que se atribue ao chefe da milícia celestial, adquiriu grande voga entre nós, sobretudo na forma popular, que é hoje a única em uso; dos nossos antigos documentos constam ambas as formas e respectivos patronímicos *Michaeliz* e *Migueez* ou *Migueiz;* deminutivo de *Micaela* é *Miquelina*, que figura no Calendário, e significação idêntica à do primeiro dos nomes mencionados tem provàvelmente *Micol* ou *Michol*, como se chamou uma das filhas de Saul, que foi mulher dedicada de David (2).

Milburga ou **Milburges**, nome de mulher, de origem germânica, que quer dizer: *meiga (mil-* por *mild-) protectora;* figura no Calendário. Outra forma do mesmo, segundo Tetzner, mas não registada no *Ementário*, é *Mildburga.*

Mildreda, nome de mulher, de procedência germânica, que se interpreta por *meiga (mild-) conselheira (-reda)* (3); consta do Calendário. Outra forma do mesmo, segundo Tetzner, é *Milreda;* esta, porém, não consta do *Ementário.*

Mina (4), nome de mulher, de origem germânica (cf. *minne*), que quer dizer *amor;* pode também ser forma hipocorística de *Guilhermina.*

Minerva, como se chama uma divindade italiota, era para os antigos Romanos a personificação da sabedoria, podendo assim traduzir-se talvez por: *a dotada de talento* ou *engenho* (5); na antroponímia latina ocorrem os seus deri-

---

(1) Chamava-se assim uma senhora que conheci em tempo, filha do falecido general e ilustre escritor, J. I. Brito Rebelo.

(2) *Michol autem, filia Saul, diligebot eum* (David), diz a Vulgata no cap. XVIII, 28, do *I Livro dos Reis.*

(3) Há quem veja no segundo componente o verbo *drohen*, em inglês *threat*, e traduza, portanto: *doce ameaçadora;* a interpretação acima é do Tetzner.

(4) Outras grafias no *Ementário* são *Minah*, *Minnah*, *Mynah* e *Minna.*

(5) Em velho latim *Menerva*, que está por * *Menesoua*, onde parece entrar o grego μένος = *engenho.*

vados *Minervio* e *Minervino*, tendo êste também feminino regular, mas no Calendário só figura o masculino; consta-me, porém, que o seu feminino está em uso [1]; aquêle aparece igualmente no Calendário, mas sob a forma *Minervo*.

Miron (Myron), nome grego que interpreto por: *o que chora ou se lamenta* (μύρω) [2]; consta do Calendário e ocorre em antigos documentos sob as formas *Mironus* e respectivo patronímico *Mironiz*, *Mirone*, afora a indicada, *Mirom*; é seu feminino *Mira (Myra)* ou *Myro* [3], dado pelo *Ementário* como sendo o nome de uma poetisa grega do século III a. c.; no Calendário há uma santa chamada *Mirope (Myrope)*, que possìvelmente será outra forma, proveniente da mesma raíz.

Mirra (Myrrha), nome pelo qual os Gregos designavam certo perfume e passou depois a próprio, figurando como tal já na mitologia [4].

Mitridates, isto é, o *dado (dath)* por *Mitra* ou antes *Mithre*, o deus do sol dos Persas, a cuja língua êste nome pertence.

Modesto, adjectivo que os Romanos usavam no mesmo sentido que nós, que dêles o recebemos, e, como tantos outros, aplicavam também a pessoas nesta forma e na derivada *Modestino* (hoje igualmente *Modestim*), uma e outra em ambos os géneros; no Calendário apenas a primeira figura, quer no masculino, quer no feminino.

Modoaldo, nome germânico cuja significação em português é *valente, denodado (mod-* de *muot-) soberano* ou *dominador* (*-oaldo* de *walt-* cf. *Arnaldo*, etc.); segundo o *Ementário*

---

(1) No *Século* de 30-10-1931, na secção *Necrologia*, fala-se de uma senhora chamada *Minervina*.

(2) Há em grego também μύρον, que significa perfume e por isso se me afigura menos adequado a pessoas.

(3) No *Onomástico Medieval* encontra-se *Miroa*, que seria o feminino regular de *Miron*, mas figura lá como nome de homem.

(4) Segundo informa o *Dic. lat. portug.* de Santos Saraiva, assim se chamou a filha de Cinira, transformada no arbusto donde se tira o perfume. O *Ementário* regista-o como tomado da literatura. Uma distinta escritora, que suponho francesa, chama-se Myrrha Lot-Borodine.

Luso-Brasileiro, que lhe apõe a nota de antigo, tem feminino, formado regularmente, mas no Calendário figura só no masculino, que me parece viver ainda no toponímico *Moalde*.

Modulfo, nome germânico cuja tradução em português é *denodado, corajoso (mod-* de *muot-) lôbo* (cf. *Adolfo*) ou combatente.

Moduvena, nome de mulher que, segundo o *Ementário Luso-Brasileiro* figura no agiológio cristão e se me afigura ser o feminino de *Modovino*, que A. Bass, nos seus *Beiträge zur Kenntnis der deutschen Vornamen* enumera entre os compostos de *muot-*, devendo portanto traduzir-se por *amigo* (cf. *Balduino*, etc.), *corajoso, valente*.

Mohammed, nome árabe que quer dizer: *o muito exaltado ou celebrado;* outras formas do mesmo nome são *Mohamed, Mohamat;* que ocorrem respectivamente em documentos de 1018 e 1016, e ainda, a mais conhecida, *Mahomet* donde provém a popular *Mafoma* (1); desta deduzo que o acento recai na penúltima e não na última, como geralmente se pronúncia.

Moisés, nome de homem de origem hebraica ou antes egípcia, que quer dizer *salvo das águas;* outra forma do mesmo é Moisém (2), que se lê já num documento do século X; além do célebre legislador; o *Martyrologio Romano* regista cinco santos assim chamados e até um *Moisetes*, que tem tôda a aparência de seu derivado.

---

(1) A meu ver, esta supõe outra *Mahomat* ou *Mahomad*, que se lê em documentos de 968 e 1018. Outra forma ainda, constante de um documento de 922, como topónimo representado pelo actual *Mafamude*, é *Mahamudi*, que suponho genitivo de um *Mahammut*. Ainda outro topónimo, *Mafamedes* deve ter origem em *Mahamet*, no genitivo em *-is* ou em *-i* com *s* paragógico: cf. *Farias, Leites*, etc.

(2) Encontra-se também *Mosse;* em latim a-par-de *Moyses*, há *Moses*. Diz Fumagalli que «os mais recentes etimologistas têm visto nêste nome um dos muitos *teóforos*, isto é, que contêm o nome de Deus, e fá-lo sinónimo de Amos (um dos profetas menores), subintendendo-se aqui, como em tantos outros casos o nome da divindade». Em documento dos séculos XIII e XIV a-par-de *Moysem*, aparece *Mousem:* cf. *Rev. Lusit.*, vol. V.

Mondulfo, nome germânico que quer dizer *lôbo* (cf. *Marculfo*, etc.) *protector* (cf. *Edmundo*).

Mónica, nome de mulher de proveniência grega, segundo uns, latina, conforme outros, e significando portanto, *a única*, isto é, *a solitária* (μόνη) (1) ou a conselheira (de *moneo*); assim se chamou, como se sabe, a mãi de um dos mais ilustres doutores da Igreja, S. Agostinho, igualmente canonizada.

Mundo, nome germânico de feição hipocorística que significa *protector*; outra forma do mesmo deve ser *Mondo*, que, como apelido, ocorre em escritos do século XV; dêle deriva provàvelmente *Mundino* ou *Mondino*, que com o patronímico *Mundiniz* ou *Mondiniz* figura em diplomas dos séculos X e XI e persiste ainda no toponímico *Mondim*; em um documento de 1258 encontra-se também o apelido *Mondom* que tem tôda a aparência de seu aumentativo.

Mundoaldo, nome germânico que quer dizer *senhor* ou *poderoso* (*-oaldo*: cf. *Arnaldo*) *protector* (cf. *Mondulfo*, etc.).

Munho, nome de origem e significação obscuras (2), usado antigamente entre nós com o seu derivado *Moninho*, isto é, formado com o sufixo *-inus*, possuindo ambos feminino regular; tanto um como outro tornaram-se obsoletos, subsistindo apenas os patronímicos *Moniz* e *Munhoz* (êste, creio, exclusivo ou quási exclusivo da Espanha), o primeiro dos quais julgo proveniente de *Moninho*, emquanto no segundo vejo o primitivo *Munho*, adicionado do respectivo sufixo *-oz*, que coexistia com *-ez*, *-iz* e *-az* (3).

---

(1) Na opinião de Leite de Vasconcellos, representa o nome próprio grego Μόνιχος, de μόνος «só»; cf. *Antroponímia*, pág. 343.

(2) A. Bähnisch, no seu livro, *Die deutschen Personennamen*, a pág. 34, menciona o tema *muni*, entre os muitos germânicos e ao qual dá o sentido de *agradecimento*, *pensamento*; é possível que o mesmo se encontre no nome *Munho*, que então poderia traduzir-se por: *o agradecido* ou *o pensativo*.

(3) São estas as grafias com que estes nomes figuram nos antigos documentos: 1.º *Munniu*, *Munnio*, *Monneo*, *Monnio*, *Munio*, *Monio*; *Munna* (*nn*=*nh*), *Munnia*, *Munia*, *Munho* e *Munha* só no século XV; 2.º *Monnino*, *Munino*, *Moninus*,

Múscula, como se chama uma santa, é pròpriamente um deminutivo do latim *musca* ou *mosca*; é possível que, sendo a princípio alcunha (ainda hoje se diz *mosquinha morta*, falando de pessoa sonsa, etc., cf. Morais, s. v.) (1), passasse depois a nome próprio.

Mustafá, nome turco que em português quer dizer: *o eleito* ou *escolhido*.

Mustiola, nome constante do Calendário, que, a meu ver, poderá ter origem no latim *mustio* ou *mosquito* (2) que se gera no *mosto* ou ser outra forma de *mustela*, que, entre outras significações, tem a de *doninha*; sendo assim, teria passado de alcunha a nome próprio; na antropologia romana há como nomes de homem, *Mustius* e *Mustelo*.

(Continua).

J. J. Nunes.

Muninus, isto é, a meu ver, * *Monĩo*, mas *Moninho*, *Moninha* no século XV (cf. *nĩo*, arc. depois *ninho*; 3.º *Monniniz*, *Muniniz*, *Munniniz*, *Moniizé* ou *Monizi*, *Munniz*, *Moniiz*, *Moniz* e *Muniz*; 4.º *Munioz (ni=nh)* ou *Muniuz*, *Monniuz*, *Munoz*, só *Monhoz* no século XV.

(1) Vive ainda o apelido *Mosca*, como se pode ver em Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 225.

(2) O apelido ou alcunha *Mosquito*, diz Leite de Vasconcellos, *Antroponímia*, pág. 226, subsiste no concelho de Nisa.

Notas sôbre a vida rural na Ilha Terceira (Açôres)

O carro de bois e a canga

O carro de bois que ainda hoje circula nas estradas da Ilha Terceira, com as suas pesadas rodas macissas e o eixo chiante, carregado de lenhas, de cereais ou de materiais de construção, o meio de transporte usado por todo o lavrador, deve ser, na sua forma, semelhante aos carros usados pelos primeiros povoadores, de cuja existência nos dão notícia Gaspar Frutuoso, em mais de um passo das *Saüdades da Terra*, e as antigas posturas dos concelhos.

Semelhante ao usado no continente, sobretudo ao que reproduz um velho desenho inserto na *A Terra Portuguesa* (1), o carro terceirense é uma pesada viatura, que lentamente se desloca aos solavancos.

O leito é constituído por cinco grossas prânchas de madeira, quási sempre de roseira *(Robina pseudo accassia*, segundo Sampaio na *Memória da Ilha Terceira)*, uma das quais, a central, se prolonga para a frente, formando o *cabeçalho*. As peças laterais simétricas, arredondadas em ogiva até ao cabeçalho, denominam-se, de fora para dentro, *chêdas* e *soalho*.

Próximo da borda há quatro ou cinco furos, na parte superior, onde se enfiam os *fueiros*, destinados a segurar a *sebe*.

Na parte inferior prendem-se às *chêdas* dois tornos de cada lado, um adiante do outro à distância de um palmo, que servem para amarrar a *sebe*, e três travessas ou réguas que ligam ao cabeçalho as pranchas laterais do leito.

À travessa posterior, mais grossa e saliente, prendem-se os *coicães*, nos quais gira o *eixo* com as rodas, seguras ao carro com uma cunha. O eixo é um grosso madeiro mal afeiçoado, que afecta a forma cilêndrica, na parte que gira contra os *coicães (cantadeira)* (2).

---

(1) Vol. II, pág. 203, n.os 21 a 23.

(2) Na grafia dos nomes usados na linguagem popular

Nos extremos do eixo estão fixadas as rodas, por meio de tornos, dois de cada lado.

As rodas são formadas por três peças, uma central *(meão)* e duas laterais *(caibas)*, nas quais, junto ao eixo, há duas aberturas em arco de círculo *(lumieiras)*. No bordo da roda, para melhor ajustar as três peças que a formam, há um arco de ferro *(chapa)* prêso à madeira com grandes pregos de ferro forjado, dois a dois, intervalados um do outro cêrca de cinco centímetros e distante de cada grupo uns dez centímetros.

Nos carros mais antigos, como se vê das posturas municipais que o proïbiam, os pregos das chapas das rodas eram de grandes cabeças salientes, destinadas a aumentar o atrito e dificultar o acelaramento nas descidas ingremes na penedia.

Na chêda direita há uma pequena caixa onde se guarda o sabão com que se untam as cantadeiras do eixo para que não chiem, conforme determinam as posturas, dentro da cidade e vilas.

Os bois, tão habituados andam a regular os movimentos pelo chiar do carro, que, às vezes, tornado êle silencioso, puxam mal, desconfiados, e desencontram os passos.

No extremo do cabeçalho há um gancho de ferro, que serve para jungir ao carro uma segunda junta de bois, quando o carreto é pesado, e, um pouco mais afastada da ponta, enfiada no madeiro, a *chavelha* ou *chaveira*, pedaço de pau alongado a que se prende o *tamoeiro* da canga.

A sebe é um tecido ou entrançado de vimes em volta dos *teixães*, varas de madeira ao alto que lhe servem de apoio.

Quando o carro transporta a família do lavrador para ir ao bôdo do Espírito Santo ou a alguma romaria, a sebe é substituída pelo *tôldo* de vimes coberto com colchas, e no leito do carro põe-se um colchão onde as mulheres se sentam encruzadas.

A canga é constituída por uma grossa peça de madeira, também geralmente de roseira. Na parte inferior tem duas concavidades *(trancoeiras)*, próximas dos extremos, que des-

---

procuramos aproximar-nos o mais possível da pronúncia corrente.

cansam no pescoço dos bois, apertados entre duas hastes de madeira enfiadas na canga, *canzis*, um de cada lado do pescoço do animal, presos um ao outro, por debaixo, com uma correia ou corda *(brocha)*.

Na parte central da canga e no bordo superior há uma peça colocada entre as duas trancoeiras, que se denomina *camalhão*, tendo de cada lado uma dentadura por onde passa a correia que liga a canga ao carro *(tamoeiro)* e se enfia na chavelha do cabeçalho.

As cangas são muitas vezes ornamentadas com diversas figuras e desenhos abertos à navalha, e algumas, pela abundância e perfeição do ornato, podem bem considerar-se verdadeiras obras de arte popular.

Quási tôdas, ainda as mais simples, ostentam no camalhão uma cruz de braços desiguais, implantada no vértice de um triângulo isósceles.

Outras, de um lado e outro do camalhão, têm corações, rosáceas sexifólias inscritas em círculos, signos de Salomão, polígonos estrelados de seis e de oito pontas, elementos decorativos que o povo da Ilha emprega abundantemente em tôdas as suas decorações, umas vezes isoladas, outras combinadas entre si. As cangas mais ricas têm uma variedade enorme de ornatos lineares cavados na madeira, e, modernamente, cercaduras de fôlhas estilizadas, que parecem provir de riscos para bordados femininos.

Também, modernamente, os ornatos são desenhados, ou avivados os desenhos, com pequenos pregos de cabeça amarela, semelhantes aos que se empregavam para decorar os antigos baús de couro.

A cultura do trigo

Entre os trabalhos agrícolas a cultura do trigo, pela sua importância e pela sua antiguidade, ocupa o primeiro lugar.

Logo no início do povoamento a ela se entregaram os primeiros colonos, e por tal modo a desenvolveram, que, poucos anos volvidos, a produção era tamanha, que dava para satisfazer as necessidades do consumo local e ainda para exportação.

Em 1500, segundo refere o P.^{e} Jerónimo Emiliano de

Andrade [1], o trigo valia 4 reis o alqueire; em 1507 vendia-se a 5 reis e, em 1508, o seu preço subia para 600 reis o moio de 60 alqueires. Anos depois, em 1574 e 1575, por virtude da exportação, o trigo passou a vender-se a 100 reis.

Nessa época não havia celeiros. O grão guardava-se em grandes covas, algumas feitas nas ruas da cidade, o que deu o antigo nome ao actual Largo de 11 de Agôsto de 1829, ainda hoje conhecido por Alto das Covas, denominação que já nos aparece na planta da cidade levantada em 1595 por João Hugues de Linchot [2].

As terras destinadas à cultura do trigo são atremoçadas de Agôsto a Novembro, o que se faz espalhando o tremoço à lanço, e dando-se depois uma lavoura a arado de madeira, seguida de uma gradagem.

O arado é formado por um longo pau faceado *(timão)*, que tem na extremidade que se liga à canga dos bois a *chavelha*, pequena travíncula enfiada num orifício que o fixa ao *tamoeiro* da canga, e na outra extremidade o bico de ferro ligado ao timão pelas *aivecas*, pelo *tairó* e pelos *fescais*, e prolongado pela *rabiça* e pelo *rabo*, que servem para lhe dar direcção.

A *grade* é constituída por três tábuas ou pranchas de madeira *(vanços)*, sôbre as quais estão implantados pequenos cones de madeira *(dentes)*, por forma que fiquem em cada vanço nos intervalos dos dentes do outro. As três pranchas, separadas umas das outras, estão ligadas nos topos por outras duas pranchas perpendiculares àquelas *(têstos)*. A meio de um dos vanços extremos há dois orifícios por onde passa uma corda ou corrente que liga a grade a um pau recurvo num dos extremos *(sóleas)* a que se prende a canga para os bois.

Com o arado abrem sulcos na terra e com a grade espalham-na e tornam-na sôlta.

O tremoço é enterrado verde em Dezembro ou Janeiro, fazendo-se então a sementeira do trigo, umas vezes logo a

---

(1) Apontamentos póstumos publicados pelo P.e Mariano Constantino Homem, para servirem de continuação a *Topografia da Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo.

(2) *Histoire de la Navigation de Jeau Hvgves de Linchot, Hollandais, aux Indes Orientales*, Amsterdam, 1616, pág. 174.

seguir, outras depois de dar à terra um repouso de 9 ou 15 dias *(sesão)*.

A atremoçadura faz-se também por outro modo. Logo depois da colheita dá-se uma leve gradagem e lavoura à terra, que fica em sesão até às primeiras chuvas do Outono, em que se lhe lança o tremoço. A êste junta-se fava e centeio ou cevada, na proporção de uma quarta de cada uma destas sementes por alqueire de tremoço. A esta cultura se chama *os outonos*, que servem de forragem para o gado, e a que já nos referimos nesta revista ([1]).

O gado come os outonos *prêso à estaca* pelo modo seguinte: Prende-se uma corda ou corrente ao pé de cada animal, prendendo-se a outra extremidade a um pedaço de madeira de cêrca de três palmos de comprido *(cangalha)*, que tem na outra ponta uma argola de verga ou de corda *(rodilha)*. Na rodilha enfiam uma estaca de madeira, que não é mais do que um pedaço de tronco de árvore aguçado numa das pontas, que cravam na terra batendo-o com um maço de madeira. Para que a rodilha se não desenfie da estaca, e o animal se não solte, aproveitam geralmente o ponto de inserção de dois troncos ou ramos da árvore, formando um gancho *(garfo)*.

O segundo modo de atremoçar é mais empregado nas terras que estiveram um ano a trigo e são no imediato semeadas de milho.

O trigo é semeado a lanço, fazendo-se a cobertura a arado ou à grade. Para provocar o afilhamento dá-se uma ligeira gradagem e fazem-se depois uma ou duas mondas.

Nas mondas emprega-se, em regra, a *enxada* e o *sacho*. Tanto o sacho como a enxada são formados por uma lâmina de ferro batido *(fôlha)*, cravada, num dos extremos, num cabo que se enfia no orifício de um anel prêso à fôlha *(ôlho* ou *alvado)*. O sacho difere da enxada em ter a fôlha mais estreita e, opostos a ela, dois dentes que formam ângulo agudo *(bicos)*.

Quando, por meados de Julho, o trigo está maduro, principia a ceifa, que se faz com a *fouce*.

O camponês terceirense usa duas espécies de fouce, uma, de lâmina de curva aberta com um cabo curto, que serve

---

([1]) *Etnografia jurídica da Ilha Terceira*, Açôres: no vol. XXX, pág. 258.

para a ceifa; outra, de cabo comprido, com a lâmina mais larga curvada quási como gancho, que utiliza a roçar silvado.

Ceifado o trigo, juntam as espigas em mancheias *(manças)* que reünem em montes maiores *(paveias)* amarrados com uma palha torcida. Com as paveias formam os *montões* que põem a secar *(a frescal)* e depois levam para a *eira*, espaço de terreno, entejolado, em forma arredondada, que serve para a debulha. Esta é feita com os *trilhos* puxados a bois ou vacas.

O *trilho* é formado por duas pranchas de madeira largas e grossas, com uma das extremidades arredondada, unidas na face superior por três tábuas *(travessas)* e crivadas na face inferior de pequenas concavidades ou mossas, nas quais se entalam pedras miúdas, arredondadas, com arestas vivas e duras, que, correndo sôbre as espigas, separam o grão e cortam a palha.

Na extremidade arredondada do trilho há dois orifícios por onde passa um pedaço de corda *(umbigo de boi)*, que o liga a um tronco de madeira *(sóleas)*, semelhante ao que se prende à grade, e ao qual se atrelam os bois com a canga. Para aumentar a pressão do trilho, as raparigas, com a cabeça defendida do sol por grandes chapéus de palha de largas abas, semelhantes aos que também usam os homens, sentam-se sôbre os trilhos que correm às voltas na eira.

A palha é revolvida com um tridente de madeira *(forquilha)*, e a palha miúda separada com uma vassoura rala de gilbardeira *(Ruscus aculeatus* segundo Alfredo da Silva Sampaio na *Memória da Ilha Terceira)*, denominada *vassoura de qüeinar* ou *queinhar*, para a distinguir da vassoura com que se varre a eira *(vassoura de varrer)*.

Para juntar o grão usa-se o *rôlo* e a *pá de qüeinar*, ambos de madeira, e para o limpar a *joeira*, feita de junco.

Durante a ceifa e a debulha não cantam; mas nalgumas freguesias, São Bartolomeu, por exemplo, fazem de tempos a tempos grande alarido, procurando imitar o mugir das vacas e o zurrar dos burros.

Se alguém de fora chega à eira, é inevitável saüdarem-no por êsse modo.

Costume semelhante existe nalgumas localidades do continente (1).

---

(1) *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 302.

A terra começa-se a lavrar em qualquer dia do mês ou da semana, mas alguns lavradores evitam fazê-lo à terça ou à sexta-feira, e no dia treze do mês.

Antes de começarem o trabalho benzem-se, e findo êle dizem: — «Fica-te para aí à conta de Deus».

Quem visita uma seara, se está bonita e prometedora, diz sempre: — «Deus te guarde».

Para afugentar a praga dos pássaros, tanto na seara como na eira, usam de *espantalhos*, que são os sucessores das tôscas imagens de Priapo, que, segundo Tibullo, os Romanos colocavam nos pomares, o que também se pratica no continente. Armam em canas bonecos de palha vestidos com roupa de homem, pondo-lhes na cabeça um chapéu velho; mas não é raro os pássaros, ao verem a imobilidade do boneco, perderem-lhe o respeito, pousarem nêle e continuarem o seu trabalho de destruïção. Neste caso empregam os espantalhos sonoros, matracas, corropios e *racas*.

A raca é uma roda dentada, movida pelo vento, que impele uma pequena vela que a faz bater uma palheta de cana.

No último dia da ceifa e na debulha, além dos homens pagos a jornal, que nela trabalham, os vizinhos costumam dar gratuìtamente o seu auxílio.

O lavrador a quem pertence o trigo, distribue vinho e comida pelos que trabalham, jornaleiros ou não, na ceifa e na debulha; mas tanto uma como outra não podem dizer-se, no verdadeiro sentido, festas agrícolas, como a desfôlha do milho.

A cultura do milho e as desfôlhas

A cultura do milho alterna com a do trigo e são semelhantes os trabalhos de uma e outra (1).

Quando as maçarocas *(sócas)* estão cheias e as fôlhas começam a murchar, quebram o côlmo acima da primeira maçaroca.

Os *espigos* reünem-se em ramo e amarram-se aos milheiros, um aqui outro além, com fôlhas do próprio milheiro.

---

(1) Sr. Jacome de Ornelas Bruges, *A Ilha Terceira — Notas sôbre a sua agricultura, gados e indústrias anexas*, Angra, 1915.

É o que se chama *descabeçar o milho.*

De fins de Setembro a princípios de Novembro faz-se a apanha do milho, e as maçarocas são levadas para casa do lavrador onde são amarradas em *cambos* ou *cambolhões*, parte já descamisada, parte ainda com a camisa, que se coloca na *burra* próximo à casa, de onde é retirada, conforme as necessidades, pelo ano adiante.

A *desfôlha* é a mais importante das festas agrícolas, e uma das mais animadas.

Rapazes e raparigas, sentados no chão, cantam ao desafio, ou as *modas* populares, acompanhados por violas, emquanto vão descamisando as maçarocas. Com as cantigas alternam as adivinhas e os contos e, de vez em quando, dansam uma *Chamarrita.*

Quem descamisa uma *sóca* vermelha, se é rapaz, abraça tôdas as raparigas, se é rapariga, abraça todos os rapazes. A *sóca* de grão rajado confere o direito de dar beliscões.

Quási sempre o dono da casa oferece alguma coisa de comer e beber, e então a festa mais se anima.

As vindimas

Setembro é o mês da vindima, que, em alguns anos, já começa em fins de Agôsto.

Nos terrenos pedregosos *(biscoito)* a videira é plantada em covas onde deitam alguma terra, em pequenos espaços cercados de parede singela *(currais* ou *fojão)*, que os abriga e defende dos ventos e da ressalga nos terrenos à beira-mar.

Algumas vezes fazem nos currais um empedrado *(calçada da vinha)*, e só deixam a descoberto as covas.

Hoje a vinha é quási tôda enxertada, para evitar o ataque da filoxera, em pés *(barbados)* de espécie que se não deixa atacar por ela *(vinha resistente)*.

Podada, adubada com tremoço, estende sôbre o cascalho os braços, que, aqui e ali, se ornam de cachos louros da uva *verdelho* e de cachos denegridos de uva Isabel *(uva de cheiro)*.

Quando o sol é muito forte, cobrem os cachos com fôlhas da parreira; e, para evitarem o contacto dos cachos com o solo, levantam os *baraços* com pequenas estacas de cana, dois a três palmos do chão.

Quando a uva está madura começa a vindima.

Homens e mulheres, logo de manhã, a cabeça coberta com grandes chapéus de palha feitos na Ilha, iguais aos que usam nas ceifas, vão para a vinha munidos de navalhas, algumas com a ponta curvada *(podões)* e cestos pequenos, onde recolhem os cachos que despejam noutros maiores *(cestos vindimos* ou *vindimeiros)*, que servem para o transporte às costas dos homens para o lagar. Se êste fica muito distante da vinha, os cestos vindimos despejam-se por seu turno em dornas *(balseiros)*, que são transportadas em carros de bois.

Chegada à adega onde está o lagar, a uva é escolhida sôbre esteiras e, desembaraçada de parte do engaço, é espremida por dois ou três homens, que, com as ceroulas arregaçadas até o joelho, a vão pisando.

O lagar está construído num barracão de tecto baixo, onde, durante o ano, se arrumam instrumentos de lavoura e se guardam as pipas com o vinho.

O lagar é formado por uma caixa quadrada, fechada por grandes lages unidas entre si e levantadas do solo cêrca de sessenta centímetros *(monte do lagar)*. Num dos lados da caixa há uma abertura com uma pequena calha de pedra *(bica do lagar)*, por onde sai o sumo da uva *(vinho doce)*, que é recebido num balseiro.

Por cima do lagar está a prensa, que serve para expremer a *balsa* depois de *passado* o vinho para a pipa a seguir à fermentação.

A prensa é formada por duas grossas varas de madeira, que vão do solo ao tecto da casa *(barrotes)*, encostados a um dos lados da caixa do lagar, entre os quais gira um pesado madeiro *(madre)*, a cuja extremidade, que sai fora do lagar, estão presas duas chapas de ferro *(orelhas)*, que se ligam a um parafuso de madeira *(fuso)* que gira verticalmente numa porca presa à madre *(fêmea)*, e eleva uma grande pedra cilíndrica *(pêso)* fixada no extremo inferior do fuso. Quando se quere expremer a balsa, lança-se esta num cilindro formado de réguas de madeira com pequenos intervalos *(gradil)* no qual se ajusta um disco de madeira que o veda superiormente, sobrepôsto de cunhas *(calços)*, sôbre os quais se assenta a madre. Fazendo girar o fuso com auxílio de uma alavanca que o atravessa *(ferro)*, eleva-se o pêso baixando o outro extremo da madre que preme a balsa.

O vinho doce que sai pela bica do lagar e é recolhido no balseiro, e nêle fica a fermentar *(levantar fervura)* três ou

quatro dias, findos os quais o *vinho novo* é deitado nas pipas, onde se guarda. Há, todavia, quem depois o trasfegue para vasilhas maiores *(cascos)*.

Sobretudo para o vinho verdelho, há hoje o sistema de *bica aberta*, que alguns vinhateiros empregam; mas o processo descrito é o mais usado e tradicional.

Emquanto o vinho é novo, não rolham a pipa, para que a fermentação, que mais ou menos intensa continua, não a rebente, e apenas a vedam colocando uma maçã no lugar do batoque.

Em Novembro está o vinho pronto.

É já *vinho velho*, e, por isso, aconselha o ditado: — «No dia de São Martinho, vai à adega e prova o teu vinho».

Emquanto o vinho é novo, bebem-no por tigelas de barro cozido, para se não ver que está turvo, e os apreciadores gostam de esfregar na borda da tigela uma malagueta, gôsto esquisito que, todavia, por ser gôsto, se não discute.

O São Martinho

Tinha antigamente a Igreja duas quaresmas no ano, a da Páscoa e a do Advento. Era esta, como é ainda hoje aquela, um tempo de jejuns, mortificações e penitências para todos os fiéis; mas foi caindo em desuso, há séculos que se não observa, e dela só restam vestígios na liturgia.

Como a quaresma da Páscoa, a do Advento tinha o seu carnaval, onde se enxertaram reminiscências de velhas práticas e festas pagãs (1). Era o São Martinho e se aquela se perdeu na vida do povo, êste sobreviveu-lhe e ainda dá sinais da sua existência.

Estava destinado ao bom bispo de Tours, todo caridade e abstinência, que «soube não ter temido a morte, nem recusado a vida», como disse um seu biógrafo, apadrinhar com o seu nome êsse período de desatinos e libações ameúdadas, que melhor ficavam sob a proteção do velho Baco.

No dia da sua festa, que é a 11 de Novembro, deve-se

---

(1) Sôbre a influência das festas pagãs na de São Martinho, vid.: *Revista Lusitana*, vol. XXI, pág. 34; e sr. Luiz Chaves, *Portugal Além*, pág. 152.

provar o vinho feito nêsse ano, mas os devotos levam tão longe a prova, que o bebem em avantajadas porções.

É o São Martinho!

Nos dias que antecedem a festa do santo as tabernas *(vendas)* mais afamadas têm especial freqüência. É que lhe andam a fazer a *novena*... No dia 10 fazem-lhe *vésperas*, que se assinalam por libações mais copiosas, no dia 11 a festa, que é o *papa*, e no dia 12 a oitava, que é o *rapa*.

A festa do dia 11 é, geralmente, tão regada, que os devotos apanham uma *touca*, um *repôlho*, uma *perúa*, uma *morrinha* de *caixão à cova*, ou pelo menos ficam com os *pés sujos*.

Mas a festa não consistia simplesmente em beber vinho. Havia certos ritos que se observavam, com mais ou menos rigôr, ainda há trinta ou quarenta anos.

Os devotos constituiam uma pseudo-irmandade, cujo mordomo, borrachão notável, logo nos princípios de Novembro, anunciava a festa, convidando para ela os *irmãos* e indicando-lhes quais as *capelinhas* onde se devia celebrar.

No dia 10 à noite os rapazes andavam pelas ruas a buzinar em chifres de boi furados e transformados em buzinas, e nessa mesma noite, ou na de dia 11, organizava-se uma picaresca procissão. Os devotos, cobertos com lençóis brancos ou colchas de chita enramada, a parodiar as opas, com lanternas ou velas acesas, uma campaínha, um simulacro de pendão e às vezes archotes, percorriam as tabernas recomendadas pelo mordomo da confraria, onde iam bebendo, até ficarem naquela que fôra destinada à celebração da festa.

Nalguns anos, em que a festa era celebrada com maior pompa, a procissão levava no fim um carro de bois que conduzia uma pipa, e nela escanchado com um cangirão na mão um devoto mais fervoroso de São Martinho. De espaço a espaço um irmão subia ao carro e daí prègava um sermão. De um sermão de São Martinho muito jocoso, prègado em 1793 por um tal Tomaz Francisco, tabelião na Vila de São Sebastião, nos fala Ferreira Drumond nos *Anais da Ilha Terceira* (1).

Nalguns anos saiam fôlhas volantes impressas, com cantigas alusivas à festa.

Estes costumes têm desaparecido quási completamente.

---

(1) Vol. III, pág. 77.

A festa do Espírito Santo

Não há talvez no mundo povo mais festeiro do que o da Ilha Terceira. Não há mês no ano em que não tenha uma e mais festas. Prejudicam elas o trabalho, mas a terra fértil não exige, para produzir, grandes canseiras, nem a vida frugal e simples das aldeias graves dispêndios. O principal é que cada um vá para a cova fartinho de se divertir.

A grande, a maior das festas populares terceirenses é a festa do Espírito Santo, que se celebra na Ilha desde os primeiros tempos do povoamento, pois logo aparecem constituídas as respectivas irmandades, a que fazem referência dois documentos de 1523 e diversas disposições das Constituïções do Bispado de 1559 (1).

A forma do culto popular é semelhante à que então se praticava no Continente; mas, emquanto neste desapareceu ràpidamente, pois um século depois já tinha caído em esquecimento, conservou-se nas Ilhas até hoje (2). Talvez para isso contribuísse o andar associada a freqüentes manifestações vulcânicas. Não temos notícia de erupção ou abalo sísmico em que se não fale de votos e preces ao Espírito Santo.

Ainda que haja sofrido transformações no decurso dos tempos, muito se conserva no culto popular do Espírito Santo (aliás profundamente cristão pelo seu espírito) que se possa considerar como sobrevivência pagã, o que lhe dá o cunho original que sempre tem tido.

Em cada frèguesia há uma ou mais irmandades, compostas de homens e mulheres, cuja sede é no respectivo *império* ou *teatro*, pequena capela de pedra, ou excepcionalmente de madeira, que se arma na ocasião da festa.

O império, construído no largo principal *(terreiro)*, junto

---

(1) Ferreira Drumond, *Anais da Ilha Terceira*, vol. I, pág. 525. Sôbre a história destas festas, vid. Gervásio Lima, *Festas do Espírito Santo — Cantores e cantares*, Angra do Heroísmo, 1932.

(2) Sôbre a antiguidade destas festas pode ver-se a memória do P.e Alberto Pereira Rei, no *Arquivo dos Açôres*, vol. III, pág. 285, e o artigo de B. J. de Sena Freitas, na mesma publicação, vol. I, pág. 182.

à igreja paroquial, ou noutro largo da frèguesia, tem anexa a *dispensa*, casa onde se guardam as ofertas dos devotos e o pão e o vinho para o bôdo.

Tôda a irmandade tem, pelo menos, uma coroa imperial de prata encimada por uma esfera com uma pomba, os aros enfeitados de flores artificiais e o cetro de prata com uma pequena pomba no extremo, a salva de pé onde se coloca a coroa, e uma bandeira de sêda vermelha com uma pomba bordada a prata ou ouro, além das varas de madeira pintadas de vermelho para os procuradores e irmãos que acompanham a coroa *(variança)*, a bandeira de algodão vermelho, as opas enramadas, um pandeiro e um tambor para os foliões.

Do domingo de Páscoa ao domingo de Pentecostes ou da Trindade, conforme a festa se realiza num ou noutro, a coroa e a bandeira estão cada semana em casa de um irmão designado pela sorte, e, do domingo da festa, a que chamam vulgarmente *domingo do bôdo*, ao da Páscoa do ano seguinte em casa daquêle irmão a quem saio o *Senhor Espírito Santo todo o ano.*

A grande festa é no domingo de Pentecostes, embora outra se realize no da Trindade.

A coroa é mudada processionalmente em cada domingo à tarde de uma casa para outra. Aquêle a quem pertence o Espírito Santo nessa semana vai buscar a coroa e a bandeira à casa onde estão, acompanhado da família, dos vizinhos e amigos. Chegados à casa, o dono desta toma o cetro que dá a beijar aos circunstantes e entrega-o com a coroa e a bandeira aos que as vêm buscar. Forma-se então o cortejo, à frente as mulheres, depois os homens em duas filas, empunhando todos varas, ao meio a bandeira, que às vezes é empunhada por uma rapariga, e atrás o dono da casa que leva a coroa na salva.

Pelo caminho todos cantam a Ave-Maria ou a Salve-Raínha e, se é de noite, fazem-se acompanhar de archotes.

A casa onde entra a coroa fica logo em festa durante a semana. No *meio da casa* com as paredes revestidas de colchas vermelhas e o chão, se é térreo, atapetado de rama de pinheiro *(fêno)*, arma-se o trono, enfeitado de castiçais de vidro com círios e jarras de flores naturais *(flores do campo* em contraposição às flores artificiais ou *de mosteiro)*, onde se põe a coroa, e ao lado, no canto, a bandeira encostada à parede.

À entrada, na *rua da casa*, espetam-se ramos de incenseiro *(faia do norte)* e mastros com bandeiras quási sempre vermelhas e brancas.

Tôdas as noites se reza o têrço, que o dono da casa, ou pessoa de consideração *(autorizo)* por êle convidada, oferece, seguido de uma infinidade de Padre-Nossos e Ave-Marias pelas almas do Purgatório, pelos que andam sôbre as águas do mar, pelos presentes, pelos donos da casa, pelos ausentes, pelos que estão em agonia ou em pecado mortal, terminando pela lamentosa súplica em voz potente com o canto-chão da *Magnificat*, «Espírito Santo Deus Misericordia», três vezes repetida, que se ouve a grande distância.

Ao têrço segue-se o baile em que se dançam e cantam as *modas populares* da Ilha, a *Charamba*, o *San'macaio*, a *Chamarrita*, as *Velhas*, o *Pèzinho*, os *Olhos Pretos*, a *Tirana* e, a finalizar, a *Sapateia*.

Na quarta-feira começa a lida do fabrico das massas, pão de leite, pão de água, massa sovada, e as raparigas tiram às escondidas pedaços delas, com que fazem pequenos bonecos *(ferruméćos)* para oferecerem aos namorados.

Na sexta-feira é a festa do bezerro. Um ou mais bezerros, conforme as posses do *imperador*, isto é daquêle que tem o Espírito Santo em casa, enfeitados com flores e fitas de papel, percorrem as ruas da frèguesia, seguidos por um grupo de cantores e músicos que tocam viola, clarinete, bombardino, rabeca, param em frente de uma ou outra casa, e vão diante do trono onde obrigam os bezerros a ajoelhar e lhes tocam com o cetro na testa, para serem depois abatidos. A carne é distribuída em presentes e esmolas, e serve para o jantar da coroação, que se realiza no domingo.

Neste dia, antes da missa, forma-se em casa do imperador um cortejo semelhante àquêle que acompanhou a coroa quando a foi buscar, com a diferença da coroa ser agora levada pelo *trinchante*, que tem o imperador a seu lado, e a bandeira pelo *alferes*, pessoas para isso convidadas, e dirige-se à igreja onde, ouvida missa, o padre, entoando o *Veni-Creator*, põe a coroa na cabeça do imperador ou na de um filho dêle para isso escolhido pelo pai, e volta para casa.

O cortejo leva à frente os *foliões*, três músicos excêntricos, vestidos de opas vermelhas enramadas, um dos quais leva uma bandeira, que cantam pelo caminho louvores ao Divino Espírito Santo, com acompanhamento de tambor e

pandeiro. Antigamente os foliões cantavam e dansavam na igreja, o que foi proïbido pelas Constituïções do Bispado.

Quando o imperador leva a coroa na cabeça, e empunha o cetro, a bandeira vai desfraldada e o trinchante leva a salva na mão.

Uma vez de volta a casa, há o jantar *(função)*, que é a parte mais importante da festa.

Abundantemente regado de vinho tinto ou de cheiro e também às vezes de vinho branco (verdelho), o jantar compõe-se de sopa de carne muito adubada e gordurosa *(sopa do Espírito Santo)*, cozido, alcatra, e arroz doce.

No fim *brinda-se a mesa*, isto é, fazem-se brindes com um só copo de vinho ou águardente, num prato, que circula por todos os convidados, cada um dos quais deita no prato algum dinheiro para os foliões.

Estes, como verdadeiros mestres de cerimónias de tôda a festa, é que dirigem o banquete, durante o qual cantam louvores ao imperador e aos seus convidados, e ordenam em verso a seqüência das iguarias:

Ó meu nobre imperador,
Cravo branco riscadinho;
Mandai vir a nobre carne
Ai, e logo atrás o vinho.

Ó meu nobre imperador
Sois pessoa de nobreza;
Mandai vir a nobre sopa
Para honrar a vossa mesa.

Ó meu nobre imperador,
Isto requer muita cautela;
Mandai vir o arroz doce
Cobertinho de canela.

Ó meu nobre imperador
Isto assim não tem geito;
Mandai vir a alcatra-assada
C'o seu mòlhinho bem feito [1].

No *dia do bôdo* a coroa da igreja vai para o império. Chegado a êste o imperador, de coroa na cabeça, fica por momentos à porta de face voltada para a assistência, emquanto os foliões cantam e estalam foguetes, findo o que lança com o cetro a benção ao povo e entra.

Esta coroação do domingo do bôdo é acompanhada pelo padre, de sobrepeliz e estola ou capa de asperges, que não

---

[1] Recolhidas por Gervásio Lima, nas *Festas do Espírito Santo*, pág. 43 e segs.

entra no império, mas vai à dispensa benzer as massas e o vinho.

Terminada a coroação, começa a distribuïção de bôdo de pão e vinho a tôda a gente que está na frèguesia, ainda que só de passagem, distribuïção que é feita pelos procuradores e seus coadjuvantes acompanhados dos foliões.

No largo ou *terreiro do império* alinham-se os carros de bois com os toldes enfeitados e as raparigas sentadas na trazeira, formando ruas pelas quais circulam os rapazes.

Se na frèguesia há uma filarmónica, é ela que acompanha a coroação, o que reduz os foliões a uma situação tão subalterna, que chegam a ser suprimidos, e toca no arraial. Se não há, a tarde passa-se a tocar viola e a cantar ao desafio.

Nessa ocasião faz-se no império a extracção dos pelouros, isto é, a designação, pela sorte, dos irmãos que devem ter em casa o Espírito Santo na festa seguinte ou durante o ano, de certos encargos como a oferta de certo número de pão para o bôdo ou de uma porção de trigo. A estes chama-se, genèricamente, *mordomos*.

O resultado da extracção dos pelouros é anunciado em altos berros por um dos foliões, na porta do império, e sublinhado o anúncio por um rufo de tambor. Àquêle a quem sai o Espírito Santo todo o ano, levam-lhe a casa a bandeira que êle, ufano, põe à janela para dar a saber a todos a boa nova.

No fim da extracção dos pelouros os procuradores nomeiam, de acôrdo, os que os devem substituir no ano seguinte, os quais, dias depois, tomam posse e as contas aos cessantes.

Do pão que sobrou do bôdo fazem-se grossas fatias que se distribuem na segunda-feira, pelo que a esta se chama *dia do bôdo das fatias.*

Na dispensa há massa sovada e alcatra, vinho e às vezes também alfenim que se oferece a quem vai pagar alguma promessa ou a quem quer comer.

Durante o arraial da tarde do dia do bôdo, arrematam-se as ofertas de promessa, galinhas, massas, alfenins, púcaras de gordura, etc.

Pode dizer-se que no domingo de Pentecostes tôda a Ilha está em festa, e não há quem não tenha de comer e beber com fartura.

Touradas à corda

Ìntimamente ligadas às festas do Espírito Santo, bem como a tôdas as festas de Verão, das quais constituem elemento imprescindível, estão as touradas à corda.

A sua existência na Ilha Terceira, única dos Açôres onde se realizam, data dos primeiros tempos da colonização.

A Ilha foi sempre abundante em gado bravo, como o atestam diversos documentos, e na batalha de Salga contra os Castelhanos, em 1581, foram os touros que reünidos em grande quantidade e lançados contra o inimigo ajudaram a vencê-lo (1).

As Constituïções do Bispado de 1559 proïbem que se corram touros nos adros das Igrejas e que os clérigos tomem parte nas touradas.

Também no Continente se realisaram touradas por ocasião das festas do Espírito Santo (2); mas, segundo parece, os touros eram lidados em praças ou recintos fechados, segundo as regras da tauromaquia, ao passo que na Terceira existem, a-par daquelas, as touradas à corda, que são o divertimento favorito da gente do povo.

Qual a origem das touradas à corda é que não é fácil averiguar. Teriam sido introduzidas na Ilha durante a dominação espanhola? É possível, visto que nos arredores de Madrid, se realiza divertimento semelhante (3).

Temos notícias de algumas antigas touradas de praça por ocasião das festas de São João, que os nobres levavam a efeito com grande pompa (4), e sempre que algum importante facto, local ou nacional se celebrava, como, por exemplo, a abertura ao culto da nova igreja da Misericordia em 1746, a restauração do absolutismo em 1824 (5).

---

(1) F. Drumond, *Anais da Ilha Terceira*, vol. I, pág. 224.

(2) Sr. Dr. Ângelo Ribeiro, *História de Portugal*, edição de Barcelos, vol. V, pág. 473, onde se faz referência aos bôdos e festas do Espírito Santo, em Leiria.

(3) Revista *Sol y Sombra*.

(4) G. Lima, *As festas de São João*, Angra do Heroismo.

(5) *Arquivo dos Açôres*, vol. IX, pág. 454, e vol. VII, pág. 305.

As touradas de praça realizavam-se na antiga Praça dos Santos Cosme e Damião, em frente das casas da Câmara, hoje denominada Praça da Restauração, que o povo se obstina a chamar Praça Velha; eram um divertimento da nobreza e do rico comércio da cidade, que nunca foi verdadeiramente popular.

O povo do que gosta é da tourada à corda.

No dia da tourada, que é geralmente em segunda-feira, logo de manhã, começa a chegar a frèguesia onde ela se realiza, gente de fora, que vem a pé, de carro de bois, de carroça, e hoje até de automóvel.

Pela volta da uma hora da tarde os pastores trazem os touros da pastagem para o touril, que não é mais do que um cerrado à beira da estrada, onde está o *caixão*, pesada caixa de madeira com duas portas, uma na frente outra atrás, e um alçapão na parte superior, onde o touro entra para ser embolado e fortemente amarrado a uma corda de uns nove ou dez metros de comprido.

A chegada dos touros não passa despercebida. Os amadores vão esperá-los fora da frèguesia e acompanham-os até o touril. À frente vêm três ou quatro vacas com grandes chocalhos de cobre presos ao pescoço por largas coleiras de couro às vezes com lavores. São as *chocas*. Vêm depois os touros com vacas à mistura, os pastores e atrás o povo. A chegada dos touros à frèguesia é quási sempre assinalada por um ou outro episódio alegre, um distraído que foi apanhado no caminho e se salva como pode, outro assustado que se alarma e foge antes do tempo, uma mulher que sai à rua e procura meter em casa os filhos pequenos que fazem alarido.

Pelas duas horas começam as janelas das casas, as varandas e até as paredes que marginam a estrada a encher-se de mulheres, emquanto os homens, com o bordão na mão, andam pelo caminho a passear. Vendedores ambulantes vendem fava e milho torrado, amendoim, a que hoje chamam *pinotes*, aportuguesando, o inglês *peanuts*, introduzido pela emigração para os Estados Unidos da América.

Às três ou quatro horas um foguete anuncia a saída do primeiro touro, o que faz pôr no seguro os mais timoratos, emquanto os mais afoitos ficam na estrada para brincar com o bicho, que citam com os casacos, os chapéus ou velhos guarda-chuvas que consigo levam.

O touro percorre uma parte da estrada preso à corda, a

cuja extremidade pegam quatro ou cinco pastores, descalços, vestidos de camisola de linho branco, e a cabeça coberta com um chapéu de abas largas.

Antigamente os *homens da corda* iam com uma máscara na cara, e na cabeça usavam a tradicional carapuça de orelhas, hoje desaparecida.

A manobra da corda é dirigida por um pastor que vai à frente dos homens da corda e dá *a pancada*, isto é, um esticão na corda para fazer parar o touro na carreira.

Recolhido o touro, outro se lhe segue, até se correrem quatro ou cinco e, corrido o último, começa a debandada.

A tourada é cheia de peripécias: colhidas, fugas desordenadas, desastres ridículos.

Num páteo ou numa sobra de estrada comerciantes improvisados armam tendinhas volantes onde vendem vinho, salada de lagosta, caranguejos, torresmos de porco e a infalível fava cozida com salsa e vinagre, numa grande travessa de onde todos a tiram, pelo que se chama *fava de molho de dedo.*

O touro, às vezes, por descuido dos homens da corda ou de propósito, chega à tendinha e faz tudo em cacos, emquanto os frègueses se escapam como podem.

As touradas, durante o Verão, sucedem-se tôdas as segundas-feiras, quando não há duas e três por semana, em lugares diferentes, sempre com igual entusiasmo e concorrência.

Nas grandes festas e romarias quási que há tourada todos os dias.

Romarias

A contrastar com o bulício das touradas está a pacatez das romarias.

Tudo se resume a, quem vai de fora, jantar ao ar livre nalgum páteo ou mata à beira do caminho, assistir à festa de Igreja ou à procissão.

No terreiro da igreja toca, no intervalo, a filarmónica local, e tôda a gente pára junto dela a ouvir a música.

Na véspera, o sabado à noite, há iluminação e música na frente da Igreja, e às vezes também *fogo preso*, as velhas peças de fogo sempre reproduzidas, como o castelo, a boneca, a roda, o navio.

Na segunda-feira há a tourada de corda, e, se a festa se prolonga até à quarta, em que há uma tourada, na terça-feira há de manhã bôdo de leite e à tarde uma procissão.

O bôdo de leite consiste em os lavradores da frèguesia levarem ao terreiro as vacas com as crias e darem leite a quem o deseja beber, emquanto a filarmónica toca num palanque, armado de propósito e revestido de ramos de incenseiro ou faia do norte.

Se a festa da terça-feira é de Santo António, recolhida a procissão, distribuem merendeiras de trigo pela assistência.

As romarias mais célebres são as de Nossa Senhora dos Milagres, da Serrêta, muito antiga, dos Biscoitos e das Lages.

Na Serrêta dão a quem faz alguma oferta à Igreja uma espécie de bentinho de cartão, forrado de sêda, veludo ou papel de côr, enfeitado com canutilho e lentejoulas douradas, de forma de estrèla ou de coração, com uma minúscula gravura de Nossa Senhora no centro, que os romeiros prendem com um alfinete na lapela.

As festas de Maio e de São João

O povo ainda não esqueceu de todo as antigas festas da Primavera, mas delas já pouco resta na tradição.

No dia primeiro de Maio enfeitam as janelas e balcões com ramos verdes, e nelas põem um boneco de palha vestido de mulher, *o Maio*.

Para solenizar o dia, fazem papas de milho estraçoado, com leite e açúcar, a que chamam *papas grossas*, e não vão ao trabalho.

À festa de Maio alude uma quadra popular:

Dia de Maio,
Dia de má ventura,
Mal amanhece
Logo é noite escura (1).

Diz-se que no dia de Maio ninguém se deve levantar tarde para o *Maio* não entrar com êle.

O São João foi outrora muito festejado, mas hoje a

---

(1) Também se usa no Continente: vid. Leite de Vasconcellos, *As Maias*, 1882, pág. 8.

festa consiste em fazer fogueiras na rua, na véspera à noite, fogueiras em volta das quais os pequenos brincam e saltam quando a labareda decresce.

Nessa noite as raparigas deitam sortes para saberem quando e com quem casarão, põe-se água ao relento para, com um pouco de farinha de milho, se fazer o fermento para o pão, e deita-se a peneira para se saber o futuro.

*

Além destas festas, outras há na roda do ano, sem terem todavia grande importância.

No dia da Senhora das Candeias (2 de Fevereiro) ou no sabado da Aleluia e domingo de Páscoa ensaiam-se danças que percorrem a frèguesia.

No Carnaval andam pelas ruas alguns mascarados, os rapazes queimam bombas e busca-pés, enfarinham-se e *enferrujam-se* com a fuligem das chaminés, e nas casas comem-se as indigestas filós fritas com mel de cana, as sopas fritas com açúcar e canela, e os cocorões.

No Pão-por-Deus, os rapazes correm as casas a pedir, e a quem lhes não dá alguma coisa cantam enraivecidos:

Sóca vermelha,
Sóca rajada,
Tranca no c...
A quem não dá nada.

Da festa do Natal e dos Reis já noutro lugar desta Revista se falou [1].

Angra do Heroismo, Dezembro de 1934.

LUIZ DA SILVA RIBEIRO.

---

[1] Vol. XXXI, pág. 301.

VOCABULÁRIO ALENTEJANO

(Subsídios para o léxico português)

(Continuado do vol. XXVI, pág. 83)

C

1. ● **cabaço,** s. m. — Além das acepções já registadas por C. de Figueiredo, *Novo Dic.* — «recusa de casamento», etc. — no Alentejo significa mais: recusa a quem pede par para dançar. O mesmo que *calmeiro*. (Cp. *arrebentadela, cambalhota, estouro, estroncadela*, etc.). (Dist. de Évora e Mértola).

2. ● **cabaço,** s. m. — Vaso de lata, de forma cilíndrica, com um grande cabo de madeira, e com que se tira água dos tanques para *pipas*, etc. (Évora).

● **cabanal,** s. m. — Cabana, coberta de colmo, para porcos. Espécie de *malhada*. (Gavião).

— *Dia de Santo Cabaneiro* — Assim é conhecido o dia de constante chuva, muito chuvoso, e isto, por os trabalhadores rurais que andam nos campos, especialmente os pastores, terem por esse motivo de recolher-se às *cabanas*. É dia de folga, e daí o ser santificado. (Montemór-o-Novo).

— *Cantigas cabanais*, cantigas mal armadas, sem *fundamento*, de *pé-quebrado*, como também são conhecidas:

«Fui à serra colher trevo
C'uma tesoura d'anéis;
Franganitos *com'a ti*
Depeno-os eu *ós pontapéis*».

(Redondo).

«*Levanti-me* um dia cedo
P'ra ir *ós* Montejuntos;
Franganitos *com'a ti*
Tenho depenado *muntos*».

(Alandroal).

(Note-se o plural de *pé-péis*, muito vulgar nas falas do povo).

* **cabenejeiro,** *(jêro)*, s. m. — Aquêle que transporta os *cabanêjos* de uvas, na época das vindimas. (Évora).

* **cabanha,** s. f. — Um combinado número de quilos de pão ou de farinha, e de medidas de azeite, que o *vareiro* ou qualquer outro pastor, criado do «monte», etc., recebe por semana para seu sustento. (Colhido em Safára — Moura).

— «O salário em géneros (recebidos pelos criados da lavoura): farinha e azeite, chama-se *comedía*, sendo designado por *cabanha*, nos concelhos raianos de Moura, Serpa, Mértola, etc.». C. Gonçalves, *A Vida Rural do Alentejo*, (922), 17. (V. *comedía* ou *comedoría*).

* **cabeça-de-charra,** s. f. — O mesmo que *galantina* de porco.

— É prato muito apreciado por ocasião da matança. Cf. *ob. cit.*, 13. (Viana — Évora).

cabeçalho, s. m. — A extremidade da *vara* do carro, onde se prendem os animais. O mesmo que *cabeçalha* (temão).

— Um e outro voc. já vêm registados no *Novo Dic.*, êste último como *provincianismo minhoto*. São us. no Alto-Alentejo. (Gavião).

cabeceiras *(da vinha)*, s. f. pl. — Assim é conhecida «a parte mais alta da vinha. Diz-se que as *cabeceiras* estão tapadas, quando estão rodeadas de mato sêco para o gado lá não ir». (Alandroal — Terena — L. de Vasconcellos).

— C. de Figueiredo regista o voc. como *prov. minh.* no sentido de «tôpo de propriedade rústica». Cf. *Novo Dic.*, I, 321.

* **cabeçona,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *cabeçôrra* (cabeça grande). (Colhido em Portel — Us. em Reguengos).

● **cabeços,** s. m. pl. — Cèpas de urze.

— É voc. mais us. no plural, forma em que o registo. (Beja).

● **cabeçudo,** adj. — (V. *deanteiro — carro*). (Cp. *trazeiro — carro*). (Vimieiro, conc. de Arraiolos).

cabido, s. m. — O mesmo que *cabide* (móvel, etc.).

— C. de Figueiredo regista o t. como *prov.*, sem localizar. É us. no Alentejo.

* **cabouqueira,** (è), s. f. — *Pop.* — O mesmo que *cabeça*.

— Às vezes empregam o voc. significando: *inteligência, tino*, etc. «O *tê* rapaz sempre teve *cabouqueira pr'ás letras*, não admira que faça *boa-figura*».

— Também é vulgar a pron. — *cabòquêra*. (Portel — Reguengos — Vidigueira).

● **cabra,** s. f. — No *Novo Dic.* vem o voc. como *pop.*, significando: «mulher dissoluta». No Alentejo é assim conhecida a «rapariga mais amiga de *brinca* do que de trabalhar. Leviana, podendo contudo não ter mau porte, desassossegada. O mesmo que *cabralhôna* ou *cabrióla*».

— «Nem parece rapariga deste tempo. As outras são umas *cabras*». B. Camacho, *Gente Rústica*, (921), 165. (Aljustrel — Odemira — Portel — Reguengos).

* **cabralhona,** s. f. e adj. — Rapariga muito namoradeira. Que faz *cabrices* (travessuras). (Baleizão, conc. de Beja).

1. * **cabreirada,** s. f. — O mesmo que *cabrada* (rebanho de cabras). (Dist. de Évora).

2. * **cabreirada,** s. f. — Diz-se de qualquer coisa que decorre muito bulhenta, desordenada. O mesmo que *restolhice.* (Tem emprêgo figurado).

— «Ontem o *balho* foi em casa da Salustiana. Uma *cabreirada!*» B. Camacho, *Gente Rústica*, (921), 163. (Baixo-Alentejo).

cabrejar, v. i. - Ser *cabra.* Brincar desenvoltamente, com leviandade.

— O *Novo Dic.* traz o voc. como *prov.* colhido em Turquel. É também muito us. no Alentejo. (Portel — Serpa).

* **cabridade,** s. f. — *Pop.* — Tolice, asneirada, disparate. Acção própria de *cabra.*

— «Que tal está a *cabridade!*» (Colhido em Serpa).

cabrióla, s. f. — (V. *cabralhôna*). (Évora — Beja).

— O *Novo Dic.* já regista o t. como *prov.* colhido em Turquel, onde designa: «rapariga turbulenta. Mulher descarada ou dissoluta».

● **cabrita,** s. f. — O mesmo que *cabra* ou *cabrióla.*

(É de acepção menos ofensiva). (Colhido em Reguengos).

caçapear, v. i. — *Prov. alent.* — Diz-se do andar ordinário do coelho. (De *caçapo*).

— Cf. C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 326. (Dist. de Évora e Beja).

caçapeira, s. f. — *Prov. alent.* — Ninho de coelhos. (De *caçapo*). Cf. *ob. cit.*, I, 326. (Idem).

* **caçapira,** s. f. — Lugar, onde está a ninhada de *caçapos.* (Colhido em Serpa).

caçapo, s. m. — Coelho novo.

— O *Novo Dic.* regista o t. como *brasileirismo.* É também usado, e com certa freqüência, no Alentejo, onde dizem ainda *caçapinho.*

* **caçaría,** s. f. — Caçada importante: «*ontem os caçadores de Belver fizeram boa caçaria!*» (Colhido em Gavião).

* **cacarouco,** s. m. — *Fam.* — Esqueleto de ave, cuja carne foi comida.

— «Comeu a galinha tôda: só *le* deixou o *cacarouco*». (Colhido em Évora).

caçarrêta, *(rê),* s. m. — Ruim caçador.

— «São tantos (os coelhos) como *arreigotas,* dizia o Manuel Amores nos seus exageros de *caçarrêta*». B. Camacho, *Gente Rústica,* (921), 224. (Baixo-Alentejo — Móra — Reguengos).

— Já registado por C. de F., que manda ler *caçarréta,* pronúncia que desconheço como us. no Alentejo.

* **cace,** s. m. — O mesmo que o seguinte.

* **cácere,** s. m. — Peça onde assenta a *ponte* do carro alentejano. Esta peça é de ferro ou de madeira, e fortalece e segura o *tendal* na sua ligação, por intermédio dos *fueiros,* com o leito do carro. (Évora — Montemór — Viana).

— Já registado por C. Gonçalves, em *A Vida Rural do Alentejo,* (922), 51.

— Em Portel é conhecido por *encosto.*

cachaço, s. m. — *Pop.* — Nuca.

cachaçudo, adj. — *Pop.* — Diz-se do soberbo, orgulhoso, que olha os outros por *cima da burra.*

— O *Novo Dic.* regista estes dois voc. como *prov.,* sem localizar. São usados em quási todo o Alentejo.

* **cachaméla,** s. f. — (V. *cajada*). (Colhido em Gavião).

* **cachamélo,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *fedêlho* (rapazote). (Colhido em Évora — Monte).

* **cachapôrro,** s. m. — *Pleb.* — Cacete, bordão grosseiro. (Serpa — Mértola).

* **cacházes,** s. m. pl. — Parte interna do nariz, junto à garganta (especialmente dos animais). O mesmo que *cachagens* ou *cachaizes.*

— «O gato está engasgado com um osso nos *cacházes*». (Serpa).

* **cacheirinha,** *(chê),* s. f. — *Pop.* — Decilitro de vinho (?). (Serpa). (Cp. *chenita*).

● **cachimbo,** adj. — Diz-se do rapaz de mau génio, repontão. (Serpa).

(Terá emprêgo *fig.*, por o *cachimbo* ser tôrto?)

cacho, s. m. — Cacho de uvas. (C. de F. regista *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo).

Pl. — *Prov. alent.* — Espigas ou réstias de espigas, que resistem à primeira debulha, e que se juntam para formar *eiras de cachos.* Cf. *Novo Dic.*, I, 328. (Portel — Reguengos). (Cp. *ótos*).

1. **cachola,** s. f. — Fígado, bofe e outras vísceras de porco ou de outro animal.

— O *Novo Dic.* regista como *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo. (Dist. de Évora e Beja).

2. ● **cachola,** s. f. — O mesmo que *cacholada* (guisado de miudezas — fígado, bofe, etc., — de porco ou de outro animal). (Colhido em Aviz).

3. **cachola,** s. f. — *Prov. alent.* — O mesmo que *pachôrra.* Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 974. (Reguengos).

● **cacholeira,** (ê), s. f. — Enchido, que se faz de *cacholas.* (Colhido em Portalegre).

— C. de F. regista o voc. como *prov.*, sem localizar, significando: *cachola -s.*

cacholudo, adj. — *Prov. alent.* — Que tem *cachola*, pachorrento. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 974. (Reguengos).

* **cachôrros,** s. m. pl. — Espécie de alicate (pinça), que antigamente punham nas orelhas dos presos, para dêles obter a confissão dos seus presumíveis delitos.

(Também eram conhecidos por *cachorrinhos*). (Portel).

* **cacife,** ou * **cacifre,** s. m. — O mesmo que *caçarola* (de esmalte). Sertã, de esmalte ou de *fôlha* com cabo. (Alcáçovas — Viana).

— Em Serpa e Lavre (conc. de Montemór) também pronunciam: * *cacífero,* ou * *cacifro* e ● *cacifo.*

1. ● **caço,** s. m. — O mesmo que ● *comadre* (vaso de louça, pouco fundo e com um comprido cabo, próprio para os doentes satisfazerem as *necessidades,* sem mudarem de posição).

— O têrmo geral é «*arrastadeira*».

2. ● **caço,** s. m. — «Colhér de cabo comprido para tirar líquidos de vasos fundos, é o que se chama *gadanha* na Beira-Alta». (Alandroal, segundo L. de Vasconcellos).

1. ● **cadabulho,** s. m. — Regueira, para escoamento das águas. (Colhido em Vidigueira).

2. **cadabulho,** s. m. — *Prov. beir., minh.* e *alent.* — Pequeno espaço de terra, que ficou sem lavra, por não lhe poder chegar o arado, como sucede junto das árvores, paredes, etc., e que tem de se cavar para a sementeira. (Por *cadavulho*, de *cavar*). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 331.

3. • **cadabulho,** s. m. — Dois ou três sulcos em direcção diversa à *belga*, e que delimitam estas.

— «Cada uma das divisões do terreno *enregado* constitue uma *belga*, e, quando muda a direcção dos sulcos, são designados por *cadabulho* dois ou três dêstes em diversa direcção, delimitando os *belgas* ou a espécie de seara».

C. Gonçalves, *A Vida Rural do Alentejo*, (922), 23.

— Ignoro o que queira dizer: *a espécie de seara* a que se refere o autor.

• **cadela,** s. f. — Banco rústico de três pés, feito de pernadas de azinheira ou de sobreiro, e de que os trabalhadores se servem quando nos trabalhos do campo. (V. *burro*). (Colhido em Cabeção, conc. de Móra — Us. em Lavre).

• **cadência,** s. f. — Cuidado, cautela. Prudência.

— «É preciso ter *cadência* ao comer êste peixe, por *mór* das espinhas». «É preciso *tamém munta cadência*, par'*ô* vinho *nan* fazer das suas!» (Colhido em Montemór).

— O voc. em sentido geral tem significação muito aproximada.

* **cadiédo,** s. m. — «Brinco das orelhas». (Aviz, segundo L. de Vasconcellos).

Nas falas pop. do Alto-Alentejo o *a* sôa *é*. Assim, ouve-se: *telhédo, vinégre* em vez de *telhado, vinagre*, etc. (O mesmo fenómeno se dá em Aljustrel e arredores).

* **cadório,** s. m. — *Pop.* — Bolos, doces, vinhos, etc., que estão nas mesas dos casamentos. (Colhido em Arraiolos).

— Deve ser forma pop. de *quodório*, de *quodore*. (Cp. *casório*).

cafêlo, s. m. — O mesmo que *caliça* (cal, que cai das paredes). (Serpa).

— O *Novo Dic.* regista o voc., significando: «*primeira argamassa ou rebôco das paredes*», (I, 333).

çafões, ou **safões,** s. m. pl. — Espécie de calças de pele, para cobertura das pernas; usam-nas os pastores, e, em geral todos os camponeses alentejanos, e agora já os *lavradores* e os filhos por janotismo. Os *çafões* são de pele de

ovelha, usados no Inverno, e de pele de cabra com ou sem pêlo para trazer de Verão. (Dist. de Évora e Beja — Gavião).

— O voc. já vem registado no *Novo Dic.*, como *prov. alent.*, desta maneira: «*meias-calças de peles*».

— Também é vulgar a pronúncia — *cêfões (acêfões).*

* **caga-azeite,** (ê), s. m. — O mesmo que *libélula* ou *libelinha*, ou ainda *donzelinha.*

— É igualmente de uso na Madeira. (V. *Rev. Lusit.*, XXIII, pág. 133).

* **cágada,** s. f. — (V. *cágueda*). (Gavião).

— «Pequeno báculo de madeira que prende as duas extremidades da coleira do chocalho». (Aland., segundo L. de Vasconcellos).

cágado, s. m. — *Prov. alent.* — Tumor no osso das queixadas do boi que sofre actinomicose. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 334.

Pl. — *Pop.* — Dedos dos pés. (Reguengos).

● **cagaita,** s. f. — *Pleb.* — Pequena porção de excremento ou de qualquer outra imundície. (Évora — Beja).

— Em Serpa significa ainda: «*porção pequena de lã, engranitada*». (Cp. *caganita*).

* **cagaito,** s. m. e adj. — *Pleb.* — Diz-se de qualquer pessoa demasiado meticulosa, muito esquisita. (Évora — Beja).

— Em Mértola dizem que tem pés *cagaitos*, aquêle que os tem tortos.

* **cagaitice,** s. f. — *Pleb.* — Acção de *cagaito*. Esquisitice. (Évora — Beja).

* **cagaiteiro,** (ê), s. m. e adj. — *Pleb.* — O mesmo que *cagaito*. (Évora — Beja).

* **cagalhão-de-porco,** s. m. — *Pleb.* — Passas de figo, amêndoa, noz, etc., conjuntamente ligadas, sendo no feitio e na côr muito semelhante ao excremento do porco, de onde lhe vem o nome por que é conhecido.

— É produto vendido nas feiras alentejanas. (Colhido em Reguengos — Us. em Évora — Portel).

* **cagalôso,** s. m. — *Pleb.* — Indivíduo reles, desprezível. Pessoa medrosa, que se assusta fàcilmente. O mesmo que *cagarola.*

— Também se diz, como t. *fam.*, da criança que defeca muito. (Portel — Serpa).

* **cagança,** s. f. — *Pleb.* — Além do acto de defecar continuadamente, designa também: *bazófia*, *impostura*, etc. (V. *lambança*). (Cp. *catança*).

caganita, s. f. — *Pleb.* — Excremento (de borrêgos, cabras, etc.) de forma de pequenas bolas. (Cp. *cagaita*).

— O voc. já ocorre nesta acepção no *Novo Dic.*

cagarola, s. m. e f. — *Pleb.* — Medroso; pessoa que se assusta com facilidade.

— Já registado no *Novo Dic.*

• **cagarrinha**, s. f. — *Pop.* — O mesmo que *carrasquinha* (cardo silvestre, próprio para comer). (Colhido em Évora — Us. em Aviz — Fronteira).

— Também dizem: *tagarrina*, *tagarrilha*, *tagarrinha*, etc.

* **cagarruça**, s. f. — *Pop.* — Susto, mêdo.

— «Sempre *apanhi* uma *cagarruça*, quando ouvi dizer que tinha caído a praça de touros!» (Colhido em Portel).

— (V. *cegonhão*, *judeu*, *rabuço*, *surraço*, etc.).

* **cagarruço**, s. m. — *Pop.* — (V. *cagarruça*). (Portel).

cágueda, s. f. — *Prov. alent.* — Travinca, com que às vezes se prende o chocalho à coleira. Travinca, que se junta à estrevenga pelas extremidades. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 335.

* **caiança**, s. f. — O mesmo que *caiação* (acto de *caiar*).

— «Hoje é dia de *caiança*». (Reguengos — Portel).

caiar, *(bolos)*, v. t. — *Fig.* — Meter bolos em calda de açúcar, para branquearem.

(As *cavacas*, *cocharros*, etc., são *bolos caiados*). (Évora).

* **caïpeça**, s. f. — *Pop.* — O mesmo que *peça*. Queda, trambolhão: *cair (ou dar) uma caïpeça*. (Portel). (Cp. *càpêço*).

• **caïpira**, s. m. — *Pop.* — Homem de fraca estatura, magrizela. Homem agaiatado. (Portel).

* **caixil**, s. m. — *Pop.* — (V. *caixilho*). (Colhido em Ourique — Us. em Beja — Portel).

* **caixilha**, s. f. — Onça de tabaco espanhol, que antigamente se vendia no Alentejo.

— Constituía um contrabando muito procurado pelos guardas da Companhia dos Tabacos, e pelos guardas-fiscais. (Colhido em Portel).

* **caixilho**, s. m. — O mesmo que *caixão*, (mas sem tampa) para encerrar defuntos.

(Antigamente na igreja Matriz da Vila de Portel, havia um caixão dêstes, conhecido por *caixil das almas*, que era fornecido por empréstimo para condução dos

cadáveres de gente pobre. Hoje, já não são freqüentes os enterramentos com *caixilho*).

* **cajada,** s. f. — O mesmo que *cajado* (bordão de pastor, recurvado na parte superior). (Colhido em Montemór — Us. em Móra — Serpa).

cajado, s. m. — Qualquer bordão (?). (Gavião — Montemór — Móra — Serpa).

(No verbete dêste voc. indicam-se as terras acima citadas, como localização do t. e uso do seu significado. Embora com dúvida, registo-o por êsse facto).

* **cajulice,** s. f. — *Fam.* — O mesmo que *bajulice*. Lisonja. Meiguice. (Colhido em Safára — Moura).

• **calabôço,** s. m. — «Fouce roçadoura para cortar mato, limpar árvores, etc.». (Coligido por L. de Vasconcellos — Alandroal).

— Corresponde aos voc. trasm. «*calagoiça*» — «*calagoiço*», q. v. no *Novo Dic.*, de C. de Figueiredo.

calaburço, s. m. — *Prov. alent.* — Bilha ou infusa, com a asa e a boca ou gargalo partidos, mas com o bôjo inteiro. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 338.

calacre, s. m. — Dívida.

— O *Novo Dic.*, regista *prov. trasm.* É também us. no Alentejo.

(Cp. *encalacrar* e *desencalacrar*).

* **calaiço,** s. m. — *Pop.* — (V. *caleço*). (Colhido em Serpa).

* **calamairão,** *(ona)*, s. e adj. — *Pop.* — O mesmo que o seguinte.

* **calamária,** ou **calamaira,** s. e adj. — *Pop.* — Invivíduo corpulento, mas apatètado. O mesmo que *calmeirão*. (Cp. *àrpalhão*). (Colhido em Serpa — Us. em Ourique).

* **calamário,** s. e adj. — *Pop.* — Namoradeiro, e muito volúvel. Conquistador. (Serpa — Montemór).

* **calambrear,** v. i. — *Pop.* — Gozar; viver bem, agradàvelmente.

— «Enquanto elas morrem... *ficom* êles cá *calambreando!*» (Colhido em Serpa).

calaveira, s. f. — *Ant.* e *Prov. alent.* — Caveira. S. m. e adj. — Estouvado, extravagante. (Cast. *calavera*). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 340.

calavêra, adj. — «Tonto, demente». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 121. (Cp. o t. antecedente). (Évora).

calaverada, s. f. — *Pop.* — Asneirada, tolice. (Serpa — Elvas). Cf. *ob. cit.*, 23.

* **calaverna,** s. f. — *Pop.* — Osso saído, esburgado.

— «Êste presunto tem aqui uma *calaverna*...». (Colhido em Serpa).

(Cp. *calaveira*).

* **calavernas,** s. f. pl. — *Fig.* — Pernas nuas, mas magrinhas. *Andar em calavernas*, andar em pernas, sem meias. (Portel — Reguengos).

* **calcadas,** *(às)* — *Loc. adv.* — Em discussão, em disputa. (Colhido em Serpa).

* **calcanhar-de-São Pedro,** s. m. — *Pop.* e *deprec.* — Pão.

— «Ora vejam! já um *calcanhar-de-São Pedro* custa quinze tostões!» (Colhido em Montemór).

* **calças-de-cuco,** s. f. — Planta, o mesmo que *dedaleira.*

● **calço,** s. m. — Aro de ferro, que circunda a roda dos carros alentejanos. (V. *lhantra*). (Colhido em Trigachos, conc. de Beja).

1. ● **caldeirão,** (ê), s. m. — Espécie de banco, com pés de madeira e o fundo de *tabúa* ou de *buínho*, onde se põe o alguidar de amassar, e em que se amassa. (Colhido em Cabeça Gorda, conc. de Beja).

2. ● **caldeirão,** (ê), s. m. — O mesmo que *caldeiro.* Vaso com que se tira água dos poços, e também por onde dão de beber aos animais de carga. (Dist. de Évora — Odemira — Mértola).

3. ● **caldeirão,** (ê), s. m. — *Prov. alent.* — Cântaro de cobre ou de latão, quando serve para água. *Prov. alent.* e *beir.* Assador de castanhas. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 342.

(À primeira acepção faço o seguinte reparo: o cântaro pode também ser de lata; e com tal designação só o conheço em Évora, onde ainda hoje os aguadeiros vendem água aos *caldeirões*, e onde também o vinho é conduzido em *caldeirões* das adegas para as *vendas*).

4. ● **caldeirão,** s. m. — O mesmo que *caldeira.* Cova ou excavação, à roda dos pés das árvores, para juntar as águas das chuvas ou das regas (1). (Serpa).

* **calducho,** s. m. — Sopa de bacalhau (queijo, ovos, etc.) a que se adiciona grande porção de poejos. É refeição muito apreciada no Alentejo. (Portel — Reguengos — Baixo-Alentejo).

---

(1) Publiquei um artigo àcêrca dêste voc. em os *Brados do Alentejo* (Estremoz), n.º 114, de 2 de Abril de 1933.

* **caldufana,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *caldivana* (caldo mal feito, pouco gostoso, etc.). (Évora).

caleço, s. m. — *Prov. alent.* — Copo de vinho. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 342.

— *Pop.* — * *Emborca-caleços*, bebedor de copos de vinho. (Serpa).

● **calha,** s. m. — *t. agric.* — Traço feito na erva ou na seara, para dividir as tarefas a ceifar.

(Tem emprêgo figurado?) (Serpa).

* **calhamêrão,** s. m. — «Aplica-se por desprêzo a um burro velho, a uma pessoa desconchavada, etc.». (Coligido por L. de Vasconcellos, e us. em Alandroal).

— (V. * *calmeirão*).

* **calhameira,** (ê), s. f. — Nome por que no concelho do Redondo são conhecidas as mulheres de Terena e as das Hortinhas, conc. de Alandroal. (Cp. *alcagaita*).

«Os Foros de Santa Suzana
'Stão *voltos* p'rá *ribêra;*
Quem me dera ser dos Foros
P'r'*amar* uma **calhamêra**».

(Redondo).

(Note-se a acepção que o referido voc. tem em Gavião: *porca parideira*).

* **calhancas,** adj. — «Aplica-se a *burro* e significa *pôdre*, já inútil». (Coligido por L. de Vasconcellos, em Alandroal).

● **calhandra,** s. f. — Mulher pouco asseada. O mesmo que ● *jaronda*. (V. *bacoreira*). (Cp. *calhandro*). (Gavião).

— *Pl.* — Tacto, juízo: «*não tem mesmo calhandras nenhumas p'rô serviço*». (Reguengos).

calhandreira, (ê), s. f. — Bisbilhoteira. Intriguista.

— O *Novo Dic.* já regista o voc. como *prov.*, sem localizar. É us. no Alentejo.

calhandro, s. m. — *Pleb.* — Bacio de cama, de barro tosco e ordinário. O mesmo que *basaréu* ou *basarico*, q. v.

— O *Novo Dic.* traz o voc. em sentido geral, significando: «*grande vaso cilíndrico, em que se juntam imundícies*».

* **calharim,** *(d'aldraba)*, s. m. — *Pop.* e *deprec.* — O mesmo que *chachapim com couve* (homem pequeno). (Serpa).

caliço, s. m. — O mesmo que *caliça* (restos de cal, entulho, etc.).

— O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo. (Évora — Portel).

* **calmas,** s. f. pl. — *Fig.* — *Fézes,* incómodos ou arrelias. Apoquentações: *descanse que não lhe dou calmas!* (Colhido em Serpa).

— *Ter calmas,* ter princípio de insolação. (Cabeça Gorda, conc. de Beja).

calmeirão, s. m. — *Pop.* — Indivíduo de grande estatura, muito brando e pouco atilado.

— Já registado por C. de F., como *prov.* colhido em Turquel. É us. no Alentejo (Évora — Portel — Beja), também referindo-se a animais. Pronúncia *pop.* — *càmêrão.* — (V. *calhamêrão*). Cp. *àrpalhão.*

1. **calmeiro,** (ê), s. m. — Grande calor, produzido pelo sol. *Calmázio. Fig.* — O mesmo que *cabaço -s.* (Évora — Arraiolos).

— Na primeira das acepções já vem registado no *Novo Dic.*, como t. colhido em *Cóina.*

2. ● **calmeiro,** (è), s. m. — O mesmo que *acarro* (local, onde o gado passa as horas da *calma*). (Colhido em Móra — Us. em Redondo — Estremoz).

● **camalhão,** s. m. — *t. agric.* — Faixa de terreno virgem, para marcar os extremos das herdades. (V. *linda*). (Portel).

— Terreno alisado e calcado junto às oliveiras, a-fim-de que as azeitonas caídas sôbre êle sejam mais fàcilmente apanhandas. (Montemór). (Cp. *camalho* ou *camastralho*).

● **camalho,** s. m. — *Pop.* — (V. *camastralho*). (Portel).

● **camaradas,** s. f. pl. — «Agrupamentos de 50, 100 ou mais indivíduos (ratinhos), que de antemão foram recrutados no Norte do país pelo *manageiro,* para virem ao Alentejo trabalhar em serviços agrícolas, como: colheitas, ceifas, etc.». Mário V. de Sá, *O Alentejo,* (911), 72.

camastralho, s. m. — *Prov. alent.* — Cama pobre, feita no chão. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 349.

● **cambalhota,** s. f. — *Fig.* — O mesmo que *arrebentadela.* (Cp. *cabaço -s* ou *calmeiro -s*).

— Cantiga pop. recolhida em Reguengos, onde o têrmo é us. na acepção apontada:

«Comadre, minha comadre,
Ata o atilho da bota;
Já te podes ires gabar
Que *apanhaste* **cambalhota!**»

1. ● **cambão**, adj. — Diz-se daquêle que tem as pernas (ou pés) tortos. O mesmo que *cambaio* ou *cambado*. (Évora).

2. ● **cambão**, s. m. — Jugo dianteiro na *quatranha*.

— «Na *quatranha* o jugo trazeiro chama-se *tronco* e o dianteiro *cambão*». C. Gonçalves, *A Vida Rural*, 22.

* **cambarêtas**, s. f. pl. — Us. na *loc. adv.*: *às cambarêtas*, andando com dificuldade, por motivo de embriaguez ou por doença. (O mesmo que *aos trôpos-galhôpos*). (Cp. *andar às cambaritas*). (Montemór — Beja).

* **cambriana**, s. f. — O mesmo que *labareda*.

— «O lume hoje deita grandes *cambrianas*». (Mértola).

● **camêlo**, s. m. — Lã (fiada), de má qualidade ou grosseira. (Serpa).

* **camila**, s. f. — O mesmo que o seguinte. (Portel).

● **camilha**, s. f. — Mesa redonda ou de forma octogonal, tendo caixa (lugar) para brazeira. (Safára, conc. de Moura — Us. em Viana).

* **camisinho**, s. m. — Plastrão, que se usa para luto. (Gavião).

● **camisote**, s. m. — Peitilho com colarinho, para usar sôbre camisas vulgares ou sôbre camisolas. Usa-se principalmente pelo luto. (Cp. *camisinho*). (Portel).

● **campa**, s. f. — Espécie de chocalho grande, usado no gado bovino, e até mesmo no ovelhum.

— «... largas coleiras de couro suspendendo uma *campa* ou uma esquila». B. Camacho, *Gente Rústica*, (922), 70. (Baixo-Alentejo).

— Cp. *campanilho*.

* **campanada**, s. f. — *Fig.* — Gargalhada ruidosa. (Colhido em Alvito — Us. em Cuba).

campaniço, s. m. — *Prov. alent.* — Habitante de uma região denominada *Campo Branco*, pertencente aos concelhos de Mértola e Castro-Verde.

Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 354.

«De Vila Nova às Pias
Já ninguém vai à missa.
Ó *que* lindos olhos *que* tem
A Maria **campaniça**».

(Baixo-Alentejo).

(Normalmente os habitantes de Beja, chamam *campaniços* aos habitantes do sul do distrito, e aos que vivem na margem direita do Guadiana, desde Beja até ao

Algarve. Também em sentido geral, no Dist. de Évora, chamam *campaniço* ao camponês, homem de campo).
(V. *barrenho*).

1. • **campanilho,** s. m. – Chocalho pequeno, usado no Verão pelos bois e no Inverno pelas ovelhas. Tem um feitio característico. (Cp. *campa*). (Dist. de Évora).

2. **campanilho,** s. m. —*Prov. alent.* —Espécie de campaínha de gado ovino.
Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 975. (Desconheço o voc. neste sentido).

* **campôso,** adj. —*Pop.* —Que tem bastante campo. Espaçoso, amplo.
— «Êste quarto é mesmo bom: é muito *campôso!*»
—Têrmo antigo, caído em desuso? (Évora—Montemór—Serpa).

• **canado,** s. m. —Marmita de cortiça (o mesmo que *tarro*?) (Gavião).

* **canané,** s. m. —*Pop.*— Homem baixinho.
Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 24. (Elvas).

canal, s. m. — O mesmo que *canavial*.
— O *Novo Dic.*, regista *prov. trasm.* É também us. no Alentejo. (Portel).

• **cancela,** s. f. – O mesmo que *chiqueiro* (?). (Cabeção — Móra).

* **cancelão,** s. m. e adj. – Indivíduo ou animal adoentado, escanzelado. (Portel — Beja — Moura).

candeio, s. m. — Flor das oliveiras.
— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov.*, sem localizar. É us. no Alentejo, onde, às vezes, designa também a *floração das azinheiras*. (Portel — Serpa — Mértola).

• **candela,** s. f. —*Pop.* – O mesmo que *lumareu*. (Colhido em Serpa).

• **caneco,** s. m. —*Pleb.* — O mesmo que *calhandro*. — *Pl.* — Cacos, *casquêlhos*. (Portel — Évora — Mértola — Serpa).

canejo, s. m. —Indivíduo *cambão* (aquêle que tem as pernas tortas).
—É voc. já registado no *Novo Dic.*, como *prov. minh.* É também us. no Alentejo — Dist. de Évora — onde tem mais aplicação referido a animais de carga.

* **canêto,** s. m. — Lápis de ardósia. (Colhido em Portalegre).

• **cangalha,** s. f. —Espécie de poleiro (para galinhas). (Montemór).

* **cangorça,** s. f. — Mulher magra, fraca e doente. (Às vezes também empregam o voc. referindo-se a burra ou a égua velha e escanzelada). Corresponde ao voc. trasm. — *candorça*. (Cp. *canorça*). (Beja — Cuba).

* **cangra,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *cancro*. (O mesmo, não será bem, pois o povo diz que há *cancro* e *cancra* — macho e fêmea (!) — (Serpa — Desconheço como nesta vila distinguem os sexos. Em Portel também há *cancros* e *cancras*, no dizer da gente do povo, que os distingue desta maneira: se a parte cancerosa abre uma só *boca* (buraco) é *cancro*; se abre mais de uma *boca* é *cancra*). Cp. *bonina*.

* **canhola,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *troca* (permuta). (Évora — Monte).

● **canhoto,** adj. — *Pop.* — Difícil: *o lête está canhoto de se alcançar neste tempo.* (Montemór).

● **caniçada,** s. f. — Capoeira, feita de canas. (Vidigueira).

* **canicalho,** s. m. — Cão pequeno. O mesmo que *canito* ou *canicho*. (Dist. de Évora).

— O voc. já foi registado pelo Sr. Dr. L. de Vasconcellos, desta maneira: «*duplo diminutivo de cão*». (Alandroal).

— T. Pires, *Voc. Alent.*, 24, também regista o têrmo nesta acepção.

caniço, *(de-salto-de-rato)*, s. m. — «Tecto de casas rústicas, feito de canas, e em que estas guardam entre si um intervalo de alguns centímetros».

— Lopes Piçarra, *Rev. Tradição*, I, 26. (Serpa).

caniço, *(fechado)*, s. m. — «Tecto de casas rústicas, feito de canas muito unidas». (L. Piçarra, *ob. cit.*).

● **canilha,** s. f. — Boquilha (tubo, por onde se fuma). Cp. *boquilha*. (Portel — Serpa).

Pl. adj. — Diz-se do homem alto e magro. Que tem só quási pernas. (Cp. *calavernas*). (Serpa).

● **canôa,** s. f. — Travessa para o cabelo.

— Hoje êste têrmo é usado, significando qualquer espécie de travessa, e isto por reminiscência do antigo pente com êste nome, que serviu de ornato para senhoras, e que o *Novo Dic.* assim regista como voc. geral. No sentido citado só o conheço em Gavião, onde foi colhido.

canoco, s. m. — Pedaço de pão duro, que endureceu depois de cortado. (Portel — Reguengos).

— O *Novo Dic.* traz o têrmo como *prov.*, sem localizar, significando: *grande pedaço de pão,* (I, 363).

Prov. alent. — O mesmo que *alcornoque,* (II, 975).

— (Cp. *alcanoco*).

canorça, s. f. — Burra ou égua, e velha escanzelada, e já sem préstimo. (Cp. *cangorça*). (Portel — Móra).

canorço, adj. — *Prov. alent.* — Velho e escanzelado, (do lat. *canis,* cão). Cf. C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 363.

cantar, *(nabo saloio),* v. i. — *Pop.* — Replicar com energia, decisão. Falar sobranceiro, não admitir ousadias, etc.

— «Êle não q'ria vender as *bages* (vagens de feijão) aos que não eram fregueses; muitos se calaram e foram-se embora, mas eu *cantê-le o mê nabo saloio,* e até o ameacei com os guardas: aviou-me logo!» (Montemór).

— Também dizem: *cantar o seu macareno.*

* **cantarrilha,** s. m. e adj. — Cantador popular, afamado:

«*Cando* eu era **cantarrilha,**
Andava p'las *fonções;*
Namorava mãi e filha
Em certas *àcasiões*».

(Redondo).

— (Cp. *cantarrista*).

— Êste voc. na acepção citada já foi registado pelo Sr. Dr. L. de Vasconcellos, como us. em Alandroal.

* **cantarrista,** s. m. e adj. — Diz-se do grilo que canta bem, e muito. O mesmo que *realista,* q. v. (Colhido em Portel).

— T. Pires, *Voc. Alent.*, 24, regista «**cantarista, cantista:** cantador». (Elvas).

cante, s. m. — *Pop.* — Canto, cantoria, acto de cantar: «*Quem está de luto, não deve andar de cantes*».

— O *Novo Dic.* diz que é têrmo da Nazaré, usa-se também, e com muita freqüência, no Alentejo. (Dist. de Évora e Beja).

• **cantil,** s. m. — Lampião de acetileno, us. pelos mineiros nos seus trabalhos. (Portel).

— (É forma pop. de *candil?*)

* **cantista,** s. c. de dois — Cantador. O mesmo que *cantarrilha.*

— «Se os *cantistas* de ambos os sexos entram em desafio de competência, mais realça em afinação de toada

e variedade de cantigas». Cf. *O Campomaiorense*, de 24-6-923. (C. Maior — Us. em Montemór).

— (Cp. *cantarrista*).

1. ● **canudo**, s. m. — Tubo de ferro, com que se activa o lume. (Êste tubo tem numa das extremidades apenas um pequeno orifício, e soprando-se pelo lado opôsto, que é aberto, estabelece assim a corrente de ar necessário para o fim desejado: activar o lume). (Portel).

2. ● **canudo**, s. m. — Dedeira de cana, usada pelos ceifeiros para resguardo dos dedos, quando na ceifa.

— Os *canudos* são em número de três (para o mínimo, anelar e médio da mão esquerda — o indicador e o polegar são resguardados por dedeiras de cabedal). Os *canudos* têm de ordinário trabalhos *artísticos de enrameados* ou desenhos a côres, a que chamam *bordados*. A êste propósito é interessante o artigo intitulado — *Etnografia alentejana*, do Sr. Luiz Chaves, em a *Rev. Terra Nossa*, 2 — ano de 1916 — pág. 27, pela desenvolvida descrição que o ilustre etnógrafo ali faz dos *preparos* do traje da *acêfa*. Mas, ao falar de *canudos*, diz que estes são para o polegar, indicador e mínimo (da mão esquerda).

Nas regiões que conheço no Alentejo, são aquêles dedos que digo, os que podem trazer e trazem *canudos*, de contrário seria muito difícil, quási impossível, ceifar se outros fôssem os dedos *encanudados*.

(Cp. *galapos*).

* **canzear**, v. t. e i. — Escarnecer ou escarnear. *Fazer pouco de*. Troçar.

— «Nunca perderás esse bonito costume de *canzear* com as pessoas?!» (Portel — Us. em Ferreira do Alentejo).

* **cãozita**, ou **canzita**, s. f. — *Pop.* — Cadela pequena, de ordinário bem tratada.

— Também dizem: *canzinha*. (Móra — Serpa).

capação, s. f. — Acto de castrar, capar.

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *bras*. É também us. no Alentejo.

capacha, *(andar debaixo da)*, loc. v. — Andar sob a alçada, debaixo da mão. Andar à obediência (ou na dependência de alguém, mas com servilismo).

— Tem emprêgo figurado. (Serpa — Us. em Évora — Portel).

● **capacho**, s. m. — O mesmo que *abanico* ou *abano*.

(É quási sempre de palma, e tem a forma circular). (Dist. de Évora — Beja).

• **capão**, s. m. — Chibato.

Cf. A. Bessa, *A Gíria Port.*, (901), pref., XXVI. (Odemira).

* **caparito**, s. m. — (V. *pincarito*).

«O tecto é muito alto; fica lá no *caparito*». (Montemór — Us. em Beja).

* **capatroz**, s. m. — Cavalo velho, ruim, e que trabalha com dificuldade.

(Cp. *canorço -a*, *cancelão*, etc.). (Évora — Us. em Serpa).

* **càpêço**, s. m. — *Pop.* — Ardil, dôlo, engano, etc.

— *Pregar o càpêço*, fazer partida (mesmo em questões de amores).

— Terá alguma relação com a *loc. adv.*: *pregar peça?* (Cp. *caïpeça*).

capeia, s. f. — O *Novo Dic.*, I, 367, regista o voc. como *prov. trasm.* e *minh.*, significando: *pedra grande, para revestimento da parte superior de um cano, de uma parede*, etc. (De *capear*).

— O voc. é também *alent.* e já foi registado por A. T. Pires, *Voc. Alent.*, 24, assim defenido: *pedras grandes colocadas por cima dos muros*. (Elvas).

— *Loc. adv.* — *Às capeias*, aos grupos, aos montes: «*quando chegamos à aldeia, os rapazes eram às capeias!*» (Caridade, conc. de Reguengos).

* **capela**, *(do ôlho)*, s. m. — *Pop.* — O mesmo que *pálpebra*. (Portel — Serpa).

capindó, s. m. — *Deprec.* — Capinha curta, e ajustada ao corpo.

— Já registado como *prov.* por C. de F., mas sem localização. É us. no Alentejo. (Évora — Portel).

capoeiro, s. m. — O mesmo que *capoeira*.

— O *Novo Dic.*, classifica o voc. de *prov. minh.* É também *alent.* (Cortiçadas de Lavre).

capoteira, (ê), s. f. — Capote curto, para mulheres, com mangas e cabeção.

— A obra citada regista *prov.*, sem localizar. É *t. ant.* e us. em Évora e Vidigueira.

— Será o mesmo que *capindó?* (Cp. *chamarrela* e *roupinha*).

● **capuchinha,** s. f. — Espécie de candeia pequena. (Serpa — Elvas).

— É voc. já registado por T. Pires, *Voc. Alent.*, 24, na acepção referida.

1. ● **caracol,** s. m. — Jôgo de rapazes. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 121. (Elvas). É também us. em Portalegre, segundo o Sr. L. Machado, *Voc. regional*, (917), 34.

2. ● **caracol,** s. m. — Bolinho em forma de caracol (em espiral), que se faz pelo Natal. (Serpa).

* **carafo,** interj. — *Pop.* — O mesmo *caspité!* Caramba (ou outra indicativa de admiração). (Deve ser eufemismo de *carago*). (Portel — Reguengos — Serpa).

* **caramonho,** s. m. — O mesmo que *carrapicho,* mas muito mais mal enrolado que êste. (Dist. de Évora e Beja).

caranço, s. m. — *Prov. alent.* — Carinho, ternura.

Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 975. (Reguengos).

— (V. *crenço*).

carançudo, adj. — *Prov. alent.* — Que tem *caranço,* amoroso. Cf. *ob. cit.*, II, 975. (Reguengos).

● **carapela,** ou **crapela,** s. f. — Pele muito fina, que se cria sôbre as feridas. (Deve ter emprêgo figurado). (Montemór).

1. **carapinha,** s. f. — *Prov. alent.* — Ovário da esteva, depois de caídas as pétalas. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 374.

2. ● **carapinha,** s. f. — Variedade de uva, com riscas esbranquiçadas na pele dos bagos. (Cabeça Gorda — Us. em Beja — Odemira).

3. ● **carapinha,** s. f. — O mesmo que *pedrisco* ou *pedraço.* Chuva de pedra, saraiva.

— «Ontem choveu muito, e caiu alguma *carapinha* à mistura». (Montemór).

carapintina, ou **carpintina,** s. f. — Choradeira insistente. Espalhafato.

— «Cala-te *p'rai* com essa *carapintina, qu'inté me 'stragas* os ouvidos!» (Reguengos — Portel — Serpa).

— Os voc. já vêm registados no *Novo Dic.*, como *prov. alg.*

* **carapola,** s. f. — *Pop.* — Rapariga ainda nova, adolescente.

— «Minha mãi, *cando* casou era ainda uma *carapola*». (Colhido em Portalegre).

carapulinho, s. m. — *Fig.* — Saliência ou penduricalho nas malhas de lã dos chales, romeiras, etc. (Serpa).

• **carapulo,** s. m. — Além da acepção geral — cálice de bolota e dos frutos semelhantes — significa no Alentejo também: espécie de dedal, feito da parte inferior das *bolêtas*, que é us. pelas mulheres na apanha da azeitona, para resguardar as cabeças dos dedos, protegendo-os do contacto com o terreno ou das picadas das ervas. (Colhido em Serpa).

* **carazono,** s. m. — *Deprec.* — O mesmo que *carantonha.* Corresponde ao voc. transm. — *caramono.* (Serpa — Beja — Évora).

* **carcachada,** s. f. — *Pop.* — Risada ruídosa. Cascalhada, cachinada, etc. Corresponde ao voc. alg. — *carcalhada.* (Ourique — Beja — Serpa).

• **carcanholas,** ou **cracanholas,** s. f. pl. — *Pop.* — O mesmo que *castanholas.* (Em Évora, onde também em calão designam o dinheiro por *carcanhóis* ou *cascanhóis*).

• **carcassa,** s. f. — Pão fino, de formato especial (comprido). (Montemór).

* **carcaviana,** s. f. — O mesmo que *cascos* (cabeça). — Forma pop. de *caixa craniana?*

— Há caso de etimologia pop. resultante do voc. *cascavel* (cabeça)? (Colhido em Arcos, conc. de Estremoz).

cardal, s. m. — Antigo cemitério, junto às igrejas. (Évora — Beja).

— Já vem registado no *Novo Dic.* como *prov. alent.*

«Já morri, já fui defunto,
Já 'stive à porta do **cardal.**
Eu arriscava-me a *munto*
Se tu me não fôsses leal».

(Évora).

«Tenho cama no hospital,
Um ladrilho na cadeia,
Sete palmos no **cardal,**
Um amor na minh'aldeia».

(Alentejo) (1).

* **cardano,** adj. — Diz-se do indivíduo de cabelo grisalho. (De *cardão?*) (Cp. *picarço*). (Serpa).

cardinal, adj. — Diz-se da côr vermelho-escura de uma variedade de rosas.

---

(1) A. T. Pires, *Cantos Pop. Port.*, IV, 292.

Cantigas pop. onde o voc. nos aparece:

«A roseira **cardinal**
Dá rosas de sete a oito.
Tenho andado p'ra t'amar,
Tenho mêdo, não m'afoito».

(Azaruja).

«Semeei o verde n'água,
O **cardinal** na areia,
O côr de rosa em *tê pêto*
Na mais delicada veia».

(Alandroal).

1. **careca,** adj. — Diz-se de uma variedade de pêssego liso, sem penugem.
— O *Novo Dic.* regista nesta acepção o voc. como *prov. dur.* É também *alent.* (Dist. de Évora).

2. ● **careca,** s. f. — «Cabeça do pião», segundo o Sr. Dr. L. de Vasconcellos. (Alandroal).

● **careta,** s. f. — Marca, que os rapazes usam no *jôgo-da-semana* e representa um jôgo ganho. (Lavre, conc. de Montemór).

1. ● **careto,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *cachimbo* (de fumador). (Beja — Serpa).
— (V. *caturro*).
— *Feijão careto,* feijão frade. (Moura).

2. ● **careto,** adj. — Feio, disforme (referindo-se a pessoas). (Serpa).

* **carga,** *(de sangue),* s. f. — *Pop.* — Diz-se de qualquer inflamação. (Mértola — Us. em Beja — Serpa).

* **carguio,** s. m. — *Pop.* — Contracção de *carreguio.* (V. êste têrmo). (Serpa — Us. em Portel).

* **carinhas,** s. f. pl. — *Pop.* — O mesmo que *feijão-frade,* também conhecido por *feijão-de-duas-caras* e *feijão carrapato.*
— (V. *careto,* 1). (Igrejinha, conc. de Évora).

carinhosa, s. f. — Lenço ou chale de malha. (Serpa — Odemira).
— C. F. regista o voc. como *prov. alg.,* significando: *capuz de senhora,* e como *prov. beir.* na acepção de: *espécie de dança de roda.*

● **carnal,** adj. — Diz-se nas peles, couros, etc., que o *lado carnal* é aquêle que fica junto à carne do animal, da parte de dentro; o outro lado, o do cabelo, é conhecido por *flor do cabedal.* (Redondo — Móra).

carne, *(ensacada),* s. f. — O mesmo que *carne-de-môlho, carne-*

-de-conserva, etc.; (linguïças, chouriços, farinheiras, *palaios*, etc.). (Dist. de Évora).

carne, *(limpa)*, s. f. — Como é conhecida no talho a carne sem osso.

(Nos talhos vendem-se: *carnes limpas* e *carnes com osso*). (Dist. de Évora).

* **carnejão,** s. m. — O mesmo que *carnicão*.

— Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 24. (Elvas).

* **carneiro,** *(pai)*, s. m. — Como é conhecido o *carneiro*, que no rebanho faz a cobrição. C. de Ficalho, em *A Tradição*, I, 97. (Serpa).

● **caròceiro,** (ê), s. m. — Objecto de louça de barro, onde se deitam os caroços de azeitona.

(De ordinário tem duas divisórias: uma, maior, para as azeitonas; outra, menor, para os caroços). (Colhido em Reguengos).

1. ● **carocho,** s. m. — *Fam.* — Café.

(É nome vulgar dado também aos gatos pretos). (Mértola).

2. ● **carocho,** s. m. — Pia, onde se apagam as vassouras com que se limpam os fornos (de cozer pão). (Gavião).

1. ● **carolo,** s. m. — Massa de farinha de trigo, us. pelos sapateiros. (Serpa).

2. **carolo,** s. m. — Pedaço ou fatia de pão.

— O *Novo Dic.* regista o têrmo como *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo (Mourão). * **mané-carôlo,** adj. — Diz-se do indivíduo aparvalhado, pàteta. «*Ê nã sê o que deram a beber ao rapaz, cada vez 'stá mais* **mané-carôlo**». (Odemira — Us. em Serpa).

1. **carona,** s. f. — *Prov. alent.* — Cabeça de pião. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 382.

(É us. em Elvas, segundo T. Pires).

2. ● **carona,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *almêce*.

(V. *chorrilho*). (Cp. *chasmeno*). É voc. us. nos «montes» do conc. de Reguengos.

caropa, s. f. (e der.) — Chuva miúdinha.

— O *Novo Dic.* diz *prov. minh.* É também *alent.* (Reguengos).

* **carraçoilo,** *(zoilo?)*, s. m. — *Depreciativo* — Carro ordinário. (Montemór).

1. **carranquinhas,** s. f. pl. — «Amúos». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 122. (Elvas).

— O *Novo Dic.* regista o voc. na forma singular — *carranquinha* — e diz ser *prov. minh.* (Colhido em Barcelos).

2. • **carranquinhas,** s. f. pl. — Franzidos (de rendas, guarnições de vestidos, etc.), que em vez de ficarem em linha recta formam recortes ou arcos, servindo para guarnecer peças de vestuário. É *têrmo antigo.* (Évora — Beja).

carrapata, s. f. — *Pop.* — Grande entalação, embaraço, dificuldade.

— «A *Estrudes* com os seus ditos e mexericos, arranjou-nos uma boa *carrapata!*»

— O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localização. É us. no Alentejo. (Évora — Portel — Beja — Vidigueira).

carrapiço, s. m. — Espécie de pequeno ouriço, que encerra as sementes de certas ervas e que se agarra ou prende à lã do gado.

— A *ob. cit.*, regista *prov.* sem localização. É us. no Alentejo. (Portel).

carrapito, s. m. — Cocuruto. A parte mais alta. O mesmo que *caparito.*

— A *ob. cit.*, regista *prov.* sem localização. É us. no Alentejo.

* **carraponto,** s. m. — *Pop.* — Ponto dado sem perfeição, passagem mal dada na roupa.

— «'Stive p'rà'li a dar uns *carrapontos* na roupa que hão-de vestir àmanhã».

(V. *abusinhão*). (Évora).

carraspeira, (ê), s. f. — Inflamação dos brônquios. Aspereza que se sente na garganta, por motivo de constipação. O mesmo que *pigarro.*

— O *Novo Dic.* já regista o voc. como *prov. trasm.* É também *alent.* (Beja — Serpa — Mértola).

carraspuda, adj. — Como se diz da língua quando está muito grossa por sujidade ou por aspereza.

— (A mesma observação e localização do voc. anterior).

carrasquinha, s. f. — *Prov. alent.* — Espécie de cardo comestível. Espécie de dança de roda. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 385.

— (V. *catacús, tagarrilha* ou *tagarrina*, etc.).

• **carregação,** s. f. — *Pop.* — Sensação de pêso na cabeça, acompanhada de dor.

—Tem emprêgo figurado. (Évora — Montemór — Beja).

carregadeira, (ê), s. f. — Forquilha grande e de muitos dentes, para encher as *redes* de palha. (V. *balde* e cp. *demoinhadeira*).

— O *Novo Dic.* regista o t. como sendo das *margens* do *Sado*. É também us. no Alentejo. (Móra).

* **carreguio,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *carrêgo* (acto de *carregar* ou *cargar*). (Serpa — Us. em Portel).

• **carreiro,** (ê), s. m. — Diz-se de uma certa quantidade de *aboízes* armadas em linha. (Gavião).

(Deve ter relação com o *loc. adv. em carreira*, em linha, ao lado um do outro ou um atrás do outro).

carrêro, s. m. — «Homem que conduz o carro».

— Já coligido por L. de Vasconcellos em Alandroal. O uso do voc. é quási geral no Alentejo. O *Novo Dic.* regista *carreiro* como t. geral e diz que é «aquêle que conduz o carro de bois».

— Em Beja, empregam mais o t. *almocreve.*

carreta, s. f. — Carro de bois.

— O *Novo Dic.* já regista o voc. como *prov.*, mas sem localização. É quási de uso geral em todo o Alentejo.

(Êste carro difere muito do «carro alentejano» para muares. É muito mais comprido, do que êste, quer na *prítica*, quer no *leito*, e raro é ter *tendais*, etc.).

* **carretador,** s. m. — «Homem que acarreta o pão de casa dos moleiros».

— É us. segundo L. de Vasconcellos, no Alandroal.

— O *Novo Dic.*, I, 18, regista nesta acepção, e como *prov. alg.*, o voc. *acarretador*.

carreteira, (ê), s. f. — Caminho de pé-pôsto, estrada estreita, *carreiro.*

— A *ob. cit.* traz o voc. como *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo. (Dist. de Évora). A pron. pop. é *cartêra.*

— O Sr. Dr. L. de Vasconcellos já coligiu o voc., significando: «caminho de carro», *(carreta)* — Us. em Évora.

carrimpana, s. f. — (V. *carripana*).

— O *Novo Dic.* regista já o voc. como recolhido na *Bairrada*. É também us. no Alentejo.

carrinha, s. f. — Pequena carroça alentejana e algarvia. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 386.

— «Segundo boa informação, a *carrinha*, no Alen-

tejo e no Algarve, designa especialmente o pequeno veículo de duas rodas, puxado por um só animal e destinado a transporte de pessoas».

— Cf. *ob. cit.*, II, 976. (Baixo-Alentejo).

carripana, s. f. — Carro pequeno e ordinário, para transporte de passageiros.

— O *Novo Dic.* regista o t. como *prov.*, mas não o localiza. É us. no Alentejo (Odemira, Mértola). Já foi também registado por T. Pires, *Voc. Alent.*, 122. (Elvas).

* **carro,** *(armado)*, s. m. — Como é conhecido o «carro alentejano» vulgar, depois de estar coberto com o *tôldo*. O mesmo que *carro-de-tôldo*.

— «*P'ra* ir à *fêra* d'Aires, lá tenho o meu *carro armado*»; ou «já *armei* o meu carro *p'rà fêra*». (Cp. *churrião* ou *carro-de-canudo*). (Portel — Montemór).

* **carro,** *(de canga)*, s. m. — «Carro alentejano» vulgar, puxado por uma parelha. (Portel — Évora — Beja).

— Em Campo Maior o referido carro toma o nome de * **carro** — *de-carrêgo*, quando transporta para a eira a *semente*. Cf. *O Campomaiorense*, de 24-6-1923.

* **carro,** *(de canudo)*, s. m. — (V. *churrião*). (Vila-Viçosa).

— O *canudo* é o tejadilho ou tôldo permanente dêste característico carro; o tôldo do *carro-armado* é amovível, sendo só pôsto quando o carro é utilizado para transporte de pessoas (romarias, feiras, etc.). O *tôldo* do *churrião* é feito de madeira, coberto de brim pintado a óleo; o tôldo do *carro-armado*, é feito de canas e apenas coberto de brim.

* **carro,** *(de varais)*, s. m. — Carro alentejano, puxado por uma só bêsta. (Portel — Évora — Beja).

(Cp. *carrinha* e *trimbolim*).

* **carronha,** s. f. — Carantonha, cara feia, carranca. O mesmo que *carazôno*. (Évora — Beja).

— T. Pires já registou o têrmo, significando: *bexigoso*. (V. *Voc. Alent.*, (913), 24).

● **cartilha,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *cédula pessoal*.

— *Ler a cartilha a alguém*, o mesmo que censurar àsperamente esse alguém ou dizer-lhe o regime que tem de seguir, em que lei vive, etc. (Lavre, conc. de Montemór).

carujar, v. i. — Chover miudinho, chuviscar. (Elvas, segundo T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 24).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov.* sem localização.

— Há *caruja, carujo, corujeira, corujeiro,* vocábulos estes já registados no *Novo Dic.*, mas sem a indicação de serem usados no Alentejo.

* **carunfo,** s. m. — O mesmo que cara: *a minha senhora quere qu'eu vá lavar o carunfo ao menino; é o que havéra de ser, pois então!* (Beja).

— É têrmo injurioso e depreciativo.

carvoeiras, (ê), s. f. pl. — Dança de roda.

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov.* sem localização. É us. no Alentejo como se vê no *Voc. Alent.*, (913), 122, de A. T. Pires.

casa, *(de-fora)*, s. f. — Casa de entrada.

— C. de F. registou o t. como *prov.*, sem o localizar. É us. no Alentejo. (Portel).

casa, *(da malta)*, s. f. — (V. *casinha*). (Dist. de Évora).

* **casa,** *(da pensão)*, s. f. — O mesmo que *casinha* ou *casa da malta.* «Casa, mais ou menos vasta do «monte», com larga chaminé, onde se reünem os criados e amos durante as noites de Inverno». C. Gonçalves, *A Vida Rural,* (922), 11.

* **casa,** *(venenosa)*, s. f. — Casa onde se praticam ou escondem furtos.

— «Na minha rua há só uma *casa venenosa;* galinha que lá entre *nan* volta à dona!» (Tem emprêgo figurado?) (Colhido em Montemór).

● **casados,** adj. — *Fig.* — Diz-se dos pães que se ligaram quando, ainda em massa, se juntaram no fôrno, ficando pegados. (Montemór — Us. em Beja).

casal, s. m. — Pequena herdade.

— O *Novo Dic.* regista mais ou menos neste sentido o voc. como *prov. trasm.* É também *alent.* (Gavião).

1\. ● **casamento,** s. m. — Côdea, que se tira ao pão quando se enceta numa das *cabeceiras.* (Vidigueira — Us. em Beja).

2\. ● **casamento,** s. m. — Passa de figo, tendo pedaços de noz dentro. (Reguengos).

● **casarão,** s. m. — Casa arruïnada. (Coligido por L. de Vasconcellos, no Alandroal). É também us. em Portel — Beja.

casaréu, s. m. — Casa grande e velha, sem condições de confôrto.

—Cf. C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 390, onde o voc. vem como *prov.* sem localização. É us. no Alentejo.

● **casca,** s. f. — Entrecasco do sobreiro (?). (Gavião).

1. ● **cascabulho,** ou * **cascavulho,** s. m. — Pinha velha e sem pinhões. (É com os *cascabulhos* que acendem os lumes).

—Parte central dos pômos (maçãs, pêras, etc.) que contêm as pevides, e que se deita fora, quando se não partiu prèviamente o pômo. (Montemór — Us. em Portel).

2. ● **cascabulho,** s. m. — *Fig.* — Garoto, fedêlho.

— «Aos sete anos o Rapôso era *ajuda* do pai, sem ganhar soldada, um *cascabulho* que mal se via...». B. Camacho, *Gente Rústica*, (921), 175. (Aljustrel).

cascabulheiro, s. m. — *Deprec.* — Apôdo porque são conhecidos os habitantes de Montemór-o-Novo, e isto porque dizem que estes vão vender fruta às feiras, comendo depois os *cascabulhos* que os frègueses deitam fora (1).

casinha, s. f. — O mesmo que *casa-da-malta.* Casa, onde se reüne e dorme a *ganharia.*

— «... e era então que o *tio* Rosa puxava da sua *loja*, contando anedoctas e histórias que andavam na tradição das *casinhas*...».

— B. Camacho, *Gente Rústica*, 133. (Baixo-Alentejo).

— Êste voc. já vem registado, como *prov. alent.*, no *Novo Dic.*

casinha, *(dos malteses)*, s. f. — Casa no «monte» destinada a dar agasalho aos malteses, mendigos, etc., que andam de «monte» em «monte» *à falca.*

— «O compadre Rosa, por disciplina, não freqüentava a *casinha dos malteses.*

— B. Camacho, *Gente Rústica*, 139. (Baixo-Alentejo). (Cf. *casinha* e *casa-da-malta*).

casinhola, s. f. — *Pop.* — Casa pequena e pobre. *Prov. alent.* Cêsto, para postura de ovos. (De *casinha*). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 391.

casinhôlo, s. m. — *Pop.* — Pequeno compartimento duma casa,

---

(1) Em *O Alentejano*, — semanário regionalista de Évora — de 24 de Agôsto de 1928, já publiquei um artigo àcêrca do facto.

quarto pequeno. (De *casinha* + *ôlo*). É us., segundo L. de Vasconcellos, no Alandroal.

— C. de F. também regista o voc., significando: *casinhola*, casa pequena e pobre.

— (Em Portel tem esta acepção, mas em sentido depreciativo).

casinhôto, s. m. — *Pop.* — O mesmo que *casinhola* (casa).

— Já registado por C. de F., sem a indicação de ser t. *pop.*

• **casola,** *(z)*, (?), s. f. — Circunferência riscada no chão, para vários jogos populares (pião, botão, etc.). (Cp. *chana* e *rom-rom*). (Portel).

— O *Novo Dic.* regista nesta acepção *gazola.*

casório, s. m. — Casamento (de ordinário de gente pobre). (Dist. de Évora — Aljustrel).

— O *Novo Dic.* regista o voc. que classifica de *chulo.* Discordo da classificação, embora autorizada, visto no Alentejo o têrmo ser us. com muita freqüência pela gente do campo.

— Para confirmação do que digo veja-se também o interessante artigo *O Casamento em Barbacena*, da autoria do Sr. Manuel Rodrigues de Carvalho, em a *Rev. Lusit.*, XXV, pág. 258.

caspacho, s. m. — Sôpa fria, de azeite e vinagre e outros temperos (especialmente *òregos*), acompanhada de toucinho cru ou de lingüiça, *palaio*, etc.

— (V. *gaspacho*). (Dist. de Évora — Mértola — Serpa).

— É refeição muito apreciada, e de que o alentejano faz largo uso no Verão.

— C. de Figueiredo registou o voc. como *prov.*, sem localização, e diz que o *caspacho*, entre outros temperos, leva salsa, o que desconheço.

caspachar, v. i. — *Prov. alent.* — Comer *caspacho.* Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 976.

* **casparra,** s. f. — *Pop.* — Caspa ou pele de uma ferida. (V. *carapela*). (Montemór).

* **casquelhada,** s. f. — O mesmo que *caqueirada* (acto de arremessar com *casquêlhos* para dentro das casas, cujas portas, postigos ou janelas estejam abertas durante a época carnavalesca). (Portel).

— Êste costume ainda hoje muito em uso no Alentejo, também tem seu uso na Beira-Baixa onde é conhe-

cido por *cacada* ou *caqueirada*, e no Algarve por *testada* (1).

1. * **casquêlho,** s. m. — Caco, caqueiro, pedaço de louça sobretudo de barro. (Portel — Reguengos — Beja).

— O voc. nesta acepção já foi registado por L. de Vasconcellos, como sendo de uso em Aviz.

2. * **casquêlho,** s. m. — O mesmo que *bagôxo*.

• **casquilho,** s. m. — Pequeno caco. O mesmo que *casquêlho*, 1. (Serpa).

* **cassêtas,** s. f. pl. — «Variedade de doce de Montemór-o-Novo». C. Gonçalves, *A Vida Rural*, 15.

• **castalho,** s. m. — O mesmo que *gastalho* (banco — apenas um grande pedaço de um tronco de azinheira, com uma cavidade ao meio — onde o *abegão*, 1, falqueja ou prepara grosseiramente a madeira para as várias obras (carros, arados, charruas, etc.). (Portel).

O Sr. Dr. C. Gonçalves, na *ob. cit.*, pág. 34, chama a esse banco — *talhão*.

castanha, s. f. — *Prov. alent.* — A cruzeta das azenhas. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 393.

— Como têrmo *pop.* designa: *lambada, sova*, etc. (Portel — Évora).

castanhos, adj. — Diz-se de uma variedade de alhos. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 122. (Elvas).

castelhana, s. f. — *Prov. alent.* — Faúlha, que o carvão solta quando arde, estalando. Variedade de figueira algarvia. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 393.

• **castelhano,** s. m. — O mesmo que *castelhana*. (Portel — Évora).

— Não é só faúlha de carvão, mas sim também de lenha. É voc. mais us. no plural. (V. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 25). No Alentejo também dizem: * *fariscas*, * *farípas*, * *espanhóis* e *velhas*, q. v.

• **castelo,** s. m. — *Fig.* (?) — A parte que não pertence às *talhadas* e que fica ao centro da melancia, quando esta se parte cuidadosamente. (Montemór).

— Há localidades onde lhe chamam *galo*, mas isso é

(1) Àcêrca dêste assunto publiquei um artigo com o título *Usos e costumes*, em o *Arquivo Transtagano*, n.º 5, de 15 de Maio de 1933. (Elvas).

antes, a parte superior da *talhada* quando ao partir-se a melancia (ou *belencia*) não fica o *castelo*, ou ainda a abertura (triangular ou quadrangular) ou racha, que se faz para ver se ela é boa. (V. *galo*).

castelos, *(da ponte)*, s. m. pl. — «Pequenas hastes insertas na *ponte* do carro, para segurar cordas, etc.». (Coligido por L. de Vasconcellos, em Alandroal). É também us. em Beja.

* **cataburro,** adj. — *Pop.* — Diz-se do indivíduo estúpido, alarvado. (Serpa). (Cp. *catacego*, que na *pron. pop.* do Alentejo é *catracego*).

catacego, adj. — *Pop.* — Que tem pouca vista, que tem a vista curta. Pouco atilado. Cp. C. de F., *Novo Dic.*, I, 395.

catacús, s. m. — *Prov. alent.* — Planta herbácea, que se coze com legumes e de que se faz esparregado.

— Cf. *ob. cit.*, I, 395. (Évora — Arraiolos). (V. *carrasquinha, tagarrilha, tagarrina, tagarrinho*, etc.).

* **catança,** s. f. — *Pop.* — Acto de *catar* (buscar e matar parasitas, etc.). *Fam.* — Roubo. (Évora — Portel).

(Cp. *cagança, lambança*, etc.).

● **catar,** v. t. — *Pop.* — Roubar, furtar. (Portel).

catatau, s. m. — *Fam.* — Castigo, pancada. *Loc. v.* — *Fazer o catatau*, matar: *fêz o catatau à galinha.* (Portel).

* **catatéu,** s. m. — *Fam.* — Partida, pirraça. Brincadeira (leve). *Loc. v.* — *Fazer catatéu*, pregar partida, etc. (Serpa). (V. *càpêça*).

* **catrabuzana,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *trabuzana*. Barulheira, algazarra, zaragata.

— «Alto será, que não arranjes com o que andas a fazer, alguma *catrabuzana*, assim que vier teu pai!» (Reguengos).

● **catraio,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *cardanho* ou *cardenho* (roubo). (Gavião).

* **catralo,** s. m. — «*Buguêxo*, pedra pequena». (Coligido por L. de Vasconcellos, em Aviz).

* **catramólho,** s. m. — *Pop.* — Meada embaraçada e com nós (fio ou linha). (Serpa).

(Cp. o têrmo seguinte).

catramonho, s. m. — *Prov. alent.* — Mólho, mal atado. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 400.

* **catrapinhar,** v. t. — *Pop.* — Procurar, buscar.

— «Não encontro couves; tenho andado a *catrapinhar* nelas, por tôdas as hortas». (Montemór).

* **catrapuzada,** s. f. — *Pop.* — Pancada ruïdosa, queda.
— «Deu uma *catrapuzada* na cadeira, que fêz uma *noda* rôxa na perna». *(T. onom.)*.
— Movimento desordenado: «*anda às catrapuzadas p'la casa tôda*». (Elvas).
— Deve ter relação com o voc. *catrapús*.

catrefa, s. f. — Caterva, grande porção. (Évora — Beja).
— É como já diz C. de F. corruptela *pop.* de *caterva*.

* **catrimpacio,** s. m. — Livro velho, volumoso. Calhamaço. (Forma pop. de *cartapacio*). (Portel).

* **catrimpónia,** s. f. — Lamparina alimentada a azeite, servindo para aquecer, durante a noite, águas, caldos, etc., para doentes. (Évora).

* **catrinetas,** s. f. pl. — O mesmo que o seguinte. (Viana — Beja).

* **catrinotas,** s. f. pl. — Flores da família das compostas, vulgarmente chamadas *maravilhas* (espécie de *malmequeres*). (Portel).

caturro, s. m. — *Prov. alent.* — Pequeno cachimbo, grosso e curto. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 401.
— (V. *carêto*, 1).

cavalheira, (ê), s. f. — O mesmo que *cavalhariça*, cavalariça. (Évora — Montemór).
— Já registado por C. de F., como t. de *Montalto* e de outros pontos além Tejo.

● **cavaléte,** s. f. — A carta que no baralho, vulgarmente é conhecida por *conde*, *cavalo* ou *valéte*.
— Deve ser contracção de *cavalo* + *valéte*. (Portel).

* **cavalice,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *retoïça*. Brincadeira.
— «É do que gosta: é só de *cavalice!*» (Cp. do vocabulário geral os têrmos: *burrice* e *cabrice*). (Reguengos).

* **cavalidade,** s. f. — Qualquer cavalo, burro ou muar. *Fig.* — Pessoa estúpida, asnática. (Montemór).

cavalinho, s. m. — *Prov. alent.* — Utensílio de ferro com quatro pés, sôbre o qual descansa a ponta do espêto, na cozinha.
Pl. — *Pop.* — Companhia equestre, que se apresenta nos circos. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 404.
— (V. *gato*, 2).

cavalinhos-fuscos, s. m. pl. — *t. ant.* — Divertimento antigo, que consistia em várias momices feitas por uns pretensos cavalos de pau, cobertos com longos panos, e que

uns homens metidos lá dentro faziam mover. (Évora — Beja).

— A *ob. cit.*, regista o voc. como *prov. alent.*, significando: o mesmo que *toirinha* (imitação de uma corrida de toiros, etc.). Parece-me haver, aqui, confusão, pois era coisa um pouco diferente.

● **cavalo,** s. m. — Variedade de aranha, de corpo pouco volumoso e pernas muito compridas. (Portel — Beja).

* **cavalo,** *(padre)*, s. m. — Cavalo padreador, reprodutor. (Cp. *carneiro-pai*). (Colhido em Safára — Moura).

* **cavalo,** *(roaz)*, s. m. — «Cavalo soberbo, por causa das éguas». Cf. A. Bessa, *A Gíria Port.*, (901), pref., XXVI. (Odemira).

* **cavileza,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *cavilação*. Pensamento mau; sentimento de vingança.

— «Já há muito tempo, que êle andava com aquela *cavileza* dentro de si!» (Serpa).

* **cearinhas,** ou **searinhas,** s. f. pl. — Vasos ou pratos, onde se faz grelar o trigo, às escuras, durante o tempo de uma lua. As *cearinhas* são us. pelo Natal, e muito mais pelas Endoenças, para ornamentação dos altares. (V. *lentilhas*).

— «... painéis de santos, flores, amuletos e *cearinhas* de trigo grelado em pratos da Índia, às escuras, durante os vinte e cinco longos dias de uma lua». Fialho de Almeida, *Aves Migradoras*, 2.° milhar, 1921, pág. 83.

● **cega,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *çaga* (encalço ou rectaguarda). (Reguengos).

cegonha, s. f. — O mesmo que *bebedeira*.

— O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localização. É us. no Alentejo.

* **cegonhão,** s. m. — Susto. (Apanhei um *cegonhão*). Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 25. (Elvas).

— (V. *cagarruça*).

* **ceifar,** *(-à-calha)*, v. t. — Diz-se do modo de ceifar, por lotes, marcando-se estes por golpes feitos na seara. (Serpa).

— A pronúncia pop. é *acêfar*.

* **ceifar,** *(a eito redondo)*, v. t. — Diz-se do modo de ceifar, apanhando tôda a largura da *fôlha* da *semente*. (Serpa).

* **ceifar,** *(à marge)*, v. t. — Diz-se do modo de ceifar, em que os ceifeiros só vão cortando a *semente* de três *marges* ou *gumes*.

(Normalmente as mulheres ceifam duas margens; os homens três). (Serpa — Moura).

celca, s. f. — O mesmo que *celga* ou *acelga* (planta).

— O *Novo Dic.* regista o t. como *prov.*, sem o localizar. É us. no Alentejo. (Aljustrel).

cenrada, s. f. — Água, em que se faz ferver cinza e que serve depois para com ela se lavar a louça, objectos de cozinha, etc., substituindo assim a água de sabão.

— O *Novo Dic.*, I, 410, regista o voc. como geral e diz que é o mesmo que *barrela*.

No Alentejo, especialmente em Évora, Portel e Reguengos, são coisas bem diferentes.

A *cenrada* é o que acima se diz, e *barrela* a lixívia que escorre da água fervente que se deitou sôbre a cinza que está no *cenradeiro* ou *sarrandeiro*, o qual cobre a roupa já lavada, mas que se pretende embranquecer mais. Há, pois, esta diferença: na *cenrada* a cinza ferve dentro da água, e na *barrela* é a água a ferver que se deita sôbre a cinza.

— Já o Sr. Dr. C. Gonçalves, em *A Vida Rural*, pág. 15, faz a mesma confusão.

cenradeiro, s. m. — *Prov. alent.* — Pano, em que se faz a *barrela*. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 410.

* **cerangonha**, s. f. — Cegonha. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 25. (Elvas).

* **cerangonho**, s. m. — *Deprec.* — Indivíduo alto e magrizela. (Évora — Redondo).

• **cerne**, adj. — Fechado, unido, cerrado.

— «A minha cortiça não tinha gretões: era *cerne*». (Reguengos).

— Em Elvas e arredores também dizem que o queijo é *cerne*, quando não é *olhado* (quando não tem *olhos*, buracos). Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 24.

cerraceiro, (ê), s. m. — Nevoeiro cerrado, espêsso.

— O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo. (Portel — Reguengos).

* **cerracina**, ou **serracina**, s. f. — Impertinência, maçada.

— «*'Stás* sempre *prái* com essa *cerracina*, que nem me deixas dormir». (Serpa — Portel).

— É forma popular de *serrazina*.

cerrandêro, s. m. — (V. *cenradeiro*). Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 122. (Elvas).

cêsso, s. m. — *Pleb.* — Nádegas. (Portel — Serpa).
— No Alentejo também dizem: *cecemiano, culampeira, sim-senhor*, e outros.

* **cêsto,** *(azeitoneiro)*, s. m. — Cêsto de vime, com asa e dum tamanho determinado, e que as mulheres levam quando vão apanhar azeitona. (Montemór).

céu, s. m. — *Fig.* — Mosquiteiro de gaza, que se aplica às camas e aos berços. (Serpa).

* **chá,** *(de baraço)*, s. m. — *Pop.* — Tunda, pancadaria.
— «Aquela mulher tem *mun má* génio; 'stá sempre a dar *chá-de-baraço* aos filhos!»
(Tem emprêgo figurado, e acontece que as sovas são dadas, normalmente, com um *baraço*). (Serpa).

chabouco, s. m. — *Prov. alent.* — O mesmo que *cabouco*.
Prov. — Grande charco; poça de água estagnada. (Colhido em Turquel). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 420.
— Na última acepção é também us. no Alentejo. (Portel — Reguengos — Moura — Serpa) onde designa ainda mais: «cova, buraco», como se vê na cantiga pop.:

«Por cima *s'acêfa* o trigo,
Por baixo *ficò* **chabouco**;
Serias tu o primeiro
Que de mim farias pouco!»

(Reguengos).

* **chachapim,** *(com couve)*, s. m. — *Pop.* — Homem de baixa estatura e raquitico. Zé-ninguém. (Serpa).

* **chacoula,** s. f. — «Nome que se dá no Alentejo a um rancho de raparigas que cantam». Teófilo Braga, *Canc. Pop. Port.*, (911), vol. I, 151.
(No vocabulário geral há *chacota* que designa «antiga canção pop. e antigas danças»).

chacotina, s. f. — *Prov. alent.* — Barulho; algazarra. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 977.
— É t. us. em Cercal do Alentejo, segundo Costa Leão, *Camilo e o Povo*, (922), 33; e onde também dizem *chicotina*.

1. **chafardel,** s. m. — Pequeno rebanho. (Dist. de Évora).
— Já registado por C. de F. e por C. Gonçalves, que diz ter emprêgo depreciativo.

2. ● **chafardel,** s. m. — *Pop.* — Comida mal feita. Chanfana. (Móra).

* **chafranafra,** s. f. — *Pop.* — Algazarra, barulheira, confusão. O mesmo que *chinfrinada.* (Multidão?)

— «... e quando nas romagens o seu cavalo *piafava* nos adros das ermidas, ou a galope ia cortando a *chafranafra* das feiras...». Fialho de Almeida, *Aves Migradoras,* 2.º milhar, 1921, pág. 126. (Cuba — Mourão).

* **chafundão,** s. m. — Cova maior e mais funda que o *chabouco.* Grande charco. (O mesmo que *chafurdo,* lamaçal?) (Cp. *almêcega*). (Portel).

● **chalante,** s. m. — Homem bem trajado, garboso, aprumado. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.,* (913), 26. (Elvas).

— Forma pop. de *galante?*

● **chamadeira,** (ê), s. f. — Vara com que se *chamam* (guiam) os bois, quando jungidos na *carrêta.*

— Tem aproximadamente 1^{m},30 de comprido, e na ponta mais delgada tem um pequeno *ferrão.* É mais pequena que a *aguilhada.* (Moura).

— O voc. nesta acepção já foi registado por T. Pires.

* **chamarrêta,** s. f. — Casaco muito curto. (Cp. *capoteira* e *roupinha*). (De *chamarra,* espécie de batina, sem mangas?)

* **chamboleirão,** (ê), s. m. — *Pop.* — Carro ordinário, que dá mau *cómado.* (Montemór).

(Cp. o voc. seguinte).

chamborreirão, s. m. e adj. — *Prov. alent.* — Diz-se do artífice ou oficial, que só produz obras grosseiras ou mal acabadas. Cf. C. de F., *Novo Dic.,* I, 423.

chamiça, s. f. — Lenha miúda, para fornos sobretudo. Ramos sêcos ou *rasmalhos.* Carqueja.

— O *Novo Dic.* regista o t. como *prov.,* sem o localizar. É us. no Alentejo. (Évora — Montemór — Beja).

chamiceiro, (ê), s. m. — Homem que vai ao mato buscar *chamiça* para vender. (Évora — Beja).

— O *Novo Dic.* diz que é t. geral, mas parece que noutras terras é desconhecido.

chamiço, s. m. — Além da acepção «pouco magro» que lhe dá o *Novo Dic.,* como *prov. alent.,* nalgumas terras do Alentejo tem ainda a significação de «chavelho». (Mértola — Aljustrel).

— É mais us. no plural.

champil, s. m. — *Prov. alent.* — Pedaço de cortiça, em que poisa o pombo que serve de negaça, na caça aos pombos bravos. Cf. C. de F., *Novo Dic.,* I, 424.

champorreirão, s. m. e adj. — *Prov. alent.* — O mesmo que *chamborreirão*. Cf. *ob. cit.*, I, 424.

• **chamôrro,** s. m. e adj. — O mesmo que *labrêgo*. (Homem grosseiro, estúpido). (Serpa).

* **chãna,** s. f. — Pequena cova feita no chão, que serve para os rapazes «jogarem ao botão». (Cp. *casola*).

— *Pop.* — O mesmo que *chelindró* (cadeia).

(Nesta última acepção regista o *Novo Dic.* o voc. *chena*). (Portel).

chancada, s. f. — Passo largo e pesado, dado por animal ou pessoa.

— O *Novo Dic.* diz *prov. beir.* É também *alent.* (Reguengos — Portel).

— Também são us. os voc. *chanca* e *chancar*.

* **chanfanada,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *chanfana*. Comida mal feita.

(V. *caldufana* e *chafardel*, 2).

* **chapadenha,** adj. — Diz-se da estrada com declive acentuado, na encosta *(chapada)*.

— «Viana tem muitas estradas *chapadenhas*». (Viana do Alentejo).

* **chapadinha,** s. f. — Meia *chapada*, pequena elevação, cabêço.

— «Há ali uma *chapadinha* mesmo boa, para o enxugo da roupa». (Serpa).

1. **chaparro,** s. m. — *Prov. alent.* — Geralmente dão êste nome à azinheira nova.

Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 977.

(Segundo o mesmo autor na *ob. cit.*, vol. I, 426, *chaparro* é o mesmo que sobreiro pequeno, o que não é, pelo menos no Alentejo). (Dist. de Évora).

2. • **chaparro,** s. m. e adj. — *Fig.* — Homem estúpido. Brutamontes. (V. *animal-de-cabelo* e *barrascana*).

— Ouve-se com freqüência: «*F.... é mais bruto, que nem um chaparro!*» (Portel — Montemór).

chaparrinho, s. m. — *Prov. trasm.* — Indivíduo muito estúpido. (Por *chapadinho*, de *chapado*?) Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 426.

— É voc. também us. no Alentejo, por eufemismo de *chaparro*, ficando desta maneira esclarecida a dúvida de C. de F.?

• **chapeirão,** (ê), s. m. — *Pop.* — Chapéu grande.

O mesmo que *àbeirão* ou *àbeiro*. (Dist. de Évora — Vidigueira).

* **chapéu,** *(de lôbo)*, s. m. — Variedade de cogumelo comestível. (Cp. *bufa-de-lôbo*). (Móra).

charavascal, s. m. — «Campo inculto, chavascal». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 122.

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov.* sem o localizar, e com acepção um pouco diferente.

* **charais,** (ou *xarais?*), s. m. pl. — Caminhos? Campos? O voc. foi ouvido nas frases seguintes: «*por esses charais fora*» — «*logo de manhã cêdo, foi p'rô monte, abalou por esses charais fora*». (Évora).

* **charamutada,** s. f. — *Pop.* — Descompostura, desanda.

(Por *charutada*, em sentido figurado?) (Serpa).

* **charaviscar,** v. t. — *Pop.* — Remexer, espiolhar. Rebuscar. (V. *cheravisco*).

— Diz-se que *charavisca* a pessoa que mete o nariz em tôda a parte, metediça, etc. (Portel — Serpa).

— T. Pires, em o *Voc. Alent.*, 122, registou o voc., significando: *farejar*. (Elvas).

1. **charepe,** s. m. — Sujeito desavergonhado, bisbórria, garoto.

— O *Novo Dic.*, I, 428, regista o t. como *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo. (Portel).

2. **charepe,** s. m. — *Prov. alent.* — Pequeno lavrador. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 428.

(Segundo T. Pires, *Voc. Alent.*, 26, o voc. é us. em Elvas, significando «*pequeno seareiro*». É nesta acepção que eu conheço o t. — *Lavrador*, embora pequeno, é coisa no Alentejo bem diferente de *seareiro*).

* **charêta,** s. f. — *Pleb.* — Órgãos sexuais da mulher.

O mesmo que *chicha-na-toca*, *chôcha*, *fafagoïna* ou *fisga*. (Cp. *boló* e *bolólinha*).

(V. estes têrmos). (Serpa).

* **charingão,** s. m. — *Pop.* — (V. *chorrilho* e cp. *bôrrasvrêdas*). (Serpa).

1. **charneco,** s. m. — *Prov. alent.* e *alg.* — O mesmo que *rabilongo* (raça de pêga, de longa cauda). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 428.

2. ● **charneco,** s. m. e adj. — Diz-se do homem sem importância, mas que julga tê-la. Impostor, *bazófio*. (Cabeça Gorda — Beja).

* **charra,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *cigarra* (insecto). (Portel).

* **charramôcho,** s. m. — «Montão de pedras». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 26. (Elvas).

• **charro,** s. m. — O mesmo que *carapau* (pequeno).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov. alg.*, significando: o mesmo que *chicharro* (carapau grande).

* **charro,** *(do alto)*, s. m. — Carapau grande. Chicharro. (Portel).

• **charrua,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *alfinete-de-segurança* ou *alfinete-de-dama.*

(O voc. é us. pelos camponeses de Serpa e arredores).

* **charrua,** *(de sega)*, s. f. – Nome dado a um modêlo de charrua, antigo, já hoje em desuso. (Montemór).

— Esta designação deve vir da *sega* (ferro especial, que se põe para facilitar a lavra e cortar as raízes).

charrueco, s. m. — Pequena charrua, grosseira, us. no Alentejo. (Évora — Gavião).

— O *Novo Dic.* regista o t., mas não o classifica de *prov.*

* **chasmeno,** s. m. — Sôro do *almêce.* (Cp. *chilro*).

— «..., porque deixava ir pouca coalhada no *almeice*, e quási todos êles, migadas as sôpas, escorriam da tijela o *chasmeno*, como se chamava ao sôro». B. Camacho, em a *Ilustração Alentejana*, n.º 4. (Baixo-Alentejo).

chave, s. f. — Chavelho de boi, preparado como vasilha, por adaptação de uma rolha de cortiça, onde os pastores e outros trabalhadores conduzem o azeite. (V. *corna*, 1). (Cp. *barranha*, 2).

— Também é conhecida por *azeiteiro* ou *chave do azeite.* Algumas são artìsticamente feitas com trabalhos lavrados, etc. (Évora — Dist. de Beja).

— O *Novo Dic.* já regista o voc. como *prov. alent.*

1. • **chavelha,** s. f. — O mesmo que *corna*, 1. (Pavia — Móra).

2. **chavelha,** s. f. — «Peça que prende a *ponta* do carro aos tendais». L. de Vasconcellos. (Alandroal).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como geral, significando: «Peça de pau, que se mete no cabeçalho do carro, junto à canga, e também conhecida por *mata-boi*».

chavelhão, s. m. — Segundo C. de F., como t. geral, significa: «Peça de ferro, a que se atrela segunda junta de bois, para tirarem o carro ou o arado».

— Segundo L. de Vasconcellos — o têrmo é grafado com *i* — *chavilhão* — e é us. em Alandroal, designando: «Peça que prende o *apêro* à *prítica*».

— É nesta última acepção que o voc. corre no Alen-

tejo, onde a diferença entre *chavelha* e *chavelhão* é esta: a primeira é de madeira e us. nas *carretas* e em *puxos* fracos, de pouco pêso; o segundo é de ferro e us. nos carros e em *carregos* pesados. (V. *espera*, *mata-chavelhão*, *mata-boi* e *mancebo*).

cheio, adj. — Segundo C. de F. «diz-se da vaca que está grávida», e é *prov.* sem localização; mas no Alentejo diz-se de qualquer fêmea que está *prenha*, *pejada* ou *apanhada*.

cheira-bufas, s. m. — O mesmo que

cheira-cús, s. m. — *Pop.* — Sujeito metediço, espiolhador. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 431.

— São também us. no Alentejo.

cheira-fraldas, s. m. — *Prov. alent.* — O mesmo que *maricas*. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 431. (Évora — Portel).

cheirum, s. m. — «Mau cheiro, fedor». A *ob. cit.* classifica o voc. de *prov. alg.* É também us. no Alentejo, onde a terminação *-um* nas falas populares é muito freqüente.

(V. *bafum*).

cheirete, s. m. — O mesmo que *cheirum*.

— Já registado por C. de F. É us. em Elvas, segundo T. Pires. (Portel — Évora).

chenita, ou **chinita,** s. f. — Pequeno copo de qualquer bebida, sobretudo aguardente. Pequena porção.

— O *Novo Dic.* já regista os têrmos: o primeiro como *pop.*; o segundo como *prov. beir.* e *dur.* São us. no Alentejo em Évora, Portel, Reguengos, e em Elvas segundo T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 26.

— Em Barbacena, *chenita* «é uma medida antiga equivalente a *meio quartilho*». Cf. *Rev. Lusit.*, XXV, pág. 257.

No Algarve, com êste último significado, dizem: *chiquita*.

* **cheravisco,** s. m. — Busca, fiscalização. (V. *charaviscar* e *rabisco*).

— «Indo no barco atirou ao rio os restos do presunto, para evitar o *cheravisco* aduaneiro...». Fialho de Almeida, *Aves Migradoras*, 2.° milhar, 1921, pág. 207. (Vila-Frades).

1. **chiba,** s. f. — *Prov. alent.* — Empola, que se forma, em mãos não calejadas, pelo atrito de corpo duro, como o cabo de uma ferramenta, cordas de instrumento, etc. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 432. (Serpa).

— O mesmo que *borrefa* ou *borrelfa*, ou ainda *bor-*

rêga, que designam tanto empola nas mãos como nos pés.

2. • **chiba**, s. f. — *Pop.* — (V. *cabrita*, rapariga leviana).

— Também se emprega *chibinha* como eufemismo. (Serpa).

* **chibatice**, s. f. — Acção de *chiba*. Cabrice, traquinice, travessura de criança. (Serpa).

1. **chibato**, s. m. — O mesmo que *bode*.

— C. de F. regista só *prov.* sem localização. É us. no Alentejo. (Dist. de Évora).

2. • **chibato**, s. m. — *t. caç.* — Diz-se que apanha ou traz um *chibato*, o caçador que a-pesar-de ter atirado, não mata peça alguma de caça. (Évora — Viana do Alentejo).

3. • **chibato**, s. m. — *Pop.* — (V. *cagarruço*).

— «Há-*des* ir comigo p'ra Portel, se não dizes aonde está a espingarda!»

— «Sempre me meteu um *chibato* com aquilo!...» (Portel).

chicada, s. f. — Rebanho de ovelhas paridas (tendo por conseguinte borrêgos novos, de dias). O número de cabeças de uma *chicada*, são 200; duas *chicadas* formam uma *paridade*. (V. êste têrmo). (Safára, conc. de Moura).

— Não é tão completa a definição que vem no *Novo Dic.*

chicadeiro, (ê), s. m. e adj. — Pastor que guarda a *chicada*. (Moura).

— Já vem registado no *Novo Dic.*, sem indicação de *prov.*

chica-la-fava, s. f. — Jôgo de rapazes. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 122. (Elvas — Portel).

— C. de F. já registou o voc. sem a anotação de *prov. alent.*

* **chica-na-toca**, s. f. — *Pleb.* — O mesmo que *coito* ou *cópula*. (Serpa).

• **chicha**, s. f. — *t. inf.* — O mesmo que *carne*. (Portel).

• **chícharo**, s. m. — *Pleb.* — O mesmo que *ramela* (dos olhos).

— «Andas sempre com os olhos cheios de *chícharos*; limpa já isso, *javardão!*» (Safára — Moura).

chícharos, s. m. pl. — *Pop.* — O mesmo que *torresmos* (das gorduras do porco).

— Colhido em Portalegre, onde *torresmos* têm a significação geral: «resíduos, que ficam depois do toucinho frito».

● **chicho,** s. m. — O mesmo que *cincho* (aro de lata, em que se faz o queijo e que lhe serve de molde). (Dist. de Évora).

* **chilaicas,** s. f. pl. — «Sapatos grandes». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 26. (V. *chincalhos*). (Elvas).

chilro, s. m. — «Sôro, levemente esverdeado, que escorre da massa, com que se faz o queijo».

— O *Novo Dic.*, II, 977, assim regista o voc., como *prov.* sem localização. É us. no Alentejo.

— (Cp. *chasmeno*). (V. *chorrilho*).

* **chilros-bilros,** s. m. — *Pop.* — O mesmo *junquilho* (de flor branca e amarela). (Beja).

chincalhada, s. f. — «Caçoada, zombaria».

— O *Novo Dic.* regista *prov. dur.* É também *alent.* us. em Évora e Portel.

— Em Elvas, segundo T. Pires, *Voc. Alent.*, 26, designa «*ruído de chaves, que batem umas nas outras*».

* **chincalhos,** s. m. pl. — «Sapatos velhos». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 26.

● **chinchilha,** s. m. — *Fam.* — Pessoa de fraca constituïção. O mesmo que *chimborgas* (indivíduo desprezível, etc.). (Portel — Serpa).

1\. * **chinfalho,** s. m. — *Pop.* — Bocado de carne. O mesmo que *tassalho* (grande pedaço). (Moura).

2\. * **chinfalho,** s. m. — O mesmo que *gaiato* (com acepção depreciativa).

● **chiqueiro,** (ê), s. m. — Compartimento, reservado para os *chibos* (?). (Colhido em Gavião).

— A acepção geral é «*pocilga*, recinto vedado onde são engordados os *sovões*».

1\. **chiquito,** s. m. — Sapatinhos de criança.

— O *Novo Dic.* regista *prov. alg.* e *t. bras.* É também us. no Alentejo. (Évora).

2\. ● **chiquito,** adj. — Pequeno, maneirinho. (Montemór).

— Corresponde ao *prov. minh.*, **chiquitinho,** a *chisquinho* ou *chisquito* us. na Beira. (De *chique*, bonito, catita? ou de *chique*, pouca coisa? ou ainda de *cisco*?)

* **chisnado,** s. m. — *Pop.* — *t. caç.* — Chio agudo, que solta a lebre ou coelho quando feridos pelo tiro. (Serpa).

1\. ● **chito,** s. m. — O mesmo que *chinquilho* (jôgo). (Portel — Us. em Elvas segundo T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 27).

2\. ● **chito,** interj. — (Serve para chamar os cães, e também às vezes para os enxotar). (Portel — Reguengos).

• **choça,** s. f. — O mesmo que *espera* ou *aguardo* do caçador. (V. *chôcho*).

— «... êle armava a sua *choça* como se fôsse caçador...». B. Camacho, *Gente Rústica*, 53. (Aljustrel).

• **chocas,** s. f. pl. — Como são conhecidas as vacas mansas (e bois), que nas praças de touros servem para se conseguir meter o touro bravo para o curro. (Évora — Reguengos).

chôcha, s. f. — *Pleb.* — (V. *charêta*). (Moura).

— Já registado por C. de F., como *gíria alg.*

• **chôcho,** s. m. — O mesmo que *choça* do caçador. Pequena choupana, feita de *rasmalhos* sêcos, que serve para abrigar o caçador. (Portel).

— (Cp. *achôcho*). (V. *chôço*, 2).

* **chochura,** s. f. — *Fam.* — Modôrra, adormecimento, prostração. (Serpa).

1. **chôço,** s. m. — *Prov. alent.* — Alpendrada, onde se abrigam os porcos, que se cevam com sobejos de comida. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 440.

— Desconheço o t. nesta acepção.

2. **chôço,** s. m. — «Choça pequena que se construe para quando *armam aos pássaros*». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 27. (Elvas).

* **chôfra,** s. m. — *Pop.* — A parte gorda e carnuda de qualquer coisa: *a chôfra da perna* (o mesmo que a *barriga-da-perna* ou a *bucha-da-perna*). (Serpa).

* **choquilhão,** s. m. — Pequena campaínha. (Cp. *esquila* e *esquilão*). (Gavião).

— Note-se, no presente caso, o valor do aumentativo.

* **chorrão,** s. m. — *Pop.* — Ferida infectada, apodrecida, putrefacta (referindo-se a pessoas). (Serpa).

• **chorrião,** ou **churrião,** s. m. — Carro grande, de duas rodas, com «*canudo*» (tôldo) de oleado e de feitio característico (com molas e interiormente almofadado, etc.).

— São os antigos carros dos lavradores, que estes levavam às feiras e romarias, e julgo que só no Alentejo eram usados. O mesmo que «*carro de canudo*». (Dist. de Évora).

• **chorrilho,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *chilro* (sôro do leite). (Serpa).

(Cp. *chasmeno*).

— O voc. já foi registado pelo Sr. Dr. C. Gonçalves, em *A Vida Rural*, 45, «... escorrendo todo o *chorilho* ou *chilro*, ou sôro de leite, também chamado *água chilra*.

Êste sôro, contendo resíduos de nata, depois de fervido, constitue o *almêce*...».

• **chorume,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *sumo: o chorume da laranja.* (Portel).

* **chouriço,** *(de sangue),* s. m. — O mesmo que o seguinte. (Portel).

* **chouriço,** *(preto),* s. m. — Morcela (enchido de carne de porco, a mais gorda, misturado com sangue e vinho tinto e outros temperos).

— A carne mais magra é para linguïças, *palaios* e outras *peças de «carne de fumeiro»* ou *de «carne de môlho»*. (Dist. de Évora).

* **chucharrões,** s. m. pl. — O mesmo que *torresmos* (resíduos que ficam das gorduras do porco, depois de extraída a *manteiga de porco* — banha).

— (V. *chícharos*).

* **chumaça,** s. f. — *Pop.* — Pequena almofada (da cama). (Portel — Dist. de Beja).

— Também pronunciam *chemaça*.

— O *Novo Dic.* traz o voc. *chumaço*, significando: «pequena almofada». No Alentejo é assim conhecido o *travesseiro*. (Évora — Portel — Vidigueira).

1. **chumela,** s. f. — O mesmo que *chumaça*.

— Pequeno penso no umbigo das crianças recém-nascidas.

— O *Novo Dic.* diz *prov. alg.* É também *alent.*, us. no Baixo-Alentejo.

2. **chumela,** s. f. — *Prov. alent.* — Compressa, que se põe na cesura de uma sangria, sotopondo-se a uma ligadura. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 447.

— Nesta acepção registou T. Pires, *Voc. Alent.*, 26, o têrmo «*chemela*», que no Algarve designa «travesseirinha da cama», segundo C. de F., *Novo Dic.*, I, 431.

(V. *chumela*, 1).

* **chumelão,** s. m. — *Pop.* — *Fig.* — O mesmo que *abusinhão*. Remendo mal deitado, com muitas *conêtas*.

(Cp. *burra*, 2).

— «O remendo que deitaste no colete de *tê* pai, é mesmo um *chumelão*». (Reguengos).

• **chupador,** s. m. — Pequena chaminé, que tem por base um quadrado, servindo só para lumes fracos. (Us. em Beja e arredores).

chupão, s. m. — O mesmo que *chupador*. Chaminé, de feitio especial para melhor tiragem do fumo. (Baixo-Alentejo).
— C. de F. regista *prov. trasm.*

• **churra,** (?), adj. — Diz-se da lã, antes de lavada e preparada, e em seguida à tosquia (?).
— (Cp. *churro*), (carneiro). Terá alguma relação com *churdo*? (Beja).

churro, *(carneiro)*, s. m. — Carneiro de raça espanhola, de lã branca e comprida.
(Segundo o meu informador, hoje pouco abunda esta raça no Alentejo. Será êste carneiro que dá a *lã churra*?) (Serpa).

* **chuvina,** s. f. — Chuva miúda. O mesmo que *chuvisca* ou *chuvisco*. (V. *carôpa*). (Évora).

* **chuvinar,** v. i. — Cair *chuvina*. O mesmo que *chuviscar*. (Évora).

chuvinhar, v. i. — Chuviscar. O mesmo que *morraçar*. (V. êste têrmo). (Évora e Beja).
— O *Novo Dic.* regista *prov. alg.* É us. no Alentejo, e como tal já foi registado por T. Pires, em o *Voc. Alent.*, 27.

* **chuvisna,** s. f. — (V. *chuvina*). (Serpa).

* **chuvisnar,** v. i. — (V. *chuvinar* ou *chuvinhar*). (Serpa).

• **ciranda,** s. f. — «Grade de madeira, onde a uva é esmagada à mão, no fabrico do vinho». Cf. C. Gonçalves, *A Vida Rural*, 27.
— Em Elvas, designa uma dança popular. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 122.
(O *Novo Dic.*, neste sentido, não anota o têrmo).

círia, ou **síria?,** s. f. — Robustez. Fôrça muscular.
— «Como há-de ela trabalhar, se é *tan* fraquinha? aquilo *nan* tem mesmo *círia* nenhuma!» (Évora).
— O *Novo Dic.* traz *prov.* sem localização.
(Veja *síria*, que significa «compleição, constituïção física», e que por C. de F. já foi registado como *prov. alent.*).

• **cirro,** s. m. — *Pop.* — Qualquer *sarro* que os líquidos deixam nas vasilhas, especialmente a urina nos bacios da cama. (Serpa).

• **ciscar-se,** v. p. — Zangar-se, irritar-se: *não lhe digam isso, que êle cisca-se todo.*
— Picar: «*quem se cisca, alhos come*». (Serpa).

cítula, s. f. — Raridade, acaso.

— «... é uma *cítula* ir onde haja gente, e cá pelo mato só andam cabras, *com sua licença*». B. Camacho, *Gente Rústica*, (921), 181. (Aljustrel — Montemór — Elvas, segundo T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 27).

— O voc. na acepção referida já foi registado pelo Sr. Dr. L. de Vasconcellos, como us. em Évora, mas com a grafia *sítula*, q. v.

* **clavinéu,** s. m. — *Pop.* — *Deprec.* — Espingarda, de ordinário velha.

— «Nem qu'eu tenha de *dêtar* mãos dum *clavinéu*, e estender um filho da p...». (Portel).

clise, adj. — Diz-se do sol ou da lua, quando há eclipse: o *sol está clise*. (Colhido em Odemira). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 462.

— Segundo L. de Vasconcellos, no Alandroal, dizem «*clis: sol-clis*, eclipse do sol».

— São formas pop. de *cris*. (V. *crisar*).

clóques, s. m. pl. — O mesmo que *chalócas* (sapatos de ourêdo, com saltos móveis, de pau).

— O *Novo Dic.* regista *prov. alg.* É também us. no Alentejo. (Montemór).

● **coàdeira,** (ê), s. f. — «Aparelho de madeira, que tem dispostos uns por baixo doutros, em pirâmide, os 12 *coàdeiros*». C. Gonçalves, *A Vida Rural*, (922), 45.

coàdeiro, s. m. — Pano, por onde se côa o leite que cai dentro do asado, para ali coalhar sob a influência do cardo e formar depois o queijo. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 463.

— Os *coàdeiros* são quási sempre de pano de linho, especialmente tecido para esse fim. (Beja — Serpa).

coàdouro, ou **coàdoiro,** s. m. — O mesmo que *coàdeiro* (pano de qualquer qualidade, que sirva para coar o leite para o fabrico do queijo). (Évora — Montemór).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov. minh.*, significando: *pano grosseiro, que serve para coar a lixívia.*

— (Cp. *cenradeiro*).

● **coàdor,** s. m. — (V. *coàdeiro* ou *coàdouro*). (Évora — Portel).

* **coarar,** v. t. — *Pop.* — Embranquecer, branquear (roupa). O mesmo que *còrar*.

— «A roupa assim estendida, não *coàra* mesmo nada!» (Serpa).

coberdor, s. m. — «*Telhador* de assadeira ou de qualquer outro objecto». B. Camacho, *Gente Rústica*, 74.

—(V. *cobredor* e *cobridor*). (Aljustrel).

1. **coberta,** adj. — O mesmo que *prenha*, referindo-se a animais. (É mais na ocasião da cobrição e dias depois, de que quando anda grávida a fêmea, altura esta em que dizem que está *apanhada*, *pejada* ou *presa*, etc.).

— O *Novo Dic.*, I, 465, regista *prov.* É us. no Alentejo. (Évora — Portel).

2. **coberta,** s. f. — Pano, que se põe nas camas sôbre os cobertores, substituindo as colchas.

— É quási sempre de chita encarnada com variados desenhos.

—(V. o têrmo seguinte). (Portel – Reguengos).

coberteira, s. f. — Pano, que cobre as mesas, arcas, etc., das casas alentejanas.

— É como a *coberta*, 2, também de chita encarnada. (V. *corredice* e *bancal*, 2). (Portel).

1. **cobra,** s. f. — Bolo, em forma de cobra, feito de farinha, ovos e açúcar, e que se serve com calda.

— Espécie de jôgo infantil. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 465.

— Na primeira acepção é um «frito» us. em Montemór; na segunda, em Elvas, como se verifica no *Voc. Alent.*, 123, de T. Pires.

2. ● **cobra,** s. f. — *t. caç.* — Corrida? Caminhada? Diz-se que o cão *fêz uma boa cobra*, quando seguindo o rasto de caça (ferida) a consegue apanhar e trazer.

— Tem emprêgo figurado? (Safára — Moura).

3. ● **cobra,** s. f. — Um certo número de animais, que na eira andam ligados uns aos outros, fazendo a debulha. «*Uma cobra de bois, uma cobra de éguas*, etc.

— É com estas *cobras*, que se faz a *debulha a sangue*. (Borba — Montemór — Beja — Moura).

* **cobralhaz,** s. m. — *Pop.* — Cobra grande. (Reguengos).

cobranto, s. m. — *Pop.* — Encantamento, *quebranto*. *(Novo Dic.)*.

— «Mau olhado» que se lança a pessoa que desperta inveja, pelo trajar ou pela formosura, etc.

— O povo crê, que o *cobranto* produz na «vítima» grande abatimento, falta de fôrças, etc., e por isso êle usa contra esse «mal» muitos ensalmos ou esconjuros, amuletos, etc. (Dist. de Évora).

cobredor, s. m. — O mesmo que *coberdor*. «Prato de barro destinado a tapar a assadeira, o papeiro, etc., também de barro». Cf. Costa Leão, *Camilo e o Povo*, (922), 36. (Cercal do Alentejo).

cobredidor, s. m. — (V. *cobridor*). Também é conhecida por *tapadoura, tapadouro* ou *telhador*. (Cabeça Gorda — Beja).

cobrejão, s. m. — O mesmo que *larâu* (pano ou *lençol* us. na apanha da azeitona). (Évora).

cobridor, s. m. — Tampa de barro, de forma cónico-achatada, que termina numa asa em que há um orifício, e que serve para cobrir as caçarolas que se levam ao lume.

(De *cobrir*). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 465.

— O *cobridor* no Alentejo meu conhecido, Redondo, Reguengos, Portel, etc., não tem *asa*, mas sim *carapulo*, e cobre ou tapa não caçarolas, que de ordinário são de esmalte e têm tampas, mas sim «*tijelas de fogo*», que são de barro.

cobrilha, s. f. — Larva, ou bichinho, que se cria sob a casca do sobreiro. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 465.

— É voc. us. no Dist. de Évora, já também registado por C. Gonçalves, em *A Vida Rural*, 33. O mesmo que *cólebra*.

● **cóca,** s. m. — Homem, que no «monte» faz a comida aos trabalhadores. O mesmo que *còque* ou *còqueiro*, q. v. (Cp. *mantieiro*). (Cabeção — Móra).

côcas, s. f. pl. — «Penitentes das procissões da quaresma, que vão vestidos com uma túnica e capuz que lhes cobre completamente o rosto». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 27. (Elvas).

— Em Serpa, o mesmo que *carêtas*, gaifonas; na *loc. v.* — *meter côcas*, meter inveja.

* **coçança,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *coça, coçadoura* ou *coceira* (acto de *coçar;* comichão). (Serpa).

còcaria, s. f. — Rancho de trabalhadores, que se juntam para fazer comida.

Local, onde se faz a comida dos trabalhadores do campo. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 466. (Montemór).

— C. de F. diz que o voc. vem de *còque*, não virá antes de *cóca?*

* **cocharrada,** s. f. — *Pop.* — *Côcho* cheio de água: «*vá lá uma cocharrada, qu'ela é da férrea!*» (Portel).

cocharro, s. m. — *Prov. alent.* — Vaso de cortiça, cuja cavi-

dade é natural, por corresponder a um nó da árvore respectiva. *T. de Serpa.*

—Vasilha de barro, em que a água se conserva fresca. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 467. (Dist. de Évora e Beja, na primeira acepção).

—Em Portel também assim é conhecido uma variedade bolo *caiado*, semelhante, mas muito maior, à cavaca. Terá, neste caso, emprêgo figurado?

O Sr. Dr. L. de Vasconcellos registou já «*coxarro* ou *cuxarro*, escudela de cortiça, *côxo*». (Alandroal e Beja).

—Também C. Gonçalves, em *A Vida Rural*, 30, registou os voc. —*côxo* e *coxarro*—. Tanto êste senhor, como L. de Vasconcellos grafam os vocábulos com *x*, emquanto C. de F. os grafa com *ch*.

côcho, s. m. —*Prov. alent.*—Pedaço côncavo de cortiça, por onde se bebe água nas fontes. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 467. (Dist. de Évora e Beja).

O Sr. Dr. L. de Vasconcellos registou, como us. em Évora, «*côxo*,—escudela de cortiça, tendo às vezes um signo-saimão esculpido».

—Notem-se as grafias diferentes. O *côcho* é também mais pequeno que o *cocharro*, o que não deve causar admiração, certamente.

côdea, s. f. —Crosta do pão.

—O *Novo Dic.* regista *prov. ext.*—É também *alent.* (Dist. de Évora).

—(Cp. *casamento*, 1).

—A pronúncia pop. é *côida* ou *côidea*, já registada por L. de Vasconcellos.

● **côifa**, s. f. —*Pop.*—O mesmo que *confiança;* atrevimento. (Aldeia Vélha, conc. de Aviz).

—Também em Portel, e noutras localidades, dizem abreviadamente: *cônfia* ou *cúnfia.*

coisada, ou **cousada**, s. f. —*Pop.*—Em vez de *coisa*, ou mais vulgarmente para significar uma coisa que se quere ocultar. (Almodôvar).

—O *Novo Dic.* já regista o voc. neste sentido, como *prov.* colhido em Turquel.

● **coito**, ou **couto**, s. m. —Pequeno trato de terreno cultivado de cereais, perto da cidade. O mesmo que *farejal.*

—É t. *antiguado.* (Évora—Beja).

• **colar,** v. t. e i. — Saltar, transpôr: «... *colou pela porta, assim que ela se abriu*».

— Sofrer; suportar: «... *tudo são fézes que nós temos de colar*». (Portel — Us. no Baixo-Alentejo).

* **colareira,** (ê), s. f. — Pequena *coleira* (para cabras, ovelhas, etc.). (Gavião).

* **colchear,** v. t. — Remendar: *está-se a colchear*. (Reguengos).

— Às vezes também dizem: *acolchear* ou *acolchetear*.

cólebra, s. f. — O mesmo que *cobrilha*, q. v.

— O *Novo Dic.* regista *prov.*, sem localizar. É us. no Alentejo, segundo o Sr. Dr. C. Gonçalves. (V. *A Vida Rural*, 33).

* **coleima,** s. f. — *Pop.* — Discussão acalorada, disputa. Contendo. (Serpa).

colete, *(cheio)*, s. m. — *Pop.* — Uma refeição, até encher a barriga (barriga-cheia).

— «O tamborileiro ganhou um quartilho e *colete-cheio*». (V. *A Tradição*). (Serpa).

• **colgar,** v. t. — *Pop.* — O mesmo que *comer*. (Serpa).

colhança, s. f. — *Pleb.* — Feitio, modo (em Serpa).

— Mesma idade, mesma criação: *sê filho más velho, é qu'é rapaz cá da minha colhança*. (Cp. *caiança*, *cocança*, etc.). (Portel).

* **colheite,** (ê), s. m. — O mesmo que *acolheite*, 1, q. v. (Serpa).

• **comadre,** s. f. — O mesmo que *arrastadeira*, ou *caço*, 1. (Évora — Beja).

• **comedía,** s. f. — Géneros, que os criados do «monte» recebem com a soldada. Os géneros, são: farinha, azeite, toucinho, etc. O mesmo que **comedoria.** (V. *cabãnha*). (Fronteira — Dist. de Évora — Beja — Vidigueira).

• **comedías,** s. f. pl. — Sítios, que o *javardos* preferem para comer durante a noite. (Serpa).

comedoria, s. f. — O mesmo que *comedía*. (Gavião — Reguengos — Arraiolos).

— Um e outro voc. são mais us. no plural.

• **comer-se,** v. p. — Ter grande desejo: «*até se come por um chapéu novo*». (Évora e Beja).

• **comichôso,** adj. — «Cioso pelo que é seu, rabujento». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 28.

— Tem emprêgo figurado. (Elvas — Portel).

* **comilice,** s. f. — Glutonice. Interêsse (para comer).

— «Quando cá vem é só por *comilice, nan é p'routra coisa!*» (Serpa).

cômodo, s. m. — Conjunto das herdades, que constituem uma lavoira. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 484.

— A pronúncia alentejana é *cómodo* (às vezes *cómado*). (Évora e Beja).

— O conjunto de herdades aglomeradas na «lavoura» chama-se *cómodo*, cuja sede ou centro é o «monte». *Rev. Lusit.*, XXVI, 8.

— (V. também T. Pires, *Voc. Alent.*, 28).

1. **companha,** s. f. — O mesmo que **companhia:** «*ir na companha de...*». (Gavião — Dist. de Évora — Beja).

— Já foi registado por L. de Vasconcellos como us. em Aviz e no Alandroal.

— Em Évora e Beja também designa o mesmo que *família (familha): como passa mómecêi e tôda a sua companha?*

— O *Novo Dic.* regista o voc. na primeira acepção, como t. *desusado*. É, como se vê, de grande uso no Alentejo.

2. ● **companha,** s. f. — Grupo de trabalhadores, que trabalham debaixo da direcção de um *capataz (manageiro)*. (Gavião).

● **competência,** s. f. — *Pop.* — Comparação, semelhança.

— «Os vestidos da *Zabéle*, nem têm *competência* com os meus». (Cabeça Gorda — Beja).

* **comportação,** s. f. — *Pop.* — Comportamento, o mesmo que *comporte*.

«Tu és a minha *intersôra*,
Eu não te digo que não.
Ganhas m'em ser lavradora;
Perdes na **comportação**».

(S. Marcos — Reguengos).

* **comporte,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *comportamento*, procedimento. (Évora).

— Parece que é t. *antigo* caído em desuso. V. H. Brunswick, *Diccionário da Antiga Linguagem Portugueza*, (910), pág. 75.

* **comprimenta,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *comprimento*, extensão: «*... há ali um bocado desta comprimenta*».

— É t. mais us. que a forma masc. (Lavre – Montemór).

• **comprimento,** s. m. —*Pop.* — *Copo de água* por baptizo ou bôda.

—*Fazer o comprimento*, oferecer bolos, licôres, doces, etc. (V. *alcance*, 2). (Reguengos).

* **concertado,** adj. —Homem contratado, anualmente, para os diferentes trabalhos agrícolas, ou mesmo criação de gados. (Dist. de Évora e Beja).

• **concertar,** v. t. —Ajustar. Contratar (tomar ao serviço um criado do monte, pastor, porqueiro, etc., por contrato verbal que dura um ano. Os *concertos* fazem-se em dia de Santa Maria—15 de Agôsto—e reformam-se ou revalidam-se pela mesma data do ano seguinte). (V. *acomòdar-se*, 1). (Dist. de Évora e Beja).

—«Êste sistema de salário é estipulado por anos completos, e chama-se *concerto;* e, por isso, os criados rurais assim pagos dizem-se *concertados*». C. Gonçalves, *A Vida Rural*, 17.

* **concertio,** s. m.—Concerto. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 28. (Elvas).

—Salvo melhor opinião deve ser *conserto* (arranjo).

—(V. *amanhío*, 1), inserto na *Rev. Lusit.*, XXV, pág. 67, onde também por engano meu vem *concerto* em vez de *conserto*, o mesmo sucedendo em outros artigos do mesmo *Vocabulário*. Ver as «erratas» publicadas no presente vol.

• **condado,** s. m. —Grupo de herdades seguidas umas às outras, e que pertencem ao mesmo dono. (V. *cômodo* e *defesa*). (Évora —Mourão —Moura).

conde, s. m. —*Pop.* —Valete (carta). O mesmo que *cavalete*.

—Já vem registado no *Novo Dic.*

condessa, s. f. —Variedade de pêra. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 494. (Elvas, segundo T. Pires).

* **coneta,** (com *m*?), s. f. – O mesmo que *carraponto* (passagem mal dada na roupa, etc.). (V. *aconetar* e *chumelão*).

—«*Nan sê* com'é que *vòmecêi*, Mãi, ponteou as meias, que 'stão tôdas cheias de *conetas!*» (Portel – Us. em Évora —Serpa).

* **conetas,** s. f. pl. —O mesmo que *estalinhos* (erva). (Évora).

—Alguém me informou que com os *conetas* fazem esparregados (?).

—Esta variedade de erva dá umas cabacinhas (ou balõezinhos), que os rapazes colhem em grande quanti-

dade e depois, como divertimento, se entretêm a fazer rebentar, batendo com elas na testa, o que produz um pequeno estalo. É daí que lhe vem o nome de *estalinhos* (pron. pop. *estralinhos*). (Portel).

conhecimento, s. m. — *Pop.* — Pequena gratificação.

— «Era só a soldada que me davam, sem mais *conhecimento* nenhum».

Ter um conhecimento, dar uma gratificação, presentear alguém, como reconhecimento pelo serviço prestado.

— «Esse trabalho é fora parte, não é da obrigação, mas fique descansada, que eu sempre hei-de *ter um conhecimento* de vez em quando!» (Dist. de Évora — Beja).

— O *Novo Dic.* já regista o voc., mais ou menos nesta acepção, como *prov.* sem o localizar.

(V. *convindo* ou *convinte*, e *melhadura* ou *molhadura*).

● **consertar,** (*um doce, um bolo*, etc.), v. t. — Compor ou enfeitar esse doce, bolo, etc., com outro doce, com amêndoa, grangeio, ou ainda flores de papel, para lhe dar mais bonito aspecto.

(Têrmo antigo us. em Évora pelas *doceiras* dos conventos).

— «A lampreia pode ser *consertada* com *fios de ovos*, com florinhas e com algum *grangeio*». (Évora).

1. ● **conserva,** s. f. — Linguïça grossa, que se obtêm enchendo com a carne de porco a tripa de vaca. (Móra).

2. ● **conserva,** s. f. — Azeitonas, que se temperam (com louro, ourègãos, etc.) e se guardam em *tarefas*, para serem comidas depois de *doces*, durante todo o ano.

(Há a crença em algumas localidades do Alentejo de que, para a *conserva* ficar boa, deve ser temperada na primeira sexta-feira de Março). (Dist. de Évora — Beja).

* **consoar,** *(de gordo)*, v. t. — Cear em dias de anos. (Grande ceia, por motivo de festa — sobretudo datas de aniversário natalício). (Vila de Frades — Vidigueira).

● **constipado,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *constipação.*

— «Sempre ontem com o ventinho, apanhei um *constipado!*» (Beja — Us. em Serpa).

* **constipado,** *(de sol)*, s. m. — *Pop.* — Constipação de sol. (V. *calmas*, princípio de insolação). (Quintos — Beja).

* **constipadote,** adj. — *Fam.* — Um pouco constipado.

— «Às vezes o Luís estava três dias sem sair de casa, *constipadote*...». B. Camacho, *Gente Rústica*, 125.

• **conteira,** (ê), s. f. — Planta bolbosa, cujas sementes são semelhantes às contas de madeira (dos rosários).

* **contra-ajuda,** s. m. — Guardador de gado, abaixo do *ajuda* do *moiral*. (Évora).

contrabandistas, s. m. pl. — Jôgo de rapazes.

— O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localizar. É us. em Elvas, segundo T. Pires. (V. *Voc. Alent.*, 123). (Portel).

contraira, s. f. e adj. — (Forma pop. de *contraria*). O mesmo que *rival* ou *intersôra*.

— «Tu és a minha *contraira*, *nan* podes ser boa!» (Alcáçovas — Viana — Beja).

«Tenho um lenço verde, azul,
Amarelo e côr de rosa,
P'ra dar à minha **contraira**
Qu'ela é *munto* vaidosa».

R.:

«Ó **contraira,** guarda o lenço,
Que te fica *munto* bem,
Do que se tem precisão
Nan s'of'rece a ninguém».

(Beja).

• **contramina,** s. f. — Escada ou galeria subterrânea us. em certas noras.

— «O vinho estava mesmo bom: *'steve* tôd'*à* tarde na *contramina* da nora». (Évora — Portel).

contrapisa, s. f. — Barra, que se usava pelo lado de dentro das saias, e quando estas eram compridas, para evitar que roçando pelo chão se inutilizassem demasiado. (Serpa).

— O *Novo Dic.* diz que o voc. é *prov. alg.*, e dá-lhe a significação de: *guarda-lama nos vestidos.*

* **conversalhada,** s. f. — *Pop.* — Acção de *conversalhar*, cavaqueira. (Portel).

conversalhar, v. i. — *Pop.* — Conversar por mero passatempo, cavaquear. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 515, que regista o voc. como *prov.* sem localização. É us. no Alentejo. (Portel).

convindados, s. m. pl. — Pequenos presentes.

— «Sempre que lá vou, gosto de lhe levar *convindados*». (V. *convindo*). (Montemór).

• **convindo,** s. m. — Pequena dádiva. O mesmo que *convinte* ou *melhadura*. (Ourique).

— «Em geral, a gente do povo diz — *convindar*. Dêste v. deriva o subs. *convindo* o que dá a significação de dádiva. Verbo e substantivo são muitas vezes empregados irònicamente. Num e noutro sentido empregam também o v. *melindrar* e o subs. *melindre*». D. Maria da Conceição Dias, *Tradições do Baixo-Alentejo*, artigo em a *Rev. Lusit.*, XIV, pág. 54.

convinte, ou convite, s. m. — Pequena lembrança que se dá, principalmente a crianças, em paga de qualquer serviço ou *mandado*.

— O *Novo Dic.*, I, 515, diz como t. geral, o mesmo que «*dádiva, presente*, etc.», mas nem todos os presentes se chamam *convintes* ou *convites*. (Dist. de Évora — Beja).

copa, s. f. — Fato e roupas do camponês alentejano. Também o conjunto da roupa da *malta*. O mesmo que *balhana*.

— «Não tinham outro remédio senão enxugar no corpo, ao lume, a *copa* molhada». B. Camacho, *Gente Rústica*, 133.

— «O carro vai à vila buscar a nossa *copa*, e leva-a *p'rô* «monte». (Dist. de Évora e Beja — Altér — Gavião).

— O voc. já vem registado como *prov. alent.* no *Novo Dic.*; já foi recolhido como sendo de uso em Alandroal, por L. de Vasconcellos, e em Viana (?), por C. Gonçalves.

● **còque,** s. m. — O mesmo que *cóca*. Indivíduo, que faz e trata da comida da *malta*, quando esta anda a trabalhar longe do «monte», e ali não pode ir comer. (Cp. *mantieiro*). (Montemór).

● **còqueiro,** (ê), s. m. — (V. o t. anterior). (Dist. de Évora).

1. **coração,** s. m. — Peça da forquilha, em que entram os dentes e o cabo. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 518. (Évora).

2. ● **coração,** s. m. — Parte interna e endurecida da batata, que não cozeu por má qualidade. (Serpa).

coração-de-galo, s. m. — Variedade de azeitona. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 518.

— Sempre tenho ouvido assim chamar a uma *casta de uva*, e isto mesmo se verifica no *Voc. Alent.*, 123, coligido por T. Pires.

— No Alentejo também empregam um t. *chulo* para designar tal *casta da uva*.

— O *Novo Dic.* também diz que é uma *casta de uva preta*, mas não anota como *prov.*

1. **côrcho,** s. m. — O mesmo que *côcho* (vaso de cortiça, us.

no Alentejo). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 519. (Évora — Monte).

2. **côrcho**, s. m. — Cortiço de abelhas.

— A *ob. cit.* regista o voc. como *prov. alg.* É também us. no Alentejo, onde designa mais: «*favo de mel*». (Mértola — Serpa).

cordovil, adj. — Diz-se de uma espécie de oliveira minhota e alentejana. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 520.

— É assim mais conhecida a azeitona do que a oliveira. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 123. (Dist. de Évora — Elvas).

còrla, ou **còrrela**, s. f. — Vómito bilioso; líquidos do estômago que se vomitam, quando não há já alimentos e a víscera se contrai.

— O *Novo Dic.* marca *prov.* sem localização. É us. no Alentejo, onde se emprega mais no plural — *còrlas* ou *còrrelas*.

1. **corna**, s. f. — *Prov. alent.* — Chavelho de boi, aplicado a recepiente de líquidos ou comestíveis e a outros usos. Cf. C. de F. *Novo Dic.*, I, 522. (V. *chave*).

— As *cornas* são us. pelos pastores e trabalhadores rurais, e servem mais para levar *sal* e *azeitonas* do que líquidos. (Dist. de Évora — Aljustrel — Gavião — Aviz — Elvas).

2. ● **corna**, s. f. — «Vaso de corno para receber o leite quando se ordenham as vacas». L. de Vasconcellos, Alandroal.

corôa, (*dum pote, tarefa*, etc.), s. f. — *Fig.* — A parte superior do líquido, contido nesse *pote*, *tarefa*, etc.

— «O *azête* da *crôa* do *pote*, é sempre o melhor». (Portel).

— A pronúncia pop. é *crôa*.

coronho, s. m. — Feixe de lenha, ou qualquer outra carga, que se leva à cabeça.

— O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo, onde também dizem: *colonho*. (Serpa).

● **corredeira**, (ê), s. f. — Baínha, onde se enfia o nastro, cordel, etc., que, puxando-se, franze a peça. Usa-se em *corredices*, sacos, *talêgas*, etc. (Portel).

corredice, ou **corrediça**, s. f. — Cortina que corre, e que, ornamentando a chaminé, evita ao mesmo tempo a fuga do fumo para fora da mesma. (Évora — Portel — Em Elvas, segundo T. Pires).

—As *corredices* são de ordinário de pano encarnado, com muitos desenhos.

(V. *coberteira*).

corremaça, ou **corrimaça,** s. f. — *Pop.* — Corrida prolongada e insistente das crianças, nas suas *brincas.*

— «Que tal tem sido a *corremaça* hoje!» (Cp. *brincadouro*). (Dist. de Évora — Serpa — Aljustrel).

— O *Novo Dic.* regista como t. pop. — *corrimaça.*

* **corremaçar,** v. i. — *Pop.* — Correr em *corremaça* (crianças). (Évora — Montemór).

correntão, s. m. — *Prov. alent.* — Torrente, rio caudaloso. *Adj.* — Diz-se do indivíduo lhano, afável. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 526.

— Conheço o têrmo, apenas us. na última acepção. (Dist. de Évora).

correnteira, (ê), s. f. — *Pop.* — O mesmo que *correnteza* (de uso vulgar, usual).

— «*Ê nan sê cantigas que nan sejam de correntêra lá no sítio!*» (Moura).

correr, v. i. — Algumas *loc. verbais*, tôdas populares, em que entra êste v.: *correr a coxia*, visitar de uma vez todos os conhecimentos, andar de um para outro lado a ver se apanha alguma coisa; vadiar, etc. O *Novo Dic.* regista *prov.* (V. *Coxia*, I, 537) sem localizar. É us. no Alentejo, em Portel e Serpa, onde também dizem *correr a coxilha.*

— *Correr ao choque*, responder tôrto, incorrectamente, repontar. (Serpa).

— *Correr à própria*, chegar à hora, ser pontual. (Serpa).

— *Correr o côco*, ter interêsses monetários, estar bem: «Gosta mais de estar no «monte» do padrinho. Pudera! Se assim lhe *corre o côco*». (Évora — Portel).

— *Correr a sorte (ou com a sorte) a alguém*, pôr esse alguém na rua, ou não o atender num pedido, etc. (Évora — Portel).

correr-do-sino, s. m. — Como ainda hoje são conhecidas as badaladas no sino da Câmara, à noite, à hora a que devem fechar-se as *vendas* (tabernas). (Portel) (1).

(1) Àcêrca dêste assunto publiquei um artigo sob o título *Usos e costumes*, em o *Arquivo Transtagano*, n.º 4, de 30 de Abril de 1933. (Elvas).

—O mesmo que *toque-das-almas*. (Quintos—Beja).

corricar, v. i.—Andar muito apressadamente, mas sem chegar a correr. (Montemór).

—Já registado por C. de F., como *prov.* sem localização.

1. **corriol,** ou antes **correol,** s. m.—*Prov. alent.*—Fio resistente, formado de finíssimas tiras de couro, cortadas e tecidas em fresco. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 527. (Serpa).

—(V. *barquino* e *couro-cerrado*).

2. • **corriol,** s. m.—Segundo uma única informação recebida de Gavião, parece que ali designa «*pele de cabra* ou *de ovelha, curtida*», e também «*pergaminho*».

3. • **corriol,** s. m.—(Forma pop. de *corriola*, planta).

—Há desta planta várias espécies. (Portel—Redondo).

* **corródia,** s. f.—*Pop.*—O mesmo que *rodada*, acto de distribuir (ou pagar) a um grupo, bebidas, etc.

—«Minha mãi, levantava-se sempre primeiro do que nós, e a uns levava gemadas, a outros leite e ao meu irmão mais velho café com aguardente; era sempre ela quem fazia a *corródia*».

—Também dizem *corrópia*.

—Terá alguma relação com *corrupio* (andar num *corrupio*, numa roda-viva?) (Reguengos).

• **corrume,** s. m.—*Pop.*—Além de *carreira, caminho, rumo*, etc., significa mais: *adjunto de família*, grupo de pessoas.

—«Fui à fonte, e não faz ideia, era lá um *corrume* de gente». (Alandroal).

* **corrupito,** s. m.—*Fam.*—O mesmo que *carrapicho* ou *carrapito* (trôço de cabelo). (Reguengos).

* **corruque,** s. m.—O mesmo que o voc. anterior. (Mértola).

• **corta,** s. f.—Escavação (em ruínas) (?).

O mesmo que galeria ou *contramina* (?). (Mértola).

• **cortadouro,** ou **cortadoiro,** s. m.—Campo de seara, depois de ceifado. Campo restolhal. (Mourão).

* **corta-ramas,** s. c. m.—«Homem que anda limpando os ramos de azinho. (Coligido por L. de Vasconcellos, em Alandroal).

—O voc. pode também ser us. no singular: «*corta-rama*, homem encarregado da limpeza dos matos». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 29. (Elvas).

—O mesmo que *esgalha-azinheiras (t. depreciativo)*. (Gavião—Aviz).

«A azinheira redondinha
É o brio do **corta-rama.**
Ainda te não namoro,
Já me não livro da fama».

(Aviz).

cortar, *(a água)*, v. t. — *Fig.* — Não dissolver (referindo-se ao sabão na água salôbra).

— «Os sabões agora não prestam: êste nem *corta a àgua*». (Serpa).

● **corte,** s. m. — O mesmo que *desbaste* ou *serviço* (certo número de árvores que são cortadas, para lenha, carvão, etc.).

— Nesta acepção é quási geral no Alentejo.

— Diz-se também da «parte da seara, que os ceifeiros vão levando ceifada». (Évora — Us. em Arraiolos — Móra — Mértola).

cortes, s. m. pl. — «Grupos de *ratinhos* em que a *camarada* se desdobra ao chegar ao Alentejo». Mário V. de Sá, *O Alentejo*, (911), 73. (Cp. *camaradas*).

* **côrtel,** ou **córtel,** s. m. — Uma das quatro partes em que se divide o dia de trabalho, especialmente nos serviços agrícolas.

— «*Trabalhi* esta semana dois dias e três *côrtéis*».

— Alojamento, hospedaria: «Esta *fêra*, ficámos *munto* apertados lá no *córtel*; foi *p'rá* lá mais *familha ca* do costume».

— Em Elvas, «*córtel* é a quarta parte da soldada». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 29.

— É alteração pop. de *quartel*, que o *Novo Dic.* já regista nestas acepções.

* **côrtelhada,** s. f. — Porção de *bácoros* pequenos duma *cortêlha*, ou de várias *cortêlhas*.

— «A *côrtelhada*, graças aos seus cuidados, parecia uma creche em que as crianças fôssem *bacorinhos*». B. Camacho, *Gente Rústica*, 33.

* **cortôr,** s. m. — Empregado municipal, que principalmente *guarda os pastos*, e aplica a *coïma* aos donos dos gados, quando estes andem em pastagens alheias.

(Forma pop. de *corrector*, aquêle que corrige?) (Portel).

corveiro, s. m. — *Prov. alent.* e *alg.* — Pequeno curral, coberto de colmo, onde se prendem os chibos, até se mugirem as mãis. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 531. (Beja — Aljustrel).

— O Sr. Dr. L. de Vasconcellos colheu o voc. em

Alandroal, definindo-o assim: «*curvêro*, espécie de pirâmide de estêvas, etc., com uma pequena porta em baixo, e onde se recolhem os cabritos emquanto novos». Em Beja dizem *cruveiro*.

(V. *còveiro*, também *prov. alent.*, já registado por C. de F.).

— O mesmo que *croveiro*, *cruzeiro* ou *curvo*.

(V. estes têrmos).

● **coscorrão**, s. m. — O mesmo que *torresmos* (resíduos da banha, etc.).

— É voc. mais us. no plural. (Campo Maior).

● **costa**, s. f. — (V. *crêspo*). (Beja e arredores).

coturnos, s. m. pl. — Espécie de polainas grosseiras de cabedal ou de chapéus velhos. Às vezes também são de pedaços de *esteirões*. É mais geral, neste sentido, a designação de *antipárras*. (Moura).

* **cotovia-ratinha**, s. f. — Variedade de cotovia com poupinha. É mais pequena que a *cotovia vulgar*. (Portel).

* **cotrumelo**, s. m. — *Pop.* — O osso da perna do porco, que dá o chispe.

— (Cp. *calaverna*). (Serpa).

couceira, ou **coiceira**, (ê), s. f. — *Pop.* — Juízo, tino, tacto.

— O voc. só o conheço na frase: *não ter couceira*, não ter juízo. (Reguengos — Us. em Serpa).

couro, *(cerrado)*, s. m. — Pele de cabra ou de chibato (ou até de qualquer outro *animal esfoladio*), esfolada de maneira especial, e que consiste, sobretudo, em a pele ficar só com pequena abertura no pescoço, para passagem da cabeça.

(V. *barquino* e *corriol*). (Serpa).

● **coval**, s. m. — Cova, onde os coelhos bravos fazem criação. (Cp. *acolheite*, 2). (Safára — Moura).

covato, s. m. — *Prov. alent.* — Folhagem seca, que se queima, sotoposta a uma porção de terra, para adubo do solo.

— *Semear trigo* ou *milho a covato*, semeá-lo em pequenas covas, que depois se arrasam. Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 536.

— (V. *craveiras*, *belgas* e *moréias*).

còveiro, s. m. — *Prov. alent.* — Cabana, junto à malhada, onde se guardam os cabritos, para se lhes ordenharem as mãis. (Talvez de *cova*). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 536.

— (V. *corveiro*, o mesmo que *croveiro*, 2, ou *cruzeiro*).

* **coxambeta**, adj. — Aquêle que coxeia. O mesmo que *côxo*.

—Também dizem: *coxambelas* ou *coxelas*. (Portel).

* **craconso,** ou **carconso,** adj. —Que tem manha, manhoso, astuto. Velhaco.

—«Aquêle ninguém o engana, êle é que engana os outros; se èle é muito *craconso!*» (Évora e arredores).

* **crapintim,** adj. —Travêsso, inquieto, turbulento.

—«*Nan* se pode dizer que é má, mas é aquêle *crapintim* que *nan* pára nada com ela!» (Montemór).

—Compare os *prov. algarvios—carapintina, carpintina* ou *crapintina.*

—No Alentejo também dizem que *tem bichos carpinteiros (carapinteiros* ou *crapinteiros),* a criança que não está quieta, que é muito travêssa, etc.

* **cravalhice,** s. f.—Lenha ou carvão de má qualidade: *o lume não pega, pois se isto é tudo cravalhice!*» (Montemór).

—Terá alguma relação com *carvalhice, carvalhiça?*

—Note-se também que nas falas populares da região trocam o *r* antes de consoante: *cravão* por *carvão, dromir* em vez de *dormir, drento, dentro,* etc.

* **craveiras,** (ê), s. f. pl.—«Mato arrancado, coberto de terra, formando montes sôbre o comprido, feitos em Dezembro e no Inverno, para se lhe lançar fogo em Agôsto, e adubar a terra para o ano seguinte». Cf. A. Bessa, *A Gíria Port.*, (901), pref., XXVII. (Odemira—Portel).

1\. **craveiro,** (ê), s. m. —Qualquer vaso para flores. (Évora — Baixo-Alentejo).

—O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localização.

2\. • **craveiro,** (ê), s. m. —O mesmo que *cruzeino* ou *corveiro.* «... e brincava com êles (chibos) à roda do *croveiro,* como brincaria com garotos da sua idade». B. Camacho, *Gente Rústica,* 175.

* **crecalhos,** s. m. pl. —*Pop.*—Mistérios, esquisitices.

—«*Ê nan* sou cá de *crecalhos,* o que tenho a dizer, digo!» (Serpa).

• **crêna,** s. f.—*Pop.*—Ter tenção de, simular a acção. Vontade, desejo.

—«Ontem lá no jôgo, fêz *crêna* de lhe bater, mas não lhe deu!» *(Querena?)* (Portel—Mourão).

• **crença,** s. f. —Lugar, preferido pela caça, para se acoitar. (Serpa —Beja).

— O *Novo Dic.* regista neste sentido, como t. geral, o voc. *querença.* É forma pop.

* **crenço,** s. m. — (Forma pop. de *querenço*). Saüdade. Dedicação, carinho, grande afeição, etc.

— «Deu-lhe o *crenço* do monte e abalou». B. Camacho, *Gente Rústica*, 64.

— «Não tem *crenço* nenhum com a sua terra».

— «Não tem *crenço* nenhum com aquele sobrinho, só gosta do mais novo».

(V. *caranço, carançudo* ou *querençudo*). (Baixo-Alentejo — Dist. de Évora).

crescento, s. m. — Fermento, que se deita na massa da farinha, para que esta levede.

— O *Novo Dic.* regista o t. como *prov. beir.* e *dur.* É também *alent.*, no entanto no Sul usam mais *isco* ou *fermento.* (Gavião — Reguengos — Beja).

● **crêspo,** s. m. — O mesmo que *costa* (bôlo de massa finta). (Montemór).

* **crestador,** s. m. — Homem, que faz a *cresta* (no colmeal).

«... quando algum dos *crestadores* se queixava de lhe ter picado uma abelha...». B. Camacho, *Gente Rústica*, 17.

* **criada,** *(de dentro)*, s. f. — Criada, assoldada dá para todos os serviços domésticos, internos, de uma casa. (Évora).

* **criada,** *(de fora)*, s. f. — Criada, assoldada dá só para tratar de crianças e sair à rua aos *mandados.* (Évora).

* **criado,** *(da porta)*, s. m. — Rapazote, que na povoação é utilizado para pequenos serviços (recados, *mandados*, etc.). (Cabeção — Móra).

* **criadola,** s. f. — Criada de pouco préstimo. Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 30. (É t. *depreciativo*).

* **crisar,** v. i. — O mesmo que *eclipsar.* (V. *clise*). (Serpa).

● **cruzeiro,** (ê), s. m. — O mesmo que *craveiro*, 2 ou *corveiro.*

— «Sem o barbilho tinham de ficar o dia todo no *cruzeiro*, berrando pelas mãis...». B. Camacho, *Gente Rústica*, 105.

1. **cuca,** interj. — Fora! ponha-se na rua! É t. *infantil da Bairrada e do Alentejo.* Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 551. (Portel — Em Elvas, segundo T. Pires).

2. ● **cuca,** s. f. — *Pop.* — Peta, mentira. (Serpa).

cucar, v. i. — *Fam.* — Andar, retirar-se. Us. na loc. interj.: *cucar! cucar!* Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 551.

cucos, s. m. pl. — Espécie de calcinhas de criança, mas sem pernas (sòmente com as aberturas para elas).

— As crianças usam, conforme as idades: *fraldas*, *cueiros*, *papagaios*, *cucos*, *calcinhas* e *calças*. (Ferreira — Évora — Reguengos).

* **culandrêjo,** s. m. — «Estar de *culandrêjo* a criança, estar de colo». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 30.

• **cuínha,** s. f. — «Pedaço de pão». Cf. *ob. cit.*, 30.

* **cunejeira,** s. f. — *Pop.* — Sujidade de certos parasitas (das pulgas, piolhos e sobretudo dos percevejos), na roupa das camas, nas camisas, etc. (Serpa).

curador, s. m. — Tratador de cavalos, e outros animais.

— O mesmo que *curandeiro*.

— O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo. (Aljustrel).

curvo, (ou *curva*), s. m. — Cabanita, onde ficam os chibos durante a noite. O mesmo que *corveiro* ou *cruzeiro*. (Montemór).

* **curzidade,** s. f. — (Forma popular da *curiosidade*). Dizem também *curgidade*, forma já registada no *Novo Dic.* (Dist. de Évora — Beja).

* **curzidoso,** adj. — (Forma popular de *curioso*). (Dist. de Évora — Beja).

— Da mesma maneira dizem *curgidoso*, voc. que igualmente já vem registado no *Novo Dic.*

D

• **dado,** adj. — *Pop.* — Cansado pelo trabalho, fatigado. Abatido.

— «Aquilo é que foi trabalhar, mas *cando acabi* já *tava* mesmo *dado* de todo!» (Mourão — Us. em Portel).

* **dáfeta,** s. f. — *Pop.* — O mesmo que *dádiva*, presente, etc. (A pron. pop. é *dáfta*).

— «*Ulhem* a *dáfta* que me deu, *pro* trabalho que lhe fiz!» (Serpa).

— Desgôsto, apoqüentação.

— «Sempre teve uma *dáfta p'la* morte do sobrinho!» (Serpa).

(Na *Ilha-das-Flores*, segundo C. de F., dizem *dávela* com a primeira das acepções, e neste mesmo sentido também regista a forma pop. — *dávida*).

* **dama-do-bosque,** s. f. — «Espécie de cacto». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 31. (Elvas).

* **damas-de-noite,** s. f. — «Certa planta de jardim, de flor branca». Cf. *ob. cit.*, 31. (Elvas).

* **danço,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que *bàlho*. Dança. (S. Geraldo, conc. de Montemór).

dar, v. — Algumas *locuções verbais* formadas com êste verbo:

— *Dar à cabeça*, proceder com leviandade, ser infiel no amor.

«Quem tiver *òpinião*
Em bem q'nela apareça.
Amor do meu coração
Nunca *deias à cabeça*».

(Reguengos).

— *Dar à t[a]ramela*, ou *ao t[a]ramelão*, falar muito, tagarelar; linguarejar. O mesmo que *dar à língua, ao badálo*, ou *ao lambarão*, etc.

— «E fomos *dando à tramela* (ou...) todo o santo caminho!» (Portel — Évora — Aljustrel).

— *Dar à perna*, dançar. *Dar às pernas*, fugir. O mesmo que *dar às de Vila-de-Diogo, às trancas*, etc. (Dist. de Évora).

— *Dar ao bandêjo*, realizar a cópula, mas em demasia. «Andou a *dar ao bandêjo* por Lisboa, e vem agora para cá prègar moral». (Serpa).

— *Dar ao diabo a cardada*, arrepender-se, ter mau resultado, ter insucesso, apanhar grande arrelia, etc.

— «Êle quis levar o *picano*, mas *deu ao diabo a cardada*, que não lhe *faltarom* cuidados e *fézes!*» (Évora — Beja).

— *Dar as cartas*, diz-se de quem impõe a sua vontade, de quem não admite objecções, etc.: ... *lá em casa é êle quem dá as cartas!* O mesmo que *dar os bons dias, dar os domingos* e *dias santos!* (Portel — Évora).

— *Dar às naças*, morrer. (Ainda dizem outras de sentido mais plebeu). (Aljustrel — Portel).

— *Dar ares*, parecer-se, assemelhar-se: «*o picano dá ares ó pai*». (Portel).

— *Dar atilho*, (em sentido fig.), dar atenção, corresponder: «... *môça de juízo que seja requestada por dois pretendentes só dá atilho a um, se não se esquiva aos dois...*». Cf. *O Campomaiorense*, de 24-6-923. (Campo Maior — Portel).

— *Dar bom mercado*, dar bom pêso ou boa medida (o vendedor aos frègueses). (Montemór — Évora).

— *Dar caçoada*, falar a alguém em namoro, mas com lisonja demasiada. O mesmo que *dar mel p'los bêços*. Em outras localidades dizem: *arrastar a asa*, *fazer pé-de-alferes*, etc. (Cabeça Gorda, conc. de Beja).

— *Dar com os burrinhos na água*, *no chão*, *dar com as ventas na parede*, *no sedeiro*, *na torneira*, etc., ser mal sucedido em negócios ou em qualquer outra coisa, julgar uma coisa e sair-lhe outra, etc. (Dist. de Évora).

— *Dar corda*, *guita*, *tréla*, etc., dar atenção, consentir (de ordinário referindo-se a namoros).

— «Há tal que só vêm às funções para estar de escárneo ou armar *motim*... Tivessem êles aqui quem lhe *désse corda*, outro seria o seu porte...». Cf. *O Campomaiorense*, de 24-6-923. (Campo Maior — Portel).

— *Dar de corpo*, defecar. O mesmo que *fazer curso* ou *cursar*. (Dist. de Évora).

— *Dar* (ou *levar*) *estouros*, para *tabaco*, *daquelas que os cães engeitam*, etc., dar (ou apanhar) sova, *tareia*, *tuna*, etc. (Serpa — Portel).

— *Dar faianca*, dar atenção, corresponder. O mesmo que *dar atilho*. «Há que tempos que procura falar à rapariga, mas ela não lhe *dá faianca*». (Beja).

— *Dar fé*, saber da vida de alguém, ver o que se passa em casa alheia, etc.

— «Visitas daquelas não vêm cá por amizade, é só p'ra *darem fé* do que se passa!» (Dist. de Evora — Beja).

— «É uma romaria de curiosos e curiosas que vão *dar fé* do que os noivos *argenciaram* para sua casa». (Barbacena — *Rev. Lusit.*, XXV, pág. 260).

— *Dar nas vistas*, tornar-se notado, reparado, etc.

— «*Com aquêles gastos dá nas vistas, nân sê donde le vem o dinhêro!*» (Portel).

— *Dar no vinte*, acertar, ganhar. (Portel).

— *Dar o louvado* (ou *as louvadas*), intimação para *enregar* ou *desenregar* qualquer trabalho, divertimento, etc.

— «Fazem gala na *arruína*... Por via dêles daqui a pouco *dão o louvado*... Verão!» Cf. *O Campomaiorense*, de 24-6-923. (Campo Maior — Dist. de Évora).

— *Dar o serão*, fazer uma visita durante o serão, à *boca da noite*. (Em Portel, onde também há o costume

dos namorados irem a casa das namoradas, *dar o serão*, diante de tôda a família). (Cp. *correr-do-sino*).

—*Dar pancada*, dar sinal de si, avisar (o cão) ao presentir caça.

—«Cuidado, que o meu cão *deu pancada*». B. Camacho, *Gente Rústica*, 46. (Aljustrel).

—*Dar pé*, dar atenção, consentir, etc.

—«*Antão eu havéra de namorar a mulher sem ela me dar pé!*» (V. *dar atilho* e *dar corda*). (Igrejinha, conc. de Évora).

—*Dar serventia* (a pedreiro), diz-se do serviço feito pelo *servente de pedreiro:* amassar *cal* e *agalamassa*, (cal e areia), levar esta ao pedreiro, levar tijolo, etc. (Portel).

—*Dar vaia*, chamar por alguém. Cf. A. Bessa, *A Gíria Port.*, (901), pref., XXVII. (Odemira).

—*Dar* (de) *vaia*, dar atenção. Cumprimentar.

—«Providencialmente apareceu ali o feitor do Almo, que *deu vaia* ao Clemente, preguntando-lhe se passava a noite na Degolação». B. Camacho, *Gente Rústica*, 230. (Moura — Mértola — Serpa).

* **daroeira,** (ê), s. f. — O mesmo que *aroeira* (lentisco?).

—«Duma vez puzeram um coelho morto dentro duma *daroeira*, e deram-lhe um lugar na linha, de modo que fôsse ter com êle». B. Camacho, *Gente Rústica*, 45.

deanteiro, *(carro)*, adj. — No Alentejo não se diz só do carro de lavoura, mas sim de qualquer carro de carga ou transporte, que por má distribuïção da carga pesa mais na parte da frente *(deanteira)*. [Cp. **traseiro** *(carro)*].

— O *Novo Dic.*, de C. de F., regista o voc. como *prov. minh.* É também *alent.* (Dist. de Évora).

* **debulhadeira,** (ê), s. f. — O mesmo que *debulhadora* (máquina de debulhar cereais). (Cp. *atadeira*, *caminheira*, *ceifeira* e *enfardadeira*). (Colhido em Campo Maior).

● **debulhar,** v. t. — *Fig.* — Esmagar.

—«Na *garrêa* se o visse, *debulhava-o* com os pés!» (Serpa).

● **debulhar,** *(a sangue)*, v. t. — Debulhar cereais com animais e não com a *debulhadeira*.

—«Êste ano faço a *debulha a sangue*, com as minhas bêstas me governo». (Dist. de Évora e Beja).

dedeira, (ê), s. f. — O mesmo que *canudo*.

— «... e o estralejar das *dedeiras* de cana umas contra as outras». B. Camacho, *Gente Rústica*, 146. (Aljustrel).

— O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos já registou o têrmo, recolhido em Serpa, significando: «pedaço de coiro que envolve o dedo indicador quando se ceifa».

1. • **defesa,** s. f. — «Herdade muito grande». (Coligido pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, em Alandroal).

— «*Devesa*, propriedade cercada ou defendida por sebe ou muro. Mas, a-par-de *devesa*, existe em português e existiu em castelhano *defesa* com idêntica significação». Cf. *Rev. Lusit.*, XIV, pág. 66.

2. • **defesa,** s. f. — Conjunto de herdades, seguidas umas às outras. (Cp. *cómodo* e *condado*). (Moura — Beja).

* **de fio,** loc. adv. — Imediatamente, logo, em seguida.

— «Foi *de fio* picar no frango!» (Serpa — Portel).

* **de rijo,** loc. adv. — *Falar de rijo*, falar em voz alta. A pron. pop. é *derrijo* ou *durrijo*. (Portel — Móra — Évora).

* **deita-gatos,** s. m. — O mesmo que *gateiro*. Homem que conserta alguidares de barro, pratos e tigelas de louça, chapéus de chuva, etc.

— Os *deita-gatos* são oriundos, normalmente, da Galiza; contudo, hoje, já os há naturais do nosso País.

— O *tocar dos ferrinhos* (martelo e alavanca com bigorna) com que o *deita-gatos* anuncia nas povoações os seus serviços é, no Alentejo (Portel), prenúncio de chuva. (Aljustrel — Portel).

deitar, *(-se ao lédéme) — Pleb.* — Lançar-se à desgraça, abandonar-se (a pessoa).

— «Não *fizerom* caso dela, *deitou-se* ao *lédéme!*» (Serpa).

* **delgadichinho,** adj. — Deminutivo de *delgadicho* (delgado). (Dist. de Évora).

— T. Pires, *Voc. Alent.*, 31, registou já nesta acepção o voc. *delgadexinho*, forma exacta da pronúncia alentejana. (Elvas).

delgadicho, adj. — Muito delgado.

— O *Novo Dic.* já regista o voc. como *t. de Viana (-do-Castelo?)* — É também us. no Alentejo. (Dist. de Évora).

* **delgaducho,** adj. — O mesmo que o anterior. (Portel).

* **dempé,** *(péi)*, loc. adv. — De pé. *(De-em-pé)*. (Dist. de Évora).

— (Cp. *denjoêlhos*). O saüdoso folclorista, T. Pires, no *Voc. Alent.*, 32, registou uma e outra forma.

* **dencú,** loc. adv. —Diz-se especialmente referindo-se ao cão, que está sentado nas patas traseiras, tendo as deanteiras erguidas.

—«Aquilo é grande animal! *Volta* o gado e vem logo *prô sê* lugar, e fica *dencú!*» Também dizem: *de-ora-em-cú (dòrencú).* (Portel).

denêsde, prep. —Dêsde. (V. *dêsne*). L. de Vasconcellos. (Aviz).

—O *Novo Dic.*, regista o voc. como *t. ant.*

dengue-dengue, s. m. —O mesmo que *machado.*

—O *Novo Dic.*, regista o voc. como *prov. alg.* É também *alent.* (Baixo-Alentejo).

* **denjoêlho,** loc. adv. —De joelho *(de-em-joêlho).* (Cp. *dempé*). (Dist. de Évora).

● **dentes-de-cão,** s. m. —«Pontarelos».

—Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 32. (Elvas).

dentola, s. f. —*Fam.* —«Dente grande. Dentuça». Cf. C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 586. (V. *fava*).

dentolas, s. c. de dois—Pessoa, que tem os incisivos grandes e salientes. (Évora —Em Beja, dizem *bicôa*). (Cp. *bicão* e *desdentola*).

—O Sr. Dr. L. de Vasconcellos já registou o voc. neste sentido, como us. na Beira.

derreadela, s. f. —*Pop.* —O mesmo que *derreamento.* Prostação por efeito de trabalho; dores nas costas pelo mesmo motivo. Estado de pessoa derreada.

—O *Novo Dic.* já regista o t. classificando o de *prov. trasm.* É também *alent.* (Cp. *desandadela, descaídela, descalçadela,* etc.). (V. o interessante artigo do Sr. Dr. Bernardino Barbosa sôbre o sufixo **-dela** e **-dura,** que nos falares alentejanos são empregados distintamente. —*Rev. Lusit.*, XVII, pág. 349). (Portel —Reguengos).

● **derregar,** v. t. —Derreter, tornar líquido. Também pronunciam —*derrengar.*

—«Esta noite caiu neve, mas já *derregou* tôda!» (Portel).

derrengado, adj. —*Prov. alent.* —«Solto, desprendido: *cabelos derrengados.* —Pendurado: *subiu à cerejeira, caiu e ficou derrengado da árvore*». (De *derrengar*).

—Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 591.

(Nestas acepções não conheço a parte do Alentejo onde seja us. o voc.).

* **derrengueira,** (ê), s. f. —*Pop.* —Prostação de fôrças. O mesmo

que *derreeira*. Moleza, preguiça. — «Em vindo o Verão ando sempre com *derrenguêra*». (Serpa).

— Em sentido figurado, também em Serpa, se diz da conversa maçadora: «*anda sempre naquela derrenguêra e não diz mais nada!*» Também pronunciam — *derringuêra*.

* **derrenguice**, s. f. — Acto ou efeito de *derrengueira*. (Serpa).

derriço, s. m. — *Pop.* — Namôro. (*Novo Dic.*). — Registo o voc. nesta acepção, por haver terras no Alentejo onde não é us. nem sequer conhecido. (Gavião).

* **desâbâgâchádo**, adj. — «Desabotoado». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 32. (Elvas).

— Em Portel pronunciam — *desâbâgóchádo*.

* **desabelhamento**, s. m. — Operação que consiste em fazer sair as abelhas dos cortiços, que vão ser crestados.

— «Perto da *malhada* procedia-se ao *desabelhamento* das colmeias a crestar». B. Camacho, *Gente Rústica*, (921), 16.

● **desabelhar**, v. int. e t. — Fugir, pôr fora, dispersar. (V. *desabilar*).

— «Em êle 'stando zangado faz *desabelhar* tôda a gente de casa».

(Em sentido geral é muito aproximada a significação do têrmo). (Portel — Serpa — Elvas).

* **desabilar**, v. int. e t. — O mesmo que *desabelhar*. Partir com pressa, desaparecer. (Serpa).

desacomodar-se, v. refl. — Despedir-se, desempregar-se (pastor ou criado de lavoura). (Cp. *acomodar-se*, 1).

— «O *Manel* da Junça 'stá *desacomodado*, ainda não se *concertou*». (Alandroal — Évora).

* **desadorado**, adj. — Aflito, angustiado.

(O *Novo Dic.* regista *desadorar*, 2, como *t. bras.* do *N.*, significando: sofrer dôr violenta). (Reguengos).

● **desafôgo**, s. m. — *Pop.* — Quintal pequeno, varanda.

— «É uma casa *picana*, e para mais não tem *desafôgo!*» (Colhido em Évora — Us. em Montemór).

desaforido, adj. — *Prov. alent.* e *trasm.* — «Desenfreado. Libidinoso. (Relaciona-se com *desafôro?*)» Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 594.

(V. *desalvorido* e *desenforido*).

* **desalumiar**, v. t. — *Pop.* — Ter muita amizade a alguém, gostar muito de, etc.

— «Só *desalumia* por ela, e por mais ninguém».

(Terá emprêgo figurado?) (Serpa).

* **desalvorado,** adj. — «Esvaecido do miolo, arvoado». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 32. (Elvas).

— No Dist. de Évora dizem: *desalvorado* (do amalucado, doidivanas, etc.).

* **desalvorido,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *desaustinado, desalvoreado, desaforido.* (Reguengos — Serpa).

desamontar, v. t. — O mesmo que *desmontar.* (Cp. *descandalizar*, por analogia de formação).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov. alg.* — É também *alent.* (Dist. de Évora).

* **desapontuado,** adj. — *Pop.* — Afastado, fora de mão. (V. *despontado* e *reponteado*).

— «Aquela loja fica-me muito *desapontuada*, não me faz jeito ir lá!»

(Não empregam o verbo, que eu saiba). (Colhido em Montemór).

* **desaranhado,** s. m. e adj. — «Homem de pouco préstimo». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 32. (Elvas).

— Corresponde ao vulgar *mãos-de-aranha.*

* **desaranhisse,** s. f. — «Falta de jeito».

— Cf. *ob. cit.*, 195. (Elvas).

* **desássa,** interj. — Equivale a *bolas!* ou outra designativa de *enfado, desaprovação,* etc.; significa também «malôgro duma empresa, dum projecto, etc.».

— «Sempre vamos àmanhã à caçada?

— *Desássa!* a espingarda escangalhou-se-me, não posso!» (Colhido em Borba, única terra do Alentejo onde é us.).

* **desassar,** v. t. — Prejudicar, malograr um projecto, etc.

— «A doença da minha irmã, veio *desassar* a pescaria, que já não pode ser no domingo» (1). (Borba).

desassovacar, v. t. e int. — Defecar. (É têrmo pop. burlesco, que tem, certamente, emprêgo figurado). (Cp. *assovacar*, 1). (Beja).

desaustinado, s. m. e adj. — Turbulento, inquieto. *Desalvoreado, desensofrido,* etc. Destemprado, desorientado.

---

(1) Àcêrca dêstes vocábulos publiquei um artigo em *O Alentejano* (semanário regionalista de Évora), n.º 2, de 17 de Outubro de 1928.

— «... e pernas para que vos quero, numa correria *desaustinada* até me apanhar longe do monte». B. Camacho, *Gente Rústica*, 105. (Évora — Reguengos — Baixo-Alentejo).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov.* sem localizar. É, como se vê, us. no Alentejo.

T. Pires, *Voc. Alent.*, 32 — já regista o t. nas formas — *desàstinado* e *êxàstinado* (desatinado).

• **desbabar,** v. t. — Desfiar (reduzir a fios).

— «Êste *mê* casaco 'stá a *desbabar-se* todo!» [Terá alguma relação com *babar-se*, deitar (fios de) baba?] (Évora — Beja).

desbarbado, adj. v. — Farto, cheio (em sentido figurado).

— «A água *tá desbarbada de* ferver». *(Desbravada?)* (Não ouvi empregar as restantes formas verbais). (Serpa).

• **desbarrigado,** adj. v. — *Fig.* — O mesmo que o anterior.

— «O *picano 'stá desbarrigado com chorar!*» (V. *esberregar-se*).

(Também não ouvi empregar as restantes formas verbais). (Serpa).

* **desbocadado,** adj. — *Pop.* — Diz-se do cântaro (ou bilha) de barro, que tem partida a bôca.

(Menciono em separado do v. de que é particípio, por ser mais usado como adj. independente). (Serpa).

* **desbocadar,** v. t. — *Pop.* — Partir (cântaro ou bilha de barro) junto à bôca. (Serpa).

• **desbocado,** adj. — (V. *desbocadado*). (Portel — Us. em Évora).

* **desburcinar-se,** v. refl. — Debruçar-se ou assomar-se (a janela ou varanda) com a maior parte do corpo fora. (V. *esbrucicinar-se*).

— «Tanto se *desburcinou* da janela que caiu!»

(Também dizem *desbrucinar*, e às vezes *desburçar*). (Portel).

* **desburricar,** v. t. — Colhêr ou tirar os *pés-de-burrico* (rebentos, que nascem nos pés das oliveiras). (Moura).

• **descabeçar,** v. t. — Ordenhar um pouco as têtas das cabras, ovelhas, etc., para não endurecerem. (Portel).

— O *Novo Dic.* (vol. II, 980) regista o voc. como *prov.* sem localização, significando: terminar (a mungidura do rebanho).

• **descadeirar,** v. t. — *Fig.* — Descompor alguém, dar-lhe uma desanda.

— «Não *sê* o qu'é que *le fizerom*, qu'ela lá 'stava ainda agora a *descadeirar* nêles!» (Reguengos).

* **descaídela,** s. f. — *Pop.* — «Descaída». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 125. (Cp. *derreadela*, *descalçadela*, etc.). (Elvas — Portel).

* **descandalizado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *escandalizado*. Ofendido.

«Quem quiser q'a silva cresça,
Ponh'*á* no alto valado;
Quem quiser ter amor firme,
Trag'*ó descandalizado*».

(Reguengos).

(De *descandalizar*, o mesmo que *escandalizar*. Há no falar alentejano, com muita freqüência, o emprêgo do prefixo *des* a reforçar as palavras dando-lhes, como se sabe, valor intensivo: *desenfeliz*, *desenquieto*, etc., por *infetiz*, *inquieto*, etc.).

* **descandalizar,** v. t. — *Pop.* — Escandalizar, melindrar. Ofender. Fazer *escândulas* a. (A pron. pop. é — *descandlizar*). (Dist. de Évora).

* **descandelecer,** v. int. — Dormitar. (Redondo).

● **descante,** s. m. — *Bàlho* (em dia de casamento) (?). (S. Geraldo, conc. de Montemór).

* **descarnado,** adj. — *Pop.* — Que não tem carinho. Deshumano, cruel. (Cp. *descoraçanado*).

— «*Nan* tem dó da mulher que 'stá *tan* mal: é mesmo *descarnado* de todo!» (Arredores de Évora).

descarrêgo, s. m. — «Acto de *descarregar*». Leite de Vasconcellos. (Alandroal).

— O *Novo Dic.* também regista o voc. na referida acepção, como *t. ant.* e *prov. minh.*

* **descasqueado,** adj. — Bem limpo, asseado. O mesmo que *descasquejado*, já registado por C. de F. (Dist. de Évora e Beja).

* **descasquear,** v. t. — *Descasquejar.* O mesmo que *desencasquear*. (Portel — Serpa).

* **desconhar,** v. t. — Lavar muito bem (o corpo), limpar tôda a sujidade, etc. (V. *desencasquear*).

— «O *picano* só hoje é que ficou *desconhado* como devia ser! Também 'stava todo cheio de *porquêra!*» (Serpa).

descontravontade, adv. — Contra vontade, contrafeito.

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov. alg.* É tam-

bém *alent.*, usado no Dist. de Évora, e em Serpa, como se vê da cantiga pop. seguinte:

«Êste *mê* cantar sem gôsto
É com'o rir sem vontade,
É como quem 'stá amando
Amor *descontravontade*».

* **descoraçanado,** adj. — Forma pop. de *descorçoado?* de *descoraçoado?* Desanimado, sem coragem. (Sem coração?) (Cp. *descarnado*).

— «A *Jôquina da Esturra* ficou *descoraçanada*, logo que soube da nova!» (Serpa).

● **desdém,** s. m. — Coisa pequenina, mimo: *assim é mesmo um desdém!*

(Tem emprêgo figurado?) (Serpa).

* **desdentanhado,** adj. — «Diz-se do pedaço de pão, de carne, etc., que foi partido com os *dentes* e não foi *côrto* com a faca». Leite de Vasconcellos. (Alandroal).

* **desdentola,** s. c. de dois — «Desdentado». Leite de Vasconcellos. (Alandroal).

(Cp. *dentola* e *dentolas*).

* **desembalagar,** v. t. — «Desviar para o lado o entulho que se forma quando se desmorona uma casa». Leite de Vasconcellos. (Alandroal).

● **desemborrachar,** v. t. — *Pleb.* — O mesmo que **borrachar** *(esborrachar)*. Parir, dar à luz.

— «A *Ênacia* da Quinta *desemborrachou* esta noite um menino». (Tem emprêgo figurado). (Serpa).

* **desencabecinar,** v. t. — Desafiar, meter na cabeça. Estimular.

— «Que andas tu com tantos rodeios a *desencabecinar* o rapaz!?...» (Portel — Évora).

(Forma pop. de *desencabeçar*, tirar da cabeça, da ideia? embora hoje tenha significado diferente? No entanto o Sr. A. Bessa registou o voc. *desencabeçar*, como *t. bras.*, significando: «obrigar a mudar de ideias». V. *A Gíria Port.*, (901), pág. 109).

* **desencasqueado,** adj. — (V. *descasqueado*). (Dist. de Évora e Beja).

* **desencasquear,** v. t. — Tornar branco (com lavagem) coisas ou pessoas. O mesmo que *desencascar*, desencardir. Lavar bem, de modo a não ficar sujidade alguma, etc.

— «A roupa não ficou esta semana muito *desencasqueada*».

— «Lavou a cara e *desencasqueou-se* bem». (Dist. de Évora — Serpa).

* **desencócar,** v. t. — Deslocar, luxar (um braço, uma perna, etc.). O mesmo que *desmanchar* ou *desmantelar*. (Cp. *desnocar*). (Portel).

* **desencurvado,** adj. — *Fig.* — Diz-se do rapaz *bem feito* de corpo, elegante. Desempenado, desempoeirado.

— «O *Zé da Horta do Vale* é um *maltês* todo *desencurvado!*» (Campos de Évora).

● **desenfado,** s. m. — Coisa importuna, que aborrece insistentemente, etc.

— «Que tal 'stá o *desenfado* do lenço, que não me pára atado!?»

(Note-se o valor do prefixo. Em vez de tirar o *enfado*, antes o aumenta mais). (Cp. *descandalizado, desenquieto* e outros de formação análoga). (Montemór).

desenforido, adj. — O mesmo que *desaforido* (desenfreado). Insofrido. (V. *desalvorido*).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov. trasm.* É também us. no Alentejo onde a pron. pop. é *desensofrido*, como já se vê no *Voc. Alent.*, 32 e 125, de T. Pires.

● **desenfronhar,** v. t. — Desembaraçar; despachar, ràpidamente, qualquer trabalho ou serviço. (Beja).

● **desengalfinhar,** v. t. — *Fig.* — Deixar, abandonar.

— «Há tanto tempo que sirvo aquela casa, já não me *astrevo* a *desengalfinhar* daquelas senhoras que me tratam tão bem!» (Montemór).

— «Separar (quem estava *engalfinhado*)». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 614, que regista *t. pop.* nesta acepção.

* **desenrega,** s. f. — Acto de *desenregar*. (O contrário é *enrega*, q. v.).

* **desenregar,** v. i. — Largar o trabalho. (Refere-se sobretudo aos trabalhos agrícolas. O contrário é *enregar*, q. v.). (Dist. de Évora).

— O voc. já foi registado como sendo de uso em Santa Vitória do Ameixial, conc. de Estremoz. (V. *Rev. Lusit.*, XIX, pág. 317).

● **desenrolar,** v. t. — *Fig.* — (V. *desenfronhar*).

— «Vamos a *desenrolar*, que é tarde!» (Évora — Portel).

— V. pron. — «Desenvolver-se: *o trigal desenrolou-se com o sol dêstes dias*». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 616, que

regista o voc. como *prov.* sem contudo o localizar. É us. no Alentejo. (Portel).

* **desentraitado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *desaustinado.* *Desensofrido*, desorientado.

— «*Ná, nan* espero; vou já *desentraitado* com fome!» (Évora — Montemór).

* **desenviscar,** v. t. — Dissolver (referindo-se sòmente ao sabão). (Cp. *deslaçar*).

— «A água salôbra não *desenvisca* o sabão». (Colhido em Montemór).

deserto, adj. — Desejoso, impaciente, ancioso, etc.

— «'Stava *deserto* por ir à tourada!» (Évora).

— O voc. já foi registado por C. de F. e outros senhores, na acepção referida.

[Em Beja (?) a expressão *estar deserto* é o mesmo que *ter aspecto doentio* (?)].

desfalcoar, v. t. — O mesmo que *desfalcar* (diminuir, tirar parte de).

— O *Novo Dic.*, I, 619, regista como *prov. alg.* É também *alent.* (Reguengos — Portel).

* **desfarcêra,** s. f. — «Grande disfarce». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, (913), 32. (V. *disfarcenta*). (Cp. *disfarçuda*). (Elvas).

* **desfarinhar,** v. t. — Desfazer, reduzir a pó *(farinha)*. Desmanchar, desfolhar.

«Do céu caiu um sinal
No chão se *desfarinhou*;
Quem neste mundo não ama,
No outro não se salvou».

(Reguengos).

* **desféra,** s. f. — *Pop.* — Veneta, fúria, ira.

— «*Debáxo* daquela *desféra* é capaz de matar um *home!*» (Serpa).

* **desgargaluçado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *desbocadado.* Diz-se do cântaro a que já se partiu o *gargalo.* (Colhido em Redondo).

* **desinfeliz,** adj. — *Pop.* — Infeliz. (No Alentejo pronunciam — *desenfliz*, forma já registada por T. Pires — v. *Voc. Alent.*, 32). (V. também a nota ao voc. *descandalizado*).

* **deslaçar,** v. t. — Dissolver. (Cp. *desenviscar*).

— «*Ulha* aqui 'stá um bom alguidar para *deslaçares* o *crèzil* (creolina)». (Évora).

* **desmainar,** v. int. — Diminuir, enfraquecer (referindo-se ao calor). *(Desmaiar?)*.

* **desmancha-teimas,** (ê), s. m. — *Pop.* — O mesmo que *porrête*, *porrêto* ou *porróte* (bordão, cacete). (Portel).

• **desmanchar,** v. t. — *Pop.* — Trocar (dinheiro, sobretudo *nota*).

— «Ó *ti* Maria, *desmanche*-me aí estes cinco *mênl* réis!»

(O porco também é *desmanchado*, isto é, aberto e partido aos pedaços). (Montemór — Portel).

* **desmangaritar-se,** v. refl. — Saracotear-se com exagêro.

— «A rapariga lá porque foi a Lisboa, *desmangarita-se* agora tôda!» (Serpa).

desmanzelado, adj. — O mesmo que *desmazelado* (desleixado).

— O *Novo Dic.*, I, 625, regista o têrmo como *prov.* sem o localizar. É us. no Alentejo onde também dizem — *desmanzêlo*. (Portel — Reguengos).

desmaranhado, adj. — Desajeitado, desmazelado, *destramenhado*, q. v.

— O *Novo Dic.*, I, 625, classifica o voc. de *prov. alg.* É também *alent.* (Reguengos e Portel — Us. igualmente em Elvas, segundo T. Pires).

desmázio, s. m. — *Pop.* — O mesmo que *desarranjo*, *desmancho*, *abôrto*, etc.

— Já vem no *Novo Dic.* como *t. açor.* É também de uso no Baixo-Alentejo.

desmendar, v. p. — «Emendar-se».

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov. trasm.* É também usado no Alentejo onde pronunciam mais freqüentemente — *desemmendar*.

desmentir, v. t. — Entorsar, sair fora do seu lugar (uma articulação, etc.).

— «Foi a linha dum tendão que *desmentiu*».

— «*Despois* daquêle trabalho ficou com uma linha *desmentida*». (Serpa).

— O *Novo Dic.*, I, 626, já regista como *t. bras.*

* **desmoínhadeira,** (ê), s. f. — Forquilha com 5 ou mais dentes, com que se *desmoínha*. (Cp. *balde* e *carregadeira*). (Colhido em Móra).

* **desmoínhar,** v. t. — Separar a *moínha* do grão. (Cp. *limpar*, 1). (Móra).

* **dêsne,** prep. — (V. *desnêsde*). (Montemór).

* **desnoca,** s. f. — *Pop.* — Acto ou efeito de *desnocar.*

— «Ontem dá em casa — com a *bêbeda* — foi uma *desnoca* completa!...». (Colhido em Portel).

desnocar, v. t. — Além das acepções já registadas por C. de F., *Novo Dic.*, I, 628 — «Desarticular (um dedo, um braço, uma perna). Tirar da articulação ou junta, que o povo chama nó» — no Alentejo significa ainda mais: partir, *escangalhar*, etc. (Cp. *desencócar*).

— «*Fizerom-no escamar, desnocou os trambécos quási todos!*» (Portel).

• **desnocar-se,** v. refl. — *Fig.* — Gostar muito de, *derreter-se* por, etc.; «*todo êle se desnoca por laranjas*».

— O *Novo Dic.*, não regista na forma reflexa, nem com êste significado. (Serpa).

* **desnoitado,** adj. — O mesmo que *tresnoitado* (pessoa que passa as noites sem dormir ou as dorme mal).

— «*Pro mô* da doença do tio, tem andado mesmo *desnoitado* de todo!»

(Não usam, que eu saiba, as restantes formas verbais). (Colhido em Mértola).

* **desnovado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que *desenxabido.* Que perdeu a frescura.

— «Estas couves que *ficarom* de ontem, já 'stão *desnovadas*».

— Que pela demora arrefeceu e já não está bôa, como à hora em que devia ser tomada (referindo-se às refeições).

— «O *mê home* demorou-se tanto que, quando chegou, já o almôço 'stava *desnovado!*» (Colhido em Montemór).

* **desnuado,** adj. — *Pop.* — O mesmo que o anterior.

— «*Cando* comi o *jentar* já êle 'stava *desnuado*». (Terá emprêgo figurado?) (Évora).

* **desordear,** v. t. — *Pop.* — Fazer desordem, *garrear.*

— «Ontem as mulhéres lá na fonte, *desordearam* à valentona!» (Serpa).

* **desòrsservado,** adj. — *Pop.* — Que revela falta de juízo. Insensato.

— Êle *nan* será tão *desòsservado* que *nan* conheça o *bêim* que lhe fazem!»

[O contrário é *òsservado* (por *observado*, ponderado)]. (Reguengos).

* **despanafar-se,** v. refl. — Desabafar-se, tirar parte da roupa (da cama ou do corpo).

— «Vẽm estes *primêros* calores, a gente logo se *despanafa*, e *despois* constipa-se».

(Forma popular de *desabafar-se?*) (Montemór).

* **despassarado,** adj. — *Pop.* — Desanimado, molengão, tristonho. Corresponde ao *prov. alg.* — *despassarinhado.* (*Novo Dic.*, I, 629). (Serpa).

* **despés,** s. m. pl. — *Pop.* — Disparates, absurdos. Despautérios. (V. *destrôxo*). (É voc. só us. no plural). (Reguengos).

* **despicadeira,** (ê), s. f. — *Pop.* — Bisbilhoteira. Mulher, que tem resposta sempre pronta para tudo, que nunca fica calada nas disputas com outras mulheres. (Serpa).

* **desplicação,** s. f. — (Forma popular de *explicação*). (Montemór).

* **desplicar,** v. t. — «Explicar».

— Êste voc. já foi coligido pelo Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos. (Aviz).

«Amor, que tão bem canta,
Até no cantar tem fé;
Diga-me por cantigas
A paixão de amor *cal* é».

R.:

«A paixão de amor *cal* é
Ê le vou a *desplicar:*
É a gente amar com fé,
E *despois* o amor matar».

(S. Geraldo, conc. de Montemór).

● **despontado,** adj. — *Pop.* — Afastado, longe, fora de mão. O mesmo que *desapontuado* e *reponteado.*

— «*Nan* faz *jêto* ir às lojas da rua de Aviz, *ficom* lá *munto despontadas!*» (Évora).

despôr, v. t. — Plantar (arbustos, hortaliças, etc.). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 632, que regista o voc. como *prov.* sem o localizar. É us. no Alentejo. (Portel — Gavião).

* **desquia,** s. f. — (Forma pop. de *tosquia*). (Dist. de Évora).

desquiar, v. t. — (Forma pop. de *tosquiar*).

— O *Novo Dic.* regista o t. como *prov. trasm.* É também *alent.* (Dist. de Évora).

* **destanganhar,** v. t. — Tirar os *tanganhos* às árvores.

— «Árvores de grande porte, muito bem tratadas,

vê-se que por elas não passou a *vareja*, mas é-lhes familiar a podôa, para as *destanganhar*». B. Camacho, *Longe da Vista*, 15. (Baixo-Alentejo).

destelar, v. t. — Apanhar o *destêlo*.

— O *Novo Dic.* já regista o voc. como *prov.*, sem contudo o localizar, e dá-lhe significação diversa, pois diz que é «*cair das árvores, em conseqüência do vento, ou por ter atingido o maior grau de maturação*», *(falando-se do fruto do castanheiro ou da oliveira)*. No Alentejo (Portel), é o que acima digo. (V. *restelar*).

destêlo, s. m. — Acto de *destelar*. Apanha da azeitona (caída com o vento, etc.). (V. *restêlo*).

— O *Novo Dic.* regista o voc. como *prov.* sem contudo lhe dar localização. É us. no Alentejo. (Portel).

* **desténs,** s. m. pl. — Disputas, rixas (mais por palavras que por actos). (Cp. *despés* e *destrôxo*).

— «Elas umas com as outras é que *têm* os seus *desténs!*... Com as pessoas de fora, não!?...» (Portel).

* **destomar,** v. t. — Desengatar ou desatrelar (a parelha do carro). (V. *tomar*). (Portel — Us. ao Sul do Dist. de Beja).

* **destrajado,** s. m. — Mascarado, máscara. *Adj.* — Disfarçado (no traje). (Serpa — Mértola).

destrajar-se, v. p. — *Prov. alent.* — «Largar o fato usual; vestir-se de máscara». (De *des*... + *trajar*). Cf. C. de F., *Novo Dic.*, II, 981. (Serpa — Beja).

destrambelhado, adj. — *Pop.* — «Disparatado. Desorganizado. Desnorteado, desordenado». Cf. C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, I, 636 e 637. (Dist. de Évora).

destrambêlho, s. m. — *Pop.* — «Desordem, desarranjo. Disparate». Cf. *ob. cit.*, I, 637. (Dist. de Évora).

destramenhado, adj. — *Prov. alent.* — «Que não tem *tramenho*; que não tem jeito para as coisas». Cf. *ob. cit.*, II, 981. (Reguengos — Móra).

● **destroncar,** v. t. e int. — *Pop.* — Acabar o namôro, por parte do rapaz. Acto de um rapaz tirar a namorada a outro. (Do indivíduo nestas condições diz-se *destroncado*). (Cp. *arrebentar*). (Deve ter emprêgo figurado). (Évora — Montemór).

destrôxo, s. m. — «Disparate, parvoice. Tolice». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 637. (Cp. *despés*). (Odemira).

* **desvanada,** adj. — «Desvairada, desmedida, excessiva». (De uma altura *desvanada*). Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 33. (Elvas).

* **desvanido,** adj. — Enfraquecido, debilitado por falta de alimento.

— «Vim da *ribêra tã desvanida*... pus-me a comer um bocado de pão com linguïça, fêz-me *munto* mal!...»

— Desanimado, aflito.

— «'Stá olhando p'rá filha doente, e 'stá *desvanida*». (Forma pop. de *desvanecido*?) (Colhido em Montemór).

* **desvenerar,** v. t. — Ter grande predilecção. Ter *veneração* no mais elevado grau. (Veja notas aos voc. *descandalizado* e *desenfado*).

«Canta lá, ó voz dum anjo,
Qu'eu por ti me *desvenéro;*
S'eu contigo *nan* m'arranjo
Mais ninguém do mundo quero».

(Redondo).

* **deszangar,** v. t. — *Pop.* — «Passar a zanga». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 33. (Elvas).

* **devêz,** loc. adv. — «A par (ao mesmo tempo). (Cantavam a *devêz*)». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 33. (Elvas).

* **dezivle,** s. m. — «Instante, pequeno espaço de tempo».

— «Foi lá num *dezivle*». (Coligido pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, em Alandroal).

— O mesmo que *provincio*, q. v.».

1. **dia,** s. m. — *Prov. alent.* — «Jôgo de rapazes». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 643.

— É us. em Elvas, segundo T. Pires, *Voc. Alent.*, 125.

2. **dia** — «Na expressão «*algum dia*» = tempo remoto, muito antigo. «Coisas *de algum dia*» = coisas muito antigas». (Coligido pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, em Aviz). (Dist. de Évora).

A citada expressão também nos aparece nestas cantigas populares, recolhidas nas localidades que lhes vão indicadas:

«Fêz-se 'ma exp'rimentação
Na corrente de água fria;
Reverdece um coração
Em vendo amor's *de algum dia*».

(S. Marcos — Reguengos).

«Ó olhos *amaguados*
Nan percom sua alegria;
Dêxem ver os resultados
Dos meus amor's *de algum dia*».

(A. do Mato — Reguengos).

Também no concêlho de Reguengos de Monsaraz, nos «montes», são conhecidos por *dias-de-azeite*, ou *dias-de-correia* os dias (quartas, sextas e sabados) em que se não come carne.

● **dignidade**, s. f. — «Valor, importância, merecimento».
«Isto tem alguma *dignidade*». (Coligido pelo Sr. Dr. L. de Vasconcellos, em Aviz).

* **diorrinha**, s. f. — Pião pequeno. (V. *pioguinha*). (Portalegre).

* **discutimento**, s. m. — *Pop.* — Discussão, disputa, altercação, etc. (V. *despés* e *desténs*). (Campo Maior).

* **disfarcenta**, adj. — Fingida, dissimulada (pessoa).
— «A Chica Rosa é 'ma grande *disfarcenta*». (Évora).

disfarçuda, s. f. — *Prov. alent.* — «O mesmo que *mascarada*». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 657.
(Cp. *desfarcêra* e *disfarcenta*).

* **disponir**, v. int. — *Pop.* — O mesmo que *dispôr*. (Colhido em Borba — Us. também na frèguesia de Amieira, conc. de Portel, por ter ouvido esta frase a um indivíduo dali: «*Nan* posso *disponir* da parelha um dia, para ir a Moura! Tenho *munto* serviço!»).

* **distraiçoado**, adj. — *Pop.* — Distraído. Descuidado.
— «'Stava tão *distraiçoado* a ver o *piquêno* que nem *di* p'la falta do *dinhêro!*»
(A gente do povo também diz *distraicção*, por *distracção*). (Montemór).

● **ditos**, s. m. pl. — *Pop.* — Enrêdos, mexericos, intrigas.
— «Assim qu'ela chegou, logo houve *ditos* e *mexericos!*» (Évora — Beja).

doairo, s. m. — *Ant.* e *prov. beir.* e *alent.* — «Modo, jeito, ademanes. Semblante. Parecença. Donaire». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 663.
— Nalgumas terras do Alentejo, por exemplo em Reguengos e Serpa, dizem — *doário*.
— «Tem sempre aquêle *doário amaguado!*» (Serpa).

«Êste meu *doário* alegre
Já m'o *quiserom poribir;*
Indas qu'eu *quêra,* não posso,
Ôlhar p'ra ti sem me rir».

(Reguengos).

— Em Elvas, segundo T. Pires, dizem *doaire* (donaire). (V. *Voc. Alent.*, 34).

• **doar,** s. m. — *Pop.* — O mesmo que o voc. anterior.

«Ó *mê* amor, *mê* amor,
Tod'*ô tê doar* é lindo.
Gosto *munto* da tua bôca
Que sempre s'está rindo».

(Vila Boim).

* **dobradêra,** s. f. — «Pocilga onde a porca vai procriar». (Coligido pelo Sr. Dr. L. de Vasconcellos, em Alandroal).

* **dobrêza,** s. f. — *Pop.* — Dobra bordada (do lençol).
— «A Marianita *à* Cuca 'stá a fazer o bordado para uma *dobrêza*». (Serpa).

* **doce-lima,** s. f. — Arbusto cujas fôlhas muito aromáticas, são empregadas em algumas *mèzinhas* caseiras. É também conhecido por *bela-luísa, erva-luísa, lúce-lima* ou *lúcia-lima, verbena,* etc. (Évora — Alandroal).

«No jardim da *doce-lima,*
Onde a primavera nasce,
Não encontrei 'ma rosa,
Que contigo a comparasse».

(Alandroal).

* **docista,** ou **doceira,** s. f. — «Conserveira». Cf. T. Pires, *Voc. Alent.*, 34. (Elvas).

* **doládouro,** s. m. — O mesmo que *entorneiro* ou *patameiro.* Porção de água entornada pelo chão, etc.
— «É ires *buber* água fazes logo um *doládouro!*» (Évora — Beja).
(Em Lavre, conc. de Montemór-o-Novo, significa: barafunda, confusão, etc.).

dorna, s. f. — «Pia de pedra, para onde passa o vinho do lagar». Cf. C. de F., *Novo Dic.*, I, 669, que assim define o voc. e o classifica de *prov.* sem o localizar. É de uso no Alentejo onde também empregam o voc. *ladrão,* q. v.

Devo igualmente notar que nesta província o t. *lagar* só define «a casa onde se fabríca o azeite», e não, também, como acontece no Norte do País, «a casa onde se fabríca o vinho», e que toma aqui o nome de — *adéga* (1).

* **dornalhas,** s. f. pl. — «Ceirões de cortiça com amparos dos lados». Cf. A. Bessa, *A Gíria Port.*, (901), pref., XXVII. (Odemira).

dosa, s. f. — O mesmo que *data, coça, tareia, tosa, tuna,* etc. — O *Novo Dic.* regista o t. como *prov. trasm.* É também *alent.* (Portel).

* **duda,** ou * **duida,** s. f. — Forma popular de *dúvida.* (Reguengos — Móra — Beja).

ERRATAS

Mais importantes da parte já impressa em volumes anteriores.

VOL. XXV:

No artigo **aberrontar,** pág. 59, vem *Uusado* em vez de *Usado.*

No artigo **acabamento,** pág. 59, em vez de Rev. *Terra Nova* leia-se Rev. *Terra Nossa.*

No artigo **aflaiteado,** pág. 62, está *concêrto* por *consêrto.*

No artigo **agácha,** pág. 63, onde se lê «*estâ de agácha*» leia-se «*está de agácha*».

No artigo **agravado,** pág. 63, em vez de *adv. v.* leia-se *adj. v.*

No artigo **alcalharázes,** pág. 64, leia-se *significa* em vez de *signific.*

No artigo **amanhío,** 1, pág. 67, está *concêrto* por *consêrto.*

No artigo **andær,** pág. 68, o *mais que perf. do ind.* é: «Eu *andœra,* tu *andœras,* etc.» — e não «Eu *andœva,* tu *andœvas,* etc.».

---

(1) Sôbre êste assunto publiquei um artigo em os *Brados do Alentejo*, n.° 116, de 16 de Abril de 1933.

No artigo **aninhado,** pág. 69, vem *concertado* em vez de *consertado.*

No artigo **aninhar,** pág. 69, vem *concertar* por *consertar.*

No artigo **arredolar,** pág. 71, está também *concertar* em vez de *consertar.*

Vol. XXVI:

No artigo **baloiso,** pág. 71, onde se lê *botégo* leia-se *bolégo.*

No artigo **barquino,** pág. 73, emende-se *cozido* em *cosido.*

No artigo **barriga-negra,** pág. 74, está *Zorzal* quando devia estar *zorzal,* com *z* minúsculo.

No artigo **basbaque,** pág. 75, vem *concêrto* em vez de *consêrto.*

No artigo **bicão,** pág. 77, em vez de *bêlfito* leia-se *bélfito.*

ADITAMENTOS E CORRECÇÕES

Vol. XXV:

No artigo **agachar-se,** pág. 63, à sua significação, deve acrescentar-se: «Defecar. O *Novo Dic.* regista *prov.* sem localizar. É us. no Alentejo».

No artigo **ajuda,** pág. 63, à sua significação, deve acrescentar-se: 2.

No artigo **algalamassa,** pág. 65, à sua significação, deve acrescentar-se: ou *argamassa* (cal e areia).

No artigo **ancinho,** pág. 68, o estribilho é: «*Ancinho, ancinho, m.... para o teu focinho*». (*Ancinho,* aqui, deve estar por *ossinho).*

Os artigos **arneirar** e **arneiração,** pág. 70, têm trocada a sua ordem de colocação.

O artigo **àrsoluta,** pág. 72, deve ler-se: «**àrsoluta,** adj. — Forma pop. de *absoluta.* Diz-se da mulher bulhenta e desordeira».

Portel (Alentejo), Junho de 1933.

J. A. Pombinho Júnior.

ASSUNTOS INSULANOS

I

"Comédias" açóricas

Assistir a representações de comédias constitue predilecto divertimento dos povos dos Açôres, sobretudo do povo micaelense. D'elas dei notícia geral no *Mês de sonho*, Lisboa, 1926, pág. 53, segs., e págs. 245-277: dos seus elementos, da sua forma poética, etc. (com amostras): e para lá remeto o leitor.

Quando estive naquêle arquipélago, em 1924, passaram-me pelas mãos, ou diante da vista, muitos textos de comédias; só um estava impresso, e todos os restantes estavam manuscritos, como cópias de cópias: cf. *ob. cit.*, pág. 55.

O exemplar impresso, folheto, a que faltava o frontispício e o fim, via-se das «cabeças» das páginas, e do teor da obra, que tinha por assunto D. Inês de Castro. Presenteou-me com êle nos Arrifas o bondoso sacerdote o Rev.º Verginio de Almeida Massa, a quem me apresentara o meu amigo o D.^or^ Luís Bernardo Leite de Athaide. Falando eu dias depois nesta aquisição ao Sor D.^or^ Augusto Cymbron Borges de Castro, Inspector de Sanidade Marítima, com quem me relacionara em Ponta Delgada, e vendo êle quanta importância eu ligava ao folheto, por ser então para mim peça única e rara, prometeu procurar algum exemplar completo de qualquer comédia, e de facto me obsequiou com um, no actual ano, em Lisboa, pelo que lhe reitero aqui os agradecimentos que já lhe dei de viva voz. Tem por título: «*Verdadeira historia da Imperatriz Porcina,* versada pelo cantor popular José Ignacio Farias, natural da frèguesia de Santo António», s. d. (1). Faz parte de uma *Linda Collecção popular de comedias em verso:* n.º 3: publi-

---

(1) É assim que se lê o nome na capa. No frontispício lê-se *José de Farias*. Como há duas frèguesias nos Açôres chamadas de *S. António*, uma em S. Miguel, outra no Pico, ignoro a qual das duas o A. se refere (talvez à primeira).

cada pela Livraria Portuguesa de Manuel Capeto & C.ª, Fall River, Mass., 195, Brightman Sreet (1).

Vê-se que em Fall River, cidade do Estado de Massachusetts, na América do Norte, existe um editor português, que edita comédias açóricas. Há, como é sabido, muitas relações entre os Açôres e os Estados Unidos (emigração açórica para lá), e por isso se explica a existência d'aquela livraria, e outras existirão.

Na 4.ª página da capa do folheto de que se trata vem anunciada a *Vida e Historia de D. Ignez de Castro*, obra a que já me referi; e também:

Os Martyres da Germania, «grandioso drama, em verso, do tempo da perseguição dos Christãos, no tempo de Nero, magnificamente impresso, e com mais de 800 versos, com capa illustrada»;

Santa Genoveva (vida e história), «um volume com uma gravura, com 886 versos, obra muito interessante»;

Casamento infeliz, «outro lindo livrinho de versos», que não sei se pertence ao género teatral ou não.

Pois que *Verdadeira historia da Imperatriz Porcina* se chama uma obrinha da literatura de cordel, poema narrativo, de Baltasar Dias, e muito apreciado (da minha infância e conheço eu também), e com várias edições dos séculos XVII (pelo menos) ao XX, lembrei-me de comparar com êle a comédia açórica de que estou falando: e o resultado da comparação vou expô-lo adiante (2).

Preliminarmente direi que Baltasar Dias era cego de nascença, natural da ilha da Madeira. Não se sabe ao certo o ano do seu nascimento, mas já antes de 1537 havia publicado obras em prosa e verso, que tanto agradaram — porque possuía incontestável talento — que sem licença da mesa censória eram reproduzidas (3).

---

(1) O exemplar contém vários traços a lápis, indicativos de supressão de estâncias. Do que se conclue que serviu a um dos actores para êle decorar.

(2) Para a comparação com a obrinha de Baltasar Dias servi-me de um exemplar moderno, Pôrto, 1880.

(3) Vid. D. Carolina Michaëlis, *Romances Velhos em Portugal*, 2.ª ed., pág. 96. Em nota remete para Deslandes, *Hist. da typogr. portuguesa*.

O poema de *Porcina* está composto em versos de redondilha maior, rimando em *-ia* todos os versos pares, e ficando sem rima os impares, isto é: *abcbdbebfb*, etc. O enrêdo da composição pode resumir-se assim.

—Lodonio, imperador romano, casado com Porcina, filha de um rei da Hungria, a qual lhe não dera filhos, resolveu ir, e foi, a Jerusalém fazer penitência, deixando como regentes seu irmão Albano e a imperatriz.

—Albano, entretanto, acometeu de amores a cunhada, e como ela resistisse, aguardou no caminho o imperador, quando soube que êste regressava, e malquistou-o com ela: o imperador, sem a ouvir nem ver, ordenou que a matassem.

—Salvou-a da morte casualmente o conde Clitaneo, que a apresentou à espôsa, a condessa Sofia: esta recebeu-a muito bem, sem saber de quem se tratava, porque a imperatriz não revelara o nome, e entregou-lhe um filhinho, ainda de mama, que ficou dormindo com Porcina, no mesmo leito.

—O conde tinha um irmão,

Que Natão por nome havia,

o qual igualmente se enamorou de Porcina; e não o atendendo também a virtuosa senhora, degolou por vingança o sobrinho no leito em que dormia, e acusou do crime Porcina perante Clitaneo e a condessa.

—O conde, levado das súplicas da espôsa, que não acreditava que Porcina houvesse cometido o delito, não a mandou matar, como Natão queria, mas desterrou-a para uma ilha, só habitada de feras.

—Aí a socorreu a Virgem Maria, aparecendo-lhe, e ensinando-a a manipular um *ungüento*, feito de certa erva, cozida em água, o qual de futuro devia servir para curar tôdas as doenças.

—De peripécia em peripécia: um navio que passava e a recolheu; refúgio que encontrou no castelo do conde Alberto, onde praticou curas maravilhosas, tais como a da condessa, que sofria de *sangue fluxo*, a de um cego, a quem restituiu a vista, a do próprio Natão, que se havia tornado gafo: foi chamada a Roma pelo imperador, para curar seu irmão Albano, que estava igualmente gafo, e ainda mais que Natão.

—Ela sarou-o imediatamente, e por fim deu-se a conhe-

cer, perdoou aos seus procos, ao mesmo tempo algozes, juntou-se outra vez com o imperador, e ambos

Foram bem-aventurados,
Segundo a história dizia.

Agora a comédia açórica.

Ouvimos em primeiro lugar a *loa*, que é um dos elementos das comédias: espécie de prólogo. Farias pede aí a protecção de Deus e de S. António, fala das personagens da peça e do enrêdo, alude a outros elementos das comédias, tais como a *parte do vilão* (que se compõe: do *vilão*, em sentido estrito, do *reclame*, e do velho) e *a despedida*: tudo sem grande ordem, em 77 insípidas quintilhas. A isto se segue a peça.

Em quanto o poema de Baltasar Dias começa, segundo vimos, na resolução tomada pelo imperador romano de ir a Jerusalém, a comédia conta como é que êste casou na Hungria: e essa PARTE, a que o autor chama PRIMEIRA, parece ser da sua lavra.

Sumário da Parte primeira:

—Conversação do rei e da raínha da Hungria, àcêrca de casarem a filha. Colóquio da raínha com Porcina (1).

—Por outro lado, o imperador comunica em Roma a Albano, seu irmão, e a um duque, grande senhor do império, a intenção em que esteve de se casar, e pede ao duque lhe indique uma princesa virtuosa. O duque indica-lhe a princesa da Hungria. O imperador manda chamar o conde de Veneza, que havia de ir, como embaixador, à côrte húngara. O embaixador prepara-se para a viagem, e depois de receber ordens de seu amo e senhor, parte.

—Chega o embaixador à côrte húngara. Fala ao rei, e pede a mão de Porcina para o imperador; vai com o rei falar à raínha e à princesa, e entrega a esta uma carta do imperador. Porcina responde que não quer tomar estado, mas os pais convencem-na, e ela por fim anue. Retira-se o embaixador com o *sim* da princesa e dos pais.

—Em Roma o imperador, o duque e Albano esperam o embaixador, que chega com a boa nova.

---

(1) Farias chama por vezes *Imperatriz* a Porcina, ainda antes de esta o ser, por exemplo, a págs. 10 e 11.

—Parte o imperador, o duque e Albano para a Hungria.

—Diálogo do imperador com o rei. Vem depois a raínha e a filha, que travam novo diálogo com o imperador.

—O rei manda vir um bispo, que casa os noivos.

— Após o casamento, despedem-se estes do rei e da raínha, e dirigem-se para Roma.

De ora em diante, pág. 18-B, *in fine*, toma o autor da comédia a narrativa de Baltasar Dias, às vezes com as próprias palavras, não porém com a comovente simplicidade do modêlo, outras vezes acrescentando, por necessidade scenica, diálogos e desenvolvimentos, infelizmente despidos de poesia, pois Farias não passa de rimador desconjuntado. Raro se lhe arrancam suaves dicções.

Tudo o que foi tomado de Baltasar Dias pode considerar-se PARTE SEGUNDA, para se ir de acôrdo com a parte primeira, pôsto que Farias não se exprimisse assim.

De págs. 38 a 42, onde se fala do navio que havia de conduzir, e conduziu, Porcina para o destêrro, há muita linguagem nautica, que Farias conhecia por ser Açorense. Ora o capitão, ora o piloto, ora a marinhagem a empregam. Por exemplo:

Leva arriba, marinheiro,
Atraca, panos aferra,...

... temos terra à proa.

Mandai, senhor capitão,
Arrear mais uma vela.

Arreia de-pressa o joanete
E enrola ao traquete
E passa ao mastro do meio.

... êste capitão
Faz andar a marujada
Tôda em passo de cão.

O capitão insulta um marinheiro, págs. 38-39; pragas d'êste, pág. 39-A; continua a linguagem náutica, *ibidem*.

O episódio do aparecimento da Virgem a Porcina, na ilha deserta, foi substituído, a pág. 42, por o de um anjo.

Não vale a pena fazer mais extractos.

Devo todavia acrescentar que também o S.or D.or Cymbron me ofereceu em Lisboa, conjuntamente com o folheto impresso, um manuscrito, datado de 1926, e formado de várias composições, redigidas em quintilhas. As duas primeiras composições intitulam-se: *Despedidas finais do drama Imperatriz Porcina*. Por *Despedidas* entende-se o elemento final de uma Comédia, ou mais exactamente, um acessório. Consistem em agradecimentos dirigidos ao público, e nada têm, pelo menos as que conheço, com o assunto próprio da peça respectiva, isto é, podem usar-se em qualquer peça. Às mencionadas *Despedidas* seguem-se mais três, em que não se especifica a que peça pertencem. O manuscrito está assinado por *Gil do Rego Tôrres*. Não posso dizer se é o autor, ou actor, ou simples possuïdor.

*

O assunto romantizado por Baltasar Dias no século XVI é medieval, e muito conhecido. Creio que quem primeiro em Portugal chamou a atenção para o valor que a *Imperatriz* (ou *Emperatriz*) *Porcina* tem para a história literária — abstraindo do que pelo lado exclusivamente bibliográfico haviam dito Inocencio da Silva e Barbosa Machado — foi Theophilo Braga, em 1867, na *Historia da poesia popular portuguesa*, págs. 191--192: e não lhe regatearei os louvores que por esse serviço prestado às nossas letras merece. Na referida obra relaciona o assunto com a lenda ou poema de *Crescentia* e com o *Speculum historiale* de Vicente de Beauvais. Na suposição de que as origens históricas do romance ou poema de Baltasar Dias estavam nas *Lendas alemãs*, de J. e G. Grimm, traduz do tômo II, pág. 120, a que se intitula: *Hildegarda*, e acrescenta em nota: «*Annales Campidonenses*. Nic. Frischini comœdia: *Hildegardis magna*» (1).

---

(1) Theophilo Braga não indica de que edição se serviu da obra dos irmãos Grimm; a tradução portuguesa, que nos dá, parece-me do francês. Na redacção alemã, que possuo, das Lendas, ou *Die deutschen Sagen der Brüder Grimm*, publicadas recentemente (sem data) pelo Prof. Dr. Hermann Schneider, a lenda de Hildegard é o n.º 442, tômo II, pág. 81, mas

Em 1888, inseriu Theophilo Braga na *Floresta de romances*, pág. 104, o texto de Baltasar Dias, reproduzido de uma fôlha volante de 1660 (1), e a pág. 216 dá-o como tirado do *Speculum historiale*, mencionado acima.

Percorrendo as literaturas da Península Hispano-Portuguesa, encontramos, já no século XIII, poetizada em galego pelo rei castelhano-lionês Afonso X, o Sábio, avô de D. Denis de Portugal, a lenda de que me ocupo. Faz parte de uma colecção de poesias que êle compôs em honra da Virgem Maria, e foram publicadas, no conjunto, pela Academia Hespanhola em 1881, sob a direcção do Conde de Valmar: aí se lê no tômo I, n.º 5, aplicada à Emperadriz de Roma, *Beatriz*, e precedida de dois versos, que lhe servem de tema e de estribilho:

Quen as coitas d'este mundo ben quiser soffrer,
Santa Maria deue sempr' ante si põer.

Realçam esta edição as notas apostas às poesias, já pelo Conde editor, já por vários erúditos para isso convidados. A poesia de *Beatriz* anotam-na, além de Valmar, os Professores E. Monaci, A. D'Ancona, A. Mussafia, e o nosso Theophilo Braga. De Mussafia vejo aí citado um trabalho que publicou em 1866, concernente a uma redacção hespanhola da nossa lenda, guardada manuscrita na biblioteca do Escurial, e que êle reproduz. A êste opúsculo consagrou D. Carolina Michaëlis, em 1867, um artigo no *Archiv f. das Stud. der neueren Sprachen und Literaturen*, tômo XLI, como consta da *Miscelanea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos*, Coimbra, 1933, pág. 8, n.º 1 (lista dos seus escritos: por G. Moldenhaner). Possuo o trabalho de Mussafia, porém não me foi possível, até hoje, consultar o da Sr.ª D. Carolina, o que muito lamento, porque a notabilíssima Filóloga deve aí tratar da fonte imediata da *Imperatriz Porcina* de Baltasar Dias, que ela dá noutro lugar como tradução do hespanhol (2), feita

---

as notas que lhe junta o Professor alemão não vão além das que já juntara Theophilo Braga em 1867, certamente extraídas da edição utilizada por êle.

(1) A mais antiga edição conhecida.

(2) *Romances Velhos* (já cit.), pág. 199.

por volta de 1537 (1), e provàvelmente, acrescento eu, de algum *pliego de cordel.*

*

Com a publicação do presente artigo tive em mente:

1.º Dar notícia de mais uma comédia açórica, impressa, e concomitantemente da livraria portuguesa de Fall River, que empreendeu trazer a lume composições d'êste género;

2.º Exemplificar como é que os poetas populares do arquipélago adaptam obras literárias ao seu sistema de compôr comédias (2).

O que José Ignacio Farias, novo metrificador da lenda, talvez nunca imaginasse, foi que tinha antes de si tão longa série de poetas ou de investigadores como a que fica enumerada!

II

Romanceiro da Madeira

Apesar do elogio com que em 1882 (quando eu começava a dedicar-me a estudos etnográficos) mencionei no *Anuário das tradições pop. portug.*, págs. 72-74, o *Romanceiro da*

---

(1) *Ibidem*, pág. 240.

(2) Seria curioso buscar as fontes de outras comédias, o que eu tentaria, se o tempo me não faltasse, e sobretudo, se possuísse exemplares dos que, além da *Porcina*, se imprimiram na América, o que facilitaria a leitura, pois, completos, só possuo textos manuscritos. Assim, a comédia d'*Os Martyres da Germania*, de que falei acima como de Fall River, e de que tenho uma cópia que andava manuscrita nos Açôres, deve basear-se num drama, em prosa, de José Romano, impresso em Lisboa, em 1859, com aquêle título: pelo menos há personagens comuns, por exemplo: Afra, Digna, Gabriel, Imperador (Constantino), Isac, Lucifer, Marta, Orosio, Pluto, Polion, Scipião. — O *Dic. Bibliográfico* fala de José Romano nos tômos v, 117, e XIII, 989, não porém ainda d'*Os Martyres da Germania*. Vem uma alusão graciosa a êste drama no livro de Adolpho Portella, intitulado: *Agueda*, Pôrto, 1904, págs. 317-318.

Madeira, de A. Rodrigues de Azevedo, Funchal 1880, confesso que sempre me causou espanto a sua linguagem arcaizante, a regularidade quási contínua dos versos, o tom elegante dos romances: e ao *lo*, por *o*, usado aí sem excepção, fiz-lhe epistolarmente um reparo, que o autor, em carta que me escreveu, e reproduzi nos *Ensaios Ethnographicos*, volume, II, págs. 313-314, procurou em vão justificar: vid. a nota 1 que apus à pág. 314.

Estive muitos anos à espera de obter cópia genuína de algum romance popular d'aquêle arquipélago: e essa ocasião chegou ùltimamente, em que uma Senhora alentejana, de certa idade, me reproduziu de memória um romance que adiante imprimo, e que ela recebêra, segundo me disse, da Madeira, com uma carta de pessoa amiga, por 1880. Eis o romance, ou *xácara do Conde Claros*, como a minha informadora lhe chamava:

Meia noite já é dada,
Já os galos querem cantar,
Conde Claros com amores
Não podia repousar:
Dava pulo na cama,
Que nem gavião real.
Chamou pelos seus criados,
À pressa, e não de vagar,
Que lhe dessem de vestir,
De vestir e de calçar.
Lhe deram uma camisa
<Toda> bordada no cabeção,
Que a bordaram seis donzelas
Numa manhã de S. João;
Lhe deram o seu capote,
Que de ouro pesava um quintal;
Lhe selaram <o> seu cavalo
. . . . , [1]
Com quatrocentas campainhas
De roda do peitoral,
Duzentas de oiro fino,
Duzentas de oiro-metal.

---

[1] Esta linha de pontos indica falta de um verso.

Logo que isto lhe deram,
Tratou logo de caminhar.
Claralinda, que o sentiu,
À janela o foi esperar:

—Dize-me, ó Conde Claros,
D'onde vindes tão enfeitado.
—Melhor venho eu, senhora,
Para com damas brincar.
—Vai-te d'aí, Conde Claros,
Sempre foste de mangar.
Deixa-me ir vestir vestido,
Que eu então te virei falar.
—Não sabeis, minha senhora,
Que sou caçador gentil?
Passaro que apanhe à mão
Não o deito a fugir.
—Vai-te d'aí, Conde Claros,
E não estejas a mangar.
Deixa-me ir para o meu quarto,
E então te irei falar.
—Não sabeis, minha senhora,
Que eu sou caçador real?
Passaro que apanhe à mão
Não o deito a voar.

Por ali passou um camarista
Por onde não devia passar:
—<Juro que> as palavras que aqui ouvi
A El-Rei vou já contar.
—Cala-te, ó camarista,
Cala-te, se te queres calar!
E as palavras que aqui ouvistes
A El-Rei não vás contar;
Eu te dou o meu cavalo,
Assim como o vês estar,
Com quatrocentas campainhas
De roda do peitoral,
Duzentas de oiro fino,
Duzentas de oiro-metal;
Eu te dou o meu capote,
Que de oiro pesa um quintal;

Eu te dou as minhas terras,
Que deitam da serra ao mar;
Eu te dou oiro e prata,
Quanto possa[s] carregar;
Te dou minha sobrinha,
Para com ela casar;
Claralinda, da sua parte,
Muito mais te ha-de dar.
—Eu não quero o teu cavalo,
Assim como o vejo estar;
Não quero o teu capote,
Que de oiro pesa um quintal;
Nem quero as tuas terras
Que deitam da serra ao mar;
Nem quero oiro e prata,
Quanto posso (1) carregar;
Nem quero tua sobrinha,
Para com ela casar.
Claralinda, da sua parte,
Eu a espero de a gozar (2).

—Salve Deus, ó bom Rei,
Na vossa cama real,
Que rei que tal consente
Não sei se houvera de reinar!
Claralinda, vossa filha,
Está debaixo de um rosal
Com conde Claro João,
Ambos eles a brincar.
E se eu vos disser a oculto (3),
Alviçaras me havieis de dar.

O Rei, quando isto ouviu,
. . . . (4)
Mandou prender o Conde

(1) Por *possa*.

(2) Assim disse a narradora, com o pronome a pleonàsticamente.

(3) *Sic*. Por *a ocultas*?

(4) Esta linha de pontos representa um verso que falta.

Numa torre mineral (1),
Onde não via nascer o sol,
Nem a lua a raìrar (2),
Para ao fim de tres dias
Ir à fôrca a enforcar;
Mandou prender a princesa
Numa torre particular.

Diz D. Boldão (3):

—Criados que comem o meu pão
E bebem meu vinho
Vão com D. Boldão,
Que quer ver seu sobrinho.

Quando o Conde estava na torre,
. . . . (4)
Foi seu tio D. Boldão
A seu sobrinho visitar:
—Bem te dizia, meu sobrinho,
Bem te tornava a dizer,
Que por causa das mulheres
Tu havias de padecer.
—Olha o meu tio (5)
O que me vem cá dizer!
Vale mais morrer por mulheres
Do que nunca as conhecer!
—Bem te dizia, meu sobrinho,
Bem te tornava a avisar,
Que por causa das mulheres
Tu havias de ir a matar!
—Olha o meu tio
O que me vem cá contar!
Homem, que não morre por mulheres,

---

(1) *Sic.* — E falta um verso depois de «O rei, quando isto ouviu».

(2) Em vez de *raiar*.

(3) Assim, e não *Roldão*.

(4) Outro verso que falta.

(5) Talvez devesse ser: Olha agora, etc.

Homem não se deve chamar!
Vá o meu tio àquela janela
Ver se vê Claralinda avistar [1].
Se meus olhos a vissem,
Já minha alma não penava!

Estando a princeza na torre
Com as suas damas a penteá-la [2]
Veio sua madrasta à pressa,
À pressa, e não de vagar:
—Eu te peço, minha filha,
Conde Claros ireis livrar,
Que vai no meio de justiça,
Para à fôrca ir a enforcar.

A princeza, que isto ouviu,
Tratou logo de caminhar,
Com uma trança entrançada,
Outra meia por entrançar,
Com o espartilho meio atacado,
Outro meio por atacar:

—Esperai, Senhora Justiça,
Não passais daqui mais!
Deixai-me passar, meu bom povo,
Me vou falar com el-rei meu pai!

—Salve Deus, ó meu bom Pai,
Na vossa cama real!
Que vos fez o Conde Claros
Para vós o mandares matar?
Juro por este Santo Cristo [3], meu Pai [4],
(Coroa e scetro me haveis de dar)

---

(1) *Sic.*

(2) Devia ser *pentear*.

(3) O Santo Cristo é muito venerado na Madeira, e também, nos Açôres. Vulgarmente nos dois arquipélagos diz-se sempre *O Senhor Santo Cristo;* julga-se irreverência não juntar *o Senhor*.

(4) *Meu Pai* está de mais.

Que eu o tomo por marido,
E vós por genro o ireis tomar.
— Juro por este Santo Cristo, minha filha (1),
Coroa e scetro te hei-de dar:
Tu o tomas por marido,
E eu por genro o irei tomar.

Voltou-se ela para o pregoeiro:

— Cala-te, ó pregoeiro,
Cala-te, se queres calar!
Juro por El-Rei, meu pai,
A lingua te mandar cortar!

Chegou ao pé do Conde Claros
E a alva lhe mandou tirar (2):
— Não desmaies, Conde Claros,
Não acabes de desmaiar:
Aqui tens coroa e scetro,
Tu é que has-de ir a reinar.

Voltou-se para o camarista:

— Que ganhaste, mexeriqueiro,
A meu pai mexericar?
— A morte ganhei, Senhora,
A vida me podeis dar.
— A vida te posso dar,
Sem ela na minha mão 'star;
Mas, para emenda de outros,
Tu has-de ir [a] matar.

Coteje-se esta versão, descontando ainda assim as falhas que apresenta, com as versões que Azevedo inseriu no *Romanceiro*, pág. 72, segs., em particular págs. 81-88 e 89-93, e ver-se-há como elas adulteram a tradição. Quem não tiver ao alcance o *Romanceiro* de Azevedo, que creio se tornou raro,

(1) *Minha filha* está de mais.

(2) A *alva* que o Conde levava vestida por ir para a fôrca.

pode servir-se do de Theophilo Braga, 2.ª ed., tômo I, onde aquelas figuram. Theophilo Braga subordinou tôdas as versões, que reimprimiu, do Continente e das Ilhas, à rubríca geral de *Claralinda*, págs. 306-355 (1).

Parece-me que, em vista do que fica dito, convém examinar com a maior atenção o *Romanceiro* de Azevedo, procurando, quanto possível, no arquipélago versões que correspondam às que estão ali publicadas: porque, se tôdas elas derem o resultado que deu a versão, que há pouco vimos, da *xácara do Conde Claros*, o trabalho de Azevedo tem de ser refeito (2). Isto não impede que se colham outras xácaras ou romances que ainda andem na memória do povo. Apelo para o patriotismo dos Madeirenses, para pessoas ilustradas, que desejem dotar o seu arquipélago com uma obra de autêntico

---

(1) Além de *Conde Claros* (versão de Pôrto Santo) e *Claralinda* (versão do Ribatejo, tomada de Garrett), temos aí outros nomes de romances: *Conde de Montealvar, Dom Carlos, Conde Alarcos*, etc.

(2) No *Romanceiro da Madeira*, pág. 82, imprimiu Azevedo: *galeão real*, correspondente ao *gavião real* do verso 6 da minha versão. Estará aqui outra emenda do editor (confundido com *galeota real*, que era muito conhecida, e embaraçado com o *real* aplicado a um *gavião*), ou ouviria êle na verdade *galião?* Lembrarei que *gavião real* é ave que os ornitologistas indicam, por exemplo, Reis Júnior, *Aves de Portugal*, Pôrto, 1931, pág. 70, n.º 174, e há outras aves com o mesmo epíteto: calhandra, chapim, felosa, maçarico, môcho, pardal, pato, pêto, picanço, toutinegra. Os Hespanhois têm *pavo real*, e cf. em português *papagaio real*. Noutras versões de Azevedo, que me parecem igualmente adulteradas, lê-se: *que nem galeão na mar*, pág. 89; *nem gavião a pular*, pág. 94. A prova de que, pelo menos, *gavião* pertence à origem do romance, está em que num antigo romance hespanhol, a que êle corresponde, se lê:

salto dera de la cama, que parece un *gavilán*,

por exemplo, na *Silva de romances viejos*, publicada por Jacob Grimm, Viena, 1815, pág. 200; vid. também Durán, *Romancero General*, I, 219.

valor literário, que sirva de encanto a quem a ler, e de utilidade a quem quiser dedicar-se ao estudo dos romances. E aplico aqui os versos 8 e 131 da minha versão:

À pressa, e não de vagar,

senão pode ser que aconteça a quem buscar romances o mesmo que aconteceu ao visionário do Palácio da Ventura, que só encontrou lá dentro:

Silêncio, escuridão, e nada mais!

*

Azevedo, que viveu muitos anos na Madeira (1), onde foi distinto professor liceal e advogado, deu a lume, em 1873, o Livro III das *Saudades da Terra*, de Gaspar Fructuoso, até então inédito, e publicára de sua lavra, entre outras obras, um meritório *Esboço critico-literario*, 1866; mas no que toca à edição dos romances populares, ou xácaras, deixou-se levar das ideias de Garrett, das quais já em 1867 Theophilo Braga discordava (2): se seguisse o caminho da fidelidade da transcrição, indicado por êste, não me via eu obrigado a publicar o presente artigo, o que faço com constrangimento (porque fui amigo de Azevedo), e só impelido pelo respeito que deve tributar-se à verdade scientífica (3).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

(1) Era natural do Continente (Vila Franca de Xira).

(2) *Hist. da poesia pop.*, pág. 210, ainda timidamente; *Romanceiro*, págs. 7-8, um pouco mais afoito. As violências de Theophilo Braga contra o método de Garrett vieram só depois, em 1871, nas *Epopeias da raça mosárabe* (talvez por despeito de não ver tão louvados da crítica os seus trabalhos próprios, quanto êle esperaria).

(3) Do mesmo autor saiu a lume em 1926 outra obra (póstuma) com o título de *Benavente*, ricamente anotada pelo seu parente, o Professor do Liceu de Camões Ruy de Azevedo, que lhe junta uma biografia d'aquêle.

EMENTAS GRAMATICAIS

PARA A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

(Continuação do vol. XXXII, pág. 293)

53. Assimilação em frase.

Uma frase, como *sabe-me melhor*, dita em linguagem rápida, sôa: *sà-m' melhor;* outra, *sabe-me muito mal*, sôa: *sà-m' muito mal;* outra, ainda maior, *sabe-me muito mal tudo isto*, sôa: *sà-muito mal*, etc. O verbo está no comêço da frase; e quanto maior fôr o número de palavras postas a seguir a *sabe*, começadas por *m-*, mais acabada é a assimilação. — Cf. o que já se disse no n.º 33.

54. R representado por *rr*.

Exemplos: *Carregosa*, topónimo, do lat. carex;

esparregado, esperregado, do lat., asparăgus, que se tornou *espargo*, cf. hesp. *espárrago;*

pop. *párroco* e *párrico*, no século XIV *parrochia* (nas *Inquirições*, I, 1 sgs.); hesp. *párroco, parroquia; perrochi*, em Grnoble, século XIV, na *Rev. des lang. rom.*, LV, 334; *parroquia* num documento de Sarlat (Dordogne), século XIV, na *Romania*, XXXVII, 415;

Carrolina, de *Carolina*, por influência de *Carlos* e *Carlota*, que sôam respectivamente *Carrlos* e *Carrlota* (*rl* > *rrl*, como *rn* > *rrn:* cf. os meus *Opusculos*, I, 57-58).

55. *antiguamente.*

Na língua usual diz-se *antigamente*, mas a pessoas do Minho tenho ouvido dizer *antiguamente:* por exemplo, em Lisboa, a um mestre de obras, sem letras, natural de ao pé de Caminha, e no Pôrto, por 1876, a um porteiro do Liceu Nacional, que não sei donde era, mas devia ser do Norte. É de notar que o lat. antiqua se tornou *antigua* (cf. *água* ou *agoa*), depois mudado em *antiga*, como feminino de *antigo* < antiquus). Em galego *antiga, antigamente*, mas em hesp. *antigua, antiguamente.* A forma interanense é arcaïsmo notável.

56. Nomes átonos em *-ão* formados analògicamente.

Vejamos alguns exemplos:

códão, na B. Baixa (Idanha a Nova), in RL, II, 247 (A. Alves). Também assim ouvi em Carregal do Sal. Em Mondim da Beira diz-se *códo*.

córgão, na Madeira (*Ensaios Ethnogr.*, II, 314, n. 2) por *corgo*, da linguagem geral.

fétão, a-par-de *feto*. No *Florilegio* de Bento Pereira (século XVII) lê-se: «Ao pé de *fetam* não busques tâmara». E cf. EP, II, 55.

frángão, a-par-de *frango*. No século XIII alatinadamente *fránganus, frángana (= frángãa)*: vid. EP, II, 168. No século XIV *frangã (= frangão)* na *Nova Malta*, III, 1, 13. Ainda hoje se diz como éco da nasalidade medievica: *frangaínho* e *franganito* (e no feminino) e *franganote*.

lámpão, mencionado por D. Carolina Michaëlis in RL, XI, 12, e n. 5, onde cita textos; pela minha parte citarei *figos lámpãos* em Barreira, *Tratado das signific. das plantas* (século XVII), taboada das matérias (sem paginação), embora no texto tenha repetidamente *lampo*. Morais, *Dicc.*, traz também *lámpão*. Hoje vulgarmente diz-se *lampo (figo lampo)*.

morángão, na ilha da Madeira, por *morango*.

Pedrógão, a-par com a forma popular *Pedrógo*, às vezes estereotipado oficialmente como nome de lugar: nos concelhos de Barcelos e de Gondomar; e como nome de um casal, isto é, «Casal *do Pedrogo*» (Mangualde). Suponho que aqui pertence *Pedrogue*, isto é, «campo *do Pedrogue*», ao pé de Belas (Sintra). Parece que *Pedrogo* será a forma primitiva, pois *Pedrógano*, no século XIII, nas *Leges*, pág. 528 (ap. Cortesão, *Onomastico medieval*), o dá a entender; cf. *Pedrogal*, nome de uma courela no concelho e frèguesia de Mértola; *Pedrogos*, no concelho de Vila-Verde; *Pedrogueira*, nos concelhos de Pombal e Sertã. Um olhar à geografia toponímica mostra-nos que ou *Pedrógão* e *Pedrogo*, ou as outras formas, já indicadas, da mesma família, existem, pelo menos, nas províncias de Entre-Douro-e-Minho, Beira, Estremadura (Cis- e Transtagana) e Alentejo, conformemente ao *Diccionario postal* de Silva Lopes; falta representação em Trás-os-Montes e no Algarve, do que não deve tirar-se dedução nenhuma, pois de um momento para o outro pode aparecer notícia de uma forma nessas províncias: antes se dirá que a família de *Pedrógão* está muito espalhada. Uma das formas vem acompanhada de artigo no referido *Diccionario*: quinta *do Pedrógão*

em V. F. de Xira, em Táboa, em Oliveira do Hospital; herdade *do Pedrógão* em Montemór-o-Novo, em Alcácer; casal *do Pedrógão* em Ponte-de-Sôr; e há pouco se lembrou *o Pedrogo*, nome de um penedo, e um *casal do Pedrogo*. Pela minha parte averiguei que igualmente se diz *o Pedrógão* em Penamacôr; e o D.or Abílio Roseira mostra-me no *Diário de Notícias* de 21-3-1935 uma local em que se lê *praia do Pedrógão*. O escritor Miguel Leitão de Andrada, que era natural do Pedrógão Grande, assim naturalmente escrevia: logo no título da sua *Miscellanea*, 1629: *Do sitio de Nossa Senhora da Luz*, **do Pedrogão Grande**; e dentro, pág. 1: **villa do Pedrogão Grande** (1). Isto leva a crêr que *Pedrogo* seria na origem nome comum, e de significação hoje perdida, mas que durou até tarde, senão o artigo não se conservaria; o artigo conserva-se quando junto a um nome muito conhecido e usado na língua comum, por exemplo, *o Pôrto*, e nem sempre, por exemplo, *Fronteira* (vila), não *a Fronteira*. Num documento do século xv, no AHP, II, 197, lê-se: Fernando Afonso *dos Pedrogãaos*, onde o nome geográfico indica naturalidade, ou apelido; nem neste caso, nem em *Pedrógãos* (Guarda), o artigo ou o plural indicam grande coisa, visto que podem referir-se a nomes geográficos homónimos, e não a nomes comuns: também se diz *os dois Mondins*, relativamente a *Mondim* de Cima e *Mondim* de Baixo, que não são na origem nomes comuns, e são sòmente nomes geográficos homónimos. Qual o étimo de *Pedrogo*? O que logo se nos antolha, é *pedra*, para o que concorre o uso do artigo, e o dar-se a um penedo o nome de *o Pedrogo*. Contudo, como se explica a morfologia? que relação há entre *Pedrogo* e *pedra*? Fugindo eu sempre de me aventurar a hipóteses arriscadas não posso deixar de pensar no sufixo ibérico -oc-, que, ao que parece, desempenhou função na nossa idade-média, empregado como desinência patronímica (2), o que não é o nosso caso, mas que anteriormente deve ter tido carácter adjectival (3). Chegamos assim a *petrŏcus, étimo que, não obstante o que fica dito, apresento, tìmidamente aos leitores.

---

(1) Sirvo-me da edição de 1867, onde alguma vez se lê também *de Pedrogão Grande*, por exemplo, a pág. 30, etc.: certamente êrro tipográfico.

(2) Vid. *Antroponimia port.*, págs. 110-111 e 123-124.

(3) *Ob. cit.*, pág. 124.

pintão, a-par-de *pinto*. Da primeira forma ou de **pintano* derivou *pintainho*, que tem muito uso.

sótão, a-par-de *sóto*. Estas palavras designam numas regiões um compartimento de casa no rés-do-chão, noutras um compartimento em andar superior. Da última acepção vem o dizer-se familiarmente que uma pessoa desatinada *tem macaquinhos no sótão*. Cf. *sótano* em hespanhol, de subtus + + -ănus (1). Houve quem relacionasse *sótão* como *açolea* ou *açoteia*, mas David Lopes regeita essa relação (2). O étimo do português parece-me ser simplesmente o advérbio subtus, que se substantivou.

*

Manifestamente estas formações são analógicas (ao invés) com certos nomes em *-ão* átono, que por evolução fonética se mudaram em *-o* (*-ão* > **õo* > *-õ* > *-o* >), tais como: *órgão* (de organum) > *orgo*; *Estêvão* (de Stephănus) > *Estevo*; *orégão* (de orĭganum > *orego* (3). Isso se prova com palavras de etimologia clara, como: *morango*, do lat. morum com o sufixo *-ango* (4), *pinto*, do lat. pictus -*pinctus. Como temos correspondentemente em hespanhol o sufixo *-ano* átono em *sótano* (vid. supra), é mais simples dizer que as formas portuguesas em *-ão* ascendem a formas medievais ou latino-vulgares em -anus, embora só possuamos documentos de *fránganus* e *Pedrógano*, ambos, como vimos, do século XIII.

---

(1) Menéndez Pidal, «Sufijos átonos en español» em *Festgabe für Mussafia*, Halle, 1905, pág. 392.

(2) *Os Arabes nas obras de Herculano*, Lisboa, 1911, págs. 220-221.

(3) Vid. outros exemplos em: David Lopes, *Toponimia arabe de Portugal*, págs. 35 36; D. Carolina Michaëlis in *Bulletin hispan.*, VII, 194, nota 2 (= *Pucaros de Portugal*, Coimbra, 1921, págs. 85 (-86), nota 229). Os meus exemplos colhi-os independentemente d'estes autores. Citou exemplos paralelos em hespanhol Menéndez Pidal, *loco laudato*.

(4) De tal sufixo se ocuparam: D. Carolina Michaëlis na *Miscellanea in mem. de Caix e Canello*, págs. 139-140; Hanssen, *Gram. hist. cast.*, § 367; Spitzer, *Epizöne*, pág. 114 e nota. E cf. os meus *Opusculos*, I, 435. É provàvelmente de origem germânica.

57. Fósseis da linguagem (vocábulos e frases).

Reünem-se sob esta rubríca certos vocábulos e frases que, tendo correspondido a instituïções e concepções, que no decurso das idades se extinguiram, continuam a empregar-se com outra significação, que as torna ao primeiro aspecto incompreensíveis, por destoarem dos hábitos da civilização moderna:

alcavala. Significa abuso ou supôsto abuso na percepção de impostos e de emolumentos judiciais e outros. Na origem a alcavala consistia realmente num impôsto de «uns tantos dinheiros, sôbre a carne que se vendia no mercado ou açougue, e andava por isso unida à açougagem»: vid. Herculano, *Hist. de Portugal*, IV, 426, onde cita o foral da Ericeira e os *Costumes de Beja*. Vêm textos posteriores no *Dicc. da Academia*, s. v., e em Morais. O impôsto exigia-se de-certo com tantas extorsões, que daí nasceram as significações presentes.

atazanar, importunar, apoquentar repetidamente, acirrar. De *atanazar* (por metatese) e êste de *atenazar*, que significava outrora «apertar a carne a alguém com *tenazes* em braza: espécie de castigo que se dá aos delinqüentes de certos crimes». *(Dicc. da Academia)*.

O povo, em vez de *tenaz*, diz *tanaz* (e no Minho *tanázia*), com mudança de *e* em *a* por influência do *n*. E *tenaz* veio-nos do hesp. *tenaza*, o que explica a manutenção do *-n-* (lat. tenax).

dependura (à). *Estar à dependura*, por «viver vida miserável, estar às portas da morte». *(Dicion. Contempor.)*. A origem está contida indirectamente no que diz Bluteau: «*esteve à dependura:* pouco faltou que o não enforcassem». Isto é: chegou a estar dependurado da fôrca.

freio (pôr freio a alguém: refrear). Vid. os meus *Opusculos*, I, 473-474.

inquisição (dar-se à). A uma mulher de Nisa, que vive em Gáfete há muitos anos, ouvi: *dar-se à inquisição* por «dar alguém a conhecer um crime que cometeu». Evidentemente do tempo em que os fanáticos iam à mesa do Tribunal da Inquisição acusar delinqüentes.

melar. É mui usual a expressão *me melem!* como que para formular uma jura. Diz Morais: «untar com mel, v. g.: melárão-lhe o corpo e exposerão-no às môscas». Na *Jornada para as Caldas* (anónima), Lisboa, 1817, pág. 62, diz o Companheiro do Môço para êste: «A mim, se te entendi palavra, *me melem!*»

nuvens (cair das). Indica surpresa. Esta expressão funda-se numa crença antiga (que deixou nas nossas superstições ainda um éco), de que efectivamente, em ocasião de tempestade, caía das nuvens certa entidade mítica. Vid. Consiglieri Pedroso, *Tradiç. pop. portug.*, XV (1883). «O secular das nuvens»; a Pedroso escapou porém relacionar essa crença com a expressão de que aqui trato.

perneta (passar uma). Vid. *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed., págs. 391-396.

*

O Direito penal explica muitas outras expressões, além das mencionadas. Por agora não trato de mais nenhuma das que conheço, reservando-me principalmente para a EP, liv. III, como já disse nestas *Ementas*, § 48, ao falar de *língua de palmo* (pág. 291).

58. *Ly* + vogal.

Em *Santulhão* de Sanct'Iulianus é antiga a transformação; em *S. Jião* é moderna: L foi tratado como se estivesse antes de simples vogal, e não antes de semi-vogal. Analogamente: *Oalha* ou *Valha*, de Eulalia, e em época posterior *Olaia*.

59. Ditongo AI tónico.

Permanece antes de vogal: *Maio* e *maia*, *raiva*, *saia* (veste), *paia*, *praia*. Também:

saio (verbo), de salio, porque o -L- sincopou-se em salire > *sair*, e isto provocou a síncope do de salio (não deu pois *-alho*);

caio, de *cádeo, porque o -D- sincopou-se em cadére (por *cadĕre*), e isto provocou paralelamento a síncope do -D- do tempo presente.

60. *Locaia.*

De Leucadia, mas de época posterior àquêle em que Dy > j, como em *hoje*, *seja*, etc. Cf. *Antroponímia*, pág. 525.

61. *pelingrino.*

Forma pop. de *peregrino*, talvez antes sob acção da nasal de *-ino (-īno)*, do que por influência de *pelintra*, como se tem explicado *(peregrino > * pelegrino)* (cf. ital.) > **peligrino*.

62. Pseudo-correcção fonética.

Ouve-se muitas vezes *aguardecer* por *agradecer*; como *guardar* se pronuncia *gardar*, em *agradecer* fêz-se o inverso.

63. Africata *dj*.

Quando se pronunciam ràpidamente frases como *vinde já, há-de jantar, hei-de jurar, onde jogas?, Conde Júlio*, o e sincopa-se: *vind'já, Cond'Júlio*, etc., e daí resulta uma africata, correspondente, como sonora, a *ch* = *tx*. Para se notar a diferença de *dj* e *j* basta atentar na pronúncia de uma frase, como *vinde já já* = *vind'já já*. Êste som parece-me que ainda não foi notado na pronúncia do Continente português. Eu próprio, na *Esquisse d'une Dialectologie*, § 38, ao classificar as consoantes portuguesas, acrescentei que essa africata, ou consoante antero-palatal explosiva sonora, existia sòmente além-Mar, isto é, em falares crioulos. Quanto ao *dj* do português de Xalma, vid. RL, XXXII, 170, e ao de Almedilha, vid. *Opusculos*, IV, 614.

64. *Coma*, palavra arcaica.

Usa-se ainda no falar comum, em muitas expressões, sem normalmente se reparar nisso. Por exemplo: *verde comàs hervas* = *coma as* «como as»; *velho comà sé* = *coma a* «como a»; *corre comò vento* = *coma o* «como o»; *fiel comão cão* = *coma um* «como um»; *gôrdo comão nabo* = *coma um* «como um». E igualmente: *tão bom é o pai comò filho; tão bom é um comò outro*. São aos centos expressões d'estas. Em todos os exemplos *coma* está seguido do artigo, e foi a fusão dos sons que manteve inconscientemente a conjunção arcaica. Todavia também na língua familiar se diz *coma mim, coma ti, coma si, coma êle*, por serem frases estereotipadas. Cf. D. Carolina Michaëlis, que no *Glossario do Cancioneiro da Ajuda*, s. v. «coma», diz que *coma* só aparece uma vez no Cancioneiro, em *coma a mi*, isto é, *coma mi*, «no sentido de *como eu*, com substituïção do caso recto pelo oblíquo» e remete para *G. Vicente*, III, 391: *como ti* (¹). Segundo esta explicação, é evidente que a citada expressão popular *coma êle* é analógica. Outro

---

(¹) Vid. «*coma* Brancafrol e Flores» em J. J. Nunes, *Cantigas d'amigo*, n.º CXC, 10. Em galego «*coma* si ll'o dixera seu pai»: Saco Arce, *Gramat.*, pág. 212.

exemplo do arcaïsmo *coma* o temos na frase, também estereotipada, *assim comàssim* (= coma assim), no sentido de «visto isso», etc., com o *coma* seguido de vogal, como supra.

65. -N- no romanço moçarábico (1).

Representado em *ianesta* «giesta», *conelio* «coelho». Vid. David Lopes, *Os Arabes em Herculano*, pág. 214.

66. Aliteração.

A aliteração tem muita importância na linguagem falada, e disso dei exemplos nas *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pág. 307, sgs., etc. Também contudo ela se emprega às vezes por desfastio na poesia popular, como nesta canção das Galveias (Alentejo):

O rato róe a serralha,
O raio do rato roía...
A Rita Rosa Ramalha
Do raio do rato se ria...

onde *raio* se pronunciará procliticamente *rai'*, como numa praga muito vulgar: *rai's te partam!* Êste desfastio tem modelos antigos na literatura culta, por exemplo, nas conhecidas trovas de Alvaro de Brito Pestana, que começam

Forte, fiel, façanhudo,
Fazendo feitos famosos...

e se lêem no *Cancioneiro de Rèsende*, I, 211-213.

67. Satiras à linguagem popular.

Costuma o povo em várias regiões arremedar satìricamente a linguagem de Chaves, dizendo que os de lá pronunciam: *à entrada de Chaves achei uma chave chapada no chão*, com *ch* = *tx* (africata surda): satira que não tem grande razão de ser, ou nenhuma, pois que tal pronúncia existe muito espalhada nas duas províncias do Norte e na Beira. Do mesmo modo os de Aregos, povoação que jaz na ribeira do Douro, arremedam os da Serra, pronunciando com a mesma consoante as palavras sublinhadas nesta frase: «leba a *capucho* que 'stá a *chuber* (chover)», frase a que se aplica o comen-

---

(1) Romanço moçarábico: vid. *Opusculos*, IV, 799.

tário que fiz ao *ch* de Chaves. Ao mesmo tempo está aqui *b* por *v*, também geral nas referidas províncias. Por Serra entenda-se: povoações serranas do concelho de Rèsende (a que pertence Aregos), e por *capucha* um trajo vulgar de montanheses [1].

68. Artigo *no* por «o» depois de nasal.

Num documento de 1397, na *Nova Malta*, II, 155, lê-se: «nõ entrasse hy o porteyro nem *no* meyrinho» («nem o»). Isto hoje é só da pronúncia familiar, não se escreve.

69. Sujeito no plural, e verbo no singular.

Num documento oficial de 1530, no AHP, VII, 251, 252, etc., lê-se: «e *he* d'elle á dita villa tres leguas», «*he* da dita villa á cabeça do dito couto sete legoas»: por *são* (não por *há*). Na língua familiar é usual dizer-se, por exemplo: «as uvas *é* muito bom alimento», «os punhos *é* uma cousa que dura muito», expressões que ouvi em flagrante. Ditado popular: *migalhas* também *é pão* (RL, XXVIII, 189). Também se diz: «doenças não *é bom*», «pêras *é bom*»: no primeiro caso por «*não é bom tê-las*», no segundo por «*é bom comê-las*», onde o predicado corresponde a verbo impessoal.

70. Antítese.

Nos *Lusiadas*, IV, 43:

.. o temor lhe dá *não pés, mas asas* à fugida.

Há maior realce do que se fôsse *asas, não pés*, onde o realce recaíria em *pés*. O Poeta quer indicar extrema pressa.

71. Plural por singular.

«Foi isto *pelos anos* de 1820». O plural indica vaguidade: em 1820, ou em ano próximo.

72. O adv. *tão*.

Êste advérbio emprega-se sòmente em próclise, como mutilação de *tanto*, por exemplo: *é tão feliz!* Se se quiser repetir

[1] Vid. *Memorias de Mondim da Beira*, pág. 468.

a intensidade, dir-se-há *tanto*, isto é: *é tão feliz, tanto, tanto!* (ou mais vezes).

73. Resposta a certos verbos.

Costuma dizer-se que pelo caso da pergunta se dá a resposta. Assim respectivamente com certos verbos:

—*Vais lá?* Resposta: *vou.*

—*Tu foste lá?* Resposta: *fui.*

—*Não vais lá?* Resposta: *não vou.*

—*Não foste lá?* Resposta: *não fui.*

Quanto à resposta nos dois primeiros exemplos cf. o latim: Madvig, § 454.

Com outros verbos, porém:

—*Levaste para tua casa o pão que te deixei?*

Se a pessoa a quem se faz a pergunta responder de casa, tem de dizer:

—*Trouxe.*

74. Negação reforçada.

Numa carta do Infante D. Luís, de 1535: *em nenhũa maneyra* do mundo. Vid. *Letters of the court of John III*, edição de Ford & Moffat, Cambridge, Mass., 1933, pág. 15.

75. Sujeito gramatical de oração impessoal.

Uma cantiga de Moncôrvo, colhida pelo Ab.[e] Tavares, diz:

O jasmineiro é verde,
Que dá suas flores brancas:
Êle não pode ser leal
Quem dá falinhas a tantas!

Êle é sujeito mèramente gramatical e pleonástico, para introduzir a oração de *quem*. Bastaria dizer-se: *não pode ser leal quem dá*, etc.

Outros casos:

—*Chove muito?* Resposta: *Êle não.*

—*Vieram todos?* Resposta: *Êle não.*

Aqui o *não* figura para o espírito como verbo (predicado) impessoal, e *êle* é o respectivo sujeito gramatical.

76. Oração impessoal.

Chama-se por um indivíduo, e êle pode responder impessoalmente em 3.ª pessoa: *já vai!* em vez de *já vou.*

77. Elípse.

Que lembrança! = que lembrança foi essa! ou: que lembrança tiveste!

Que lembrança, vires cá!

Cf. Madvig, § 479, *d*; e Epiphanio, *Syntaxe hist.*, § 472.

78. Artigo partitivo.

Outros exemplos para se juntarem ao n.º 10: «lança-lhe *d'agua morna*»; «poem-lhe aly *do mel* en aquellas chagas». Pero Menino, *Falcoaria*, edição de Lapa, págs. 6 e 13. Texto do século XIV, cópia do XV.

79. Concordância de adjectivo.

Nas *Epanaphoras*, edição de 1676, pág. 180: «.. entre os Reys, *Catholico* e *Christianissimo*..». Poderia também esperar-se: *o Catholico* e *o Christianissimo*.

80. Locução adverbial de tempo.

Diz o povo algures: *à senoite, à senoitinha*. De *so-noite*, (*sob*, lat. sub), por «ao anoitecer», «ao cair da noite», *à noitinha*, isto é, «quando começa a noite», «quando ainda é pouco de noite». Diz-se a-par: *de manhãzinha*, «quando rompe a manhã»; *à tardinha*, «quando vai a findar, a deminuir a tarde».

Em todos estes exemplos o sufixo *-inha* tem a sua função própria, indicar pequenez, o que aqui acontece com certa ternura.

81. *cada e quando que*.

Num documento de 1498, publicado pelo P.e F. M. Alves na monografia intitulada *Moncôrvo*, pág. 45-A, lê-se: «e hos moradores da dicta villa vãao *cada e quando que* cumpre aa dicta barca dar adubos», isto é, sempre que é preciso. Por: *cada que e quando que*, locução adverbial pleonástica. De *cada que*, no sentido de «tôdas as vezes que», há muitos exemplos: do século XIII, «*cada que* podesse» em Figanière, *Memor. das rainhas*, pág. 168, e vid. pág. 276; no *Elucidario*, documento de 1351. Vid. também Nunes, *Crestomatia arcaica*, 2.a ed., glossário. Em galego, na *Cronica troiana*, vocabulário. Quanto ao outro elemento da locução, só posso lembrar o ital. *quando che* «per lo semplice *quando*», no *Dictionn. ital., latin et françois* de A. Antonini (1755).

82. *ca* «que» em oração integrante de discurso directo. *Linhagens*, pág. 180 (lenda de Gaia):
—Rey Ramiro, quem te aduse aqui?
E el lhe respondeu:
—Ca o teu amor.
É isto igualmente do português de Xalma, como reflexo da sintaxe familiar do hespanhol: RL, XXXII, 209 (§ 196). Também em grego ὅτι «que» no discurso directo: Curtius, *Gramat. grega*, § 526, nota.

83. Dativo ético.
Outros exemplos d'este conhecido fenomeno: *quitou-xe-me delles, quito-me-lhes*, num documento de 1285, apud P.^e^ F. M. Alves, *Memorias de Bragança*, III, 56. Cf. os meus *Textos Arcaicos*, 3.ª ed., pág. 197.

84. *deixa-me*.
Em exemplos como: *deixa-me lá ir agora! deixa-me agora ver se o vejo! deixa-me ver se durmo!* com o verbo no imperativo, referido a uma pessoa suposta: «vou-me», «vou», «ora vou-me»: vou-me embora, vou ver se o vejo, vou ver se durmo. O que tudo se exprime como transição de um estado, em que se estava, para outro.

85. Colocação de adjectivo.
Quando um adjectivo determina um substantivo já determinado por outro, a regra é colocá-lo depois, ao contrário do germânico: *Sociedade filantrópica portuguesa*. O adjectivo não está pròpriamente coordenado com *filantrópica*, mas com *Sociedade filantrópica*.

86. Expressões adverbiais.
Aos exemplos mencionados no n.º 31 juntem-se: *às vezes*, que tem como forma anterior *a vezes*, ainda nos *Desmayos de Mayo* (1635): «..a branda viração, *a vezes* encrespando os liquidos cristais», fls. 29 v. Paralelos a esta forma antiquada são ainda na língua moderna: *a expensas*, e «*a voltas* com êle», a-par-de *às voltas*.

87. *arre!* (sua construção).
A interjeição *arre* construe-se com a preposição *com*: *arre com êle! arre com o bruto!* Frase atribuída a certo político:

arre com tanta democracia! A interjeição quer dizer com certo enfado: «para longe com!». Cf. Fr. D. Vieira, *Thesouro da ling. portug.*, I, s. v. O sentimento de enfado provém do uso que se faz da interjeição para fazer andar os burros, por natureza ronceiros, *arre, burro!*, expressão que até se estereotipou.

88. Semana (dias da).

Com expressões como: *vou lá no Sabado*, ou sòmente *vou lá Sabado; fui lá na Quinta feira*, ou sòmente *fui lá Quinta feira*, quer-se significar que os dias de que se trata pertencem à semana em que se está.

89. Sufixo *-inho*.

Vid. estas *Ementas*, n.º 23, *e*. Já nos *Estudos da ling. portug.*, II, 3-4, Júlio Moreira havia dito que os deminutivos são às vezes empregados como superlativos. Spitzer in *Literaturblatt f. g. u. rom. Philol.*, 1914, 65-67 (=*Syntax u. Stilistik*, 1918, pág. 107, n. 1), juntou observações a respeito do emprêgo do sufixo *-inho*.

Em meu entender *está sentadinho numa cadeira*, e de modo análogo *está deitadinho na sua cama*, querem dizer: *está cómoda e descansadamente sentado* ou *deitado*. E ainda isto se pode reforçar com *muito*: *muito sentadinho*, etc.

90. A interjeição «*ai!*».

Uma pessoa perdeu, por exemplo, um anel; procura-o, e diz um pouco desconsolada para outra pessoa que está ao pé: *Não encontro o anel*. Depois acha-o de repente, e acrescenta com emoção: *Ai! está aqui!* A interjeição significa *ora vejam!* (espanto), isto é: *pensei que não achava o anel*, e *afinal achei-o*. É vulgar começarmos frases por *ai*: vid. algum exemplo no *Dicc. da Academia*, s. v. «ai». Isto acontece naturalmente também com freqüência na poesia popular:

Ai! quem me dera morrer,
Depois de morta, ter vida,
P'ra saber quem te logrem,
Prenda d'alma que és tão q'rida! (1)

(1) Var.: Prenda d'almas tão querida.

Ai! quem me dera morrer,
Ou morrer, ou acabar!
Ou acabar de ser tua,
Ou Deus-do-Ceu me levar!

Ai! que belo tãique d'agua,
Quem me dera aqui sabão
Para tirar uma nodoa
Qu'eu trago no coração!

Povo sentimental, como é o Português, não admira que esteja sempre aos ais, do que até se fêz o substantivo *ai ai* «lamento» e o verbo *aiar*, «dar ais», arquivados no *Diccionario Contemporaneo* e no *Novo Diccionario*.

Também poderia explicar-se *ai* como lamento, junto imediatamente à primeira frase *(não encontro o anel)*, e depois, com a seqüência rápida da segunda, fundir-se com esta (cf. *não mas sim!* = *não? mas sim!*, que já expliquei algures); mas talvez a anterior explicação seja preferível, pela razão dada, e porque pode dizer-se *ah!* por *ai*.

91. Alguns valores do advérbio *lá*.

Spitzer, *Syntax und Stilistik*, refere-se às vezes ao adv. *lá*, por exemplo, a págs. 35, 65, 104, tomando por base textos de AA. portugueses, e fazendo também às vezes referência ao *Dicc. portug.-alemão* de D. Henriqueta Michaëlis. Sem que eu possa estar a averiguar de modo preciso o que por ventura já foi dito por outros, vou aqui indicar, sem ordem, à mercê de apontamentos que costumo tomar, quando as expressões me ocorrem, ou as ouço, ou as encontro por escrito, várias expressões familiares em que entra aquêle advérbio.

a) — *Trazes a licença?* Resposta: *Trago, trago. Vinha-te* **lá** *sem ela!* O mesmo que: cuidas *por ventura* que eu, etc.?

Êle vai-te **lá!** *êle é* **lá** *de cerimónias!* Onde *lá* significa também «por ventura».

—*Êle falou-te de mim?* Resposta: **Lá** *me* falava êle de ti! = cuidas por ventura que êle me falava de ti! De modo nenhum falaria.

b) *Lá* por que tu me quer's mal.
Não me verás descontente...

Manuel de Moura, *Alecrim do Norte*, Pôrto, 1928. pág. 34. = nem por tu me quereres mal, etc. = por tu me queres mal, não é que, etc.

c) *F. é homem honrado.* Responde o interlocutor: **Lá** *isso* é! Onde *lá isso* quer dizer: «não há dúvida que», «com certeza». Na origem: «nesse ponto que..». Um exemplo de Camilo, *Anathema*, 7.ª ed., pág. 103:

—Não tens pena de me ver aqui?

—*Lá* ter, tenho...

d) *Vejam* **lá** *o que aqui vai* = ora vejam.

Na linguagem do Alentejo Alto, por exemplo, na de Gáfete e Tolosa, é corrente ouvir-se, como admiração: *olha lá!* no sentido de «ora essa!», e até se ouve pleonàsticamente, a seguir, *olha lá! ora essa!*

e) —*Tens capa?* Resposta: *Tenho* **lá** *uma, que comprei há pouco.*

O mesmo que *lá em casa*, ou *em casa.*

f) —*Batem à porta!* Responde o interlocutor: *É* **por lá** *Fulano, que eu espero.*

A expressão *por lá* quer dizer: «talvez», «provavelmente».

g) *Vamos* **lá** por «vamos embora, que é tempo». *Lá* é conclusivo: «vamos pois».

i) **Anda lá,** *que hás-de fazê-las frescas.* Isto é: continua a fazer isso, e verás o que te acontece.

j) *Êles* **lá** *sabem!* Isto é: isso é com êles.

k) —*Lembras-te?* Resposta: *Eu lembro-me* **lá!** Isto é: não me lembro! e nem é de admirar que não me lembre.

l) —*Isso soube-te bem?* Resposta: *Não me soube* **lá** *muito bem!* Isto é: nem por isso me soube bem = a-pesar-de tudo, não me soube tão bem como parecia.

m) *Olhe* **lá** *não caia* = veja bem; vá com cautela.

n) *Já* **lá vai!** = morreu. **Lá vai** tudo! = acabou tudo. De modo grosseiro: **lá vai** *o burro com as canastras*, por «lá se vai o negócio», ou no pretérito.

o) *Vou ao Norte* **lá** *para o Verão.* Isto é: para o Verão, que ainda fica distante. *Vou* **lá** *para as bandas do Guadiana.* Isto é: que fica a distância (de modo muito vago, mais vago do que se se dissesse apenas *para as bandas*). *Estava* **lá** *para os quintos*, ou para os *quintos do Inferno*, por exemplo, em Lisboa; para *os quintos de Madrid*, diz-se na Beira. O S.ºr Epiphanio, *Synt. hist.*, § 162, explica apenas como reforça *lá* na expressão *está lá para a quinta*, o que não me parece bastante (salvo o devido respeito ao Mestre).

p) *Toma* **lá.** Isto é: toma para ti, ou para a tua mão,

e aceita. Numa distribuïção: *toma* **lá** *tu* (=o que te pertence). Há muitas cantigas populares que começam assim, por exemplo:

Toma lá, que te dou eu, Do meu coração falinhas... Toma lá esta laranja, E tira-lhe o que tem dentro...	Toma lá, que te dou eu, O que dá tua ventura... Toma lá esta lembrança, Se a quer's aceitar, aceita...
Toma lá, que te dou eu, Um lencinho quási novo...	Toma lá meu coração, No meio dá-lhe um nózinho...

Vid.: Pires de Lima, *Cancion. pop. de V. Real*, pág. 229; Afonso do Paço, *Canções pop. de Viana*, pág. 261.

Da expressão *toma lá* é natural resposta *dá cá*.

*

Muitas d'estas expressões assentam imediatamente na significação local do advérbio, ou também na significação temporal (cf. em latim: *hic* «aqui» e «agora»; em português: *d'ali a nada...*); outras são derivadas, e só por miuda análise e comparação com outras línguas se poderão interpretar convenientemente.

A colocação do advérbio é variável, ora antes, ora depois do verbo: *vinha-te lá sem a licença!* ou *lá te vinha eu sem a licença!* Todavia nem sempre é arbitrária.

92. J representado por *ch* em textos latino-medievais.

Num documento lat. de 1117, do cartório de S. Bento da Avemaria, do Pôrto, em J. Pedro Ribeiro, *Dissert. Chrus.*, I, 244, lê-se *Jarneca*, por *Charneca*.

Noutro de 1262, em Viterbo, *Elucidario*, II, 169, lê-se *narăcharia*, por *laranjeira*. Cf. a minha *Etnografia Portuguesa*, II (no prelo), 97, nota 5.

Estará em *ch* representado não pròpriamente *j*, mas *dj*, isto é, a africata sonora? É sabido que êste som, que existe ainda em italiano, existia em hespanhol, provençal, e francês antigos.

93. *e* átono ao pé de N.

Temos dois casos: ou o *e* está antes, ou está depois. Em

qualquer dêles tem tendência para se mudar em *a*, na pronúncia popular:

1) *e* + N:

alfinete > *alfenete* (pronúncia vulgar) > *alfanete;*

economizar > *inquenomizar* > *incanomizar* (concelho de Barcelos);

Lionor > **Lienor* > *Lianor* (vid. *Antroponimia*, pág. 525);

penedo > *penedro* > *panedro* (vid. RL, IV, 69);

sinapismo > *senapismo* > *sanapismo* (concelho de Barcelos);

tenaz > *tanaz* (cf. *atanazar:* e vid. *Ementas*, n.º 57).

2) N + e:

negalho > *nagalho*, que também é forma culta. *S. Benedito* > *S. Benadito* (concelho de Barcelos).

Exceptuando *negalho* e *penedo*, palavras antigas, que ascendem ao latim vulgar, e *alfinete*, de origem arábica, tôdas as restantes palavras de que se trata foram importadas em época relativamente moderna, ou das línguas clássicas, ou de outras línguas românicas.

94. Satira à linguagem popular.

Junte-se ao § 67.

Na bôca da gente do Minho (como na dos Galegos) estão correntemente deminutivos em *-inho*, por exemplo: «o nosso *binhinho* (vinhinho)», «dê-m' uma *esmòlinha*», «ó *tiazinha!*», «êste ano temos muito *pãozinho*, graças a Deus». Na Beira isso é também vulgar. Ora no Alentejo, para onde costumam ir trabalhar anualmente no campo homens do Minho, e da Beira (vulgò *Ratinhos*), e onde aquêle sufixo tem pouco uso, o povo arremeda a linguagem dêles, dizendo: *o leitinho, os òvinhos* ou *òvozinhos*, e pergunta-lhes:

—Tu és da terra das *santas couvinhas?* porque os Beirões e Minhotos fazem muito gasto de couves na alimentação *(caldo verde)*.

Observei esta satira no Alentejo-Alto.

O Alentejano (falando em geral) é menos afectuoso, e mais altivo que o habitante da Beira e o do Norte; por isso estranha expressões que tanto saem *ab imo pectore*.

Satiras d'esta espécie aparecem porém em tôda a parte. Cf.: *Estudos de Philologia mirandesa*, I, 13-15; *Opusculos*, II, 461.

95. Palavras e frases da moda.

A moda domina tudo, não só o vestuário, a alimentação, as artes... também a linguagem, como expressão oral e contínua da alma do homem.

Há uns tempos para cá, tôda ou quási tôda a gente diz:

não há direito... = não deve fazer-se;

não está certo... = não é bem, não é justo; ou *está certo*... = sim senhor;

não tenha dúvidas nenhumas... ou apenas: *não tenha dúvidas*..., em qualquer dos casos como asseveração muito enfática, e às vezes repetidamente;

não faz sentido... = de modo nenhum é assim.

Já tinhamos *acêrca de* (clássica) ou *à cêrca de* (como se diz agora); contudo usa-se muito: *à volta de, à roda de.*

Na bôca das senhoras ouve-se a cada passo: *um pavor!* (com movimentos do rosto e abertura dos olhos, e até com elevação das mãos), por «é horrível».

Um comandante fala muito da *sua unidade*, na acepção de «regimento», ou de «corpo de tropas».

Lê-se a cada passo em notícias jornalísticas: *F. teve recepção muito carinhosa; visar alguém* por «ter em mente», «indicar de modo encoberto»; *fôrças vivas da localidade.* Também é muito moderno: *indesejável*, em sentido político (vid. *Dicionar. contempor.*, 1925, s. v.);

mundial, por exemplo: *guerra mundial, comércio mundial.* E até há em Lisboa uma Companhia de Seguros chamada *A Mundial.* No tômo II, da 1.ª ed. do *Novo Diccionario*, 1899, a palavra vem ainda dada como novidade. Melhor seria dizer *universal* (já que *mundanal*, palavra antiga, tem outra significação); mas ao adjectivo *mundial* pode dar-se étimo latino: *mundialis*, no latim eclesiástico.

Tudo isto são expressões que não ofendem a vernaculidade da língua. O pior é quando irrompem por ela galicismos:

Fulano marca: sobressai, é muito notável;

destaque em «pessoa *de destaque*», por *de vulto; que sobressai.* Numa carta de Antero de Quental, dirigida a Wilhelm Storck, em 1887, e publicada no *Correio dos Açôres* de 18-4-1935, refere-se o grande poeta a Castilho, e diz: «Desejei do coração ser imparcial e justo com a memoria d'um homem que ocupou, durante 40 anos, um lugar eminente na literatura portuguesa». Qualquer folhetinista d'hoje escreveria aqui: *lugar de destaque!*

gesto em vez de *rasgo, acto*. «Fulano teve um *gesto* nobre». Palavra tirada inùtilmente do francês, onde de mais a mais no sentido de «acção», é feminina. Contudo ela já não é de todo moderna. Numa célebre carta do Bispo de Viseu, Alves Martins, escrita em 1863 a Latino Coelho, deputado da nação, e publicada no *Diário de Notícias* de 22-4-1935, pág. 5, lê-se: «Meu caro Latino Coelho: Congratulo-me pelas ovações que tens ganhado na provincia pelo teu rasgado *gesto* de teres abandonado uma cadeira no meio dos representantes d'uma situação a mais corrupta dos nossos tempos». E, como se vê, não é êste o único galicismo da carta!

É abrir ao acaso um jornal: o juiz adoptou *medidas*, por «providências»; taxas *a pagar*, mercadorias *a importar*, por «que têm de se pagar, importar», *vel simile;* entusiasmo *pelas festas*, por «com as festas». Razão há para ter presentes no espírito, a cada instante, os solertes conselhos de Filinto na Epístola ao seu amigo Brito, ou Arte Poetica:

Lêde (que é tempo!) os Clássicos honrados,
Herdai seus bens, herdai essas conquistas,
Que em reinos dos Romanos, e dos Gregos
Com indefesso estudo conseguírão (1).

E não nos contentamos só da França: que lindo *cittadino* nos veio de Itália (não porém pronunciado à italiana), como se não tivessemos *urbano!* «O trabalho *resultou inútil*» diz-se para aí à hespanhola: expressão já verberada pelo Mestre na *Syntaxe historica*, § 2.°, *b*, 2. Recentes exposições trouxeram-nos o inglês *stand*, que podiamos substituir por *estancia*, como em «*estancia* de madeiras», ou por *estança*.

Uma língua não está nunca estacionária, nem pode estar. Há por vezes necessidade de importar palavras que correspondam a ideias novas. Isto porém deve fazer-se com moderação. A nossa língua dispõe de muitos recursos. Umas vezes servir-nos hemos de uma perifrase, como *da cidade*, em certos casos, por *cittadino*, que em nada se adapta à etimologia portuguesa. Outras vezes restauraremos um arcaïsmo, ou escolheremos um provincianismo, que os possuímos belíssimos. Só

---

(1) *Obras Completas*, I (1817), 75.

em casos desesperados daremos guarida a palavras estrangeiras. Mas existem, de facto, modos de dizer, d'esta espécie, tão enraizados, que já não se extirpam!

Intitula-se êste parágrafo ou número «Palavras e frases da moda», e o correr do assunto levou-nos a tocar em estrangeirismos. Já no século XVIII o autor do *Anatomico Jocoso*, tômo I (1755), pág. 5, põe um *faceira* a falar com um fidalgo em política militar da época, sem se esquècer de o fazer pronunciar durante a conversa «aquellas palavras de *aproches*, *ataques*, *choques*, *senhores*, *eleitores*, *cabos*, *Ungaros*, *infantaria polaca*, e outras palavras, que inculcão notícia».

Modas e estrangeirismos são de todos os tempos.

96. Contracção da preposição *a* com *el* (artigo honorífico).

Em um documento de 1314, publicado no *Arquivo hist. de Portugal*, I, 126 e 265 lê-se respectivamente: «prestavam voz e coima *alrrey*..», «.. servia *alrrey*».

97. Singular por plural:

«Está aqui *muita arvore*».

«Ai! *tanto homem!*»

«*Quanta flor* aqui se vê!»

O adjectivo *muito* e os pronomes adjectivos *tanto* e *quanto* podem assim empregar-se no singular, por serem nomes colectivos.

98. *Coevo com.*

O Sor Epiphanio, *Synt. hist.*, § 174, *b*, diz que a preposição *de* se junta aos adj. *coevo*, *cœtaneo*, que menos freqüentemente se construem com *a*, e cita *coevo de* em Herculano. Num escritor mais antigo, ainda que sem a categoria d'este, encontro:

«capella.. *coeva com* a.. monarchia». Vilela da Silva, *Alcáçova de Santarem*, Lisboa, 1817, pág. 20.

99. *cujo*, *cujas.*

Num texto de 1339:

«aquel cujo o ujnho for.. pagará de cada cárrega huum almude de ujnho»;

«e nom lho embargará nenhuum daquelles cujas as casas forem»;

Corpus Codicum do Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto, I, 39-A, e 43-B.

Nas orações relativas *o vinho* e *as casas* são respectivamente sujeitos, e *cujo* e *cujas* (pronomes adjectivos) são nomes predicativos.

Cf. em latim: *is cuia ea uxor fuerat*, em Plinio Segundo, apud Freund, Diccionar. latino, s. v. «cuius» (relativo).

100. Silepse familiar.

«Irei lá uma noite, *que já são grandes*».

Grandes refere-se à ideia de noite, expressa no plural, deduzido do singular da primeira oração. Como se estivesse: *irei lá uma d'estas noites, que já* etc. A oração de *que* é, quanto a mim, não pròpriamente de causa *(porque)*, mas relativa, de significação causal.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

PÁGINAS FOLCLÓRICAS

(Continuação do vol. XXXII, pág. 315)

---

7) Crónica etnográfica no dia de S. João (1)

A vinte e quatro de Junho
Há no Céu grande função;
Os mesmos Anjos festejam
O Baptista S. João.

(Valongo).

O dia de S. João é festejado hoje por êsse país além no alardo pitoresco do paganismo mais claro. Dos antigos *cinco reisinhos* e do actual *meio'stãozinho*, pedinchados logo no dia seguinte ao do Santo António, para a festa de S. João, até à madrugada estonteada dêste, o panorama folclórico e riquíssimo de côr, variedade, intensidade.

Nos cantos dedicados ao Santo Baptista pouco se observa de apologética. Êle, o humilde e nú anacoreta das ribeiras do Jordão, encolhe a sua santidade, tão casta como o cordeirinho que lhe costumam tradicional e emblemàticamente pôr nos braços acariciadores os santeiros e imaginários.

Como quere fugir aos ritos sobrevivos e convergentes de um vago mas, na convergência e aplicação a êste Santo, expressivo conceito pagão.

Nêle sem lhe dar o aso, se concentraram os restos naturalistas de velhos mitos. Formam-lhe em redor a moldura rústica de certos entalhadores, que não proporcionam a florescência do emmolduramento à modestia da imagem emmoldurada.

Que noção cristã ascende no espírito folgativo dos festejos de S. João?

No Santo António, a que segundo creio se liga um favor sanjoaneiro por vizinhança, e vincado em Lisboa por culto velho ao taumaturgo, natural de Lisboa, nesse ainda persiste a ideia de altar, que as crianças aplicam a seus altarzinhos infantís.

---

(1) Em *A Voz*, de Lisboa, de 25 de Junho de 1930.

O S. João estendeu a Santo António e a S. Pedro, um antes (a 13) outro depois (a 29), o museu de superstições, fórmulas mágicas, augúrios de timbre amórico, lendas, isto é, o tesouro folclórico, a pouco e pouco reünido e aperfeiçoado.

A instituïção da festa de Camões, no dia 10 do mês de Junho, provocou em Lisboa semelhantes manifestações festivas, não certamente com o carácter interno das crenças mágicas dos santinhos de Junho, mas com o aparato externo de bailaricos nas praças e ruas, descantes e balões, marchas luminosas de grupos populares, foguetes e estalos pelas noites da véspera e da festa oficial. Era mais um dia festivo, e houve assim o «S. Camões», como ironiza o povo.

Para o Norte, a festa de S. João tem mais cristandade. Armam-se capelas que têm muita evocação dos presépios do Natal. É provável que assim tenha sido por tôda a parte. Como nas festas litúrgicas, a festa popular de S. João deveria ter sido inicialmente diante de uma imagem do Santo em altar improvisado. O aparato externo da iluminação, música, descantes e dansas, no carácter que tinha de formas de culto tradicional, rodeou o Santo festejando-o expansivamente.

Como os autos — e quem nos diz que o culto do S. João não tivesse saído de autos populares, onde figurassem a vida do Santo no deserto, o mistério sacro do Baptismo de Cristo, e a degolação que o sacrificou à maldade de Herodes e à lascívia de Herodíades? — como os autos, embora, S. João saiu da igreja; associaram-lhe então elementos pagãos sobreviventes, próprios do período.

As fogueiras, as orvalhadas, os banhos matinais, as sortes de augúrio da meia-noite, as lendas de Mouras Encantadas que saem dos esconderijos na manhã de S. João, a virtude das ervas, são pedaços de velhas crenças, criadas pelo espírito animista, essencialmente pagão, dos tempos pré-cristãos.

O cristianismo, a princípio violentamente, depois com a serenidade consciente da crença que absorve lentamente por osmose psicológica os conceitos e as práticas discordantes dela, destruía a capacidade receptiva e interpretante das superstições pagãs. E ninguém estranhava, porque a não notava, a associação das formas velhas às ideias novas.

O próprio Santo foi associado às fogueiras, que não têm hoje mais valor que os balões do arraial, à mesma hora nocturna. É uma forma de extinta magia, ainda existente entretanto no cêpo do Natal; hoje não passa de folguedo.

Cantava-se, por exemplo, em terras da Beira-Baixa:

—Donde vindes, S. João,
Que vindes tão molhadinho?
—Venho de ver as fogueiras,
De colher o rosmaninho.

E, semelhantemente, mas evidenciando a sugestão das orvalhadas na analogia do baptismo, esta quadra de Óbidos-do-Olival (Vila-Nova-de-Ourém) em *A Época* de 20 de Outubro de 1924:

—Donde vindes, S. João,
Que assim vindes orvalhado?
—Venho de baptizar Cristo,
Também venho baptizado.

O culto popular, que chama a protecção dos Santos para os seus interêsses, aplicou a S. João a advocacia dos amorosos, fazendo do Santo um alcoviteiro incansável. Êste apôdo de *casamenteiro das môças* certo provém de dois elementos essenciais: um, o elemento fescinino que reside na dansa e a torna causa de depressão moral e concomitantemente sugestão sensual; outro, o elemento climatérico, impressionante, que já provocou os antigos cultos solares do solstício, e formou extrato fundamental do amorismo sanjoaneiro. Note-se que de Santo António a S. Pedro, aos três santos do mesmo mês, —sempre o mês de Junho!—ligou o povo conceito amoroso, mas principalmente a S. João, o mais geralmente festejado consoante se prova pela riqueza folclórica que o tem por herói.

Há ainda no mesmo mês, antes ainda do Santo António, a festa viva de S. Gonçalo de Amarante, porém localizada nesta vila; o mesmo favor amórico lhe é atribuído, e a êste Santo, mais que a nenhum dos outros, se acentuou êsse predicado sexual, desconcertante das virtudes cristãs.

Uma qùadra de Vila-de-Conde marca o desejo ardente da vinda de Junho:

Vai-te embora, mês de Maio,
Entre Junho que é Verão;
É no mês que se festeja
O Baptista João.

Ao Santo, protector das môças casadeiras, não impecente de amores de tôdas, ou donzelas ou casadas ou viúvas, recorrem quantas se lhe julgam ao alcance. Por isso cantam por Lamego:

Do altar de S. João
Nascem rosas amarelas;
S. João subiu ao Céu,
A pedir pelas donzelas.

No altar de S. João
Nascem rosas encarnadas;
S. João subiu ao Céu,
A pedir pelas casadas.

No altar de S. João
Nascem rosas escurinhas;
S. João subiu ao Céu,
A pedir pelas viuvinhas.

Pedem-lhe os folgazões que lhes salte as fogueiras:

Ó S. João, vinde cêdo,
Ao acender das fogueiras;
Vinde pela minha porta,
Que as minhas são as primeiras.

Que lhes dê peixe lhe pedem os poveiros, a êle voltados, que o êles festejarão em seu dia:

Ó meu S. João Baptista,
Dai sardinha em demasia;
Mas, ao vir a vossa véspera,
Mandai ao mar marèsia.

E as môças, ao redor de Braga, lhe rogam pelos seus conversados, que vivem longe em terras do Brasil, obrigando-o a ser marinheiro.

Ó meu S. João da Ponte,
Ó meu rico marinheiro,
Levai-me na vossa barca
Para o Rio-de-Janeiro.

Esta qùadra repercutiu-se cá para baixo na atribuïção de um S. João marinheiro, mas a quem se pede, em vez de protecção de amores, timonagem direita na última viagem da alma. Cantam-na bôcas de Santarém, assim:

Ó meu S. João da Ponte,
Ó meu santo marinheiro,
Levai-me na vossa barca,
No momento derradeiro.

Da folia de uma noite inteira, — fogueiras saltadas, sortes lançadas, foguetes que estoiraram, mouras que saíram a pentear-se na madrugada, trêvos de quatro fôlhas na mão, orvalhadas na água lustral dos tanques ou do mar, ranchos cantantes no clarão das fogueiras ou ao palôr dos balões, — fica

o entusiasmo ennervante e fica a lembrança a esperar outra igual. Mas se

Até os Mouros da Mourama, Festejam o S. João,
E os Turcos na Turquia, Como nós cá, no seu dia!

8) Crónica etnográfica na manhã de S. Pedro (1)

Em terras de província houve *alvoradas* na véspera de S. Pedro. Eram bandos que passavam a noite a cantar e a dansar, indo depois da meia-noite à capela ou igreja, onde o Santo tivesse imagem exposta ao culto, e cantando-lhe então suas *lôas*.

O desenvolvimento das festas folclóricas de S. Pedro é talvez, por contraste, mais evidente que as dos outros Santos populares de Junho. Personagem de porte e respeito patriarcais na história da Igreja, pois nunca se pode apartar dêle a consagração que dêle fêz Jesus, não podia o seu culto folião provir de qualquer apôdo cómico.

O respeito hiérarquico, a tradição apostólica, a idade que faz dizer numa *alvorada* de Mação:

S. Pedro, por ser vèlhinho,
Deve ter muito juízo,

são contrários a admitir-se origem cristã das festas populares de Junho, a que êle serve de pretexto, tal qual os outros Santos do mês.

E eu te digo a ti que és Pedro, e sôbre esta pedra hei-de edificar a minha Igreja, — diz Jesus a S. Pedro, o apóstolo Simão (S. Mateus, XVI, 18). É esta a evocação simbólica do folclore? Tampouco o é a repreensão que lhe dá o Mestre: *Também vós ainda estais sem inteligência?* (*Sine intellectu estis?* —S. Mateus, XV, 16, —*Non intelligitis...?*—S. Marcos, VII, 18). Nem a censura à sua pouca fé, qùando caminhava sôbre as águas, e receando afundar-se, gritou para Jesus: *Domine, salvum me fac;* Senhor, salva-me (S. Mateus, XV, 30). Também não evoca a defesa do Senhor em Gethsemani, quando tira da espada e corta a orelha de Malcus, o Mouco.

(1) Em *A Voz*, de 29 de Junho de 1930.

Ainda menino e môço na minha heráldica cidade natal, Chaves montezinha, a imagem de S. Pedro, lembro-me bem, era trazida para fora da Igreja Grande, a paroquial de Santa Maria Maior. Em frente da porta lateral, do lado do Evangelho, há uma praça lageada, que, não sei porquê, me lembra a cidadezinha de Oliveira, na *Illustre Casa de Ramires*, do Eça.

De um dos lados dessa simpática praça, quadrada, erguia-se casa velha sôbre arcada em bico, aberta para a praça. Restos medievais de provável cêrca de arcadas, à maneira de Évora e relíquias de outra idade, ainda existentes na Lisboa velha, mostrava ela provas de comercializado destino em banco alto, geito de balcão corrido de lado a lado. Já não existe a arcada.

Sôbre êsse balcão, bem a meio do vão do arco médio, colocavam a imagem de S. Pedro em seu dia, para aí o trazendo lá da igreja.

Era nesse lugar festejada. Até que à tardinha a levavam de regresso ao altar. Como aqui, teria sido o mesmo ou semelhante por tôda a parte. E justificava-se a atenção. Tanto S. João Baptista como S. Pedro tiveram papel notável na vida messiânica de Jesus: S. João baptizou-o no Jordão, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo; S. Pedro foi o apóstolo fiel e o fundamento da Igreja. Era lógico adoptar para êles veneração singular, até mesmo liturgia própria.

Porque eram em Junho as festas religiosas, e o culto eclesiástico vincava o relêvo da acção dos dois próceres da Igreja, o povo, que lhes fixou a fisionomia espiritual, ligou-os às práticas antigas do naturalismo pagão do mês.

Renovo o que disse em crónica anterior; não seria êste conhecimento que o povo tinha dos dois Santos, efeito de sugestão por autos religiosos e mistérios — S. João na *Vida de Jesus* de qualquer mistério, S. Pedro nos passos da *Paixão* de qualquer auto?

*

As *alvoradas* podem muito bem ser as relíquias de *lôas* lançadas diante de imagens dos Santos, mesmo até em pleno auto, como se faz hoje ainda nas lapinhas e presépios do Natal. Tem todo o aspecto disso.

Desta forma se explica talvez a generalização dos festejos de ambos. Os elementos mágicos, amorosos e fescininos,

os contos e lendas, nada tem de cristão e está provado que o não são.

Cantos e descantes, arraiais e dansas, são elementos de outra ordem. Instintos pagãos, é certo, no seu espírito e na sua origem, mas de carácter geral e extensivo a todo o ano e a todos os lugares.

Verifique-se neste exemplar das *alvoradas* de Mação ([1]) o sentido que teriam os louvores cantados a S. Pedro, afinal a sua apologética.

S. Pedro, por ser vèlhinho,
Deve ter muito juízo;
Por isso Deus lhe entregou,
As chaves do Paraíso.

S. Pedro, por ser vèlhinho,
Na cadeira se assentou;
Está olhando para as chaves,
Que o seu Mestre lhe entregou.

Jesus Cristo disse a Pedro,
Quando estavam a cear:
—Três vezes me negarás,
Antes do galo cantar.

S. Pedro cortou a Malco
A orelha com a espada,
Jesus Cristo lh'a pegou
Tal e qual como ela estava.

Está-se a ver o rancho das *alvoradas*, na frente da imagem; aquêle «está olhando para as chaves» é uma atitude de presença.

Nas mesmas *alvoradas* de Mação misturam-se: 1.º—o factor topográfico; 2.º—o factor do culto pagão, em acepções sonóricas. Exemplos, respectivamente, notando que no outeiro de S. Pedro (Mação) se venera o Santo e lá vem cantar-lhe as *alvoradas*:

Indo eu para S. Pedro,
Achei um almofariz;
Entreguei-o a S. Pedro,
Nunca eu melhor coisa fiz.

Ó apóstolo S. Pedro,
Santo do meu coração.
Fazei com que eu case cêdo,
Senão morro de paixão.

Creio ser esta a verdadeira interpretação do culto popu-

([1]) Francisco Serrano, *Romances e Canções populares da minha terra*, Braga, 1921, págs. 75-76.

lar e erótico de S. Pedro, à face da etnografia comparada e da verificação dos factos adscriptos.

Os contos tradicionais em que entra S. Pedro, dão-no como um velhote bondoso, humilde, generoso, e não com o aspecto folgazão e alcoviteiro, que as incrustações das práticas velhas lhe criaram.

9) No período áureo das romarias (1)

— De tais romarias, tais perdões.
ANTÓNIO DELICADO, *Adágios Portugueses*, s. v. «Maldade».

— Às romarias e às bodas vão as loucas tôdas.
BLUTEAU, *Vocabulário Português*, s. v. «Romarias».

Agôsto & Setembro — período áureo das romarias. Despovoam-se os lugares, enchem-se de gente as estradas; é a gente que vai de romagem às capelas da sua devoção. A folhinha rural está preenchida nestes meses pelas notas das romarias a fazer. Curiosíssimo seria o mapa, que se formasse com a indicação destas paradas folclóricas em todo o país.

À romaria vão duas espécies de romeiros: os romeiros da fé e os romeiros da folia.

Para os romeiros da fé, a romaria é uma oração; vão cumprir votos ou rogar protecções. Por vezes é doloroso o cumprimento da promessa feita; mas a alma crente, se oferece tudo qùanto pede, cumpre integralmente o prometido, qùando alcança.

Para os romeiros da folia, a romagem é um pretexto de divertimentos concentrados. A música e o fogo-de-vistas, a feirança e as comezainas na barracaria tôsca, o bailarico e o derrête com as conversadas, o fato domingueiro dos «manéis» e as vestimentas mais alegres das «marias», os cantos de trova e desafio, os jogos de destreza em que cada pimpão quere mostrar superioridades, encontros de amores como

(1) Em *Ilustração* (Lisboa), de 1 de Outubro de 1930, n.º 115.

encontros de luta — aí está a larga plateia da romaria para os romeiros decididos e animados da folia. A procissão festiva corôa o programa externo.

Às galas do atavio da gente e do enfeitamento do terreno, animação das multidões no cadinho que o ambiente lhes produz, reúna-se a completá-la, dela se servindo e a ela contribuíndo, a disposição espiritual que dinamiza as almas e as torna criadoras.

A romaria tem ascendente singular na população que a procura. Não é já o aspecto económico, o calendário de finança caseira, o carácter recreativo, o originário espírito crente. É o conjunto de todos êsses elementos, animado pela libertação por um dia das labutas fainosas da semana; é a resultante de tôdas essas convergências, que reúne gentes dispersas, que concentra feições dispares e desenvolve a luta espiritual pela vitória do mais forte, da mais garrida, do mais bailão, da melhor cantadeira, do mais sensacional despique e da melhor trova lançada à moda para a época inteira.

O valor etnográfico das romarias só o reconhece, em todo o seu alcance, quem tenha assistido a elas consciente do conteúdo dessas demonstrações do policrómico sentimento do povo.

O folclore, delas proveniente, é fecundo. Lança-se a cantiga, como se lança a lôa no presépio pelo Natal. As xácaras antigas como as qùadras ou as décimas de hoje, o mesmo. Garrett, referindo-se nas *Viagens na minha terra* ao poema popular de Santa Iria, disse: «êste visìvelmente nasceu nos arraiais e nos oragos dos campos, e por si tem vivido até agora» (capítulo XXX). A multidão, que regressa às terras, para lá conduz a cantiga, letra e toada, mais a modificando à feição, e de lá voga por outras romarias de onde outras cantigas saem, formando no fim rapsódia por vezes incongruente; vão lá depois saber-lhes as origens, correndo no extremo Norte simultâneamente com o extremo Sul! É a poesia da terra e da grei.

Esta sugestão de desvario no entusiasmo da romaria produziu o anexim: *às romarias e às bodas vão as loucas tôdas.* O efeito nada religioso da diversão exprime-o maldosamente estoutro: *de tais romarias, tais perdões.* Um anexim castelhano é mais preciso: *Quien anda muchas romerias, tarde ó nunca se santifica.*

*

—Para onde vais, Maria?—pergunte-se.

—Vou para a romaria,—responderá lampeira.

Vai tôda a gente contente. Carroças, carros de bois, carriagem de todo o feitio, tudo enfeitado com ramagem, bandeiras, balões, cobrejão de manta listrada ou côlcha de côr viva a encobrir o sol do caminho,—arrastam a multidão. Os gericos choutam nos caminhos. Os mais pobres e os penitentes—estes, os autênticos romeiros,—calcurriam a pé as distâncias, engulindo a pé andante o pó áspero dos caminhos.

A estes romeiros pedestrianistas se refere o adágio da *Crónica do Condestável* (pág. 55):—*Não há romeiro, que diga mal do seu bordão.*

Começa no caminho a ilustração folclórica da festança pagã. Na zona central do Douro vinhateiro é máxima romaria a da Senhora dos Remédios de Lamego. Por isso, as cantigas alusivas se adensam em tôrno:

Ó Senhora dos Remédios,
Vinde abaixo, dai-me a mão.
Sou romeirinha nova,
Abafo do coração.

Ó Senhora dos Remédios,
Vinde ver a vossa gente;
Dai-lhe saúde a tôda,
Qu'ela tôda vem doente.

A Senhora dos Remédios
Tem o remédio na mão;
Tem o remédio da vida,
Também o da salvação.

Amostras estas que são de terras fronteiras de Vila-Real (1), e outras que ligam a mesma Senhora com as vindimas próximas:

A Senhora dos Remédios
Vai pelo Douro acima
Com a cestinha no braço
Fazer a sua vindima.

Porque a romaria é também parada de amor e cortejo nupcial, pregunta-se à Virgem:

(1) *Revista Lusitana*, IX, pág. 247 e X, pág. 196.

Senhora da Saúde,
Quem pregunta, quere saber,
Se a romaria é aceite
Do homem sem a mulher.

(Vila Real).

Conversas amorosas, amores que desabrocham, entrevistas a resguardo, fizeram dizer à *Romeirinha* da xácara de Rebordêlo, no *Cancioneiro Trasmontano(s)* (1) do Ab.e José Augusto Tavares:

Antes que da festa venha,
Não direi quem ficou nela.

Fazem-se promessas, cumprem-se promessas, e as Marias cantam:

Ó Senhora dos Remédios,
Para o ano lá hei-de ir.
....
Ó Senhora dos Remédios,
De ó redor de vós andei.
....

E lá vão ao campo da romaria, alegremente, em rodopio,

Correm môças, correm velhos,
À vossa festa, Senhor;
E mil carros e parelhas
Enfeitados a primôr.

na romaria de Santo Antão, na Covilhã (2).

Pelo caminho o sol resseca e prende as gargantas, constrange as almas. É necessário cantar, mas o pó e o calôr empastam as vozes. Na Idanha-a-Nova pede-se água a Nossa Senhora da Graça no caminho da romaria:

Nossa Senhora da Graça
Tem água num cantarinho,
Para dar aos romeiros,
Qùando vêm de caminho (3).

Dar-lhes-á sugestão falar na água, como a Corot a que pintava ao sol em qùadro de ar livre. Na Matança (Fornos-

---

(1) *Revista Lusitana*, IX, pág. 323, n.° 102.

(2) Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances populares portugueses*, Coimbra, 1913, pág. 93.

(3) J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, Famalicão, 1927, II, pág. 121.

-de-Algodres), os romeiros a Santa Eufêmia dialogam com a Santa (1):

—Senhora, Santa Eufêmia,
Que dais aos vossos romeiros?
—Dou água das minhas fontes,
Sombra dos meus castanheiros.

Há romances-xácaras, cujo protagonista é romeiro ou romeira: a *Romeirinha* trasmontana, já mencionada, a *Romeira* de terras de Além-Douro, XVII romance do Romanceiro de Garrett, o *Romeiro*, trasmontano também, de Maçôres (Vinhais). Neste último fala-se da romeira que pela noite vai à romaria:

Alta vai a lua, alta
Mais que o sol ao meio dia;
Lá se vai aquela senhora,
A cumprir a romaria (2).

Mal vai à gente, se o tempo traz chuva e prejudica a romaria. Pede-se o sol aos santinhos:

Senhora do Almurtão,
Mandai sol, que quer chover;
Que se molham os vestidos
Dos fieis que vos vão ver (3).

O entusiasmo da diversão inflama os romeiros. E, porque a festa é justificada pela invocação do Santo ou da Santa, lembram-na pelo arraial no folguedo e não há nesses momentos coisa melhor; assim na Idanha-a-Nova:

Nossa Senhora da Póvoa,
Descei ao vosso arraial (4).

E completam a chamada com a expressão do entusiasmo, no meio dos bailes, descantes, balões, foguetes:

---

(1) Leite de Vasconcellos, *De Terra em Terra*, Lisboa, 1927, I, pág. 140.

(2) *Revista Lusitana*, IX, pág. 315, n.º 89, pelo Ab.º Tavares.

(3) Idanha-a-Nova, Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, II, pág. 119.

(4) Lopes Dias, id. II, 117.

Romaria como a vossa
Não na há em Portugal.

O rebate de consciência chega no fim. Aquêles que reconhecem que a sua romaria não visou ou não aproveitou o objectivo da fé, confessam o seu pecado:

Nossa Senhora da Granja,
Bem me podeis perdoar;
Vim à vossa romaria,
Só pr'a cantar e bailar ([1]).

De regresso, cansados, abatidos todos pela fadiga da caminhada, pelo sol, pelo rodopio vivo de uma noite e um dia, então é preguntar às Marias:

— De onde vens, Maria?

— Venho... da... romaria... — responderá no bocejo de quem não pode com o «canastro».

*

Há por êsse País fora, do Minho ao Algarve, romarias numerosas. São porém mais intensas e em número maior do Tejo para cima, da planície para o planalto, do planalto para a montanha. Do Tejo para o Douro, do Douro para o Minho. Do Minho e do Mondego para o Douro; do Tejo para o Zézere.

Agôsto e Setembro o arco-íris pousa na terra em rincão minhoto, nessas alturas, onde em cada alto há uma capela e em cada capela sua romaria. Da Senhora da Agonia, de Viana, ao S. Torcato de Guimarães, do Senhor Jesus de Matozinhos à Senhora da Abadia em Terras-de-Bouro, as romarias coloridas contam-se pelos trapos variegados e garridos das mantas minhotas. É a de S. Bento da Porta-Aberta a quem pregunta a cantiga:

— Senhor S. Bento da Porta-Aberta,
Porque a não tendes fechada?
— Quereis ver os passageiros,
Que vos passam na estrada?

É a das Cruzes de Barcelos, a do Sameiro em Braga, e

([1]) Proença-a-Velha, Lopes Dias, id. II, 125.

outras, e outras... São as de Trás-os-Montes com as suas Senhoras ou Senhores da Serra; por aí abaixo, pelo Nascente, a Castelo Branco, pelo Poente, beira-mar, à Senhora da Nazaré, dos círios pitorescos, ao Senhor da Pedra em Óbidos, à Senhora da Merceana, à Senhora da Rocha, à Senhora do Cabo, à Senhora da Arrábida...

À volta de Lisboa, sem falar da antiga romaria do Senhor da Serra, de Belas, há cercadura de pequeninas capelas com romarias reduzidas, com tôdas as características, porém, da curiosa parada de fé e de folguedo. Em algumas há flagrantes episódios etnográficos, como na escolha da juíza e preferência das suas rústicas companheiras, que, enluvadas e de chapéu, fazem escolta de honra ao andor do Senhor dos Enfermos, em Caneças, no lugar dos Camarões. Outra romaria do aro alfacinha vai à capela de Nossa Senhora da Saúde, em Montemór, o «monte maor», cêrca de Loures, formosa capela de azulejos setecentistas, que foram estudados por Vergílio Correia (1).

Dos despiques e desforras amorosas de tôdas estas romagens, onde se encontram e se vingam amores, não teria vindo esta quadra de triunfo vingador, que sôa como clarim de guerra no alarde altissoante da vitória?

Cuidavas, por me deixares,
Que eu de paixão morreria.
Foi-se um amor, ficou outro,
Vivo na mesma alegria.

Melhor glosa não teria o anexim encurtado:—*rei morto, rei pôsto!*

Pois é brilhante e vivíssima esta quadra áurea das romarias. Agôsto & Setembro. *Legenda dourada* da gente portuguesa.

VII

10) Cantares da Beira (2)

Lição de nacionalismo arreigado nos dá o segrêdo manente do folclore. Não são os tratados que o formam, nem o

---

(1) Em *Azulejos Datados* (Lisboa, 1922, de págs. 13 a 18).

(2) Figueira-da-Foz, *Jornal da Figueira*, de 24 de Julho de 1929.

artifício consciente o desenvolve. À raíz profunda e oculta da étnia nacional vai a veia poética do povo, simbolista por essência, buscar o sentimento e a sua expressão. Quem sentir com êle, e com êle compreender os estados de alma que manifesta na sua exteriorização mais ou menos límpida, reconhecerá a unidade fundamental a que se reduz o seu modo de ser.

Não é vão nem retórico o já hoje aforismo — os mortos mandam. Apenas há-de entender-se que a expressão significa unidade na continuïdade, não podendo encontrar-se descontínua a carreira das gerações; como, no mundo biológico, uma célula provém de outra célula, no mundo espiritual uma alma descende de outra alma.

Há desvarios? Também há doenças que tolhem os sãos. Também há quem se engane nos caminhos do chão, quanto mais nos do pensamento! Nem por isso menos — e até mesmo talvez mais por isso! — o folclore deixa de ser a lição de apêgo às tradições vivas da Nação, guia que os mortos deixam para bom caminho dos sobreviventes. E há sempre sobreviventes! E há sempre os mortos que os sobreviventes escutaram e continuam!

*

Os cantares do povo, poemas cristalizados em quatro versos de sete sílabas, trovam do amor e da terra. São na sua feição lírica o manifesto sentimental da raça que prende, manda e irmana. Os elos, que enleiam a gente com a terra, definem-se lìricamente.

Aqui e em tôda a parte, é sempre o mesmo. Por nações, por províncias, regiões, lugares, o facto confirma-se, e há conformidade quando existe unidade.

Caso restrito: na Beira. Arranquemos a um estudo de conjunto a prova dos cantares da Beira, e referenciêmo-los.

*

Ao centro, tem a Serra-da-Estrêla as suas miragens nas cantigas.

— Ó neve da Serra-da-Estrêla,
Tu hás-de ser derretida;
A minha fama sem obras,
Há-de ser restituída.

(Centro da Beira).

—Ó alta Serra-da-Estrêla,
Onde coalha a neve pura;
Quem é firme, é desgraçado,
Quem é falso, tem ventura.

— Ó alta Serra-da-Estrêla,
Onde está tanta lindeza;
Quem lograr estes teus olhos,
Escusa de mais riqueza.

—Ó minha pombinha branca,
Aonde queres que eu te leve?

—Leva-me à Serra-da-Estrêla,
Enterra-me ao pé da neve.

Tem os rios também a sua vez: o Mondego, o Dão, o Côa, etc. A ver.

—Divino Senhor da Serra,
Mandai Agôsto mais cêdo:
Que eu quero ir passear
Aos areais do Mondego.

—Já lá vão as três pombinhas,
Vão beber ao Rio Dão;
Levam o pombo no meio,
A servir de guardião.

—Castelo de cinco quinas
Não há outro em Portugal;
Senão ao cimo do Côa,
Na vila do Sabugal.

Logo a costa, batida do Mar, espumejante na fímbria das ondas, junta cantares aos mais da Província.

—Quando se chega à Figueira,
Sente-se logo alegria;
Nunca se esquece a Figueira,
Nem de noite, nem de dia.

—Não sei que terra é Figueira,
Que tão nomeada é;
Figueira, que não dá figos,
É melhor torcer-lhe o pé.

—Tudo que no mar embarca,
À Figueira chega bem;
Tudo vai e torna a vir,
Só o meu amor não vem!

Rivalizam as terras da costa, e invectivam-se, riem, discutem, as ondas a banharem-lhes os pés.

—Tavarede, limão verde,
Buarcos, panela velha,
Figueira, barquinho de ouro
Onde o meu amor navega.

—Em Tavarede me deram
Um cravo p'ró meu colete;
Na Figueira uma rosa,
Em Lavos um ramalhete.

—De Buarcos à Figueira,
Senhora da Encarnação;
Lá vem o meu amorzinho,
Naquela embarcação.

—Ó Buarcos, ó Buarcos,
A Figueira está ao pé!
Quero ver o meu amor,
Que a vontade boa é.

É uma amostra do que poderíamos chamar corografia etnográfica em redondilha. Estas quadras foram tôdas respigadas no belo cancioneiro beirão que são as *Canções Populares da Beira* (1).

*

Há depois o septicismo e o cantar de mal dizer. Do Norte canta-se o «escarnho»:

—Fui ao Pôrto, fui a Braga,
Dei a volta ao Limoeiro;
Não achei amor mais firme
Que a bôlsa do dinheiro (2).

E paralelamente, na mesma feição escarninha:

Tenho corrido mil terras,
Da melhor parte da Beira;
Não encontrei melhor amigo,
Que o dinheiro na algibeira (3).

Há uma voz forte de chamamento à terra em todos estes cantares; voz que clama e prende.

11) Ecos das cruzadas no folclore

Também as cruzadas deixaram rasto no folclore português. Na verdade em algumas xácaras será difícil averiguar se o episódio heroico da sua narração deve pertencer a viagem longínqua às terras que «Deus pisava», ou à expansão

(1) Pedro Fernandes Tomás, *Canções Populares da Beira*, Coimbra, 1923, pág. 227 e segs.
(2) Vila Real, *Revista Lusitana*, vol. IX, pág. 250.
(3) Atalaia, *Revista Lusitana*, XI, pág. 134.

portuguesa de além-mar. Interpenetrando-se algumas, sendo imprecisas as referências, de outras, só em certos casos tirará dúvidas a observação de possíveis anacronismos.

*

Da *Dona Infante* reproduza-se o essencial à prova marítima, que o resto forma episódio de fidelidade da mulher ao marido ausente nas lutas com os «perros Mouros».

Estando a Dona Infantinha
No seu jardim assentada,
C'um pente de ouro na mão
Penteando o seu cabelo,
Que tão bem o penteava;
Viu vir uma grande armada.
Capitão, que nela vinha,
Trazia a nau bem guiada.

— «Venha cá, meu capitão,
Que lhe quero uma palavra:
Um amor, que eu por lá trago,
Se serve na sua armada?»
— «Nem o vi, nem o conheço,
Nem sei que sinais levava».
— «Levava um cavalo branco
Com sua sela bordada;
Na ponta da sua lança
A Cruz de Cristo levava».
— «É verdade, lá o vi.
Ficou morto na estacada.
No sangue dos perros Mouros
Sua morte foi vingada» (1).
. . . .

Na *Bela Infante* ou *Dona Clara*, do *Romanceiro* de Garrett (I, 36), é bem clara a referência às Cruzadas da Terra-Santa:

. . . .
— «Dize-me, ó capitão
Dessa tua nobre armada,
Se encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?»
— «Anda tanto cavaleiro
Naquela terra sagrada...
Dize-me tu, ó Senhora,
As senhas que êle levava».
— «Levava cavalo branco,
Selim de prata dourada;
Na ponta da sua lança
A Cruz de Cristo levava».

ou com a variante (I, 39):

Na ponta da sua lança
Uma fita encarnada.

---

(1) Pedro Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances populares portugueses*, Coimbra, 1913, pág. 25.

No romance de *O Conde Niño* (Fernandes Tomás, *Velhas Canções e Romances populares*, pág. 23) ou *Conde Nilo* (*Romanceiro* de Garrett, I, 36), lê-se:

Vai o Conde, o Conde Niño,
Seu cavalo vai banhar;
Emquanto o cavalo bebe,
Cantou um lindo cantor:

— «Bebe, bebe, meu cavalo,
Que Deus te há-de livrar
Das desgraças dêste mundo,
Dos *trabalhos de além-mar*».

Estes «trabalhos de além-mar» são os de guerrear nas Cruzadas além-mar aonde a Fé levava o Conde Niño, ou de guerrear no ultramar aonde o amor da Pátria, a tentação da aventura e da fortuna? Do espírito da xácara parece dever concluir-se pela primeira interpretação; o cavaleiro apaixonado correria mundo, e cantava a despedir-se da filha do Rei, que não queria tal casamento. E os «trabalhos de além-mar» seriam ou o voto a Deus nas Cruzadas ou a desforra das «desgraças dêste mundo», pelas indulgências remissoras do Cruzado na Terra-Santa.

Duarte Nunes de Leão fala dos votos denodados, que eram os protestos dos homens de guerra, antes da batalha, para grandes façanhas. Encomendavam-se aos Santos e juravam pela dama [1]. Aqui teriamos um voto na Terra-Santa pela dama.

Na *História da Imperatriz Porcina*, a literatura de cordel refere o caso de seu marido o Imperador Ledónio de Roma a ter mandado matar «por um testemunho que lhe levantou o Irmão do dito Imperador», diz a rubrica da peça. Anda o assunto na ausência do Imperador na Terra-Santa.

Tinha êste Imperador
Prometido em romaria,
Visitar a Terra-Santa,
Que Jerusalém se dizia,
E ver os Santos-Lugares,
Todos os que nela havia,
Nos quais havia de estar

Um ano, que assim cumpria.
Antes de sua partida,
Quis fazer o que devia;
Deixou por governadores
A sua pobre Porcina
E também a seu irmão,
Que o povo assim o pedia.

LUÍS CHAVES.

---

[1] Duarte Nunes de Leão, *Chronica de D. João I*, pág. 57.

TOPONÍMIA PORTUGUESA (1)

(ESBOÇOS)

(Continuação do vol. XXIV, pág. 226)

---

37. Adela

É nome de lugar na freg. de Colmeias, conc. de Goes, e do ribeiro que aí passa, afluente do Seira, já chamado *vena de Adela* no foral de Cepos de 1237 (*For.*, 628).

No censo de 1527 diz-se lugar «*da dela*», isto é *d'Adela* (*Cad.*, 202).

Adela é nome pessoal arábico, forma evolutiva de *Abdela*, que era como, por *imela*, os mouros da Península pronunciavam o antropónimo clássico e vulgaríssimo *Abd Allah*, «servo de Deus».

Já um doc. nosso traz *Hadella* em 951 (*D. et Ch.*, n.º 68). No séc. XV temos nas Ordenações Afonsinas, L. II, Tít. CXI, um *Adeela Almocadem*, mouro do Algarve; mais um *Adella*

---

(1) Para poupar espaço, além das abreviaturas usuais e fáceis de entender, como *ant.*, *conc.*, *doc.*, *freg.*, *p.* ou *pág.*, *pov.*, *séc.*, por antigo, concelho, documento, freguesia, página, povoação, século (ou o plural) etc., emprego na menção das fontes entre outras as seguintes:

A. H. P. — Archivo Historico Português, dirigido por Braamcamp Freire.

Cad. — Cadastro da população do reino (1527), publicado por Magalhães Colaço, Lisboa, 1931.

Chor. Mod. — Chorographia Moderna do reino de Portugal, por J. M. Baptista, 7 volumes, 1874-79.

Corpus Cod. — Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium, da Câmara do Pôrto, vol. 1.º, 1891.

C. P. — Corografia Portugueza, do P.e Carvalho da Costa, 3 volumes, Lisboa, 1706-1708-1712.

D. C. e C. — Dissertações Chronologicas e Criticas, de João Pedro Ribeiro, 5 volumes.

D. et Ch. — Diplomata et Chartae; *For.* — Foralia; *Inq.* — Inquisitiones; *Script.* — Scriptores (partes dos *Portugaliae*

Barzano, caciz dos mouros em Santarém (*Rev. Lus.*, v, 123 nota); e vários outros em Lisboa (Idem, v, 218).

De *Abdella*, *Habdella* e *Gabdella*, grafias que se equivalem, há muitos exemplos nos doc. dos séculos X e XI. Cfr. *D. et Ch.*, n.os 40, 94, 96, 398, 720, etc.

O grupo *bd* reduziu-se por assimilação a *d*, como em *adega*, *cidade*, *recadar*, ant. *abdega*, *cibdade*, *recabdar* (< lat. apotheca, civitate-, re + capitare).

A 1.ª letra daquêle nome arábico é uma consoante faucal *(ain)* de particular som aspirado, sem correspondência no nosso alfabeto. É a sua aspiração, que aparece representada por *H* e *G* naquelas formas *Habdella*, *Gabdella*, e por *g* no vocábulo comum *algaravia* = *aravia*, e no ant. *algarido* (*Script.* 197) por *alarido*. Sucede o mesmo com o antropónimo *Omar*, que tem também essa consoante por inicial e é escrito *Homar*, *Humar*, *Gomar* em doc. nossos dos séc. X e XI. Cfr. Cortesão, *O. M.*, s. v. Acusando igual representação por *g* acham-se nas escrituras mozárabes de Toledo, no tempo da reconquista, as formas antroponímicas *Gabdirrahmen*, *Gabdelgeziz* (Simonet, *Glosario*, cit., XVIII, nota).

O nome arábico *Abd Alaziz* «servo do Todo Poderoso», que é formado também com o elemento *abd* e foi usado por um dos primeiros governadores muçulmanos da Península, (713-715) figura em doc. nosso de 1094, perto de Coimbra, sob a forma *Abdallaaziz*, (*D. et Ch.*, n.º 805). Êsse ou outro homónimo deu nome a uma *villa Abdelazizi*, que ficava algures, nas margens do Antuan, conc. de Estarreja, segundo um

---

Monumenta Historica, publicados pela Academia das Ciências).

D. G. — Dicionario Geografico, do P.e Luís Cardoso, 2 volumes, Lisboa, 1747 e 1751.

Dic. Postal — Dicionario Postal e Chorographico, de Silva Lopes, Lisboa, 1891-94.

Eluc. — Elucidario, de Santa Rosa de Viterbo.

Indice de Sah. ou *de Sahagun* — Indice de los documentos del monasterio de Sahagun, por V. Vignau, Madrid, 1874.

N. Malta — Nova Historia da Ordem de Malta, de José Anastácio de Figueiredo.

O. M. — Onomástico Medieval, do Dr. António Augusto Cortesão.

doc. de 1050, e que poderá corresponder ao topónimo, talvez deturpado, *Quintas de Ablacizi*, que por aí também menciona outro doc. de 1077. (*D. et Ch.*, n.ºs 378 e 549).

Em Espanha há uma serra chamada hoje de *Abdalaziz*, e nas suas abas a pov. de *Valle de Abdalagís* (Málaga) que de igual nome de pessoa tiram o seu.

38. **Atela — Fatela — Ramela**

Pertencentes, como *Abdela* = *Abd Allah*, à inumerável série de «nomina theophora», que os muçulmanos formam com o elemento *Allah*, são também os nomes pessoais *Ata Allah*, «dádiva de Deus» (sinónimo do grego *Theodoros* e do ant. nome cristão *Donadei*), *Fath Allah*, «vitória de Deus», e *Rahm Allah*, «misericórdia de Deus», citados por G. de Tassy, *Mem. sur les noms propres et les tit. musulm.*, 2.ª ed., 43, 54, 56.

Estes nomes, por motivo da *imela*, foram de-certo como *Abdela* pronunciados também na Península respectivamente *Atela*, *Fatela*, *Ramela*. São, quanto a mim, a origem dos seguintes nomes de lugares:

Atela, pov., ribeira e paúl na freg. e conc. de Alpiarça Na carta corográfica de 1 por 100:000, fôlha 20, vem *Valle d'Atella*.

As extremas de uma coutada real aí estabelecida, segundo doc. de 1436, iam — «da foz da *Atela* per a ribeira arriba atee as cimalhas do carreiro das moitas da dita *Atela*», etc. (Inéditos da Hist. Port., III, 487). Outro doc. de 1484 menciona também o paúl *da Tella* ou *da Atella* (G. Barros, *Hist. da Adm. Publ.*, III, 631), que no *Cancioneiro Geral* de Rèsende tem mais uma referência: *paúl Daatela* (IV, 403, ed. de Coimbra).

Fatéla, freg. do conc. do Fundão é já assim chamada no catálogo das igrejas de 1320-21 (F. de Almeida, obra cit., II, 700). Segundo os forais manuelinos dos concelhos da Sortelha (1510) e de Anadia (1514) havia casais nestes com o mesmo nome de *Fatela*.

Ramela, freg. do conc. da Guarda, dita primitivamente de *S. Pedro da Teixeira*. Tem a forma *Remella* no P.^{e} Carvalho, *C. P.*, II, 348 e 349. O P.^{e} Cardoso, *D. G.*, I, 224, chama-lhe de *Remella da Teixeira*.

Por ventura o vocábulo *Allah*, que entra nos referidos nomes pessoais, entrará também ainda no topónimo *Gibrela*, que designa um pequeno monte no conc. de Elvas (Vitorino

de Almada, *Dicion. d'Elvas*, I, 226) *Geberela* na carta de 1 por 100:000, e me parece representar o árabe jebal Allah, «monte de Deus». Ideològicamente é denominação idêntica à de *Monte do Senhor*, *Outeiro do Senhor* e, pelo 2.° elemento, a *Vale de Deus*, *Logo de Deus*, etc., que ocorrem na nossa toponímia.

Fonèticamente o árabe jebal, «monte» foi tratado como nos topónimos espanhois *Gibraltár*<jebal Táric, «monte de Táric»; — *Gibralfaro*, altura e castelo ant. em Málaga, dito pelos árabes *Gebal Faro*, «monte do faro». (Simonet, *Glosario*, cit., 204);—*Gibraleon*<jebal al oiún, «monte das fontes», etc.

A. Cherbonneau, na *Légende territoriale de l'Algerie*, p. 20 menciona na Argelia um monte com êsse mesmo nome — *Djebel Allah*.

39. **Oulela — Ola — Ôlo — Piago — Odivelas**

Uma pov. da freg. de Almargem do Bispo (Sintra) é chamada — *Olela* em doc. de 1476 (1), assim como num estudo do Dr. Alves Pereira adiante citado, — e *Oulela* no P.e Carvalho, *C. P.*, III, 84. Mas em geral diz-se no plural *Olelas* (Chor. Mod. e Dic. Postal) ou *Oulelas* (Censo das Povoações de 1911), talvez por ter havido uma parte do lugar que se chamasse *de Cima* e outra *de Baixo*, hoje unidas, ou coisa semelhante.

A origem dêste nome está num deminutivo em *-ela*<<*-ella* do nosso vocábulo comum *ola* (<lat. olla, panela) que tem o sentido vulgar, embora metafórico, de «remoinho, servedouro na água corrente» (2) e de «escavação circular em forma de caldeira ou fundo de pote, que êsse remoinho produz com as pequenas pedras, que faz girar, num leito rochoso», — o que por outras palavras se diz também, em diversos sítios, *pia*, *pião*, *dorna* e *caldeira*. O que se não diz é *marmita de gigantes*, como fazem alguns geólogos, traduzindo demasiadamente do francês...

Num dos seus estudos resultantes de passeios arqueológicos pela península de Lisboa refere o meu amigo e ilustre

(1) Aires de Sá, *Fr. Gonçalo Velho*, I, 376.

(2) Vid. Figueiredo, *Novo Dic.* e *Rev. Lus.*, v, 98. O gal. *ola* e o cast. *olla* teem êste mesmo sentido secundário.

arqueólogo Dr. Félix Alves Pereira ter encontrado em *Olela*, escavado na rocha, à beira de um riacho, o que êle chama «metade de um silo, do tipo tão espalhado dos silos algarvios» com 2^{m},50 de diâmetro, e de que nos dá o perfil de um corte vertical — estranhando, porém, para ser silo, aquela situação junto do ribeiro (*O Arch. Port.*, XIX, 211).

Peço-lhe perdão para supôr que se tratará no caso, não de um *silo*, mas de uma *ola* ou *caldeira* escavada pelas águas do ribeiro, e que foi essa, ou essa e outras, que deram nome à localidade...

Temos mais um lugar de nome *Olela* na freg. de S. Clemente, conc. de Cabeceiras de Basto, já com igual grafia em 1258 (*Inq.*, 661-2). Os espanhois chamam rio *Olelas* ao que nós dizemos de *Castro Laboreiro*, afluente do Lima, que serve de fronteira entre a nossa província do Minho e a galega de Orense (Gomez de Arteche, *Geografia hist. militar*, 328) — havendo à margem dêle uma pov. do mesmo nome, no *ayuntamiento* de Entrimo.

Quanto ao ditongo inicial das formas *Oulela*, *Oulelas* é caso similar do que se dá em *ouliveira*, *oupenião*, *ouceano*, *Oudivelas*, etc., sôbre o qual vid. J. J. Nunes, *Gram. Hist.*, 2.ª ed., p. 83. Cf. ainda a forma *Ouliva* num doc. de 1266 (*Rev. Lus.*, IX, 266) equivalente a *Oliva* noutro de 1281 (G. Barros, obra cit., III, 616) que é nome do sítio dos antigos paços reais de Sintra, do qual já falei nesta revista, XVII, 116.

*

Muitos são, na nossa nomenclatura corográfica, os nomes em que entra *Ola* com o indicado sentido. Temos *Ola* nos conc. de Lamego, Rèsende e Belmonte; *Outeiro d'Ola* no de Ponte de Lima; *Olas* nos de Estarreja, Alijó, Pesqueira, Tábua, Tomar; o aumentativo *Olão*, no de Rèsende, o pôço da *Ola* no rio Ave, conc. de Guimarães, segundo a *Chor. Mod.*, II, 433; *Ola do Piágo* (1), pego no rio Tua (*P. Ant. e Mod.*, XII,

---

(1) O vocábulo *piágo*, que deve ter existido em ant. port., vive ainda em galego como nome comum, significando «pego ou pôço grande em um rio» (Valladares Nuñez, *Dic. Gal. Cast.*). Não pode provir do lat. pelagus, como pretende G. de Diego, *Gram. Hist. Gal.*, 29 nota 2, e 42, por causa do

1333); *Olas*, sítio de cachoeira no ribeiro de Bugão, conc. de Ponte da Barca (*D. G.*, II, 302); *ribeira das Olas*, também dita *de Ázere*, afluente da esquerda do Mondego; *ribeiro das Olas*, afluente da direita da ribeira de Caría, que por sua vez o é do Zêzere, etc.

A-par dêstes, temos com a forma masculina *Ôlo* (que está para aquela, como *panêlo, cabêço, caldeiro* para *panela, cabêça, caldeira*) um lugar do conc. de Valença; *ribeira do Ôlo*, subafluente do alto Mondego (*P. Ant. e Mod.*, XII, 699-700); *rio Ôlo* ou *Dôlo* (1) afluente do Tâmega (Idem, III, 277) e nas suas margens ou cabeceiras os lugares de *Lamas d'Olo* (*Lamas dollo* na *C. P.*, I, 170), *Ponte d'Olo*, e *Casal d'Olo*, nos conc. de Mondim e Amarante.

Todos os sinónimos de *ola* no sentido topográfico, que atrás indiquei, teem representação na toponímia portuguesa. De *dorna* já disse alguma coisa nesta revista, XVI, 156; dos restantes apraz-me citar agora apenas *pego do Pião*, no Zêzere, freg. de Cernache do Bomjardim (Sertan), — e *ribeira de Pias*, afluente do Nabão (Ferreira do Zêzere), para chegar mais de-pressa ao seguinte.

*

Odivelas é nome de um pequeno afluente da ribeira de Frielas, no conc. de Loures, dito também *Rio Sêco*, à margem do qual fundou D. Dinis, em 1295, o celebrado convento de freiras do mesmo nome.

Numas inquirições de cêrca de 1220 é êsse rio dito *Udivela* e *Odivelas* (*Memorias para a hist. das inquir.*, Doc. p. 9 e 10) parecendo-me que o *s* final desta última forma, a-pesar-de antigo, é paragógico e resultante de analogia com os

---

acento, mas sim do deminutivo *pelagulus > **peágoo*, cuja parte postónica, por ser forma tardia, foi tratada como em oraculum > orago, periculum > perigo, regula > régua, caindo o *l* sem formar grupo com a palatal anterior.

Além de *Ola do Piágo*, aparece êle também em *Peago* sítio da freg. de Podame (Monção) segundo as inquirições de 1258 (*Inq.*, 375). Na Galiza há *Piágo Negro*, lugar na prov. de Lugo.

(1) Na forma *Dolo* por *d'Olo* houve aglutinação da preposição ao nome, como no de outros rios: *Deste, Dinha, Dançcos, Dasnes* e no nome de lugar *Dantas*, etc.

nomes de outros topónimos próximos como *Belas, Chelas, Bucelas, Frielas, Olelas,* etc.

No Alentejo há outro rio *Odivelas,* afluente da direita do Sado, que dá nome a uma freg. do conc. de Ferreira do Alentejo, já também chamado *Udivelas* em documentos de 1258, 1261, etc. (*Livro dos bens de D. João de Portel,* 4, 10 e passim). Na doação do castelo de Aljustrel e seu território à Ordem de Santiago, em 1235, fala-se de um *monasterium de Udivelas,* que devia ficar algures, nas margens desse rio (G. Barros, obra cit., 113, nota), e aí igualmente, mas no têrmo antigo de Portel, havia ainda uma herdade ou lugar de *Odivelas* mencionada no foral novo dessa vila de 1510 (Franklin, *Indice dos foraes*) e num doc. de 1279, no cit., *Livro dos bens,* 96-7 (1).

O étimo comum desses nomes de rios é o árabe uadi bélaa (construção vulgar por uadi al bélaa) «rio da ola ou do remoinho».

Na Argélia, cantão de Cherchel, há também um rio homónimo — *Oued Belaa* (A. Cherbonneau, obra cit., 10).

40. Santagões

É freg. do conc. de Vila do Conde. No *Port. Sacro e Profano,* II, 201 e passim lê-se *Santiagões,* grafia que Pinho Leal, *P. Ant. e Mod.,* VIII, 441, apoia, pretendendo que derive de dois irmãos de apelido *Santiago* «tão ricos como turbulentos, déspotas e amigos do alheio».

A *C. P.,* I, 320, traz *Santo Agões,* forma que Martins Sarmento colheu também oralmente do povo em 1883 (*O Arch. Port.,* VI, 47). São casos de etimologia popular e falsa cisão, cuja improcedência as formas antigas põem a claro.

Assim: no censo de 1527 êste lugar é chamado *Cẽtegãos* (*A. H. P.,* III, 270); no rol das igrejas de 1320-21 *Centegãos* (F. de Almeida, *Hist. da Igreja,* II, 635); em doc. de 1319, 1193 e 1192 respectivamente *Centegaos, Centegaus, Centegãus* (Ribeiro, *D. C. e C.,* I, 285, 313; L. de Vasconcelos, *Textos Archaicos,* 14).

A chave da etimologia respectiva é dada pelos doc. do

---

(1) No *P. Ant. e Mod.,* VI, 212, cita-se no conc. de Amares uma pov. de *Odivelas,* mas deve ser êrro do autor.

séc. XI, que consignam *villa de Celleganes* em 1038, *villa de Celleganus* em 1048, *ereditate de Zelleganus* em 1049, *villa Celteganus* em 1080 (*D. et Ch.*, n.os 302, 368, 371 e 577).

No doc. de 1038 o escriba confundiu com *-anes* a terminação verdadeira, que é *-anos*, como faz ainda hoje o povo, trocando entre si, com freqüência, as terminações *-ãos*, *-ães* e *ões*; a notação final *-us* por *-os* nos outros doc. é corrente nos daquêle século.

Em face do exposto o étimo é claramente *villa (de) Celteganos*, «quinta dos de Céltigos». *Céltigos* é nome de seis povoações da Galiza, nas províncias de Lugo e Corunha, a que corresponde uma forma primordial *Celticos* (1), segundo G. de Diego, *Gram. Hist. Gal.*, 37; e os habitantes de alguma delas foram de-certo os primeiros povoadores ou donos da quinta ou casal, que serviu de núcleo a *Santagões* e lhe deu nome.

O mesmo há-de dizer-se de outro lugar chamado *Santegãos* na freg. de Rio Tinto, conc. de Gondomar, que é *Centegaãos* já em uma inquirição do séc. XIII (*Corpus Cod.*, I, 390).

Derivados de nomes pátrios ou étnicos, em *-ãos* < lat. *-anos* há muitos outros topónimos em Portugal, que freqüentemente trocam essa terminação em *-ões* e até *-ães*: — *Esturãos*, *Limãos* ou *Limões*, *Castelãos* e *Castelões*, *Coimbrões*, *Cordovões*, *Cabrelões*, etc.

Celteganos deu *Centegãos*, quanto me parece por assimilação do *l* à nasal da terminação, como em lat. *ilicina > > *enzinha* = *azinha* (cast. *encina*, ant. cast. *elcina*), árvore.

---

(1) Menéndez Pidal (*Gram. Hist. Esp.* e *Origenes del Español*) também pretende tirar de um primitivo **Celticos* (em documentos *Zelticos*) o nome da pov. espanhola de *Gértigos*, onde Wamba foi eleito rei em 672. Hipótese errada, de-certo, por que no séc. VII já era *Gerticos* a forma desse topónimo, como se vê do coevo Julião de Toledo, *Hist. Wambae*, § 2 (na *Esp. Sagrada*, VI): «villa *Gerticos* in salmanticense territorio». O mesmo no séc. IX, em Sebastião de Salamanca, *Chron.*, c. 2 (na *Esp. Sagrada*, XIII): «*Gerticos* nunc in monte *Caurae* dignoscitur esse». Não é de aceitar que **Celticos* tenha já evolucionado fonèticamente até *Gerticos* no séc. VII, — jàmais para voltar a ser *Zelticos* posteriormente, e a seguir outra vez *Gertigos*...

Quanto a Celticos > *Céltigos* na Galiza, creio que êste nome nada terá com os *celtici*, povo pre-romano de que falam os autores clássicos, nessa região. Poderá ser devido a colonização medieval com habitantes vindos da antiga *Gallia Celtica* (França Central e Meridional) correspondendo então aos que são, nos nossos documentos, chamados *gallici* ou *gálleci*, em oposição aos *franci* ou *francigenae*, franceses do norte.

Uma longa série de topónimos da Espanha (com paralelismo em Portugal) reproduz nomes étnicos ou pátrios no plural, como sejam: *Griegos, Romanos, Godos, Suevos, Francos, Gascones, Lordemanos, Toscanos*, San Martin de *Provensals*, San Pedro de *Galligans, Llombarts*, — *Iberos, Báscones, Castellanos, Gallegos, Coreses, Cembranos, Moros*, etc. Parece-me que são todos posteriores à reconquista cristã, relacionados na maior parte com a conseqüente colonização e repovoamento, podendo haver em alguns influência erudita. Assunto para profundar.

41. Fonteita

Pov. da freg. de Andrães (Vila Real), já assim dita no *D. G.*, do P.e Cardoso, I, 476.

A *Chor. Mod.*, traz por êrro *Fonteira*, razão talvez por que o Dr. Leite de Vasconcelos não se referiu a êste topónimo no seu compreensivo estudo *A ideia de «fonte» na toponímia port.*, publicado no *Archivio Glottol. Ital.*, XXI, 107-118.

O étimo está no lat. fonte- tecta, «fonte coberta». Houve haplologia dos dois primeiros *tt*, como em *Monterroso* (também *Monte Roso*, com falsa cisão) *Montelhado* por *Monte Terroso, Monte Telhado*, e ainda *Santisso* pronúncia vulgar por *Santo Tisso* = *Tirso*, em Riba de Ave.

Tal denominação é idêntica a outras freqüentes no País: — *Fonte Coberta, Fonte Telhada, Fonte (do) Telheiro, Fonte Arcada, Fonte do Arco; Fonte da Abóbeda* em Aldeia Nova (Serpa), etc. Quando uma fonte brota do chão raso e é pública, costuma proteger-se com uma construção, em geral abobadada e com portal de arco, mas também às vezes com um simples cobêrto — e daí aquêles nomes.

Ao nosso topónimo correspondem em Espanha: — *Fonteita* (Orense) *Fonteta* (Oviedo e Gerona) e *Fontecha* (Santander, Leão, Palencia, Álava).

42. Friume

Lugar na freg. e conc. de Ribeira de Pena. É *Froyme* no foral da Pena de 1517 (Franklin, *Indice dos Foraes*, 146).

Deve proceder de villa Fronimii (quinta de Fronimio) > *Froyme* = * *Fruíme*, por fim *Friúme* com metátese da tónica talvez por atracção da terminação freqüente de outras palavras em *-ume* e influência de *frio*. Cp. ant. *geôlho*, que passou a *joêlho* por influência da terminação de *artêlho*.

O nome de pessoa *Fronimius*, *Frunimius* que foi usado por dois bispos de Leão, em Espanha, nos séc. IX e X, aparece também em doc. nosso de 998 arrolado no *O. M.*, onde figura além disso a forma *Fruminius*, com metátese de *m* e *n*, e o patronímico *Frolimiz* com *l* < *n* por dissimilação. O Índice de Sahagun, p. 130, dá *Fronimio* em doc. de 950. Deve ser de proveniência germânica, como resulta da comparação da sua parte inicial com outros antropónimos, que o são: — *Fronerigus*, *Fronosindo*, *Fronilli* = *Frunyli*, no O. M.; *Fronimiro*, etc.

No conc. de Penacova temos uma freg. de **Friumes**, já com êste nome em 1221 (*N. Malta*, I, 394), e que representará talvez o patronímico *Fronimiz* > *Fruimes > Friumes.

Na Galiza há *Fruíme* (Corunha).

43. Fragosela — Folgosa

A 1.ª é freg. do conc. de Viseu, cujo nome não tem parentesco algum com o adj. *fragoso*.

Na C. P., II, 187, escreve-se *Fraguzella*, e no tômo III, 468 — «reguengo dos lugares de *Fraguzellas* em Vizeu»; mas nas inquirições de 1258 e noutras que parece serem de 1234 chama-se-lhe *Felgosela*, e em documentos de 1182 e 1227 *Filgusela* e *Felgosela* (*Inq.*, 856; *Mem. para a hist. das inquir.*, Doc. pág. 17; *Eluc.*, s. v. *familiares*).

Trata-se, pois, claramente de um deminutivo, com o suf. *-ella*, do nome de um lugar da freguesia vizinha de Lordosa, mesmo concelho, chamado *Felgosa* naquelas inquirições de 1234 e 1258, assim como no censo de 1527 (*Inq.*, 879 e 892; *Cad.*, 134) e que hoje dizemos **Folgosa**.

Felgosa, cujo *e* passou a *o* por influência da labial (como sucedeu em **Folgosinho**, no séc. XIII *Felgosino*, topónimo da mesma família, e em outros muitos casos) proveem do lat.

filicosa (sc. terra ou villa), «terra ou quinta em que abundam fetos ou feitos». É pois um equivalente dos nomes de lugar muito freqüentes *Feitosa, Fètal, Feiteira* e *Fèteira*, etc.

Na evolução fonética de *Felgosela* a *Fragosela* deve ter havido uma intermédia **Fargosela* em que *l* passou a *r* por dissimilação e *e* deu *a* por influência desta consoante, como em lat. *melimellu > *marmelo*. Depois o *r* passou para dentro da sílaba a que pertence, fenómeno corrente. Cp. os vulgarismos *bragasta, cravão* e vid. Nunes, *Gramat. Hist.*, 2.ª edição, p. 161.

44. **Germalde — Germinade**

Germalde é a denominação antiga, mas ainda não esquecida, da travessa da Regeneração e parte da rua do mesmo nome, à Lapa, na cidade do Pôrto. Foi primitivamente simples aldeia nas estremas do burgo do Pôrto.

Na doação dêste burgo feita por D. Teresa ao bispo D. Hugo, em 1120, tem sempre êsse nome a forma *Germinati*, e em doc. do séc. XIII *Germadi* (Corpus Cod., I, 17-18 e 20); em outro de 1348 *Germadi, Germady* (Ribeiro, D. C. e C., V, 295-6). Também encontrei *Germaade* algures e *Germandi* com êrro, segundo creio, de *n* por *a*, em 1195. (*Censual*, cit., 495).

O étimo respectivo está no genitivo do nome pessoal *Germinatus, que existiu, embora não possa aduzir agora aqui abonação, e se formou sôbre o lat. germinare, como os seus congéneres *Germinus*, nome de um santo do séc. II, *Germinius* e *Germinianus* sôbre gérmen.

Germinati sc. *villa* deu primeiro **Germeade* e a seguir *Germaade* = *Germade*, como *Peaio* (< Pelagius) e *Veasco* (< Velascus) deram *Paaio, Paio* e *Vaasco, Vasco*. Muito posteriormente na parte final de *Germade* introduziu-se um *l* parasita (1) provàvelmente por analogia com outros topó-

---

(1) Ainda numa escritura de 1703, no livro 1.º da 5.ª série de notas dos tabeliães da Maia, hoje no Arquivo Distrital do Pôrto, se lê que foi lavrada junto ao «Padrão de *Germade*, no conto de Paranhos e concelho da Maia».

Na pretensa carta de couto de D. Afonso Henriques a

nimos terminados em *-alde*: *Ramalde* e *Moalde*, vizinhos; *Silvalde*, *Roalde*, *Insalde*, *Tibalde*, etc., mais longe. Cp. ainda *arrabalde*, e *alcalde* (ant.) que representam o ar. ar-rabade, al-cadi.

*

Na Espanha ocorrem os topónimos *Germeade* (Orense) *Jarmeade* (Corunha) e *Germade* (Lugo) irmãos gêmeos de *Germalde*, explicáveis também pelo genitivo do referido nome pessoal e que ao mesmo tempo comprovam a existência dêste.

Outro derivado do genitivo do dito antropónimo é o nome de lugar **Germinade**, na freg. de Carvalhais (S. Pedro do Sul) que é *Germiade* nas inquirições de 1258 e *Germinhade* no censo de 1527 (*Inq.*, 902; *Cad.*, 173). O povo na localidade sei que diz vulgarmente *Gernimade*, e é esta a forma que figura no Censo das Povoações de 1911; forma interessante, por que a metátese *m-n* > *n-m* que ela acusa, de-certo muito antiga, tendo encostado ao *r* o *n* que era intervocálico, salvou êste da eliminação regular, como sucedeu em *pederneira* de *peternária por petrĭnaria, no topónimo **Padornêlo** < *Patornello, séc. x Patronello, de patronus, padrão e no nome de planta *madorneira* (artemisia crithmifolia, L.) < lat. v. *matornaria por matronaria, de matrona, assim chamada pela sua suposta utilidade nos partos. Cp. gal. *herva de madróa*, «artemisiavulgaris» L., nome devido à mesma ideia.

A forma *Germinade* deve ser já uma correcção moderna dela.

Germinhade, em 1527, representa outra evolução fonética, que não vingou, e resultou de *Germĩade*, onde a nasalação do *i* (proveniente da queda do *n* de Germinati) seguido de outra vogal, provocou segundo a regra o aparecimento do *nh*. Cfr. *vinho* < ant. *vĩo*, do lat. vinum; *dinheiro* < ant. *dĩeiro* do lat. hisp. *dinarius por denarius; o topónimo **Tardinhade**, (séc. XIII *Tardinhadi*) < * *Tardĩadi* por * *Tardẽadi*,

---

Cedofeita em 1128, diz-se que êsse couto confinava com o da Sé do Pôrto, entre outros lugares, «per *Germinaldum*» (P. Ant. e Mod., v, 107). Esta forma, com *l* já no séc. XII, só por si denuncía, que tal carta ou é falsa ou está deturpada.

do genitivo do nome pessoal latino *Tardenatus (Tardenadus)* no O. M., com significado idêntico a *Seronatus*, etc.

45. **Puços**

Nome de um lugar e freg. do conc. de Alvaiázere, às vezes escrito *Pussos* por êrro.

É já *Puços* (Comenda de ~) e também *Pouços* em doc. de 1321, n*O Arch. Port.*, XIV, 162; em doc. de 1385 figura Garcia Soarez «comẽdador de *Puços*» (Aires de Sá, *Frei Gonçalo Velho*, I, 117 n.).

Mas em documentos do séc. XIII e no rol das igrejas de 1320-21 escreve-se *Pozos* e *Poços* (*N. Malta*, I, 106 nota e 195; F. de Almeida, *Hist. da Igreja*, II, 671).

Trata-se do plural de *puço*, forma divergente ant. do nome comum *pôço* < lat. pŭteus, a qual ocorre v. g. em doc. de 1381: — «arca e *puços* e nora e alfacara» (*O Arch. Port.*, V, 268). Em gal. são ainda correntes *puzo* e *puza* por pôço e pôça, também com representação na toponímia da Galiza. O derivado *puçal, puzal* (cast. *pozal*), certa medida de capacidade, é muito vulgar no port. ant.

O *ŭ* tónico de pŭteus deu aqui *u* e não *o* por influência do *e* = *i* do hiato final, caso idêntico ao de *buço* (cast. *bozo*) do lat. *bŭcceus, de bŭcca. Outro tanto pode suceder quando a tónica é *ō* ou mesmo *ŏ*: *durmo* < lat. dōrmio, *outubro* < < lat. octōbrius (sc. mensis), *Urros* < Hŏrreos, de que a seguir trato, etc.

Na nossa toponímia moderna há outros nomes da família do estudado, que acusam idêntico processo fonético e às vezes se veem escritos com *ss* indevidos em vez de *ç*: — *Puços* no conc. de Penafiel, *Pucelo* no de Cernancelhe, *Puçacos* no de Póvoa de Lanhoso (a-par-de *Poçacos* no de Vale Paços, *Possacos* na C. P., I, 511), *Puçancos* no de Santiago de Cacêm. **Purços** casal da freg. de Polvoreira, conc. de Guimarães (no Dic. Postal *Pursos*) é mais interessante, por que representa o mesmo *Puços* com epêntese dum *r* em circunstâncias idênticas a *Murça*, vila de Trás os Montes, que é no séc. XII *Muça, Muza.* Cp. ainda *camurça, alferce, alicerce,* cujos étimos não teem *r*; e os vulgarismos *chorça, narsa* por *choça, nassa,* etc.

46. **Urros**

Lugar e freg. do conc. de Moncôrvo, a que foi dado foral em 1182, no qual muitas vezes e alternadamente se lê *Orrios* e *Urrios*. (*For.*, 424-6).

Documentos de 1212 e 1236 trazem *Urrios* e *Urrus* (Herculano, *Hist. de Port.*, II, notas VIII e XXV, no fim). No rol das igrejas de 1320-21 já vem *Urros* (F. de Almeida, obra cit., II, 649).

Êste topónimo representa o plural do nome comum *hórreo* < lat. hŏrreum, «celeiro, tulha, casa onde se arrecadam cereais e outros géneros». O galego tem também *órreo, órrio, hórrio*, e teve *horro* (G. de Diego, *Gram. Hist. Gal.*, p. 26); no asturiano é *órru*, que designa em especial «o espigueiro ou celeiro de madeira sôbre pègões».

Urros proveem de *Hŏrreos* = *Orrios* pela passagem atrás aludida do *o* tónico a *u* sob a influência do *i* do hiato, e pela queda posterior desse *i* nos mesmos têrmos em que caiu nos vocábulos *adro* < lat. atrium, *farro* < lat. farreum, *paço*, (ant. *paacio*) < lat. palatium.

Outros nomes de lugares nossos derivados do mesmo vocábulo são:

Urros — casal da freg. de Mateus (Vila Real);

Orros — pov. da freg. de Ferreira, em Paredes de Coura. (No censo de 1911 escreve-se, porém, *Orroz*, o que me faz suspeitar de que a pronúncia exacta será *Orrôs*. Não apurei);

Orreo, ant. mosteiro, em local desconhecido para mim, mas de-certo no norte do País, mencionado em uma doação de 960: — «ad *Orreo* villa Mediana». (*D. et Ch.*, n.º 81, p. 51, l. 18; *Eluc.*, s. v. *charitate*, III).

*

No lat. ant. havia, a-par-de horreum, a forma feminina horrea de sentido igual e que deve ter perdurado na Península, por que é ela que explica os nossos topónimos *Urra* e os paralelos em *-a* da toponímia espanhola, no fim dêste artigo citados.

O deminutivo horreolum «pequeno celeiro», paroxítono em lat. vulgar, — e o substantivo horrearius, «celareiro, guarda ou encarregado do celeiro», estão também

representados respectivamente em *Urrô* e *Orreiro*. Eis os exemplos que colhi:

Urra — pov. e freg. do conc. de Portalegre; no séc. XIII — «lugar que é chamado *a Hurra*». (*N. Malta*, I, 449).

Urra — herdade da freg. de Arês (Nisa).

Vale da Urra — lugares e casais nos conc. de Vila do Rei, Fundão e Loulé.

Cabeço da Urra — nome de um ramo da serra da Estrêla no conc. da Pampilhosa (P.^e^ Cardoso, D. G., II, 329).

Também um doc. nosso de 960 se refere a uma propriedade ou casal chamado «**Orra** *Amarella* que est in Lalin». (*D. et Ch.*, n.º 81, p. 51, l. 19). Êste *Lalin*, dito *villa Lalini* em doc. do ano anterior, é hoje a pov. de **Larim** na freg. de Soutelo, conc. de Vila Verde, como já disse Pedro de Azevedo, n*O Arch. Port.*, IX, 221-2, e o seu nome representa o genitivo do antopónimo *Lallinus, que deve derivar, a seu turno, de *Lallus* (também *Lalus*) *Lalla*, acusados na onomástica romana.

Urrô — freg. do conc. de Penafiel, ant. couto instituído por D. Afonso Henriques, que é no séc. XIII *Orroo* e *Urroo*, e em doc. de 1422 *Hurroo* (*Inq.*, 570 e 591; *Censual*, do Cabido do Pôrto, 351; *Corpus Cod.*, I, 6, 14, 88, 363).

Urrô — freg. do conc. de Arouca, que é «Sanctus Michael de *Orrúú*» no rol das igrejas de 1235-45 (T. do Tombo, G. 19, M. 14, n.º 7).

Urrô — lugar da freg. de Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses).

Urrós — freg. do conc. de Mogadouro, chamada *Urrolus* nas inquirições do séc. XIII e *Hurroos* em doc. de 1319 (*O Instituto*, de Coimbra, LVIII, 168; *N. Malta*, II, 369 e III, 260).

Urreiro, *Orreiro* ou *Horreiro* — lugares nos conc. de Marco de Canaveses, Cinfães, Rèsende e S. João da Madeira.

Nas várias províncias da Espanha existem muitos topónimos paralelos dos que ficaram indicados. Lembrarei = *Orro*, *Orrio*, *Horros*, *Orros*, *Orreos*, *Orrios*, *Orrius*, *Urros*; = *Horra*, *La Horra*, *Lahorra*, *Horria*, *Horrea*, *Urra*, *Urria*; *Orriols*, e *Urrós* — todos arrolados no «Dicion. General de todos los pueblos», Madrid, 1862.

E já na geografia da época romana se encontram *Horrea Caelia* no território da actual Tunísia, *Horrea Margi* na Dácia, *Horrea Gaebae* em Roma, *Ad Horrea* na Gallia Narbonesa, etc.

Com o presente artigo procurei responder à pregunta feita

pelo sábio Director desta revista, a propósito de *Urros, Urrós* e *Urró*, nos seus *Opúsculos*, III, 20.

*

A esta mesma família onomástica pertence também provàvelmente o antigo topónimo **Tres Orres** ou **Tresorres** (Sancto Mamete de ~) que, segundo documentos de 1130 e 1131 do Cabido do Pôrto, designava a actual freg. de S. Mamede da Infesta no conc. de Matosinhos (*Censual*, cit., 159-60). Numas inquirições de 1290 lê-se também *S. Momede de Tres Orres*, e em outros doc. do séc. XIII há as grafias imperfeitas *Tresores* e *Trasores* (*N. Malta*, I, 375-6).

No rol das igrejas de 1235-45, atrás citado, na parte do bispado do Pôrto, vem *Sanctus Mames de Tresorres*.

O étimo poderá ser tres horreas «tres celeiros», tendo a terminação de horreas sofrido uma alteração antiga idêntica à de *Lages, Ribes, Barges*, etc., que ocorrem na toponímia por *Lageas, Ribas, Varzeas* (1).

47. Campía — Camposa

Estes dois nomes são derivados invulgares do vocábulo *campo*.

Campía, freg. do conc. de Vouzela, chama-se já *villa de Campía* em 1258 e da mesma forma em doc. de 1138 (*Inq.*,

---

(1) À freg. de S. Mamede da Infesta chama-se correntemente, na região, só *S. Mamede*, como já fazem as inquirições de 1258 e o censo de 1527. O determinativo, que é hoje *Infesta* e já o era em 1706, segundo a *C. P.*, I, tem variado muito, pois também se acha *S. Mamede da Ermida* e *S. Mamede da Hermida da Infesta* nas Constituïções do bispado do Pôrto de 1735 e noutros doc. do séc. XVIII, e *S. Mamede de Moalde* no Catal. dos bispos do Pôrto, de Cunha, em 1623, e na *N. Malta*.

Moalde é uma aldeia dessa freguesia, já nomeada em doc. de 994 e 1008 sob a forma *villa Manualdi*, isto é, «quinta ou herdade de um indivíduo chamado *Manualdo*». A base é, pois, êste antropónimo e não *Modwald*, como presumiu G. Sachs, *Die german. Ortsnamen in Spanien und Portugal*, 22 e 77,

914 e 915; *Livro Preto*, cópia da Universidade, I, 260). A sede fica numa encosta da serra, sôbre o Alfosqueiro, onde o terreno faz uma rechan, algo escampada.

Deve ter sido palavra do port. arcaico e perdura no gal. *campía* «campina, terreno plano mais ou menos extenso e fertil». (Valladares Nuñez, *Dic. Gal. Cast.*, Suplem., s. v.). Quanto à formação com o conhecido suf. *-ío*, < lat. *-ivus* compare-se *umbría*, *pousia*, *madría*, etc.

No *Glossarium* de Ducange, s. v. *campius*, recolheu-se êsse têrmo *campia* em doc. de 1100: «unam petiam terrae aratoriae sive *campiae* positae in populo S. Laurentii de Campi». Num doc. nosso de 1027 figura também *campia* numa passagem pouco clara, mas, segundo supõe Gama Barros, em igual sentido de «terra arável ou de campo». (*D. et Ch.*, n.º 263; G. Barros, obra cit., II, 355-6) e em siciliano há *campía*, vasta extensão de campos, campina. (M. Lubke, *REW*, n.º 1563). O adjectivo *campío*, «campestre, do campo», vive ainda em cast. e ital.

O topónimo foi usado como apelido: — *Martino Campía*, numas inquirições de 1220-21. (*O Arch. Port.*, XVI, 91).

No concelho da Maia ouvi o têrmo *camposa* para dizer «extensão grande de campos sem árvores nem vedações altas», têrmo que existe também ainda em galego (vid. dicionário cit., onde se define «campo grande» explano).

Êle explica o nome **Camposa** de um lugar da freg. de Folgosa (Maia) já mencionado no séc. XVII, nos livros de notas dêste conc., hoje no Arquivo Distrital do Pôrto, — e de outro na freg. do Vale, conc. de Arcos de Vale de Vez. Na Galiza encontro *Camposo* (Lugo). No *Dicion. da ant. linguagem port.*, de H. Brunswick, figura o adjectivo *camposo* «vasto, extenso». Colhido ou usado aonde?

Outros adjectivos derivados de *campo* são ainda: *camponês* de formação pouco regular; *campeiro* provincial (*Novo Dic.* de C. de Figueiredo); *camparesco* usado por Gaspar Barreiros e recolhido na 4.ª edição do *Dic.* de Morais, de-certo de origem italiana; *campês* (também em ant. cast. *campés*) base de *campesino*, que ocorre no port. arcaico como apelido, na Maia: *Petrus Campes* (Inq., 502).

No antigo têrmo de Penela, distrito de Coimbra, ao sul dessa vila, estendia-se, em território sem grande relêvo, um dilatado reguengo chamado de **Camporês**, já mencionado com esta grafia numas inquirições de 1220-21 (T. do Tombo, G. 3,

M. 18, n.º 17), na *Cron. de D. João I* de F. Lopes, P. II, cap. 153, no testamento de D. João II, no foral de Penela de 1514 e ainda no séc. XVIII (Delfim de Oliveira, *Noticias de Penella*, 44 e 393), na *Chronica do Principe D. João*, de Goes, cap. 17 (pág. 51 da edição de Coimbra, 1905) (1), etc.

Teremos em *Camporês* mais um descendente, como os de cima, do lat. campus, formado com o suf. -ensis sôbre uma declinação irregular campus, *-ŏris, analógica de tempus, -oris, corpus, -oris, etc.? Sôbre casos similares vid. M. Lubke, *Introd. al estudio de la linguist. rom.*, § 156.

48. Esprendeo — Esprendêm — Esplendens — Alentêm — Agostêm

Chama-se **Esprendeo**, no curso superior, a ribeira da Ortigueira, no conc. de Viseu, que passa em Couto de Cima, depois entre Couto de Baixo e S. Cipriano e aflue à direita do *rio d'Asnes*. Vem o nome no *D. G.*, do P.e Cardoso, II, 654 e no *P. Ant. e Mod.*, II, 463.

Ficava nas suas margens e deu-lhe êsse nome o antiquíssimo mosteiro e *villa de Speraindeo*, ou *loco nominato Sperandei*, citados em documentos de 961 e 957 (*D. et Ch.*, n.os 84 e 73) e que me custaram alguma coisa a localizar. Outro doc. de 1086 (n.º 663) refere-se, no território visiense, à «ecclesia vocabulo Sancta Eulália», sita «in ripa de ribulo de Asinos prope cenovio *Sperandei*».

Quando em 1116 o bispo de Coimbra restituiu ao velho mosteiro de Lorvão, então restaurado, os bens que lhe haviam pertencido, nomeou entre êles o «monasterium de *Sperandei* cum suis ecclesiis *Sancti Martini* et *Sanctam Eulaliam* cum suis terris». (*Arquivo Hist. de Port.*, em publicação, I, 133). Em 1133 D. Afonso Henriques coutou a Lorvão aquêle mosteiro de Sperandei com a *villa* do mesmo nome, e as de Sabugosa, Treixedo e Midões, chamando-lhe então *Cauto de Ribulo de Asinos (Eluc.*, s. v. *regaendo)* que é também a denominação empregada nas inquirições de 1258 (Inq., 842-45) e per-

(1) No imperfeitíssimo *Vocabulario Geographico* com que termina esta edição, escreve-se na verba relativa a êste nome: «*Reguengo de Campo Res* (leia-se *Campo Reis*) lug. da com. de Leiria». Tantas palavras como erros!

dura no foral novo de 1514 passado ao couto *de Rio d'Asnos* (Franklin, obra cit., 158). No censo de 1527, porém, diz-se já *Coutos de Santa Olaia* (*Cad.*, 170).

As sucessoras da *villa de Speraindeo* do séc. X são as actuais freguesias de S. Martinho do *Couto de Cima* e Santa Ovaia ou Eulália do *Couto de Baixo*, no conc. e a O. de Viseu. Nesta última ficava a sede do couto de Rio d'Asnos e existiu o falado mosteiro (da invocação de S. Salvador) de-certo no lugar hoje chamado *Mosteirinho*, no censo de 1527 *Mosteiroo* e a que já fazem referência as inquirições de 1258 também.

O nome de *Speraindeo* é que só sobreviveu aplicado, como disse, ao ribeiro. Êle é na origem um antropónimo medieval, de sentido místico (Spera in deum, «tem esperança em Deus») como tantos outros criados pelo fervor religioso da Idade Média, e muito vulgar nos países cristãos. Em doc. nosso de 968 figura um *Sperandeo iben Mozeiam* (D. et Ch., n.º 95); nos da Espanha há *Spera in Deo* e *Sperandeo* (Godoy Alcântara, *Ensayo sobre los apellidos cast.*, 150), nos da França *Sperandei*, *Espérandieu* e também a variante *Spesindeum* (Mowat, *Etudes d'Onomat. comparée*, 33 e 39) nos da Itália *Sperandio* (Zambaldi, *Vocab. Etimol.*, 624), etc.

*

Proveem também desse nome de pessoa mais os seguintes topónimos:

Villare Sperandei, citado num doc. de 985 (D. et Ch., n.º 149). Devia ficar pelas alturas de S. Félix da Marinha, conc. de Gaia.

Esprendêm, lugar da freg. de Silvares (Lousada).

Esplendens, lugar da freg. de Guardizela (Guimarães) dito *Asperandei* em documentos de 1219 e 1246, e *Esperandey* nas inquirições de 1290 (*Vimar. Mon. Historica*, pág. 133, 207 e 365).

Estes nomes representam o genitivo — *Speraindei* — do citado antropónimo, cujo *-ei* final se nasalou por contaminanação da nasal precedente. Cp. *mantens, lambens*, plurais de mantel e lambel em documentos do séc. XVI. De resto *-ei* final aparece nasalado mesmo sem haver nasal anterior, em outros topónimos: *Aldarêm* (Paredes), *Asurêm* (Guimarães) e *Ousarêm* (Paredes) *Fraldêm* ou *Faldrêm* (Vieira) *Gondarêm* (V. N. de Cerveira), *Lebrêm* (Arouca) *Tourêm* (Montale-

gre), etc., — que todos terminavam antigamente em *-rei* < lat. *-redi* e proveem de genitivos de nomes pessoais germânicos em *-redus*, como já disse em tempos o saudoso Pedro de Azevedo, *Rev. Lus.*, XII, 324, num artigo com bastantes erratas.

O mesmo sucedeu em **Alentêm** (Lousada) que é *Arantei*, *Aranthei* em doc. de 1163, *Arentei* nas inquirições de 1220 e *Arantey* nas de 1258. (*Docs. para a hist. port.*, n.º 212; *Inq.*, 61 e 608), onde há essa nasal, e deve assentar num antropónimo **Arantēus*, que não posso agora documentar, mas é comparável pela terminação a *Godesteus* e na primeira parte deve conter o elemento germânico *arn* «águia». Vid. G. Sachs, *Die german. Ortsn. in Spanien und Port.*, p. 31-2 e 115.

Quanto a **Agostêm** (Chaves), que Pedro de Azevedo no artigo atrás referido e Sachs, obra cit., p. 65, julgam também ter procedido de uma anterior forma em *-ei* e comparam a *Gostei* (Bragança) < *Godestei sc. villa, o caso é mais que duvidoso, por que embora *Agostêm* já se ache assim escrito em 1706, na *C. P.*, I, 510, as grafias mais antigas apresentam êsse topónimo terminado em *-im*: *capela de Gostim* em 1528 (Codice n.º 117 da Colecção Pombalina, na Bibl. Nacional), *Agostim*, *Agustim*, *Augustj* e *Augustjn* em documentos do do séc. XIII. (*N. Malta*, I, 251 e 256; II, 280 e nota; III, 227). Estas formas conduzem-nos antes à solução etimológica villa Augustini, «quinta de Agostinho», se bem que carece de explicação a insólita mudança de *-im* em *-êm*.

No topónimo **Esplendens** o *s* deve ter talvez resultado de haver dois ou mais lugares ou casais chamados, v. g., *Esplendêm de Baixo* e *E. de Cima*, ou coisa semelhante, que afinal se unissem; e o *l* em vez de *r* é influência dos vocábulos *esplêndido*, *esplendor*, etc.

49. Santos Êvos — Santos Idos

A Igreja não conhece estes santos, que são de invenção equívoca, como vários outros.

Santos Êvos é uma freg. do conc. de Viseu, já assim dita na *C. P.*, II, 186, mas no censo de 1527 — *Santos Egos* (*Cad.*, 136). Qualquer destas formas resultou de deturpação e falsa cisão do nome verdadeiro e primitivo — *Sancto Eusebio*, que é como se chama repetidas vezes àquela freg. nas inquirições de 1258. (Inq., 857-8).

O nome *Eusébio* teve as formas vulgares *Osébio*, *Osévio*,

Osevo e *Zevo* já em documentos muito antigos (*O. M.*, de Cortesão, s. v.; Nunes, *Gram. Hist.*, 79, n.º 4, da 2.ª ed.) e por isso de *Sancto Eusebio* tornado popularmente *Sant'Osêvo* e *Santosêvo*, nasceu por errada cisão a extravagante forma *Santos Êvos* (1), com *s* final para pôr o segundo elemento do topónimo em concordância com o plural *santos*. Cp. o nome *Tiago* criado por falsa cisão de *Santiago* (Santo Iago) e a forma *Santo Agões* aduzida no anterior estudo sôbre *Santagões*. Já encontrei algures *Santo Mé* por San Tomé... e em doc. de 1289 lê-se «dia de *Santo Orcade*» por *San Torcato*. (D. C. e C., v, 359). Curioso também é o topónimo **Santo Ibério**, lugar da freg. e conc. de Pombal no Censo das Povoações de 1911, que representa apenas uma falsa cisão de *San-Tibério!*

A forma *Santos Egos* de 1527 está para *Santos Evos*, como na Galiza o topónimo *Suegos* (Lugo) para *Suevos* (Corunha).

*

Outro caso semelhante ao de cima é o de **Santos Idos**, nome que na Chor. Mod., VII, 347, no Dic. Postal, s. v., e em outros autores designa um lugar da freg. de Gesteira, conc. de Soure. A uma pessoa desta vila ouvi dizer — *Santos Idros*. A forma correcta é, porém, *Santo Isidro* ou *Isídoro*, que figura no *Mappa Estat. do Distr. de Coimbra*, p. 115, e na *Chorogr. Hist. Estatistica do Distr. de Coimbra*, p. 191 (obras de A. A. de Andrade), na *Chor. Mod.*, III, 332, e no censo de 1911.

O nome *Isidro* teve também a forma ant. e popular *Osidro* e *Sidro*. Aglutinado a esta o vocativo *Santo* resultou *Santosidro* e depois, por falsa cisão, *Santos Idro(s)* com *s* final pelo mesmo motivo de *Santos Êvos*, e talvez pensando em *idros* = *idolos*. O *r* de *Idros* cairia finalmente por correlacionação com *ido* particípio do verbo *ir*.

Menos deturpadas que a forma composta, que fica estudada são as dos topónimos **Santo Sidro** no conc. de Santo

---

(1) Diz-se no *P. Ant. e Mod.*, VIII, 613, que o orago da freg., a que se fêz igreja nova cêrca de 1600, era *Santo Ivo*, e foi então substituído pelo actual, Santo Isídoro. Mas aquêle *Ivo* não é, quanto a mim, senão uma pseudo-correcção de *Êvo(s)*.

Tirso e *Santozidro* no ant. têrmo de Guimarães, em doc. de 1324 (Vim. Mon. Hist., p. 399).

50. **Serleys — Serraleis**

A 2km para S. E. de Albergaria das Cabras, entre esta freg. e a de Cabreiros, ambas no sul do conc. de Arouca, levanta-se um alto monte, sobranceiro à estrada velha de Lafões para o Pôrto, que figura na carta corográfica de 1 por 100:000, fôlha 10, com o nome de **Serleys** e tem no cimo um marco geodésico com a cota de 1.091m. Êsse monte tem no séc. XIII o nome *Sella Regis* (isto é, em lat. «assento del-rei, sólio, trono» pela sua magestosa altura) que é o étimo de *Serleys*. Menciona-se nas inquirições de 1258, ao falar de um território do têrmo de *Covello* (de Paivó), que D. Sancho II doou e coutou à recente *albergaria do Monte de Fuste*, aí fundada talvez em 1242 — era 1280 — por sua tia, a beata D. Mafalda, e que corresponde à moderna freg. de Albergaria das Cabras, território cujos limites, segundo aquelas inquirições, eram — «por *Sella Regis* contra *Alafone*, e daí pela *Freita* contra *Arouca*, e por *Monte Calvo* contra *Caambria*, e daí ao *Auteiro Alvo*». (*Inq.*, 914. Cfr. P.e Cardoso, *D. G.*, I, 118, e *P. Ant. e Mod.*, XII, 2023). O lat. regis, genitivo de rex, evolucionou regularmente em *reis*, como magis em *mais*. Em documentos espanhois de Sahagun do séc. XI há *viligo reis* por *villico regis*, e *a partem reis* por *a partem regis*. (M. Pidal, *Origines del español*, 269). Assim, aglutinando-se as duas palavras, de *Sella Regis* fêz-se **Selarreis* numa só e desta saiu *Serleys* por uma metátese freqüente *l-r* > *r-l*, de que vou dar outros exemplos mais adiante.

O mesmo étimo indicado deve servir para explicar o nome de **Serreleis** ou **Serraleis**, freg. do conc. de Viana do Castelo, que é *Seralex* no censo de 1527 (*A. H. P.*, III, 259), mas já *Selarex* no rol das igrejas portuguesas da diocese de Tuy em 1235-45 (T. do Tombo, G. 19, M. 14, n.º 7), e *Sola Rex* nas inquirições de 1258 (*Inq.*, 334) certamente com êrro de *o* por *e*. Nestas grafias o elemento final *rex* deve ser notação imperfeita de *reis*, semelhante à da interjeição *eis*, que aparece escrita *ex* em documentos medievais portugueses.

Por ventura o topónimo *Villa Rex*, que aparece num doc. de 1059 perto de S. Torcato de Guimarães (*D. et Ch.*,

n.º 420, p. 262) e de que desconheço o representante moderno, se o tem, estará também por * *Villa Reis* ou * *Villa Regis*, isto é, *de Rei*.

51. Salamonde — Ceramil — Fermil — Burgães, etc. — Casos de metátese l-r > r-l

Salamonde, freg. do conc. de Vieira, chama-se *Sanamundi* nas inquirições de 1220, e já *Salamonde* no rol das igrejas de 1320-21. (Inq., 58, 147, 198; F. de Almeida, obra cit., II, 637). Há outra pov. de nome *Salamonde* no conc. de Ponte do Lima. O étimo está sem dúvida no genitivo de um ant. nome pessoal germânico, cujo 2.º elemento é -mundus. Deve ser **Sandemundus* ou **Sendamundus*, cujo grupo *nd* passou por assimilação a *nn*, *n* (1).

Aquêle antropónimo tem como 1.º elemento o ant. german. sanths, «verax, verus», que entra também em *Sandemiru* (e **Sandamirus*, como se vê do topónimo do séc. XIII *Sandamir*, seu derivado) *Sando*, *Sandecus*, *Sandinus*, todos arrolados no O. M., de Cortesão; êste outro, que aparece aí na forma *Senamondo* do séc. XIII com a dita assimilação já realizada, e, sem ela, no topónimo *villa Sendamondanes* dum doc. de 1059 (2), conteem na 1.ª parte o ant. german. sinths, «caminho, marcha» e é comparável por ela a *Sendulfus*, *Senduara*, *Sendino*, *Sendamiro*, (com as suas variantes *Sennamiru*,

---

(1) Sôbre *nd* > *nn*, *n* em lat. vulgar e na Península vid. Grandgent, *Introd. al latin vulgar*, Madrid, 1928, § 281, e M. Pidal, *Origenes* cit., p. 299-305. Cp. ainda *Arandis*, nome de uma pov. do sul do Alentejo, na época romana, em Ptolemeu (com o étnico *Aranditani* em Plínio), e a forma do mesmo nome, *Aranni* no Itinerário de Antonino, — *Arani* no Ravenate (Leite de Vasconcelos, *Religiões*, II, 19). Esporàdicamente há casos idênticos na linguagem do nosso povo: *inàgora* < < ind'agora, *Armano* (Bairrada) < Armando. Também *Anriade* nome de lugar < *Andreadi*, *Andriati* no séc. XI (O. M.).

(2) Esta *villa*, é por ventura o mesmo lugar, que nas inquirições de 1220 se diz uma vez *Zamudaes*, e nas de 1258 uma vez *Zamundaes*, e duas *Samundaes (-aes = -ães)*, na freg. de Nevogilde, conc. de Vila Verde. *Inq.*, 96 e 437, 1.ª e 2.ª col.

Senamiro, onde temos também já *nn*, *n* < *nd*) todos igualmente no O. M.

Seja de **Sandemundi* seja de **Sendamundi* sc. *villa* resultou a forma *Sanamundi* de 1220 e desta, a seguir, *Salamonde* pela vulgar conversão do *n* em *l* quando se lhe segue uma labial. Cp. *lomear*, *salapismo* (pop.) por nomear, sinapismo, *icólimo*, *Lormandia* (ant.) por ecómono, Normandia, etc.

Outro caso de assimilação *nd* > *nn*, *n*, e de *n* + labial dar *l*, se observa em **Ceramil**, nome de uma freg. do conc. de Amares, hoje escrito geralmente *Seramil*, mas que é *Ceramill* no censo de 1527 (A. H. P., III, 253), e nas inquirições de 1220 e 1258 tem repetidamente a grafia *Cenamir* e uma vez a variante *Senamir*. Inq., 20, 94, 178, 421, etc. Também no rol das igrejas de 1320-21 é *Cenami(r)*, que F. de Almeida, obra cit., II, 631, deixou imprimir com *v* em vez de *n*.

A origem está também, a meu ver, no genitivo de um nome pessoal germânico: *villa Cendamiri*, «quinta de Cendamiro», de que resultou *Cenamir* pela aludida assimilação no grupo *nd*. No O. M., figuram os antropónimos *Cendamiru*, *Zendamirus* e *Cendemiro*, cuja parte inicial representa o ant. german. kinths, alemão *kind*, «menino, criança». Vid. sôbre êste elemento e os acima indicados G. Sachs, obra cit., 72, 86, 88 e 112 (1); também sôbre aquêles, Leite de Vasconcelos, *Antroponímia*, 36.

Entre a forma mais antiga do topónimo, *Cenamir*, e a actual, *Ceramil*, deve ter mediado outra não atestada, **Celamir*, em que o *n* em face da labial passou a *l*, como em *Sanamundi* > *Salamonde*. Foi a metátese subseqüente entre o *l* e o *r* final dessa forma intermédia, que produziu a actual.

Nas inquirições de 1258 ocorrem os nomes locativos «penas de *Senamir*» na freg. de Vila Chã (Vila Verde) e «fonte de *Selarmir*», na freg. de S. Tomé de Vade (Ponte da Barca; êste talvez com o *r* interior indevido) os quais podem ligar-se à mesma origem de *Ceramil*, a-pesar-de terem *s* e não *c* inicial (por que na verdade se dá a êsse respeito alguma confusão já nos documentos do séc. XIII), ou então provi-

(1) Para base de *Seramil*, desconhecendo as formas antigas, pensou Sachs, p. 15 e 93, em um antropónimo composto com o ant. germânico *swers*, o que não pode ser.

rão do antropónimo *Senamiro* < *Sendamiro* precedentemente indicado.

*

Casos de metátese *l-r* > *r-l*, como os que se observam em *Ceramil* e *Serraleis*, são freqüentes não só no vocabulário comum ant. e popular (*frol, cristel, crérigo, corla* por *cólera*, doença) mas também em nomes de lugares. Eis alguns exemplos dêstes.

Urmal e **Ormal**, — **Urgal** e **Orgal**, — **Urval** e **Orval**, nomes de vários povoados do País, proveem respectivamente do lat. vulgar ulmare (de ulmus), ulícare (de ulex), olivare (de oliva), isto é, — olmedo, urzal, olival.

Cerolico é a forma popular, ocorrente já no séc. XIII como se vê do O. M., do topónimo *Celorico*, nome de duas vilas, no Minho e Beira, com a forma *Cellorico* no séc. XI. Em Espanha há *Cellorigo* (Logronho) e *valle de Cellorigo* (Santander), que parecem parentes.

Fermil, pov. da freg. das Caldas de Vizela (Guimarães) é chamada *Ffelmir*, *Felmir* e *Filmir* em documentos do sec. XIII (*Vimar. Mon. Hist.*, p. 181-2, 213 e 234). Outro lugar de nome **Fermil** na freg. de Veade, conc. de Celorico de Basto, é *Felmir* nas inquirições de 1258; e o seu homónimo **Fermil**, na freg. de Figueiredo das Donas, do conc. de Vouzela, é *Filmir* nas mesmas inquirições (Inq., 653, 1.ª col. e 896). Temos mais **Formil** na freg. de Gostei, conc. de Bragança, chamado *Sancti Claudi de Felmir* em doc. de 1144 e da mesma forma em 1287 (*O Instituto*, LVI, 144 e 265), *Filmir* e *Felmir* nas inquirições do séc. XIII, *Formil* em doc. de 1478 e *Fromill* em outro de 1501 (Idem, LVI, 137, 271 e 568; LVII, 190-91); e há ainda **Formilo**, na freg. de Granja Nova, conc. de Tarouca, a que corresponde, segundo creio, a forma *Felmiro* [1] em doc. de 1150, no nome composto *Fonte de Felmiro*, que designa uma gleba de prazo aí perto, no ant. têrmo de Argeriz, hoje Salzedas. (*Eluc.*, s. v. *herdade*). A base de todos estes topónimos é um ant. nome pessoal germânico: há *Filimiro*, *Filemiro*, *Filmiro*,

---

[1] O étimo de *Formilo* não será, pois, um antropónimo **Fromirus*, como pensou o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, III, 302. Neste topónimo e em *Formil* foi a labial inicial que influiu sôbre o *e* átono fazendo-o passar para *o*.

nome de um bispo de Lamego no séc. VII (D. Joaquim de Azevedo, *Hist. Ecclesiast.... de Lamego*, 24) e um abade e um servo *Felmiro* em doc. espanhois de 973 e do séc. XI (*Indice de Sahagun*, 159; Godoy Alcântara, *Ensayo*, cit., 238). O sentido original parece ser «muito (filu) afamado (mêreis)». Cfr. G. Sachs, obra cit., 50 e 110.

Germil, freg. do conc. de Ponte da Barca, é *Gilmir* nas inquirições de 1258 e no rol das igrejas de 1320-21 (Inq., 415; F. de Almeida, obra cit., II, 629) e representa o genitivo do nome pessoal *Gelmirus* (D. et Ch., n.ºs 629 e 766) de origem germânica, também com as variantes *Gilmiro* e *Gilemirus* no O. M. Vid. sôbre êle Sachs, obra cit., 54-5. O mesmo se dirá de *Germil*, lugar da freg. de Viariz (Baião), com a variante *Geremil* no P. Ant. e Mod., x, 446 e XII, 2124.

Dois doc. do séc. XI (D. et Ch., n.ºs 451 e 491) citam uma *villa Gelmir* ou *Gelmiriz*, junta com *Sobrado* e *Gondin*, no conc. de Castelo de Paiva. Não sei que êsse nome tenha hoje sucessor (1).

Vermil, freg. do concelho de Guimarães, é *Belmir* em doc. de 1059 e nas inquirições do séc. XIII, *Belmill* no séc. XVI (D. et Ch., n.° 420, p. 258; *Vimar. Mon. Hist.*, p. 52 nota, 232, 309, 358) e representa o genitivo do nome pessoal *Belmirus*, que já de si proveem de um anterior *Bermirus* ou *Beremirus*, com dissimilação do 1.° *r* em *l*. Cfr. Sachs, obra cit., 23 e 38.

Há outro *Vermil* em Ponte do Lima, e *Bormil* (D. G. e Dic. Postal) ou *Bermil* (Chor. Mod.) em Barcelos, que teem a mesma origem.

Argomil, ant. freg. e hoje simples lugar da freg. de Pomares, no conc. da Guarda. É *Algumir (atalaiam de ~)* no foral de Pinhel de 1209; *Algomil* em doc. de 1260; *Algomiir* nas inquirições de 1290 e *Algomir* noutras de 1314 (*For.*, 543; Gama e

---

(1) Com o *Germil* de cima não deve confundir-se, a-pesar-da homografia actual, o nome de **Germil**, freg. do conc. de Penalva, pois êste, se bem que já tem a forma *Germill* no censo de 1527 (*Cad.*, 163) é, nas inquirições de 1258, *Gismire* (Inq., 803, 2.ª) o que postula como base imediata um nome pessoal começado por *Ges-* (como *Gesmondo*, *Gismondo* ou *Iesmundo*, *Gesulfus*, *Geserigus*, *Gesili* e outros, no O. M.) isto é, **Gesmirus*. A evolução seria aqui **Gesmiri* > **Germir* > *Germil*.

Castro, *Diocese e distr. da Guarda*, 498; *N. Malta*, II, 278-9 nota; *Arquivo Hist. de Port.*, I, 132). No rol das igrejas de 1320-21 vem *Algamir*, e o censo de 1527 traz já *Argomill* (F. de Almeida, obra cit., II, 695; *Cad.*, 104).

A forma mais antiga, *Algumir*, denuncia mais um caso de genitivo de um antropónimo germânico em *-mirus*, tornado nome de lugar. A base será **Argumirus*, cuja 1.ª parte é comparável à do nosso topónimo *Argufe*, procedente também de um nome de pessoa germânico. Não deve pensar-se em **Agromirus*, que não existe (1).

De uma primitiva *villa* **Argumiri* resultaria *Algumir* por dissimilação de *r-r* > *l-r*, como em lat. arbitrare > *alvidrar*, e nos topónimos *Argerici* em 1072 > *Aljariz* já no séc. XIII; **Armorici* (por *Ermoriz*, *Ermorici* nos séc. IX e XI) > *Almoriz* também no séc. XIII. Sôbre estes nomes vid. O. M., e sôbre a dissimilação Leite de Vasconcelos, *Lições*, 1.ª ed., 215-16.

Burgães, freg. do conc. de Santo Tirso, que é *Burgalanes* em documentos do séc. XI (*D. et Ch.*, n.os 864 e 871). Em doc. de 1046 há também uma *villa Burgalani* (D. C. e C., I, 216) que não identifiquei, mas que deverá ser qualquer das duas actuais povoações de *Burgão* no conc. de Guimarães.

Burgalanes (donde *Burgaães* > *Burgães* pela queda do *l* intervocálico) está por **Burgalanis*, genitivo latino gótico em *-anis* do nome de homem *Búrgala*, o qual figura com esta forma e com a deturpada *Búsgala* no O. M., e tem ainda outra primordial (de que aquela procedeu, pela metátese aqui exemplificada) que é *Búlgara*.

Em 610 governava a Galia Narbonesa um conde visi-

---

(1) Êste falso antropónimo **Agromirus* creio que foi 1.º deduzido por P. de Azevedo na *Rev. Lus.*, VI, 50 e por M. Lübke, *Rom. Nomenst.*, I, 7, do nome locativo *agromiri*, que se lê nos *D. et Ch.*, n.º 13 de 906 (partilha amigável de prédios no território de Braga, entre dois bispos) sendo depois aproveitado por J. J. Nunes, por Sachs, etc., como legítimo. Mas *agromiri* está ali evidentemente por *agro Miri*, isto é, «campo de Miro», dois vocábulos distintos (o 1.º nome comum, e o 2.º genitivo do nome pessoal *Mirus*) que se aglutinaram por êrro. No mesmo doc. figuram muitas outras designações de prédios idênticas: — *agro Gundisalvi*, *agro Argerizi*, *agro Astrulfi*, *agro Manzi*, *agro Suniemiri*, etc.

godo assim chamado, em geral citado sob a forma alatinada *Bulgaranus* [1]. Na Península aparecem pela mesma época indivíduos com os nomes de *Bulgar* e *Bulgaricus*, e na história de Bizancio também no séc. VII um *Bulgarikos* (Sachs, obra cit., 45). Em doc. espanhol de 842 achei *Bulgar* como nome pessoal (Serrano y Sanz, *Not. y documentos hist. del condado de Ribagorza*, 190, n. 2) e um *Volgaro* é bispo de Wurzburgo, na Alemanha, em 812 (Dahn, na *Hist. Univ.*, de Oncken, trad. port., VII, 677, n. 2).

Tenho todos estes antropónimos por equivalentes do nome étnico *Bulgarus*. Os búlgaros, procedem das margens do *Volga* ou *Bulga*, no sul da Rússia, onde estanciavam ainda no séc. IV, tendo no seguinte avançado para O., e invadido largamente a Europa, misturando-se com outros bárbaros.

Além do topónimo estudado, temos hoje outro *Burgães* no conc. de Macieira de Cambra e dois *Burgão* no de Guimarães; no séc. XIII *Burganes* na freg. de Penselo, dêste último conc., e em doc. de 1141 *Burganes* na freg. de Freitas, do de Fafe (*Vimar. Mon. Hist.*, p. 280 e 427). Em Espanha há *Burganes* (Çamora), e *Villa Búrgula* (Leão) dita *villa Burgala* em doc. de 1054 (*Indice de Sahagun*, 682).

Ainda procedente, como estes, do mesmo nome pessoal *Búrgala* = *Búlgara* será por ventura o nosso topónimo **Balugães**, que designa uma freg. do conc. de Barcelos, escrito *Balluguaes* já em 1531 (A. H. P., III, 269) mas que tem as formas *Barugaes* e *Buragaes* nas Inquirições de 1220 (Inq., 46) com *-aes* por *-ães*, parecendo-me que esta última proveem de *Burgaães* pela retracção do 1.º *a* do hiato. A hipótese todavia envolve uma evolução fonética bastante acidentada.

---

[1] Os nomes bárbaros (góticos) de homens em *-a*, *-anis*, cuja terminação era insólita dentro do lat. para tal género, foram na Península assimilados muitas vezes aos latinos em *-anus*, *-ani*, como *Aurelianus*, *Valerianus*, *Adrianus*, etc. E assim ao lado dos nominativos germânicos *Ândeca*, *Égica*, *Suínthila*, *Vímara*, *Búlgara*, aparecem os alatinados *Andecanus*, *Egicanus*, *Svinthilanus*, *Vimaranus*, *Bulgaranus* e, conseqüentemente, os genitivos — *Bulgarani* (cp. *villa Burgalani*, supra) ao lado de *Bulgaranis*, — *Vimarani* a-par-de *Vimaranis*, etc. Não é agora ocasião de desenvolver o assunto.

52. Elvira — Gelvira — Gervila — Gerovila — Delvira — Água de Elvira

O nome de mulher *Elvira*, que entrou na Península com os Bárbaros, tem as formas ant. *Gelvira*, *Geloira*, e proveem do vesigótico *Gailivirô*, formado segundo M. Lubke de *gails* «petulante, presunçosa» + *wers* «alegre» (¹).

São muitas as suas variantes gráficas arroladas no O. M., além das indicadas acima: — *Iheluira*, *Ieloíra*, *Yelvira*, *Jelbira*, *Geloyra*, *Gilvira*, *Geruira*, etc. Acrescento por meu lado *Ilvira* em documentos de 1127, 1145 e outros do séc. XII, nas *Mems. para a hist. das inquir.*, *Doc.*, p. 1 a 8, *Vimar. Mon. Hist.*, p. 197, *Docs. para a hist. port.*, da Academia, n.º 112, etc.

A perda do *g* inicial é antiga (há já *Elvira*, *Eluira* em doc. de 1033 e 1077) e explica-se pela anteposição freqüente de outro nome ou partícula, que deixasse intervocálica a palatal, v. g. *Domna Gelvira* > *Dona Ihelvira* > *Dona Elvira*. É caso idêntico ao de *irmão* < sec. XI *iermano* (D. et Ch., n.ºs 549 e 582) < lat. germanus, palavra habitualmente empregada com precedência dos possessivos *meu*, *teu*, *seu*, etc.

Comparem-se ainda: o topónimo **Santulhão**, freg. do conc. de Vimioso, que é no séc. XIII *Sanctulam*, *Sancto Ullam* e em doc. de 1187 *Sancti Juliani (villa quae dicitur ~) O Instituto*, LVI, 200); as antigas formas *Don Oane*, *San Oane* por *Domno Johanne* e *San(cto) Johanne*, o topónimo actual **Sanoane** (Cabeceiras de Basto) proveniente desta última, e ainda a pronúncia popular *Maria Strudes* do nome femenino *Maria Gestrudes* = *Gertrudes*.

Não vejo por isso razão para supôr a forma *Elvira* de proveniência espanhola, como faz o Dr. Joseph Huber, no seu aliás belo trabalho *Altport. Elementarbuch*, Heibelberga, 1933, §§ 35 e 226, 1.

Uma última alteração popular dêste nome de mulher é *Levira*, corrente na Bairrada, *Lebira* em outros pontos, que proveem de *Elvira* ou *Ilvira* mediante a forma teórica * *Ilevira* com suarabacti da 2.ª vogal e aferese da inicial. Cp. *Li-*

(¹) Êste 2.º elemento aparece também em outros nomes medievais de mulher, na Península: *Ataluira*, *Elduira*, *Recoire*, etc. Modernamente conheço *Itelvira*.

gares, nome de uma freg. do conc. de Freixo de Espada à Cinta, cujas formas anteriores são *Iligares* e *Ilgares* < lat. *ilicares, «azinhais». (Vid. Dr. Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, II, 319; *Lições*, 340).

*

Os topónimos a seguir indicados reproduzem o nome pessoal aqui estudado.

Gelvira, na freg. de Merufe (Monção); no censo de 1911 escrito *Gilvira*.

Gilvira, na freg. de Parada (Paredes de Coura) segundo o *Dic. Chorogr. de Port.*, de F. A. de Matos, Lisboa, 1889.

Gilvila ou **Gervila**, nome de um sítio com campos e bouças nas freg. de Gondim e Silva Escura (Maia) segundo as respectivas matrizes prediais.

Gilvira (Agro de ~) sítio da freg. de Ribeiros, conc. de Fafe, nas inquirições de 1220 (*Inq.*, 50).

Gerovila ou *Gervila*, pov. da freg. de Boím (Lousada).

Delvira, pov. da freg. de Sobral (Oleiros).

Água de Elvira Grande e *Pequena*, herdades da freg. das Alcáçovas (Viana do Alentejo) citadas na *Chor. Mod.*, VII, 697 — a segunda chamada também *Água de Elvirinha*. Na carta corográfica de 1 por 100:000, fôlha 29, vem *Água de Levira* e *Água de Levirinha*.

Os três últimos nomes merecem algum comentário.

*

Do prenome *Gelvira* nasceu a forma toponímica **Gervila** com a metátese de *r* e *l* exemplificada no número anterior; e desta deve ter resultado primeiro (ao menos teòricamente) * *Gerevila* com epêntese do 2.º *e*, e depois **Gerovila** pela passagem desse *e* a *o* sob a influência da labial seguinte.

Aduzo aqui outros exemplos de casos similares. O nome comum *ceromenho* (fruto rijo e acerbo da pereira brava) que nos dicionários tem também as variantes *seromenho*, *soromenho* e *sormenho*, diz-se no séc. XVI *çormenho* e é em cast. *cermeño*, o que índica que nas formas quadrisilábicas houve epêntese de um *o* (1).

(1) Dêste nome comum procedeu de-certo o apelido port. **Soromenho** ou *Seromenho*, que já passou por sua vez à topo-

O mesmo sucedeu em **Seromenha**, nome de um rio afluente do Douro abaixo da Régua, segundo a *Chor. Mod.*, I, 54, o qual tem as variantes modernas *Sermenha, Sermanha* e *Soromenha* (D. G., II, 644; P. Ant. e Mod., VIII, 428 e IX, 155) e é já *Sarmenia* em documentos do séc. X (D. et. Ch., n.os 101 e 107). A-pesar-da homofonia, êste nome nada deve ter com o *ceromenho* supra.

Também se deu epêntese de *u* = *o* em **Jerumelo**, nome de um monte do conc. de Ansião, junto de Alvorge, onde D. Afonso Henriques fundou em 1142 um castelo, que pretendeu fôsse núcleo de um município, a que logo deu foral. Com a forma indicada concorre *Jarmelo*, e deve ter havido **Germelo*, que é a evolução regular do nome antigo *Germanello* dado ao castelo naquêle foral (*For.*, 432-3; *Script.*, 11; Delfim de Oliveira, *Noticias de Penella*, 481 e 539; P. Ant. e Mod., XII, 1267-9).

No mesmo caso do precedente está **Jeromêlo**, pov. da freg. do Milharado (Mafra), assim chamada no censo de 1911, mas que se diz *Juremelo* no *Novo Dic. Chor. de Port.*, de Cardoso de Azevedo, Pôrto, 1908, *Jurumelo* no *Mappa de Port.*, de J. B. de Castro, séc. XVIII, *luguar do Jormello* em doc. de 1610 e *A do Germelo* em outro de 1423 (*O Arch. Port.*, X, 163-4 e 165). Por ventura nesta última forma, que é a original de-certo, será *Germelo* simples apelido pessoal tirado da pov. homónima na Beira Baixa [1].

Mais um exemplo similar ocorre em **Ceromil**, nome de lugar no conc. de Ponte da Barca, segundo a grafia da *Chor. Mod.*, mas que o Dic. Postal diz *Cermil*, o censo de 1911 *Sermil* e o D. G., no séc. XVIII, *Cermilo*. A base deve estar no

---

nímia: há na minha freg. natal (Sangalhos) um sítio do *Sormanho*, e nos conc. de Cuba e Alvito «montes» ou casais ditos do *Seromenho* que de tal apelido derivam. Em cast. *cermeño* tem o sentido figurado de «bronco, teimoso».

(1) **Germêlo** ou *Jermêlo*, mais geralmente escrito **Jarmelo**, é nome de duas freguesias serranas e contíguas no conc. da Guarda, e por serem duas aparece êle nos ant. doc. às vezes no plural. Assim é *Germanelos* no foral de Pinhel de 1209 (For., 543); no séc. XIII *Germeelhos, Germeelo, Germeelos* (N. Malta, II, 278-9 nota, e 280); no foral da Guarda de 1510 *Jormello;* e no censo de 1527 *Germello* (*Cad.*, 104). O étimo

antropónimo *Sesmiro* documentado no O. M., e cujo 2.º *s* se dissimilou em *r*, como no nome comum *cirne* < *cisne*, em *Desermilo* de que adiante trato, em *Sernande*, *Sermonde*, *Sergude*, nomes de lugares, que procedem de genitivos dos antropónimos germânicos *Sisenandus*, *Sisemundus*, *Sisecutus*, cujo 1.º elemento formativo é o mesmo de *Sesmiro*, etc. Em *Sesmil* (< *villa* **Sesmiri*), pov. da freg. de Agostêm, conc. de Chaves, não se verificou essa dissimilação.

*

Quanto a **Delvira** esta forma está manifestamente por *de Elvira* (no início, de-certo, *A de Elvira*) tendo havido aglutinação da preposição ao nome pessoal. O P.e Cardoso, D. G., I, 390, diz no séc. XVIII *Dalvira*, com *a* por *e* devido à influência do *l*, como nos vulgarismos *alifante*, *àquedalrei*, etc.

Foi costume geral no país, ainda corrente pelo menos na Estremadura, Alentejo e Algarve, para nomear uma propriedade de qualquer pessoa ou família (casa, casal, quinta, herdade, etc.), dizer apenas *A de F.*, *O de F.*, omitindo o vocábulo determinado (1). O processo, que não é só de Portugal, como pode ver-se em Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectol.*, p. 146, e E. Muret, *Les noms de lieu dans les langues rom.*, 74, tem numerosos exemplos na nossa toponímia actual, v. g. — *A de Justa*, *A de Martinho*, *A de Paulos*, *A do Freire*, *A dos Bispos*, *A dos Ruivos*, *A dos Ferreiros*, para só citar dos que teem os elementos disjuntos e bem nítidos.

De semelhante uso na denominação das herdades do Alto-

---

tanto dêste, como do citado *Jerumelo*, é o lat. germanellus «irmãozinho». No caso do monte de Alvorge sabemos que um tal nome lhe proveio da sua comparação e semelhança com outro monte próximo chamado *Castelo do Rabaçal*.

Entre os quatro outeiros, que cercam a ant. vila de Ançã (Cantanhede) um é dito também *monte de Jerumelo*, segundo o dicionário *Portugal*, I, 473.

(1) Reprovando êsse costume, escrevia J. I. Roquette no *Codigo de bom tom*, Paris, 1845, a p. 247: — «Não usareis tam pouco da elipse muito frequente na provincia do Alentejo, *ir à de Fulano*, isto é, *ir a casa de Fulano*».

-Alentejo fala Silva Picão na *Portugalia*, I, 271-2, e tinha falado antes, com referência à região de Elvas, Vitorino de Almada, no *Dic. d'Elvas*, I, 129 e II, 457. Mas êle é muito antigo. Eis alguns exemplos da Beira em 1258, colhidos nas *Inquisitiones*, com indicação da página: «loco qui dicitur *ad de Guedino*» e «*Ad de Gunsalvo Germano*» (795); «in *La de Donno Guterre*» (791); «*Á de Petro Ooriz*» (796); «prope *A de Pelagio* Serrano» e «loco qui dicitur *A de Pelagio* Mauro» (798); «*Á de Maria* Diaz» (837); «loco qui dicitur *A da Oliveira*» (856); «loco qui dicitur *A de Guyleiro*» (929); «loco qui vocatur *A de Garsea*» (930); «*As de Roorigo*» (935), etc.

Em documentos da mesma época temos: «*O de Martin* Piriz» com referência a um casal (*Rev. Lus.*, VII, 62); «outra courela que yaz *aa de don Rool*» (Idem, VIII, 41). Em doc. de 1450: «venda da Lavruja que chamam *A do Gallego*», no têrmo de Ponte do Lima (Pedro de Azevedo, *Docs. das Chancelarias Reaes*, I, 422); em outro de 1434: «bens... *na dos Vaqueiros* têrmo de Santarém» (Idem, I, 479); em outro de 1401: «*A de Pero Vaqueiro*», «*A do Franco*», no têrmo de Óbidos (O Arch. Port., XIX, 53); no censo de 1527: «outra povoação que se chama *ha de Diogo Vaz*» no têrmo de Mértola (*Cad.*, 57). Acima citei *A de Germelo.*

Aglutinados os elementos de tais denominações, isto é, o artigo, a preposição e o nome determinativo, sucedeu algumas vezes que, para encurtar, se deixou cair o *a* ou *o* iniciais, facto que ainda hoje se surpreende nas formas duplas dos nomes de alguns lugares, v. g. *Daires* ou *Adaires* (A de Aires), *Danaia* ou *Adanaia* (A de Anaia), *Damaia* ou *A da Maia*, *Dabeja* ou *A da Beja*, *Decide* ou *A Decide* (A de Cide), etc.

Eis mais alguns casos de aglutinação semelhantes ao de *Delvira:*

Decermilo, freg. do conc. de Sátão, que no censo de 1527 se diz «O lugar *da Desermilo*» (*Cad.*, 164) e é chamada *Sesmiro* numas inquirições de 1127 (*Mems. para a hist. das inquir.*, Doc., p. 4) e *Sesmiro*, *Sismiro* nas de 1258 (*Inq.*, 794-6) Ao nome pessoal *Sesmiro*, que serviu de determinativo em *Decermilo*, já atrás aludi tratando de *Ceromil.* Claro que o 2.º *s* de *Sesmiro* sofreu a dissimilação em *r* que ali apontei, e o *r* final abrandou em *l* como em *silo* < lat. sirus, *Tavila* forma de *Tavira* (Algarve) nos séc. XIV a XVI, que é *Tabira* em

Edrici, autor arábico do séc. XII, — e em outros topónimos nossos, derivados de nomes pessoais germânicos compostos com *-mirus: — Amilo, Armilo, Casmilo, Contumilo, Formilo, Guardamilo, Ramilo*, etc.

Douro Calvo, nome de pov. da freg. de Romans, conc. de Sátão, está por *(A) de Oeiro Calvo*, sendo *Oeiro* a forma vulgar do ant. nome pessoal *Odarius* (1) e *Calvo* apelido. O censo de 1527 traz «O lugar de *Douro Calvo*» (Cad., 164); mas nas inquirições de 1258 chama-se-lhe *de Oeyro Calvo* e *de Eyro Calvo* (*Inq.*, 794-5). Sôbre a redução do grupo *Oei-* a *Ou-* veja-se o que disse nesta revista, XXIV, 222 a propósito de *Souro Pires* < *Soeiro Pires*.

Degoiva ou **Adegoiva**, lugar da freg. de Paços (Fafe), diz-se nas inquirições de 1220 e 1258 respectivamente «casale *de Gouvia*» e «*de Gouva*». (Vimar. Mon. Hist., p. 174 e 274). O determinativo é o ant. nome de homem *Gauvia* < *Gáudila*, no O. M.

Deguimbra, nome de serra no distrito de Coimbra (*P. Ant. e Mod.*, VI, 611) tirado talvez do de algum casal das suas abas, está por *(A) de Guimbra*. *Guimbra* é forma evolutiva do nome de homem *Guímara* = *Vímara* (note-se o acento) vulgar nos nossos doc. medievais e de cujo genitivo em *-anis* saiu o topónimo *Guimarães*, tendo o *b* entrado aí como em *ombro* < < lat. umerus.

Demendéres, pov. da freg. de S. João do Monte, conc. de Tondela, está por *(A) de Mendo Ériz*, nome de homem, e patronímico correspondente a outro nome *Ero, Erus* ou *Herus*, no O. M.; **Dessourinho**, pov. da freg. e conc. da Pampilhosa está por *(A) de Soeirinho*, que é um deminutivo do antropónimo *Soeiro* de que já tratei nesta revista, XXIV, 222-3; **Degas**, lugar em Sever do Vouga, segundo o Dic. Postal, está por *(A) de Egas*, nome de homem bem conhecido; **Doroana**, **Douroana** e **Daroana**, lugar e casais nos conc. de Cascais, Ouri-

---

(1) Cortesão recolheu no O. M., além de *Odarius*, as variantes *Huario, Uario, Oderio, Odeiro, Odero, Eiro*, e os patronímicos *Odarez, Odarici, Oariz, Oeirez, Hueirez, Oériz*, etc. Mais ant. é a forma *Oduarius, Hodoarius*. O nome é germânico. A forma vulgar *Oeiro* perdura no topónimo **Valdoeiro** (Vale de Oeiro), quinta na freg. de Vacariça, conc. da Mealhada, e título de viscondado no séc. XIX.

què e Santiago de Cacêm, por *(A) de Ouroana*, nome ant. de mulher.

Podiam ser aduzidos muitos mais exemplos.

*

No nome das aludidas herdades de **Água de Elvira**, a palavra *água* refere-se à ribeira (sentido do port. arcaico) que as atravessa e *Elvira* é o vocativo de uma ant. proprietária dos terrenos marginais. Outras herdades e casais do Sul teem denominações comparáveis, v. g. — *Água de André*, *Água Gil*, *Água do Conde*, *Água da Raínha*. Àquela ribeira (que entra na de Alcáçovas, afluente por sua vez do Sado) chama-se no séc. XVIII, no D. G., I, 148, *de Guadelvira*, e não *Água de Elvira*. Isto sugeriu a um amigo meu a ideia de que temos aqui um nome fluvial arábico, similar de tantos outros da Espanha começados por *Guad*, o qual seria explicável pelo árabe *uádi el bira*, «rio do poço». Nesse presupôsto, a forma *Água de Elvira* seria mero caso de etimologia popular, a juntar aos modernos de *Água Diana*, *Água de Lupe* ou *Lupes*, e aos antigos de *Água de Alquivir*, *Auga de Alfaxara* ou *de Alfajar*, por *Guadiana*, *Guadalupe*, *Guadalquivir*, *Guadalhajara*. Cfr. *Script.*, 22 e 31; *Rev. Lus.*, IV, 46-7; *O Arch. Port.*, X, 341, nota, e ainda «Santa Maria da *Augua da Lupe*» no O. M.

A ideia daquêle meu amigo é ilusória, porém. A forma esporádica *Guadelvira* é pseudo-correcção erudita, devida a uma sugestão idêntica à que êle teve. Não há nomes portugueses de rios começados por *Guad-*; só os há em espanhol, que assim reproduz o vocábulo arábico *uádi*, «rio». A representação correspondente em port., como já frisou nos fins do séc. XVI Nunes de Lião, no *Descr. do reyno de Port.*, ed. de 1785, p. 72-3, é sempre *Ode-*, *Odi-*: Odemira, Odeleite, Odeseixe, Odivelas, Odivor, Odiege, etc.

Não contradizem esta afirmativa os nomes *Guadelim* e *Guadiana*, que o povo pronuncía *Godelim* e *Godiana* (já também *Godiana* e *Gudiana* nos escólios de Vasconcelos, séc. XVII, às *Antiquitates* de Rèsende), porque são tomados do espanhol para designar rios fronteiriços, que nascem e correm mais longamente em Espanha, o que explica o caso. De resto, aquêle 1.º rio mal terá duas ou três léguas de curso em terra nossa, quási deserta, do conc. de Mourão; e o 2.º sempre se chamou cá *Odiana* até mais de meio do séc. XVI (ainda assim

diz Goes, *Cron. de D. Manuel*, cap. VI, e A. Ferreira, *Poemas Lusitanos*, fl. 3; mas já há *Guadiana* nos *Lusiadas*, passim). Nem também a contradiz o nome *Guadalupe* ou *Guadelupe*, que em Portugal se não dá a qualquer rio, mas apenas a santuários, e quintas ou casais junto dêles, e tendo sido igualmente trazido do país vizinho, como invocação de uma imagem afamada da mãi de Cristo.

Às considerações prejudiciais apontadas acresce que, na Península, a forma do artigo arábico é *al* e não *el*. Portanto do pretenso étimo, que havia de ser *uádi al bira* conforme o expôsto, só podiamos esperar em port. * *Odialvira* ou * *Odalvira* e nunca *Guadelvira*...

JOAQUIM DA SILVEIRA.

CIRIOS ESTREMENHOS

(SUBSIDIOS PARA O SEU ESTUDO)

(Continuação do vol. XXX, pags. 5-97)

---

3. Vozes Gratulatorias, com que os festeiros, e povo da Villa de Mafra vão receber a imagem da Senhora da Nazareth á Ermida da Paz dos festeiros da Igreja Nova, em 16 de Setembro de 1823.—Lisboa, na Impressão de João Nunes Esteves, anno de 1823. Com Licença da Real Commissão de Censura.—(Folheto in-4.º pequeno, 48 paginas.

Bando

1.º Corrão todos a mostar,
Zelo, Devoção, e fé,
Vinde, oh Povo de Mafra,
A Virgem buscar da Nazaré.

2.º Na Paz se collocou,
Na Paz avamos achar,
Só Ella por seu Filho
Paz segura póde dar.

3.º Sigão puros nossos cultos,
Sincera nossa devoção,
A Senhora présa, estima,
Humilde limpo Coração.

4.º Tudo respire prazer,
Esperança amor alegria,
Procuremos fervorozos
Sua Protecção, sua valia.

Todos: Ditozos seremos todos
Ha de livrar-nos do mal
De Deos he digna Mãi
Protectora he de Portugal.

Na recepção da Senhora na Ermida da Paz

Todos: Paz alegria,
Respire sómente,
Que venturozo dia!
Já está presente.

1.º Eis a paz verdadeira
Que o mundo não póde dar,
De Nazaré, eis a Virgem,
Que lédos vimos buscar.

2.º Eis de Deos a pura Mãi
E também Mãi nossa
Mandando a Filho tal!
Que haverá que Ella não possa?

3.º Livrou pois do captiveiro
Os miseros filhos d'Adão,
He a Aurora rutilante,
Que produzio a redempção.

4.º Almos hymnos d'alegria
Ressoem por toda a parte,
Apenas d'Igreja Nova,
Recebamos o Estandar-te.

1.º Imitaremos seu zello
Cresça sempre mais e mais
Na ordem somos segundos
Tal fizeram nossos Pais.

2.º Venha Mafra já tomar
Aquelle Estandarte Santo,
Onde sua Imagem Sagrada,
Representa pôder tanto.

3.º Vinde Senhora, vinde,
Instantes annos parecem
Mafra por vós suspira,
Seus suspiros internecem.

4.° Concedei-nos essa dita,
Despachai nossa petição
A paz entre nós firmai,
Fé, Esperança, e Devoção.

Todos repetem: Paz alegria,
Respire sómente
Que venturozo & c.

Entrada da Villa — 1.° Arco

Todos repetem: Louvores, graças,
Mil tributemos,
Santa Virgem,
Com prazer saudemos.

1.° Mafra exulta de prazer,
Ostenta, mostra tua fé;
Pois entra em teu recinto,
A Virgem da Nazaré.

2.° Mil annos a nossa vista,
São o dia que passou,
Dezasete só d'ausencia,
Á eternidade comparou.

3.° Dessa ventura primeiro
A Igreja Nova gozou;
Mafra sendo a segunda
Sempre á primeira igualou.

4.° Entrai Virgem Soberana;
Reinai sobre nossos corações
Entornai as vossas Graças
Do Filho dispendei perdões.

Todos: Louvores, graças,
Mil, & c.

Defronte da Real Basilica — 2.º Arco

Todos: Os Anjos repitão
Com doce alegria,
Tremendo o inferno
Ave Maria.

1.º Á Suprema Magestade
Salomão Templo edificou,
Igual a elle, João Quinto
A Maria consagrou.

2.º Felos Filhos de Francisco,
Entoados são vossos louvores,
Do Sexto João a piedade,
Nos conserva taes favores.

3.º Senhora, dilitai seus dias,
Protegei o Reino vosso,
Dizei á Serpente altiva,
Quanto póde o Filho, posso.

4.º Honra, Poder, Magestade,
Vosso Filho vos tem dado,
Effeitos de tal poder,
Seja a todos demonstrado.

Repetem: Anjos repitão
Com doce, & c.

Na praça da Villa — 3.º Arco

Todos: Ah! Gentes vinde,
Vinde adorar,
A Mãi d'amor,
Q'nos vem visitar.

1.º Vêde a Arca verdadeira,
Que o Mundo todo salvou,
He do Ceo a feliz porta,
Que Nunca mais se fechou.

2.º Antes de tudo existir,
Por Deos foi destinada,
Para Mãi de Jesu Christo,
Limpa, pura, e immaculada.

3.º Não he Deos, mas sim Mãi sua
Por graça vem da natureza;
O Archanjo he destinado,
Para annunciar tal grandeza.

4.º Dos mortaes he a doce esperança
Dos tristes filhos d'Adão,
A Mãi terna, e compassiva,
Q'lhe alcança a salvação.

Repetem: Ah! Gentes vinde,
Vinde, & c.

A entrada da Igreja — 4.º Arco

Todos: Subão incensos,
Subão louvores,
De Deos, e Maria,
Tudo favores.

1.º Collocada nesse throno,
Espalhai graças superiores,
Mostrai sois Mãi de Deos,
Tambem Mãi de Peccadores.

2.º Se sois na Sublime Gloria
De Anjos toda cercada
Na terra saudada seja
Vossa Imagem Sagrada.

3.º Postrados a vossos pés
Eis o povo, que vosso he,
Abençoai pois este Povo
Oh Virgem da Nazaré.

Repetem: Subão incensos,
Subão, & c.

4. VOZES SAUDOSAS, na retirada da Santissima Virgem para o seu Templo da Nazareth, articuladas pelos festeiros, e habitantes da Villa de Mafra em Setembro de 1824.

Bando para a despedida

Todos

Constrangidos, e saudosos,
Vamos hoje anunciar,
Que a Virgem da Nazareth,
Daqui se vai ausentar.

1. Anjo

Se he pois forçosa,
Esta separação,
Confortai-nos, Senhora,
Em tal afflição.

2. Anjo

De lá nos envia,
Favores, e graças;
Salvai este povo,
D'eternas desgraças.

3. Anjo

Escutai os suspiros
Da nossa saudade,
Obrigue-vos pois,
Tal orfandade.

1. Anjo

Sois mãi, escutai,
Os nossos gemidos.
Negareis soccorro,
A filhos queridos?

2. Anjo

Ah! não podeis
Auxilios negar,
A quem fica, e vai,
Vossa imagem levar.

Todos

Esperança sois nossa,
Sois toda doçura,
Livrai-nos Senhora,
De tal amagura.

Na Igreja

1. Anjo

Correi, povo Christão, vinde apressado,
Vinde ver quem se ausenta neste dia,
A Rainha dos ceos, Virgem Maria,
Que vos deixa de ter junto a seu lado.

2. Anjo

Por um anno vos tem acompanhado
Esta soberana mãi, excelsa, e pia,
Sua alta protecção, sua valia,
Qual de vós a não tem experimentado?

3. Anjo

Ó divino amor, esposa, e fragoa!...
Como assim penetrados de amargura
Vossos filhos deixais em tanta mágua!

Todos

Ajoelhai a seus pés, e com ternura,
Tornados vossos olhos rios d'agoa,
A benção vos dairá a Virgem pura.

Defronte do Adro

1. Anjo

Silencio, ais, e gemidos
Interpretem nossa dôr,
Indiquem nossos semblantes
Da pena o grão maior.
Bem como o dia d'ontem,
Hum anno inteiro passou,
Tempo em que a Santa Virgem,
Neste templo habitou.
Espavorido passageiro,

Pergunta, isso que he?
Confuso sussurro responde:
Parte a Virgem da Nazaré.
Quando do rouco trovão
O estampido pavoroso
Annuncia ao creado
O seu fim desastroso,
Ah! como expressar podemos,
Tal perda, e separação!
O sangue de todo se gélla,
Mirra-se o coração!
Lembrai-vos, terna Senhora,
De tão acerba afflicção,
Chovão graças, e mais graças,
Graças de consolação!

2. *Anjo*

Os prazeres deste desterro,
Ah quão breves sempre são,
Tristeza, dôr, sentimento,
Iguaes sempre a verão.
Daqui repartio beneficios,
A todos felicitou,
D'acudir aos desgraçados,
Nunca jámais faltou.
As mãis apertando os filhos,
Que ternas, e meigas creárão,
Abraçando-os com susto,
Juntamente desmaiárão.
Os habitantes consternados,
Com lagrimas já desfeitas,
Sentem, expressar não podem,
Desta separação os effeitos.
Eis o quadro verdadeiro,
Q'entre nós vai passar,
Santa Virgem, dai valor,
Oh tudo vai a acabar!
Mafra vos acompanha,
Sempre por toda a parte,
Reverente beija essa mão,
Que tantos bens nos reparte.

3. Anjo

Tal a vicissitude he
Sempre das cousas humanas,
O ceo as cousa repélle,
Tão ingratas, como estranhas.
Negras pezadas saudades
Vem cobrir este horisonte;
Suspiros ouço retumbar,
Já no valle, já no monte.
Menos aterra o viajante
Torcido azullado lume,
Quando altiva montanha
Fende, derruba, e desune.
Miserrima orfandade
Para vós vem caminhar,
Apenas a Santa Virgem,
Deste templo s'ausentar.
Qual obscura negra noite,
Tal este dia se figura,
Apenas de Mafra sahe
Esta Virgem sempre pura.
Submissa, paciente, humilde,
Cheia de piedade, e fé,
Clamára a todo o instante,
Pela Virgem da Nazaré.

Todos

Bemdita seja Maria,
Bemdita pois, e louvada,
Como foi sempre, e será
Nos ceos, e terra exaltada.

Defronte da Real Basilica

1. Anjo

Este templo dedicado
Á vossa Natividade,
Sirva pois de lenitivo,
A nossa intensa saudade.

Em quanto do tempo o circulo
Dá os giros costumados,
Estará a vossa imagem
Em vossos corações magoados.

2. *Anjo*

Nelle de Francisco os filhos
Vossos louvores cantando
De vós, e da Nazaré
Vão memorias renovando.
De Mafra o afflicto povo,
Pela tristeza em que abunda,
Sente nesta despedida
Pungente dôr, que o circunda.

3. *Anjo*

Inspirai-lhe de seu pai,
Esse fervor abrazado
Seja por vós, e por elles,
O vosso nome louvado.
Guardai pois esta villa,
Este povo abençoai,
Nas ovelhas, no pastor
Vossos favores derramai.

1. *Anjo*

Sobre o Rei e sobre o reino,
Estendei vossa protecção,
Mereção nossos gemidos,
Tão doce consolação.

2. *Anjo*

Conheça o mundo todo
O mundo vosso poder,
Sermos pois filhos vossos,
He tambem nosso dever.

Todos

Nesta triste despedida,
Nesta afflicta situação,
Lançai-nos a vossa benção,
Tende de nós compaixão.

Para o Sitio do Livramento

1. Anjo

Este titulo particular,
Da Virgem do Livramento,
Da redempção operada
Traz á memoria o momento.
Sonoros hymnos ressoem,
Sempre neste lugar,
Todas as vezes, que a Virgem
Por este sitio habitar.

2. Anjo

Moradores deste destricto,
Com os romeiros vos juntai,
A Virgem, a seu filho,
Por tal beneficio louvai.
Qual aurora rutilante
Que as densas trévas desfaz,
Tal de Nazaré a Virgem
A felicidade assim traz.

3. Anjo

Em Nazaré se opperou
Este immenso favor,
Seja pois no Livramento
Motivo do nosso fervor.
Contemplemos tal grandeza,
Qual póde, e quanto he,
A tudo o creado excede
A Virgem da Nazaré.

1. Anjo

Virgem ser, e ser mãi pura,
Forão prodigios taes,
Que excedem a comprehenção,
Dos muito pequenos mortaes.

2. Anjo

Ser de graças toda cheia,
Ser mãi do filho de Deos,
Da lei universal isempta,
Privilegios são; mas só seus.

Todos

Bemdita seja Maria,
Bemdito seja seu filho,
Que salvou, recuperando,
O que Adão tinha perdido.

Entrada em Torresvedras

1. Anjo

Moradores de Torresvedras,
Correi tanto bem apreciar,
A Virgem da Nazaré,
Aqui vos vem visitar.

2. Anjo

Ufanos todos, contentes,
Expressai vossa ternura,
Exaltai a mãi de Deus,
Esta Virgem sempre pura.

3. Anjo

Não fique pessoa alguma
Desta villa habitante
Que não venha prostrar-se
Da sua imagem diante.

1. Anjo

Vinde gostosos, vinde
Expor vossas precisões,
Recebereis agradecidos
As suas consolações.

Todos

Reparti soberana Virgem
Beneficios tantas vezes,
Quantas por aqui passares,
A estes vossos Portuguezes.

Para as Caldas

1. Anjo

Eis, ó povo das Caldas,
O instante venturoso
De receber a mãi de Deos,
C'om mais terno alvoroço.
Convosco nos prostaremos
Ante esta grande protectora;
Nossos cultos recebei,
Ó mui excelsa Senhora.
He todo o nosso amparo,
Com o ceo nos communica;
Da sua grande valia,
A todos nos certifica.

2. Anjo

Oh que dita! Ó que prazer!
Oh que momento afortunado?
Vinde todos á porfia,
Vêr seu retrato adorado.
Em Maria todos temos
A mais firme confiança
Jámais será baldada
A nossa justa esperança.

Pedi, instai, e rogai,
Lá dos ceos vos ouvirá,
De Portugal, e Portuguezes,
Sempre protectora será.

3. Anjo

Eis do ceo a feliz porta,
Eis o jardim sigillado,
He a Esther verdadeira,
Mãi de Deos humanado.
Como mãi pede e suplica,
O filho tudo lhe concede;
Daqui fuja todo aquelle,
Q'incerto della não espere,
Tudo vos será concedido,
Pedi fervorosamente,
Esta mãi tão extremosa,
Ninguem deixa descontente.

Entrada da Nazareth

1. Anjo

Chegão de Mafra os romeiros,
Da Nazaré ao templo,
Gostosos cumprindo os votos,
De que receberam exemplo.
Entrai, Senhora, no templo,
Pelos nossos Reis destinado
A ser pelos lusos póvos,
Vosso retrato adorado.
Suspiros, ais, deprecações.
Tudo Mafra vos offerece,
De seus gemidos o écco,
Aqui mesmo internece.

2. Anjo

Nossos pais, nossos maiores,
Aqui vierão tributar
Á Virgem da Nazaré
Sempre hum culto singular.

Ali a vossa imagem
Livre do barbaro furor,
Espalhe por inimigos nossos
Susto, receio, e pavôr.
Lembrai-vos, excelsa Virgem,
Desta Villa desditosa,
Sempre por vós suspirando,
Sempre por vós saudosa.

3. Anjo

Vós sois o Iris formoso
Que a ira de Deos suspende,
Quando nossas grandes desculpas,
Justo castigo pertende.
Pizou vossa planta pura
O collo do dragão infernal,
Assim calcado seja,
Tudo o que empece a Portugal!
Depois de Deos sois Senhora
Toda a nossa esperança,
Sois mãi recusar não deves
Nossa justa confiança.

Despedida

1. Anjo

Concluidos nossos cultos,
A Maria tributádos,
A Mafra votaremos
De saudade repassados.
Em tal poder confiados
Pedimos esperança, e fé,
Caridade verdadeira,
Ó Virgem da Nazaré.
Lembrai-vos, que sois, Senhora,
De Portugal a padroeira,
Portugal terá em vós,
Defensora verdadeira.

2. Anjo

Por toda a parte iremos
O vosso nome louvando,
Os corações dos Mafrenses,
Aqui ficarão habitando.
Os Mafrenses supplicão,
Vossa Benção, e Protecção,
A bem do Luso Reino
Do Sexto Rei D. João.
Junto do vosso Templo
Com humildade prostrados,
Vos pedimos sem cessar
Ser por vós abençoados.

3. Anjo

Se Deos obedecer a Maria,
E tudo por elle he mandado,
O poder que ella exercita,
Não póde ser igualado.
Enchei, Senhora, seus dias,
Da mais saudavel bonança,
Mostrai ser vossa tambem
Toda a casa de Bragança.
Mil e mil acções de graças
Sejão dadas a Maria,
Sêde nossa protectora,
Nosso ampáro e valia.

Entrega da Bandeira

1. Anjo

Filiaes de Mafra sois,
De Santo Isidoro freguezes,
Recebei a Virgem santa,
Como leaes Portuguezes.
Isto basta para mover-vos,
A mais terna compunção,
Apartai de vós os vicios,
Vivei em grata união.

Meditai em tal amor,
Tal excesso, e dignidade,
Merecei por vossos cultos,
Sua protecção e piedade.

2. *Anjo*

Mafra tal dita gozou;
Triste hoje suspirando,
Entrega esse thesouro
Que fica sempre prezando.
Sinceros cultos lhe offerecei,
Aqui pois e em toda a parte,
Mafra já vos entrega,
Esse famoso estandarte.
Ide, Senhora, ide,
Outra freguezia alegrar,
Lá, e cá sempre fareis,
Os vossos dons derramar.

3. *Anjo*

Recebei-o com ternura,
Zelo, devoção, e fé,
He da mãi de Deos imagem,
Da Virgem da Nazaré.
Nelle vêde debuxada
A imagem da mãi de Deos,
Daquella corredemptora,
Que nos chama filhos seus.
Aos de Santo Isidoro, pois,
Unamos nossos louvores,
Alcançaremos igualmente
Suas graças, e favores.

Para todos os mais póvos por onde transitar

1. *Anjo*

Devotos de Maria,
Sua imagem vinde ver,
O tempo corre apressado,
Não ha instante a perder.

2. *Anjo*

De Mafra vai transitar,
Para o templo da Nazaré,
Vinde a todos mostrar,
Vossa esperança, vossa fé.

3. *Anjo*

Portuguezes somos todos,
Reine pois a união,
Devotos pelo Monarcha,
Pela santa Religião.

1. *Anjo*

A todòs estes póvos;
Santa Virgem amparai,
Dos males. que os opprimem,
Internecida livrai.

Todos

Póvos todos, á porfia,
Vossa mãi acompanhai,
Cheios de prazer santo
O seu nome exaltai.

Lisboa, 1824. Na Impressão de João Nunes Esteves. Com Licença da Real Comissão de Censura. (In-folio de 4 paginas).

5. *(Armas reaes)*. CONDUZINDO O CIRO DA AJUDA A BANDEIRA de Nossa Senhora da Nazaré ao seu proprio Templo da Pedreneira no anno de 1825.

Recitou hum Anjo o seguinte

1.

Grande Deos Omnipotente,
Prole Augusta de Maria,
A vós, Senhor, se dirigem
Nossos hymnos neste dia.

2.

Se quizestes, Deos Eterno,
Entre os mortaes habitar,
Louvores por tal extremo
Não recuseis acceitar.

3.

Já cumpre, ó Povo d'Ajuda,
Levantarmos nosso brado,
Pois benigno nos escuta
O Senhor Sacramentado.

4.

De negras trevas cuberto
O mundo todo existia,
Quando a luz veio trazer-nos
A Virgem Santa Maria.

5.

No seu ventre santo e puro,
Aquelle Deos encarnou,
Que das garras do peccado
O mundo inteiro arrancou.

6.

Nascendo da Virgem Santa
O Supremo Redemptor,
Nos dêo provas decisivas
Do seu terno, e puro amor.

7.

Habitantes da Judéa,
E Povos da Samaria,
Dizei quanto recebestes
D'um Deos Filho de Maria.

8.

Prègando a Santa doutrina,
Vereda de salvação,
Atrahio com seus milagres
Os povos á devoção.

9.

Cegos, surdos, aleijados
Inteiramente curou,
E com Divino Poder
Os mortos resuscitou.

10.

Depois de ter esparzido
Tantos bens sobre os mortaes,
Nos deo do seu puro amor
Mais revelantes sinaes.

11.

Antes que tyranna morte
Lhe pozesse fim á vida,
Nos concedeo para sempre
A mais Augusta Comida.

12.

Não foi o Maná gostoso
Do Ceo baixado ao Deserto,
Com que o Povo de Israel
Da fome ficou liberto.

13.

Não foi a doce farinha,
De que o famoso Eliseu,
Para os filhos dos Profetas
As Mesas abasteceo.

14.

Não foi o mel saboroso
Com que Jonathas sumio
Huma sêde abrazadora
Que altamente o perseguio.

15.

Foi manjar mais delicado,
Mais que tudo delicioso,
Foi o seu Corpo Divino,
O seu Sangue precioso.

16.

Emmudece antiga historia,
Que os teus factos sublimados,
Á vista desta grandeza
Deixão de ser afamados.

17.

Esse Deos a cuja voz,
Quanto he creado obedece,
O seu Corpo, e o seu Sangue
Em pasto nos offerece.

18.

Devoto Povo d'Ajuda,
Adorai eternamente,
Um Deos de tanta bondade,
. . . .

19.

Hum Deos q̃ dando o seu Corpo,
A servir-nos de alimento,
N'uma Cruz soffreo por nós
Da Morte o duro tormento.

20.

Hum Deos q̃ as Portas fechando
Do profundo, e negro abysmo
Abrio as portas do Ceo,
Descanço do Christianismo.

21.

E como tanta ventura,
Nos proveio de Maria,
Dar-lhe-hemos mil louvores
Em devota Romaria.

22.

Iremos á Nazaré
Com prazer e devoção
Implorar da Mãi do Eterno
Sua Augusta protecção.

Para se recitar saindo o Cirio da Ajuda

1.

Hé tempo, ó fieis devotos,
De levar esta Bandetra,
Ao Templo da Nazaré,
Com devoção verdadeira.

2.

Mas antes que nossos lares,
Se privem de tal ventura,
Levantemos nossas vozes,
Cheios de amor, e ternura.

3.

Virgem casta, Virgem Santa,
Mãi d'hum Deos Omnipotente,
Espalhai sobre este povo
De vossos dons a torrente.

4.

Acceitai as nossas vozes,
Acolhei nossos louvores,
Ó Virgem Santa Maria,
Terna Mai dos peccadores.

5.

Protegei os habitantes,
Do Reino de Portugal,
Ó Virgem da Nazaré,
Virgem pura, sem igual.

6.

Defendei, ó Mãi do Eterno,
D'Ajuda o Povo leal,
Aguardai-o nos seus passos,
Sede sempre o seu fanal.

7.

Alcancai do vosso Filho
O amor e protecção,
Que todo o Povo d'Ajuda
Lhe pede com devoção.

8.

Com o vosso patrocinio,
Nós seremos venturosos,
Pois os vossos protegidos
São felizes, e ditosos.

9.

Encaminhai-nos Senhora,
Desd' Ajuda a Nazaré
E cobri com vosso manto,
Hum povo cheio de fé.

Para se recitar em varios lugares por onde passa o Cirio

1.

Eis-aqui, fieis devotos,
A Princeza do Universo,
Que defende os Portuguezes
Dos golpes do fado adverso.

2.

Nos Ceos dos Anjos cercada,
Tem assento esta Senhora,
Que tem sido em toda a idade
Nossa Augusta Protectora.

3.

Ah! não tardem nossas vozes
A prestar-lhe mil louvores,
Já que nos tem concedido
Tantos bens, tantos favores.

4.

He esta Virgem das Virgens,
Mãi do nosso Redemptor,
De quem temos recebido
Provas do mais puro amor.

5.

Nos tempos mais desgraçados,
Sempre nos tem protegido,
Mostrando que Portugal
He della o povo escolhido.

6.

Os Batalhões Portuguezes,
Nesses campos de Mavorte,
Pela Mãi de Deos são livres
Dos tristes golpes da morte.

7.

Quantas vezes d'entre as vagas,
Da tempestade cercados,
São os nossos marinheiros,
Por Maria libertados!

8.

Bem como a Mãi carinhosa,
Que os filhos todos contenta,
Assim a Virgem Maria,
O mal de nós afogenta.

9.

Ó Mãi de tanta bondade,
Todo este povo humilhado,
Entre soluços vos pede
Ser por vós abençoado.

Para se recitar nas Caldas

1.

Exultai, filhos das Caldas,
E cubri-vos d'alegria,
Pois tendes á vossa vista
A Bandeira de Maria.

2.

A esta Mãi são devidos,
Quantos bens ha sobre a terra,
Pois dos miseros humanos
Todos os males desterra.

3.

E sse Dragão caviloso,
Que o Mundo fez desgraçado,
Jaz em terra amortecido
Aos pés da Virgem calcado.

4.

De grandes perseguições
Tem livrado a Christandade,
Destroçando inteiramente
A terrivel impiedade.

5.

Jamais negou seu amparo,
Ao contricto peccador,
Mostrando nos bens que outorga
Quanto póde o seu amor.

6.

Desses carceres medonhos,
Negro terror dos viventes,
Tem Maria libertado
Muitos homens innocentes.

7.

Ah! quantos tristes enfermos
Luctando c'oa Parca dura,
São livres por esta Virgem,
Da tremenda sepultura!

8.

Não sejão vossos ouvidos,
Surdos a tantos favores,
Vamos dar em Nazaré
A Maria mil louvores.

9.

E vós, Excelsa Raínha,
Dos homens consolação,
Empregai em nosso abono
Toda a vossa protecção.

Para se recitar á chegada do Templo da Senhora da Nazaré

1.

Salve, ó Virgem Sacrosancta,
Senhora da Nazaré,
Templo da Santa Trindade,
Formosa flor de Jessé.

2.

He justo, ó Mãi portentosa,
Que este povo que vos ama,
Ouça a vossa antiga historia,
Que o peito mais duro inflamma.

3.

Quando no vasto Oriente,
Terrivel Seita grassou,
Que contra as Santas Imagens
Suas forças empregou.

4.

Da formosa Nazaré,
Foi esta Virgem Sagrada,
Ao famoso S. Jeronymo,
Por Ciriaco levada.

5.

Depois a Santo Agostinho,
Por este foi remettida,
E dos povos Africanos
Foi com prazer acolhida.

6.

Hum Monge então a Senhora
Destes lugares tirou,
E chegando junto a Merida
N'um Mosteiro a collocou.

7.

Mas os crueis Sarracenos,
Que as Hespanhas assolâram,
Entre as perdas que fizerão,
Este Mosteiro arrazarão.

8.

Então Rodrigo, e Romano,
Com devoção verdadeira,
Conduzirão esta Imagem
Á Villa da Pedreneira.

9.

Alli de toscos penedos,
Huma lapa fabricârão,
Aondo livre dos impios,
A Senhora collocarão.

10.

Cinco seculos occulta,
Neste lugar existio,
Até que hum Grande do Reino
Por acaso a descobrio.

11.

No tempo d'Affonso Henriques,
No berço da Monarquia,
Foi patente a Portugal
Esta Imagem de Maria.

12.

Neste Templo magestoso,
Por Affonso collocada,
Tem sido, e sempre será
Pelos povos venerada.

Para se recitar na despedida, sahindo da Nazaré

1.

Entre nuvens de tristeza,
Opprimidos d'aflicção,
Deixâmos, ó Virgem pura,
Esta vossa habitação.

2.

Curvados á vossa vista,
Mil suspiros exhalâmos,
E d'amor enternecidos
De pranto a terra banhâmos.

3.

Ah! quanto passão ligeiros
Os momentos de alegria:
Quam velozmente chegou
Este infausto, e triste dia!

4.

Mas, ó Virgem, se he forçoso,
Deixar a vossa morada,
Vós sereis em nossos peitos
Eternamente guardada.

5.

Nós protestamos, Senhora,
Nesta fatal despedida
Cumprir sempre as Leis do Eterno,
Por vosso amor dar a vida.

6.

Nem toda a força do mundo,
Nem os mais crueis tormentos,
Poderão lançar por terra
Estes firmes juramentos.

7.

Nós seremos perseguidos,
Seremos martyrizados;
Mas os canticos devotos
Sempre a vós serão mandados.

8.

Mas ai de nós que é chegado
O momento de partir,
Vamos pois esta Bandeira
Para a Ajuda conduzir.

9.

A Deos, a Deos Virgem pura,
Deste Reino Protectora,
A Deos, ó Mãi de piedade,
Dos Portuguezes Senhora.

Para se recitar na chegada do Cirio á Ajuda

1.

Em santo zelo inflamados,
Conduzidos por Maria,
Acabámos com socego
Esta nossa Romaria.

2.

Queira o Ceo que largos annos
Este Cirio permaneça,
E que os favores da Virgem
Sempre este Povo mereça.

3.

Maria, Mãi de Deos Filho,
Esposa do Omnipotente,
Conservai o nosso Reino
Em doce paz permanente.

4.

Se o vosso Filho, Senhora,
Supportou por nós a morte,
He justo que a vossa graça
Os nossos feitos conforte.

5.

Apartai, Virgem Sob'rana,
Dos Portuguezes leaes,
Os pestiferos bafejos
Desse dragão que pizais.

6.

Somos frageis peccadores,
Sugeitos a tentação,
Mas della seremos livres
Pela vossa protecção.

7.

Neste mundo a nossa fé
Seja por vós animada,
E dentro dos nossos peitos
Para sempre conservada.

8.

E quando a Parca tyranna
Nossos leitos visitar,
Dignai-vos com vosso auxilio
Nossas almas confortar.

9.

E vós, ó Deos Sempiterno,
Deos d'amor, Deos de bondade,
Conduzi as nossas almas
Á feliz Eternidade.

FIM.

Lisboa, na Impressão Regia. Anno, 1825. Com Licença. (In-folio de 4 paginas).

(Continúa).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Português dialectal da região de Xalma

(Na *Rev. Lusit.*, XXXI, págs. 164-275)

Novos "addenda & corrigenda" para completarem os das págs. 274-275 do referido volume

I

Introdução: Gata. Na Hespanha, quando se fala da serra assim chamada, diz-se *sierra de Gata*, sem artigo. Assim diz também F. Brandão, no lugar citado na nota 1, isto é, na *Monarchia Lusitana*, V, 239-A: «Serra de Xalma, que he hũa parte da *de Gata*». Em Penamacôr, como lá ouvi em 1933, o povo diz *serra da Gata*, com artigo, e dá o nome de *Galinho* ao vento, muito frio, que de lá sopra. O P.^e Cardoso, citado na mesma nota 1, diz com o povo: «serra da Xalma, porção *da serra da Gata*» (*Dicc. Geogr.*, II, 656); e faz o mesmo a *Xalma*.

No parágrafo 6.º da introdução, que começa «o estudo inserido, etc.», (a pág. 165, linha 27), suprima-se a data de «1925».

§ n.º 10. É por *g* encimado de uma plica, que Fink, pág. 11, representa a africata *dj*, e não por *t* (encimado do mesmo modo), como por equívoco eu disse.

§ n.º 41. Acrescente-se: bovile > *boiguil*, onde se recolhem os bois: *mútus boiguis*.

§ n.º 50. Acrescente-se: *a mairugá* «a madrugada».

§ n.º 68. Acrescentem-se exemplos como: *bĩ^mbri* «vime», *õ^mbru*, *bõ^mbu*.

§ n.º 90, linha 4: emende-se *nom* em *nomi*, e coloque-se antes uma vírgula.

§ n.º 146. Suprime-se o que se diz de *deiã*.

§ n.º 179, *cernícalo*. Cf. D. Carolina Michaëlis in *Miscellanea de Filolog. e Linguist.* (Caix & Canello), págs. 123, e 162-163.

§ n.º 216, linha 26. É *tráyu*, como já consta do § 166. Troca tipográfica de *y* por *u*.

§ n.º 218. Emende-se *cigüenha* em *θigüenha*.

§ n.º 220, linha 7, contada do fim do conto. Emende-se *deiã* em *eidiã*, segundo o § 146 (com a supressão indicada na errata do § 146).

§ n.º 226, *c)*. Leia-se *Narãdja*, consoante ao § n.º 10.

§ n.º 240. A gravura devia ter a subscrição de *toθonaúras* e não «Uma *toθonaúra*», porque são é uma só, são várias.

§ n.º 245*, linha 5, emende-se *conchais* em *canchais*.

§ n.º 265. Do conto das *Sete pavoices*, a que aí me refiro, pode ler-se uma versão nos *Contos popul.* de F. A. Coelho, pág. 9, «A machadinha». No conto das Elhas note-se o fatalismo expresso nas palavras da noiva, da mãi, e do pai: se me cáfu (que si, me cafaré); que se tenha ũ filhu (que si, o terné); si se cafa a filha (que si, se cafará) etc.

§ n.º 292, linha 2, emende-se *ter* em *tem*.

II

Correcções que me foram amàvelmente enviadas por D. Santos Agero, em cartas de 1 de Junho de 1934 e 27 de Novembro do mesmo ano:

§ n.º 34, linha 4: em vez de *bòega* > *boiga* leia-se *boíga*, a-par-de *bóiga*.

§ n.º 38. Em *Romã* temos o nome masc. hesp. *Román*: por tanto êste exemplo devia ficar subordinado a -ANV.

§ n.º 39. Em vez de *migrã* leia-se *migrá*. «A forma *migrá* coïncide morfológica e geogràficamente com o port. *migrada*, que vive no concelho do Sabugal. Desde que a terminação é *-á (= -ada)*, e não *-ã*, é claro que deve aqui pôr-se de parte o étimo millegrana, voltando-se ao malum granatum, proposto por D. Carolina» (1).

§ n.º 184, linha 4, emende-se *dezaoitu* em *dedaoitu*.

§ n.º 212, linha 9. Substitua-se *ũa imaja* por *mui maja* (com *j* hesp.) «muito garrida»; e suprima-se a nota respectiva.

No mesmo §, última linha, deve emendar-se *Gordilha*, em *Gordillo* (hesp.), pronunciado *Gordilhu* em San Martín.

§ n.º 215, linha 24. «É para todos os efeitos o verbo *queal*,

---

(1) [*Migrã* por *migrá* foi engano meu, pois no § n.º 226, *d*, tenho: *migrá (milgrada)*.—J. L. DE V.].

-*ai*. A forma *quéi* resultou de analogia, sendo esta anterior à queda do *d*. Pela mesma razão diz-se *me qui*, e não *me qué* (esp. *me quedé*). De modo que não deve pensar-se em *quel* «cair».

No mesmo §, linha 25, leia-se: *se se cafaba*.

§ n.º 225, *l)*. Ficaria melhor, em uma só linha:

«Juniu, de puru sonhu nũ durmu

e talvez com a preposição *ẽ* no comêço, como em *m)*; cf. porém, *i)*.

§ n.º 226, *j)*. «*Durmiñol*. Deve ser *durmiu* «dormido», que é além disso o que a rima pede». [Suprima-se concomitantemente a nota 2].

§ n.º 230, linhas 2-3. Leia-se *alpargata*.

No mesmo §, linha 10. Suprima-se «caçarola»; não é hespanholismo, é palavra hereditária.

§ n.º 234, linha 2. Emende-se *cogodi* em *cogóti*.

§ n.º 245*. Emende-se *nuvens*, linha 3, contada do fim do texto, em *núbis*.

§ n.º 260. «Não é singularidade sintáxica. O que a narradora de-certo teve em mente por *paí a ril* (*paí* «para aí»), que fàcilmente podia reduzir-se a *pa ril*».

§ n.º 264, linha 10, *pa ril*. Vid. a emenda anterior.

No mesmo §, linha 14. É *Francisca*, e não *Francisco*.

§ n.º 266, linha 4. Diga-se *representação quási completa* [cf. § 250, onde se dão exemplos de -*dr*- a-par-de -*ir*-].

§ n.º 271, linha 3, contada do fim do §. Santos Agero entende que *Perero* está por *Pereiro*. Eu propus *Pereira*, porque não conheço *Pereiro* na antroponímia. O que pode ser é que no livro dos assentos paroquianos esteja não *Perero*, como me parece que li, mas *Perera*; e então tudo se resolvia logo.

——— J. L. DE V.

De uma carta do S.or O. Fink

Quando publiquei o meu artigo na RL, enviei um exemplar ao S.or Fink, que em carta, sem data, me disse, entre outras cousas:

«Su estudio que leí con gran interés, me ha procurado la ocasión de completar mis conocimientos del dialecto tan interesante y arcaico de San Martín, Eljas y Valverde. Me alegro mucho le haya servido en algo mi libro sobre el habla de las Sierras de Gata y de Jálama (1) para su monografía. Consiguiendo por completo su objeto, formará esta una contribución muy importante al estudio de los dialectos de la región fronteriza. Al mismo tiempo ha venido su trabajo a renovar los deseos que tengo de volver a visitar aquellos pueblos donde pasé hace años unas semanas inolvidables».

*

O S.or Fink é óptimo conhecedor do português de Xalma. As suas palavras têm pois para mim grande significação: e transcrevi-as, não só por isso, mas porque, havendo eu alguma vez dissentido da sua doutrina, êle não se melindrou, como é freqüente em escritores que outrem contradiga, pouco que seja.

Oxalá o S.or Fink ponha em execução o propósito que o anima de voltar à região de Xalma! Confesso que, se a minha idade e inadiáveis ocupações m'o permitissem, eu também muito gostaria de lá voltar, — tanto mais que D. Santos Agero está disposto a acolher-me com a afabilidade do costume, e a acompanhar-me nas investigações que eu fizesse.

Lisboa, 30 de Setembro de 1935.

J. L. DE V.

---

(1) [Refiro-me a esta obra na «introdução» do meu artigo. — J. L. DE V.].

MISCELANEA

S. ANTÓNIO

Na tradição popular portuguesa

(Programa)

Do grande número de materiais que tenho reünidos para o prosseguimento da *Etnografia Portuguesa* (de que está publicado o vol. 1.°, e no prélo, e já adiantado, o 2.°) respigarei uns tantos, respectivos a S. António de Lisboa, para com êles constituir o seguinte programa de um estudo. S. António viveu do século XII para o XIII, mas a imaginação do vulgo apoderou-se da sua individualidade histórica, e transformou-a de muitos modos, de acôrdo com as leis a que obedece a psicologia étnica.

Devo observar que a classificação, que faço, é apenas provisória, e não rigorosa, visto que parte do cap. I linda com o IV, e a literatura pertence a vários capítulos; além d'isso não pretendo, de maneira nenhuma, esgotar o assunto.

I. *Culto religioso:*

1. A festa do Santo é anual, e realiza-se em 13 de Junho, às vezes acompanhada de uma feira (Praça da Figueira, Granja-Nova, etc.). Cf. *Turquel folklorico* de J. Diogo Ribeiro, II, 9 segs., e as minhas *Memorias de Mondim da Beira*, 1933, págs. 146-147 e 322. Os rapazinhos armam *tronos* nas ruas e fazem peditório aos transeuntes. — Tenho um maço de apontamentos calendarísticos.

2. S. António é orago de muitas frèguesias, e venerado em inumeros santuários (igrejas, capelas, etc.).

3. Era padroeiro de certos conventos antigos.

4. Irmandades e confrarias. *Casa de S. António:* vid. *Relatorios* de vereadores da Câmara Municipal de Lisboa, 1857.

5. Romarias. Gado que dá volta a santuários. Gado encoleirado. Guloseimas que se comem: caracoladas, fogaças. — Cavalhadas.

6. Promessas e ex-votos. Cf. Luís Chaves, *Ex-votos do Museu Etnologico* (separata d'*O Archeol. Portug.*), 1915, n.° 10, pág. 17. Porquinho de S. António, por exemplo, em Trás-os-Montes.

7. S. António nas mercearias, e farmácias para as proteger: cf. *Boletim de Etnografia*, n.º 1, pág. 36.

8. Indivíduos de nome *António* que festejam o Santo.

Apêndice: *Sortes de S. António celebradas em uma trazena*, de Frey Antonio do Rosario, Lisboa, 1701.

II. *Parte lingüística:*

1. *António* e referências a S. António nos meus *Opúsculos*, II, 6-9. Formas que tem o nome: vid. *Antroponímia portuguesa*, pág. 509, e cf. págs. 452 (bis), 457-458, e 59.

2. Influência da religião na adopção do nome: *Antroponímia*, págs. 77 e 83-84.

3. S. António na toponímia de todo o Continente e Ilhas Adjacentes, o que combina com o cap. I, §§ 2-3.

III. *Milagres que se atribuem ao Santo, e lendas:*

Dos milagres há vários livros (e eu possuo alguns). Quanto a lendas, cf. *Turquel folklorico* de J. D. Ribeiro (já citado), IV, 13. Do «milagre» da cantarinha na fonte vem um desenho satírico-caricatural no *Dia* de 13-VI-1914. E há textos metrificados.

IV. *Superstições:*

1) Cerimónias naturalísticas ligadas com as de S. João e S. Pedro.

2) S. António casamenteiro (como S. João, S. Gonçalo e outros): *bilhetes* que as môças lhe «escrevem» em Lisboa e Alcácer (cf. *De terra em terra*, II, 39-41). Curioso costume de Faro. Roubo do Menino-Jesus; arremêsso dêste ou do Santo ao chão por três vezes (Peral).

3) Achador de coisas perdidas, em concorrência às vezes com o Diabo.

4) Mergulhado em água para vir chuva: cf. *Tradiç. pop. de Portugal*, § 130.

V. *Literatura popular e semi-popular:*

a) *Literatura oral:*

1. *Cantigas a S. António, S. João e S. Pedro*, de Johel (= A. Th. Pires), Elvas, 1891. Há à parte *Cantigas de S. António* pelo mesmo, ibid., s. d., e com uma figura do Santo.— *Turquel folklorico*, III, 53 segs.— Possuo muitas, manuscritas.

2. Rítmo de S. António, de Trás-os-Montes, de carácter antigo, no meu *Anuario das trad. pop. portug.*, 1882, pág. 23.

3. Orações e responsos metrificados, de que possuo versões manuscritas.

4. *A afilhada de S. António*, conto popular: Ad. Coelho, *Contos*, pág. 43.

b) *Literatura de cordel:*

Por exemplo: *Romaria ao prodigioso S. António de Lisboa*, 1787; outra ed., de 1790; *Nova relação do grande milagre*, etc., 1755 (com gravurinhas); *Auto de S. António* por Affonso Alvares, 1659.

VI. *Iconografia:*

Registos e estampas várias: cf. Luís Chaves, *Registos de santos* do Museu Etnológico (separata do *Arch. Portug.*), 1925. —Medalhas e verónicas. - Imagens-de-vulto, feitas de matéria duradoura (pau, marfim, barro, metal, etc.): esculturas.— Há um Museu iconográfico antoniano em Faro, com muito carácter etnográfico, e um Museu regional em Lagos, da invocação do Santo.

*

Êste artigo-programa foi escrito para fazer parte da Exposição antoniana que se realizou de 1 a 15 de Junho de 1935 nos Paços do Concelho de Lisboa, como consta do respectivo Catálogo, pág. 72. Imprime-se agora a primeira vez.

—— J. L. de V.

LINGUAGENS FRONTEIRIÇAS

1. Ermisende (ou Ermesende).

Nas terras fronteiriças de Portugal e Espanha houve sempre invasões recíprocas. De Galegos que entraram em Portugal em tempos antigos, e depois se estabeleceram abusivamente, arrancando marcos que designavam a fronteira, fala a *Povoação de Trás-os-Montes*, redigida em 1530, e publicada no *Arquivo hist. português*, VII, 282.

Na região de Ermisende, a que o mesmo texto faz refe-

rências, um pouco confusamente, seria Ermisende mas dêssas terras roubadas? Assim se explicaria a base portuguesa da Linguagem: vid. a seu respeito os meus *Opúsculos*, IV, 601-613.

2. **Guadramil & Riodonor.**

Como é sabido, falam-se em Guadramil e Riodonor, concelho de Bragança, duas linguagens que não são pròpriamente portuguesas, mas que se aparentam com o mirandês, em Portugal, e com o lionês, em Hespanha. Daqui resulta um problema histórico-glotológico, que enunciei assim nos meus *Opúsculos*, IV, 729: formaram-se tais linguagens *in loco*, ou fazem parte de um domínio glótico mais extenso?

Para a solução dão-nos tôda a luz alguns trechos das Inquirições do século XIII, que o Rev. F. M. Alves incluiu nas suas preciosas *Memorias de Bragança.*

Quanto ao falar de Guadramil, dizem os informadores que havia ali um *vilar velho*, na ocasião despovoado, o qual os Templários de Uclés conquistaram e povoaram no tempo de D. Sancho II [1]. Aqui temos pois Lioneses como povoadores ou repovoadores, de Guadramil, onde implantaram manifestamente o seu dialecto, hoje, após sete séculos, representado pelo guadramilês.

É certo, que fica ainda irreductível o *vilar velho* que se chamava *Guadramil*, onde não sabemos que linguagem primitivamente se falou, se a portuguesa, se a lionesa: porém ela, no conjunto, tinha desaparecido com o despovoamento do *vilar*, e se algum escasso habitante sobreviveu, e aí continuou no momento da invasão lionesa, fàcilmente a sua linguagem, se fôsse portuguesa, ficava absorvida na dos invasores.

A respeito de Riodonor sabemos que no tempo em que se fizeram as Inquirições era uma *vila*, ou «quinta rústica», de certa extensão [2], dividida em duas partes, uma delas em Lião, e outra na fronteira portuguesa, dentro de Portugal; esta última parte subdividia-se em duas: uma era de Pedro Garcia, que a herdára dos pais, a outra, como Guadramil,

---

[1] *Memor. de Bragança*, III, 412. Noutro lugar, III, 310, os informadores de Inquirições diziam: no tempo de D. Afonso III.

[2] Em Trás-os-Montes *quinta*, tanto é propriedade rústica, como povoação pequena. Por isso pus entre parêntesis «rústica».

pertencia à Ordem de Uclés. Do incremento sucessivo d'estas duas partes resultou a povoação portuguesa de Riodonor. Em vista do carácter que apresenta o moderno falar d'esta povoação, devemos atribuir também a sua origem a uma das modalidades lionesas, trazidas por gentes que a referida Ordem para aí deslocou.

Em resumo:

Os falares de Guadramil e Riodonor, ou, como os costumes denominar, o guadramilês e o riodonês, dependem originàriamente do sistema lionês, e foram importados de Lião para Portugal no século XIII. Falados há tanto tempo em território nosso, algumas particularidades e vocábulos da língua portuguesa têm ambos naturalmente assimilado.

Lisboa, 31 de Março de 1933.

J. L. DE V.

(Do jornal bragançano *P'ra cá do Marão*, n.º 1, de 9 de Abril de 1933).

FESTEJOS POLÍTICOS COM FOGUETES

Depoïmento de uma testemunha em uma devassa a que procedeu o corregedor da vila de Ceia em 1828 pelo crime de rebelião contra o govêrno do rei D. Miguel: 4.ª testemunha: António de Gouveia, lavrador, e morador na vila do Casal. Perguntado pelo auto da devassa disse que sabe, pelo ver e observar, que Martinho Alves, da vila do Casal, era muito exaltado constitucional e desafecto ao govêrno de Sua Magestade El-rei D. Miguel, e é notório que êle festejava com foguetes a notícia da rebelião do Pôrto principiada em 16 de Maio último, tendo logo desaparecido da vila do Casal, sem que tornasse a voltar, ignorando êle, testemunha, qual fôsse o seu destino.

(Extracto de um caderno manuscrito, que me foi comunicado pelo S.or Henrique Augusto Loureiro, Professor de ensino oficial em Lisboa).

J. L. DE V.

ETIMOLOGIAS

1. rossio

Rossio (usual, mas inexactamente, grafado *rocio*), outrora *ressio*. — Do primitivo sentido desta palavra tratou com erudição e clareza Júlio de Castilho, que diz em suma: *ressio* foi na origem adjectivo e significava «baldio» (*terreno ressio*), depois substantivado na acepção de «logradouro público junto de povoação», e de terreno apropriado a certos actos, como jogos, manobras, etc., e por fim *praça*, que com o crescimento da respectiva povoação chegou a ficar dentro dela (1).

Por mim, juntarei alguns poucos apontamentos que tenho reünido respeitantes ao uso da mesma palavra, segundo tempos e locais.

Um documento de 1295, de Lisboa, fala de *unum* resium *ad lapam* (2). Nos *Costumes* de Santarém comunicados a Alvito, dos séculos XIII e XIV, lê-se: «todo homem que teuer vinha ou almoynha ou pomar ou ferageal .. *en testa de resio* tape-a en tal guisa que non possa per ley saltar o asno peyado» (3). De 1331 diz um documento: «que o dicto concelho [do Porto] faça bemfeytorias *nos resios* da dicta cidade, convem ssaber, casas pera rendas pera esse concelho, etc.» (4). De 1339 diz outro, de Beja: *ressio* ou «logradouro» do concelho ao redor da vila e nas aldeias (5). De 1482 diz outro, de Ponte-de-Lima:

---

(1) *Lisboa Antiga*, tômo VI, 2.ª parte (1889), págs. 196-200.

(2) A. Vieira da Silva, *Universidade dos Estudos*, pág. 5, separata do *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad.*, vol. XII. Por *lapa* entenda-se (como nome comum ou próprio) «cova ou abrigo sob rocha» (cf. *Religiões*, I, 213). O mesmo autor, que é distinto engenheiro e especialista das antiguidades de Lisboa, supõe, como me disse, que o ressio da lapa ou Lapa era fora de portas, e no local onde está hoje o Museu de Artilharia. Documentos do mesmo tempo falam realmente aí de *petrária* e *pedreira*: ibidem, ibidem.

(3) *Leges*, II, 47. *En testa de* deverá ser «ao cimo de»; cf. *entestar com* «confrontar». Quanto à data, cf. G. Barros, I, 35.

(4) *Dissert. Chronol.*, V (2.ª ed.), 279.

(5) G. Barros, III, 702.

«nesses reguengos estão devezas abertas como *ressyo*» (1). Por carta régia de 16-XII-1500 determinou el-rei D. Manuel «que em volta da cidade e contiguo ás muralhas, se abra um rocio comum, da largura de 2 tiros de bésta, onde os gados e animais de carga, que vêm á cidade, se possam accomodar» (2). Ainda que isto não chegou a cumprir-se (3), lá tem a palavra. Num documento de 1702 lê-se «*Roxio* de Paços de Monte-Real»; e noutro de 1773: «*rosio* = rossio» (4). Falando particularmente da comarca de Castelo-Branco, escreveu em 1788 o B.el Nunes de Oliveira, que ali foi corregedor: «algum campo público, junto do povo, vulgò, *rocio*» (5).

Vemos por aqui documentado *rossio*, como nome comum, em Entre-Douro-e-Minho, Beira, e Estremadura, dos séculos XIII ao XVIII, conforme os casos. Em Guimarães o povo, ainda hoje pronuncía *rexio*, com *e* (e com *x*), dando-lhe a significação de «pátio que fica atrás da casa, descoberto, para galinhas e outra criação», e também a de «saguão». No concelho de Viseu, consoante me informaram, há muitas povoações junto das quais, e até por vezes dentro, se estende um terreno baldio, ou *rossio*, que serve de logradouro público: aí se lava roupa quando passa um ribeiro, e aí se estende a enxugar na *laborinha* (herva), aí pasta algum animal (porco, ovelha); podem crescer lá árvores, por exemplo, nogueiras, mas o mais vulgar é não se dar lá nada. No concelho da Lourinhã *rossio* tem a mesma significação que em Viseu, como lá ouvi em 1934; terreno junto de uma povoação, à qual serve de logradouro comum. A toponímia conserva em muitas partes a palavra de que se está tratando: *Roxio* (com *x*), nome de um campo ao pé de Fragoso (Barcelos); *Rossio de trás da Sé* em Braga; *Rossio de Abrantes* (povoação), *Rossio* ou *Rossio do Sul* ou *ao Sul do Tejo; Rossio* em Lisboa, nas cidades da Covilhã e de Viseu, em Nisa, no Crato, em Portalegre *Rossio do Calvário* e *Rossio da Fonte Nova*, em

---

(1) P.e Cunha Brito no *AP*, XXI, 10.

(2) Costa Lobo, *Hist. da socied.*, pág. 117.

(3) Idem, *ibidem*, pág. 118.

(4) Manuel Heleno, *Antig. de Monte-Real*, 1922 (separata do *Arch. Port.*), págs. 88 e 93.

(5) *Discurso juridico economico-politico*, Lisboa, pág. 64, e n. 57.

Elvas, junto das muralhas, por fora, os quais servem de eiras, para malharem trigo, a pessoas que têm *searas* pequenas, e vid. muitos outros exemplos, de tôdas as províncias, na *Chorographia* de Baptista, VI, 468, e no *Dicc. postal* de Silva Lopes: *Rocio*. No *Boletim do municipio de Beja*, 1919-1922, emprega-se freqüentemente *rocio*, ou como nome comum, ou como nome próprio, por exemplo: «.. tractos de terreno (baldio) .. no *Rocio do Pelame* .. no *Rocio de S. André* .. no *Rocio de S. Antonio* .. desta cidade ..» (1).

Rossio não é absolutamente sinónimo de *logradouro*; nem todo o logradouro é rossio. Observa contudo o citado Nunes de Oliveira: «baldios, charnecas, coutadas, coutos, devezas, enxidos, ferrajaes, malhadas, *rocios*, suburbanos, termos que em varias partes confundem, e tomão uns por outros» (2). A *rossio* (ou *rocio*), como logradouro comum no século XVI, o mesmo que o moderno *pouso*, se refere outro Bacharel em Direito (3). A palavra *enxido*, notada por Nunes de Oliveira, corresponde gramaticalmente a *eixido*; aparece também nas *Posturas municipais de Almeida*, 1876, art. 148: «os *enxidos* e mais terrenos publicos» (4). Tanto *enxido*, como *eixido*, continuam o latim exĭtus, -us, não directamente, por causa do ĭ, mas com recomposição: ex-ītu- (sôbre īre), tendo-se desenvolvido nasal no princípio, como em *enxame*, de examen, em que assenta a forma semi-culta *exame* (pronunciada *eizame* e *ezame*).

O arc. *ressio*, representado pela forma *rexio* em Guimarães, continua a existir em galego: «*resio*, residuo ó pedacito de tierra que, segun ley, deja fuera de un muro el que cierra sobre si» (5). A palavra em galego é sabido que soa como em português; na ortografia dêste dialecto nunca o intervocálico é sonoro.

O étimo de *rossio* ou *ressio* não está ainda dado. Penso

---

(1) Págs. 150, 152, 165.

(2) *Op. laud.*, pág. 225. No texto está *malhados*, que emendei de acôrdo com as págs. 38 e 234.

(3) Cesar Videira, *Memor. historica de Castello de Vide*, Lisboa, 1908, pág. 56.

(4) Cf. a ed. de 1920, art. 133.

(5) *Dicc. gallego* de Cuveiro Piñol, s. v.; vid. também os de Javier, e Valladares.

dever buscá-lo no adjectivo lat. resĭduus «remanescente», derivado do verbo resĭdeo. Há duas aparentes dificuldades: ser breve o *ĭ*, e estar, o *s* intervocálico representado em português por *-ss-*, e não por sonorização. A primeira dificuldade resolve-se, admitindo-se que no latim vulgar aquêle verbo se cruzou com resīdo, seu parónimo e cognato, e que disso proveio *resīduu, com *i* longo, que explica o *i* de *ressio*. A segunda dificuldade também se resolve: a sílaba *re-* pode ter sido considerada partícula viva e separável (cf. *resoar* = = re-soar, *resecar* = *re-secar*, etc.), ficando pois o *s* como se fôsse inicial, e conseguintemente sem sonorização. Por outra, residuus, com o *ī* de *resīdo*, foi recomposto: *re-sí(d)uu, e *s(s)* ao contacto de *i* tornou-se *x*, nas formas *rexio*, *roxio*, do Minho, como é próprio da linguagem popular dessa província (1). O sentido convém perfeitamente: ainda há em galego *resio* «resíduo». A história de *ressio* ou *rossio* em português mostra que a palavra significou sucessivamente «baldio», isto é, o que resta por cultivar, ou fica para trás ou fora de terreno cultivado (como também em galego), e terreno que está para trás ou fora de povoação, ou que está para trás ou fora da casa em que se habita: adjectivo que se substantivou.

2. Fon de Vila

Nome de uma fonte, que fica numa baixa da vila de Mesão-Frio, ao pé do rio Teixeira. Não significa «fundo de vila», mas *Fonte de Vila* por *Fonte da Vila*. Houve aqui a mesma síncope de *te* que em *Fonseca* por *Fonte Seca*, em *Monsanto* por *Monte Santo*.

3. sucar

Na linguagem agrária de Trás-os-Montes. Do lat. sulcare > **suicar*, com redução normal de *ui* a *u*, como em *Fruituoso*, *truita*, *luita*, etc.

J. L. de V.

---

(1) Cf. *Opusc.*, II, 205, § 69.

NOVAS OBSERVAÇÕES AO "ELUCIDARIO" DO P.E VITERBO

(Vid. *Rev. Lusit.*, XXVI e XXVII)

1. *enxendre*.
No tômo I, pág. 421. — Do lat. ex genere.

2. *erdador*.
No tômo I, pág. 411. — Melhor definição em Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugal*, I, 389.

3. *naracharia*.
No tômo II, pág. 169. — Emende-se em *narăcharia* = *narancharia*: vid. *Etnografia Portuguesa*, II, 97, nota 5 (no prelo).

4. Emenda de uma data.
No *Elucid.*, s. v. *sesmaria* (tômo II, pág. 320, linha 2.ª), documento da Câmara de Pinhel. O documento tem a data de 1475, mas é êrro, como diz G. B., III, 709, nota 1, embora não seja anterior a 1415. Provàvelmente é dêsse ano, com êrro de «7» por «1».
Vid. a minha *Etnografia Portuguesa*, II, 122, nota 1 (no prelo).

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

LIVRO

As origens da cidade do Pôrto, por Mendes Corrêa, Professor da Universidade do Pôrto. Edições-Pátria, Gaia, 1932. De 54 páginas, e com estampas.

Não é de agora que se discute o problema das origens da cidade do Pôrto. Já há muito se tem isso feito, sustentando uns, ora com crítica, ora sem ela, que *Cale* (assim se denominava a cidade antigamente) ficava na margem esquerda do Douro, e outros, nas mesmas condições, que ficava na direita. Pela minha parte lembrei nas *Religiões*, III, 140, que anteriormente a *Cale* se dissera *Cales*, primitiva forma histórica do nome, a qual se descobriu num texto de Salustio *(Cales civitas in Gallaecia)* — e creio que fui eu o primeiro que em Portugal chamou a atenção para isso. Depois, num artigo intitulado *Cale e Portucale*, e publicado na *Rev. Lusit.*, XXIX, 50, segs. (= *Opúsculos*, V, 28, segs., no prelo), provei (como suponho), com documentos (e entre êles o citado texto salustiano), e com raciocínios, que Cales ou Cale estivera situada na margem direita.

Em 1932 o Prof. Mendes Corrêa, num opúsculo intitulado *As origens da cidade do Pôrto*, desenvolveu eloqüentemente aquela afirmativa, acrescentando que no Pôrto existia, como de tempos passados já se sabia, um sítio de nome *Cividade*, conhecido de textos que vão de 1651, sucessivamente para trás, a 1307, e vendo em tal nome uma correspondência da *civitas* de Salustio, que eu pusera em circulação.

As origens do Pôrto apresentam pois aos investigadores duplo problema: o da posição de *Cales* na margem esquerda ou na direita do rio; e o do sítio preciso, dentro do Pôrto, que corresponde à cidade lusitânica. O primeiro suponho-o resolvido, em vista do que acima se disse. Está-lo-há também o segundo, perante a curiosa aproximação que o Prof. Mendes Corrêa faz da *civitas* à *Cividade*, colocando esta no monte

que jaz entre S. Bento e o largo do Corpo da Guarda (pág. 33)? O segundo problema é sem dúvida de menor alcance do que o primeiro, e só importa pròpriamente à história local, mas convém estudá-lo, — e não regatearei louvores a Mendes Corrêa por ter aplicado muito e científico empenho ao caso.

O distinto Professor enquadra fàcilmente a *Cividade* do Pôrto num grupo de estações protohistóricas da mesma espécie, tais como *Cividade* de Alvarelhos, de Bagunte, de Belinho, e por outro lado *Cidadelhe*, *Castelo*, *Crasto*, *Cristelo*, para o que se baseia às vezes na toponímia. O método toponímico deve porém ser empregado com a maior circunspecção, porque, se quem é especialista tropeça a cada passo, que fará quem o não é? Assim o Prof. Mendes Corrêa enfileira *Crestins* na mesma série, julgando que a palavra deriva de *Crasto* ou *Castro*: ora *Crestins* provém da forma medieval (século x) *Christiniz*, que é patronímico de *Christinus* ou *Cristino*, patronímico tornado apelido, que depois passou a topónimo. Citei vários exemplos do mesmo fenómeno nos *Opúsculos*, III, 348 ([1]). Não pertencer *Crestins* à classe dos topónimos designativos de castros pouca importância tem para o ponto discutido, por ser exemplo avulso entre muitos que são certos; apenas o citei por dever de crítica.

A-pesar-de coïncidir fonèticamente a *Cividade* portuense com a *civitas* salustiana, não há coïncidência histórica. Os nomes *Cividade*, *Crasto*, etc., foram dados pelo povo, na época de transição do latim vulgar para a dos comêços da língua portuguesa pròpriamente dita, a ruínas de antigas povoações erguidas em montes; eram nomes apelativos, que depois se tornaram próprios, e não se tornava indispensável que cada um dêles proviesse directamente de um nome latino: haviam entrado na linguagem comum, e nela se buscavam. O primitivo sentido de *civitas* passou, no decorrer da latinidade, ao de povoação material, o que permitia tomar a palavra a acepção vulgar que vimos. Além disso, entre *civitas*, que Salustio acidentalmente empregou, e a *Cividade* portuense, interca-

---

([1]) Aproveito a ocasião para também corrigir a inexacta inclusão que nas *Religiões*, II, 82, fiz de *crestim* nos sinónimos de *castro*. Em verdade *crestim*, ou melhor *Crestim*, não passa de genetivo medieval de *Christinus*, na origem possessivo, por exemplo, em *villa* (vel simile) Christini.

lam-se o *Portucale castrum* e o *Portucale locus* de Idacio: vid. o citado artigo da *Rev. Lusitana*.

Às razões que ficam dadas para se duvidar da coïncidência de *civitas* e *Cividade* outra acresce e muito ponderosa. A pág. 22 menciona de relance o Prof. Mendes Corrêa, ao lado de vários sítios denominados *Castelo*, *Castro*, etc., um do Pôrto denominado *Cristelo*, que êle diz, e com justeza, «possível corrupção de *Crastelo*» (só em Filologia não se diria *corrupção*, dir-se-hia *alteração*). Aqui temos pois um *Crastelo* dentro do Pôrto, mencionado já no século XIII, e acaso situado, como pergunta o nosso autor, na eminência da Torre da Marca. Ora não será o *Crastelo* a *civitas* salustiana? Ou não estarão diante de nós dois aspectos da mesma povoação? Num lado o crasto, o *Portucale castrum* de Idacio, no outro lado uma fortaleza, menor que aquela, e expressa pelo deminutivo *Crastelo*? Não posso nem desejo deslindar êste ponto: melhor o deslindará Mendes Corrêa, o qual, dominado, como estava, pela ideia da *civitas*, não pensou, ou não insistiu, no *Crastelo*.

Para terminar, notarei que o considerar-se no opúsculo o *Monte das Antas*, do Pôrto, documento da arqueologia prehistórica da cidade (pág. 18) não é de todo afirmação nova, pois que eu em 1885 a fizera no *Portugal prehistorico*, pág. 48. São ocorrências casuais e naturais a pessoas que lidam no mesmo assunto. Mendes Corrêa é natural do Pôrto, e reside aí, e eu freqüentava então a Escola Médica da mesma cidade.

A história do Pôrto, anàlogamente à de muitas outras terras de Portugal, encarreira-se sem custo em muitos períodos: prehistórico *(Monte das Antas)*, protohistórico *(Cales, Cividade, Crastelo)*, lusitano-romano (inscrições: *Corpus*, II, 2370-2372). Ao Pôrto suévico (Meinedo) e visigótico (bispos, moeda) se refere Mgr. Ferreira, *Mem. do Pôrto*, I, 61. — E assim por diante.

*

Dos três indivíduos a quem Mendes Corrêa dedicou *As origens da cidade do Pôrto* coube-me a mim a honra de ser um (foram os outros Martins Sarmento e Alberto Sampaio, ao tempo já falecidos). Se com as singelas considerações, expostas acima, pretendi revolver e apurar assuntos há anos por mim versados, procurei, sobretudo, patentear gratidão a Mendes Corrêa, mostrando-lhe que eu lera com a atenção

devida o seu douto trabalho, que é mais um testemunho da variedade de aptidões de quem o elaborou (1).

ADITAMENTO

Ùltimamente voltou o Prof. Mendes Corrêa a tratar do assunto expôsto no volume de que acima se falou:

1) Em 1934, nos *Arquivos do Seminario de estudos galegos*, VI, 161-213, num artigo intitulado *Cale, Portucale e Pôrto*, e acompanhado de dois mapas referentes ao Pôrto pre- e protohistórico, e de muitas fotografias de aspectos da cidade. Aí faz a história das opiniões emitidas por vários AA. àcêrca da localização de Cale ou Cales, invoca o auxílio da Toponímia e da Arqueologia, fala da Cividade (citando ao todo treze textos), e adiciona um capítulo sôbre a «Formação do Pôrto fernandino»; mas, quanto aos problemas que nos ocupam, nada adianta, na essência, ao que com tanto brilho dissera nas *Origens*.

2) Em 1935, no *Anuario del Cuerpo Facultativo de archiveros, bibliotecarios y arqueólogos*, I, 223-230, num artigo que se intitula *Cale in Callaecia*, e se acompanha de um dos mapas que figurem nos *Arquivos*. O título, com substituïção inexacta de *G* por *C*, é extraído do próprio texto de Salustio (reproduzido na *Religiões*, III, 140); o artigo serve-lhe de paráfrase. Como êste tem a data de «1932», passou a matéria para o artigo de 1934, de que falei agora.

J. L. DE V.

---

(1) A presente notícia, que está escrita desde que recebi o exemplar que o autor das *Origens* me ofereceu — e não podia deixar de aparecer na *Rev. Lusit.*, onde se publicou o meu artigo *Cale e Portucale*, que inspirou a Mendes Corrêa a elaboração do seu opúsculo — devia ter saído nos vols. XXX ou XXXI ou XXXII, porém isso não pôde acontecer, por falta de espaço.

ÍNDICE DO VOLUME XXXIII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELANEA:

BIBLIOGRAFIA:

End

